Best-seller do **New York Times**

Lauren Oliver

VERUS EDITORA

PÂNICO

Em breve uma nova série do Amazon Prime Video

Lauren Oliver

PÂNICO

Tradução
Monique D'Orazio

1ª edição
Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020

VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Erica Bombardi

Revisão
Lucas Puntel Carrasco

Diagramação
Beatriz Carvalho

Título original
Panic

ISBN: 978-85-7686-823-1

Copyright © Laura Schechter, 2014
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2020
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O53p
Oliver, Lauren
Pânico [recurso eletrônico] / Lauren Oliver ; tradução Monique D'Orazio. - 1. ed. - Rio de Janeiro ; Campinas [SP] : Verus, 2020.
recurso digital

Tradução de: Panic
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-823-1 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac @record.com.br

À minha editora, Rosemary Brosnan.
Obrigada por sua sabedoria, apoio e, acima de tudo, amizade.
Eu teria desistido deste livro se não fosse pelo seu encorajamento.
Obrigada por me ajudar a me tornar uma escritora melhor.

Sumário

Sábado, 18 de junho
Heather
Dodge
Heather
Sábado, 25 de junho
Heather
Domingo, 26 de junho
Dodge
Terça-feira, 28 de junho
Heather
Sexta-feira, 1º de julho
Dodge
Heather
Sábado, 2 de julho
Segunda-feira, 4 de julho
Dodge
Heather
Sexta-feira, 8 de julho
Heather
Dodge

Sábado, 9 de julho
Heather
Segunda-feira, 11 de julho
Dodge
Quarta-feira, 13 de julho
Heather
Quarta-feira, 20 de julho
Heather
Quarta-feira, 27 de julho
Dodge
Sexta-feira, 29 de julho
Dodge
Heather
Dodge
Sábado, 30 de julho
Heather
Quarta-feira, 3 de agosto
Dodge
Heather
Dodge
Sábado, 6 de agosto
Heather
Domingo, 7 de agosto
Heather
Domingo, 14 de agosto
Heather
Dodge
Heather

Segunda-feira, 15 de agosto
Heather
Terça-feira, 16 de agosto
Heather
Quinta-feira, 18 de agosto
Dodge
Segunda-feira, 22 de agosto
Heather
Quinta-feira, 25 de agosto
Dodge
Heather
Dodge
Heather
Sábado, 8 de outubro
Heather

Sábado,
18 de junho

Heather

A água estava tão fria que Heather perdeu o fôlego ao passar entre o pessoal que se reunia na praia e na parte rasa da água, acenando com toalhas e cartazes, torcendo e motivando os últimos saltadores.

Ela respirou fundo e mergulhou. O som de vozes, gritos e risadas foi logo silenciado.

Apenas uma voz permaneceu com ela.

Eu não queria que isso acontecesse.

Aqueles olhos; os longos cílios, a pinta abaixo da sobrancelha direita dele.

Mas é que tem alguma coisa especial nela.

Tem alguma coisa nela. O que significava: e em você não tem.

Heather estava planejando dizer que o amava naquela noite.

O frio era estrondoso, uma corrente que fazia o corpo dela inteiro tremer. Parecia que o short jeans estava carregado de pedras. Felizmente, os anos que passara desbravando o riacho e apostando corrida com Bishop na pedreira tinham feito de Heather Nill uma forte nadadora.

A água estava coalhada de corpos que se contorciam e chutavam, espirravam água, nadavam: os saltadores e as pessoas que vieram assistir ao mergulho comemorativo chapinhavam ao redor da pedreira ainda vestidos, empunhando latas de cerveja e baseados. Ela podia ouvir um som distante, uma leve percussão, que a movia pela água, sem perturbar seus pensamentos, sem causar medo.

O Pânico era isso: não sentir medo.

Ela rompeu a superfície em busca de ar e viu que já tinha cruzado o trecho curto de água e alcançado a margem oposta: uma pilha feia de rochas deformadas, lisas por causa do musgo verde e preto, empilhadas como uma coleção antiga de Lego. Pontuadas por fissuras e fendas, as rochas se erguiam rumo ao céu, inchando-se como balões sobre a água.

Trinta e uma pessoas já tinham saltado: todos amigos e ex-colegas de classe de Heather. Apenas um pequeno grupo permanecia no topo do penhasco — a boca serrilhada e rochosa da costa projetava-se por doze metros no ar no lado norte da pedreira, com o uma enorme mandíbula cheia de dentes mordendo o chão.

Estava escuro demais para vê-los. As lanternas e a fogueira apenas iluminavam a orla, alguns metros da água escura como tinta e o rosto das pessoas que tinham saltado e agora boiavam, triunfantes, felizes demais para sentir o frio, zombando dos outros concorrentes. O topo do penhasco era uma massa desgrenhada de preto, onde as árvores estavam invadindo a rocha, ou a rocha estava sendo lentamente puxada para dentro da floresta; ou um ou outro.

Porém Heather sabia quem eles eram. Todos os competidores se anunciavam assim que atingiam o cume da escarpa e, em seguida, Diggin Rodgers, o locutor daquele ano, repetia o nome num megafone que ele havia emprestado de seu irmão mais velho, um policial.

Ainda faltavam saltar três pessoas: Merl Tracey, Derek Klieg e Natalie Velez. Nat.

A melhor amiga de Heather.

Heather cravou os dedos em uma fenda nas rochas e puxou para se impulsionar. Mais cedo, e em anos anteriores, ela vira todos os outros jogadores cravando os dedos nas rochas como se fossem insetos gigantes encharcados. Todos os anos, as pessoas corriam para ser as primeiras a pular, mesmo que não ganhassem pontos extras por isso. Era uma questão de honra.

Ela bateu o joelho, forte, contra um dente afiado de pedra. Quando olhou para baixo, notou um pouco de sangue escuro escorrendo no lugar da pancada. Estranhamente, não sentiu

nenhuma dor. E, embora todo mundo ainda estivesse torcendo e gritando, agora o som era distante.

As palavras de Matt abafavam todas as vozes.

Olha, isso não está dando certo.

Tem alguma coisa especial nela.

Ainda podemos ser amigos.

O ar estava frio. O vento havia ficado mais forte e cantava por entre as velhas árvores, trazendo gemidos que vinham das profundezas da floresta — mas ela não sentia mais frio. Seu coração batia forte na garganta. Heather encontrou outro ponto de apoio na rocha, firmou as pernas sobre o musgo liso, levantou-se e se alavancou, como tinha visto os jogadores fazerem todos os verões desde o oitavo ano.

De forma meio vaga, ela estava ciente da voz de Diggin, distorcida pelo megafone.

— No final do jogo… um novo competidor…

No entanto, metade de suas palavras foi chicoteada pelo vento.

Para cima, para cima, para cima, ignorando a dor nos dedos das mãos e nas pernas, tentando se manter no lado esquerdo da escarpa, onde as rochas, que se projetavam com ângulos agudos umas nas outras, formavam um largo e proeminente lábio de pedra, onde era fácil se orientar.

De repente, um vulto escuro, uma pessoa mergulhando, rente a ela. Heather quase escorregou. No último segundo, ela firmou mais os pés na borda estreita, cravando os dedos com força para se reequilibrar. Uma alegria enorme a percorreu, e o primeiro pensamento de Heather foi: *Natalie* .

Mas então Diggin trovejou:

— E ele está *no jogo* , senhoras e senhores! Merl Tracey, o nosso trigésimo segundo competidor, está *no jogo* !

Agora quase no topo. Ela arriscou um olhar para baixo e viu uma encosta íngreme de pedra irregular e a água escura quebrando na base do paredão. De repente, pareceu estar a um milhão de quilômetros de distância.

Seu estômago se revirou, e, por um segundo, o nevoeiro se dissipou de sua cabeça, a raiva e a dor desapareceram e ela quis rastejar de volta montanha abaixo, de volta para a segurança da

praia, onde Bishop estava esperando. Eles poderiam ir à Dot's para comer waffles tarde da noite, com manteiga extra e chantili. Poderiam andar de carro com todas as janelas abertas, ouvindo o canto crescente dos grilos, ou ficar sentados no capô do carro dele e conversar sobre nada.

Só que já era tarde demais. A voz de Matt veio sussurrando de novo, e ela continuou a subir.

Ninguém sabe quem inventou o Pânico, ou quando ele começou.

Existem diferentes teorias. Algumas culpam o fechamento da fábrica de papel, que, da noite para o dia, colocou quarenta por cento da população adulta de Carp, no estado de Nova York, no olho da rua. Mike Dickinson, que ficou conhecido por ter sido preso por tráfico na mesma noite em que foi nomeado rei do baile e que agora troca pastilhas de freio na Jiffy Lube, na Rota 22, gosta de levar o crédito; é por isso que ele ainda participa do Salto de Abertura, mesmo sete anos depois de ter se formado.

No entanto, nenhuma dessas histórias está correta. O Pânico teve seu início da mesma forma que várias coisas começam em Carp, uma cidadezinha pobre de doze mil habitantes no meio do nada: porque era verão e não havia mais o que fazer.

As regras são simples. No dia seguinte à formatura, acontece o Salto de Abertura, e o jogo continua durante todo o verão. Após o desafio final, o vencedor leva o pote.

Todos na Escola de Ensino Médio de Carp colocam dinheiro no pote, sem exceções. A taxa é de um dólar para cada dia letivo de setembro a junho. Quem se recusa a colaborar recebe lembretes sutis ou até mais persuasivos: armários vandalizados, janelas quebradas, cara arrebentada.

É justo. Qualquer um que queira jogar tem uma chance de vencer. Esta é outra regra: todos os alunos do último ano, mas *apenas* os do último ano, podem participar, e é com o Salto, o primeiro dos desafios, que entram na competição. Às vezes, o jogo chega a ter quarenta alunos.

Há apenas um vencedor.

Dois juízes planejam o jogo, anunciam os desafios, dão instruções e concedem e subtraem pontos. Eles são selecionados pelos juízes do ano anterior, em sigilo absoluto. Ninguém, em toda a história do Pânico, já confessou ser um juiz.

Houve suspeitas, é claro, rumores e especulações. Carp é uma cidade pequena, e os juízes recebem pagamento. Como é que Myra Campbell, que sempre roubou o almoço do refeitório da escola, porque não tinha comida em casa, de repente aparece com recursos para comprar seu Honda usado? Ela disse que um tio havia morrido. Só que ninguém nunca tinha ouvido falar do tio de Myra; na verdade, ninguém havia *pensado* em Myra, até que a viram dirigindo com as janelas abertas, fumando, com o reflexo do sol no para-brisa, quase ofuscando o sorriso em seu rosto.

Dois juízes, escolhidos em segredo, que juravam manter sigilo absoluto, trabalhando em conjunto. Devia ser assim. Caso contrário, eles estariam sujeitos a subornos e, possivelmente, a ameaças. É por isso que há dois: para se certificar de que as coisas fiquem equilibradas, para reduzir a possibilidade de que um vá trapacear e dar informações ou que vá deixar escapar alguma dica.

Se os jogadores sabem o que vai acontecer, eles podem se preparar. E assim não é justo de jeito nenhum.

É, em parte, o inesperado, o não saber, que começa a afetar o autocontrole dos participantes e a tirá-los da competição, um por um.

O pote normalmente chega a computar pouco mais de cinquenta mil dólares, depois que as taxas são deduzidas e os juízes, sejam quem for, extraem sua parcela. Quatro anos atrás, Tommy O'Hare pegou seus ganhos, comprou dois itens de uma loja de penhores, um deles um Ford amarelo-limão, e dirigiu até Las Vegas, onde apostou tudo no preto.

No ano seguinte, Lauren Davis comprou dentes novos e um novo par de seios e se mudou para a cidade de Nova York. Ela voltou para Carp dois Natais depois, ficou apenas o tempo suficiente para mostrar uma bolsa nova e um nariz ainda mais recente, e depois chispou de volta para a cidade. Os rumores eram de que ela estava namorando o ex-produtor de algum reality show de perda de peso;

iria se tornar modelo da Victoria's Secret, embora ninguém jamais a tenha visto em um catálogo. (E muitos dos garotos procuraram.)

Conrad Spurlock entrou para o setor de fabricação de metanfetaminas — o mesmo ramo de seu pai — e destinou o dinheiro para um novo galpão em Mallory Road, depois que o último estabelecimento foi todo destruído por um incêndio. Mas Sean McManus usou o dinheiro para pagar a faculdade; ele está pensando em se tornar médico.

Em sete anos de jogos, houve três mortes — quatro, incluindo Tommy O'Hare, que se matou com o segundo item que comprou na loja de penhores, depois que seu número caiu na casa vermelha.

Entende? Até mesmo o vencedor do Pânico tem medo de *alguma coisa* .

Então: de volta ao dia depois da formatura, o dia de abertura do Pânico, o dia do Salto.

Retroceda as cenas até chegar à praia, mas pare algumas horas antes de Heather estar no cume, petrificada, com medo de saltar.

Vire a câmera de leve. Ainda não estamos completamente lá. Mas quase.

Dodge

Ninguém na praia estava torcendo para Dodge Mason — e ninguém também *iria* torcer, não importava quão longe ele chegasse.

Não importava. Só a vitória importava.

E Dodge tinha um segredo: ele sabia algo sobre o Pânico, provavelmente mais do que qualquer uma das outras pessoas que estavam na praia.

Na verdade, ele tinha *dois* segredos.

Dodge gostava de segredos. Eles alimentavam suas energias, davam-lhe uma sensação de poder. Quando era pequeno, fantasiava que tinha seu mundo secreto particular, um lugar de sombras, onde poderia se encolher e se esconder. Até mesmo agora — nos dias ruins de Dayna, quando a dor voltava rugindo e ela começava a chorar; quando sua mãe esguichava desodorizante de ambiente por todos os lados e convidava seu mais novo babaca para vir em casa e, à noite, Dodge ouvia a cabeceira da cama batendo na parede; cada pancada era um soco no estômago —, ele pensava em mergulhar naquele lugar escuro, fresco e exclusivo.

Todo mundo na escola pensava que Dodge era um frouxo. Ele sabia disso. Ele *tinha* cara de frouxo. Sempre havia sido alto e magrelo — ângulos e cantos, sua mãe dizia, exatamente como o pai. Até onde ele sabia, os ângulos — e a pele morena — eram as únicas coisas que ele tinha em comum com o pai, um telheiro dominicano com quem sua mãe vivera uma aventura quente em Miami. Dodge nunca conseguia se lembrar do nome dele. Roberto. Ou Rodrigo. Alguma merda dessas.

No passado, logo que ficaram presos pela primeira vez em Carp (era sempre assim que ele pensava: ficaram *presos* , e ele, Dayna e a mãe eram exatamente como sacos plásticos vazios flutuando pelo país à mercê do vento, de vez em quando enroscando em algum poste de telefone, ou debaixo dos pneus de um caminhão, e ficavam presos ali por algum tempo), ele apanhou três vezes: uma de Greg O'Hare, depois de Zev Keller, e então *de novo* de Greg O'Hare, só para ter certeza de que Dodge conhecesse as regras. E Dodge não tinha revidado. Nenhuma vez.

Ele já havia passado por coisa pior.

E esse era o segundo segredo de Dodge e a fonte de seu poder.

Ele não tinha medo. Simplesmente não ligava.

E isso era muito, muito diferente.

O céu estava riscado de vermelho, roxo e laranja. A imagem lembrava-lhe um enorme hematoma, ou uma foto tirada no interior de um corpo. Ainda faltava uma hora ou mais para o anoitecer e para o pote, e depois o Salto seria anunciado.

Dodge abriu uma cerveja. Sua primeira e única. Não queria se embebedar, e também não tinha necessidade disso. Porém, o dia tinha sido quente, e ele vinha direto da loja onde trabalhava, a Home Depot, e estava com sede.

A multidão começava a se reunir. De vez em quando, Dodge ouvia a batida abafada de uma porta de carro ao ser fechada, um grito de cumprimento vindo do bosque, o som distante da música. Whippoorwill Road ficava a uns quatrocentos metros de distância; o pessoal estava apenas começando a aparecer na pista, esforçando-se para percorrer o caminho na densa vegetação rasteira, afastando ramos suspensos e trepadeiras, arrastando caixas térmicas, mantas, garrafas e speakers para os iPods, criando rastros na areia.

A escola tinha chegado ao fim: de vez, para sempre. Ele respirou fundo. De todos os lugares onde tinha vivido — Chicago, Washington, Dallas, Richmond, Ohio, Rhode Island, Oklahoma, New Orleans —, Nova York era o que cheirava melhor. Cheirava a crescimento, a mudança, a coisas que se transformavam e se tornavam outras coisas.

Ray Hanrahan e seus amigos haviam chegado primeiro, o que não era nenhuma surpresa. Embora os competidores não fossem

anunciados oficialmente até o momento do Salto, Ray andava se gabando, havia meses, de que ele levaria o pote para casa, exatamente como seu irmão tinha feito dois anos antes.

Na última rodada do Pânico, Luke vencera, mas por pouco. Luke saiu andando com cinquenta mil dólares. A outra competidora nem sequer saiu andando. Se os médicos estivessem certos, ela nunca mais andaria.

Dodge girou uma moeda na palma da mão, fazendo-a desaparecer e depois reaparecer facilmente entre os dedos. Na quarta série, o namorado de sua mãe — não se lembrava qual deles — lhe comprara um livro sobre truques de mágica. Moravam em Oklahoma naquele ano, em uma espelunca no meio do nada, onde o sol queimava o chão até restar apenas poeira e grama cinzenta, e ele havia passado todo o verão aprendendo sozinho a tirar moedas da orelha das pessoas e a deslizar cartas para o bolso tão depressa que era quase imperceptível.

Começara como forma de passar o tempo, mas tinha se tornado meio que uma obsessão. Havia algo elegante naquilo: o jeito como as pessoas viam sem ver, como a mente preenchia as lacunas com o que esperava que acontecesse, como os olhos traíam a gente.

Pânico, ele sabia, era um grande truque de mágica. Os juízes eram os ilusionistas; o restante das pessoas era apenas uma grande plateia abobalhada e deslumbrada.

Mike Dickinson chegou em seguida com dois amigos, todos eles visivelmente bêbados. Os cabelos de Dick tinham começado a rarear, trilhas do couro sem fio apareceram quando ele se abaixou para colocar a caixa térmica na praia. Seus amigos estavam carregando uma cadeira de salva-vidas meio apodrecida: o trono, onde Diggin, o locutor, sentaria durante o evento.

Dodge ouviu um zumbido alto. Ele golpeou sem pensar, pegando o mosquito bem quando ele começou a se alimentar, e o reduziu a uma manchinha preta sobre a panturrilha desnuda. Odiava mosquitos e aranhas, embora gostasse de outros insetos e os achasse fascinantes. Como os humanos, de certa forma: estúpidos e às vezes atrozes, cegos pela necessidade.

O céu estava assumindo um tom mais profundo; a luz, se desvanecendo como as cores, rodopiando e se encolhendo atrás da

linha de árvores além da ravina, como se alguém tivesse arrancado a luz e as cores da tomada.

Heather Nill foi a próxima na praia, depois Nat Velez e, por último, Bishop Marks, trotando alegremente atrás delas como um cão pastor grande demais. Mesmo a distância, Dodge percebia que as duas meninas estavam em polvorosa. Heather tinha feito alguma coisa no cabelo. Ele não tinha certeza do que, mas os fios não estavam presos no rabo de cavalo de sempre, e pareciam alisados. Ele também não tinha certeza, mas achava que talvez ela estivesse usando maquiagem.

Ele ponderou se deveria ir até elas e dizer oi. Heather era legal. Dodge gostava de como ela era alta e também de como era durona, à sua própria maneira. Gostava dos ombros largos e da forma como ela andava, de costas eretas; se bem que ele tinha convicção de que Heather gostaria de ser alguns centímetros mais baixa — ele percebia, pois só a via usando sapatilhas e tênis de solados gastos.

Porém, se ele se levantasse, teria que falar com Natalie; e, só por olhar para ela do outro lado da praia, seu estômago já se apertava, como se ele tivesse levado um chute. Nat não era exatamente *maldosa* com ele — não como algumas das outras pessoas na escola —, mas também não era muito agradável, e isso o incomodava mais do que qualquer outra coisa. Nat geralmente sorria amarelo quando encontrava Dodge conversando com Heather; e, percebendo os olhos dela passarem batido por ele, através dele, Dodge sabia que ela nunca, nunca, o notaria. Uma vez, na festa da fogueira, que marcava a volta às aulas, ela até mesmo o chamara de Dave.

Dodge só tinha ido àquela festa porque nutria esperanças de vê-la. E, no meio de todos, ele a avistara; seguira na direção dela, um pouco alegre por causa do barulho, do calor e da dose de uísque que tinha bebido no estacionamento, pretendendo falar com ela, falar *de verdade* com ela, pela primeira vez. Mas na hora que ele fez menção de tocá-la no cotovelo, Natalie deu um passo para trás e pisou no pé dele.

— Ops! Foi mal, Dave — ela dissera com uma risadinha. Seu hálito tinha cheiro de baunilha e vodca. Dodge sentiu o estômago se abrir, e sua coragem foi parar nos sapatos.

Só havia cento e sete alunos na turma do último ano, dentre os cento e cinquenta que tinham começado o ensino médio na Escola Carp. E ela nem sequer sabia como ele se chamava.

Por isso, hoje, ele ficou onde estava, passando a ponta dos dedos no chão, esperando o anoitecer, esperando que soasse o apito, esperando que os jogos começassem.

Ele venceria o Pânico.

Faria isso por Dayna.

Faria isso pela vingança.

Heather

— Testando, testando, um, dois, três. — Esse era Diggin, ao megafone.

A velha pedreira próxima a Whippoorwill Road, abandonada desde o fim do século XIX, havia sido inundada na década de 50 para criar um local onde pudessem nadar. No lado sul, ficava a praia: uma faixa estreita de areia e pedra, território supostamente proibido após o anoitecer, mas raramente usado antes disso; um depósito de bitucas de cigarro, latinhas de cerveja amassadas, embalagens plásticas vazias e, às vezes, o que era nojento, camisinhas espalhadas languidamente como águas-vivas tubulares. Naquela noite, o lugar estava cheio de gente munida de mantas e cadeiras de praia; o ar estava impregnado com o odor de repelente e bebida alcoólica.

Heather fechou os olhos e inspirou. Aquele era o cheiro do Pânico — o cheiro do *verão* . Na beira da água, houve uma repentina explosão de cor e som, risadas estridentes. Fogos de artifício. No rápido clarão de luz vermelha e verde, Heather viu Kaitlin Frost e Shayna Lambert se dobrando de rir, enquanto Patrick Culbert tentava acender mais alguns fogos.

Era estranho. A formatura tinha sido apenas no dia anterior. Heather havia faltado à cerimônia, já que Krista, sua mãe, não apareceria, e também por achar não ser nenhuma glória o simples fato de ter cumprido seu dever de estar presente nos quatro anos de aulas. Mas já tinha a sensação de que anos e anos haviam se passado desde o ensino médio, como se tudo tivesse sido um longo sonho do qual não restavam memórias. Talvez, ela pensou, fosse

porque as pessoas não tinham mudado. Os dias simplesmente se misturavam e agora seriam sugados para o passado.

Nada nunca acontecia em Carp. Não havia surpresas.

A voz de Diggin ecoou sobre a multidão:

— Senhoras e senhores, tenho um anúncio a fazer: o ano letivo acabou, chegou o verão.

Estava começando. Todos deram vivas. Houve outro *pop-pop-pop* , uma explosão de fogos de artifício. Estavam no meio da floresta, a cerca de oito quilômetros da casa mais próxima. Podiam fazer quanto barulho quisessem.

Eles podiam gritar. Ninguém os ouviria.

Heather sabia que deveria falar alguma coisa encorajadora para Nat — Heather e Bishop estavam ali pela Natalie, para lhe dar apoio moral. Bishop até mesmo havia feito um cartaz com os dizeres: *Vai, Nat* . Ao lado das palavras, tinha desenhado uma grande pessoa de palitinhos: Nat sabia que era para ser ela, pois a figura vestia um moletom cor-de-rosa e estava sobre uma montanha de dinheiro.

— Que história é essa de a Nat não estar vestindo calça? — Heather perguntou.

— Vai ver ela a perdeu durante o Salto — respondeu Bishop. Ele se virou, sorrindo, para Nat. Sempre que ele sorria daquele jeito, suas íris iam de castanho-xarope a mel. — Desenhar nunca foi a minha.

Heather não queria falar sobre Matt na frente de Bishop. Ela não suportava o jeito como ele revirava os olhos quando ela mencionava o nome de Matt, como se ela tivesse, de repente, trocado de estação e posto em uma rádio pop ruim. Mas chegou um momento em que ela não conseguiu mais evitar.

— Ele ainda não chegou — Heather falou em voz baixa para que apenas Nat a ouvisse. — Desculpe, Nat. Sei que esse não é o momento, quero dizer, viemos aqui por *sua* causa…

— Não tem problema. — Nat pegou as mãos de Heather e as apertou com as suas. Fez uma careta, como se alguém a tivesse forçado a engolir limonada. — Olha, o Matt não merece você, tá? Você consegue encontrar coisa melhor do que ele.

Heather deu um meio sorriso.

— Você é minha melhor amiga, Nat — disse ela. — Não devia mentir pra mim.

Nat sacudiu a cabeça.

— Tenho certeza que ele vai chegar logo, logo. O jogo já vai começar.

Heather deu mais uma olhada no celular, pela milionésima vez. Nada. Já havia desligado o aparelho e o religado várias vezes só para garantir que estava funcionando.

A voz de Diggin ribombou de novo:

— As regras do Pânico são simples: qualquer um pode entrar, mas apenas uma pessoa vai vencer.

Diggin fez o anúncio do pote.

Eram sessenta e sete mil dólares.

Heather sentiu como se tivesse levado um soco no estômago: sessenta e sete mil dólares. Esse era o maior pote de todos os tempos. A multidão se agitou: o número pulou de boca em boca, como impulsionado por uma corrente elétrica. *Putz, cara, precisa ser louco para* não *entrar no jogo.* Nat parecia ter comido uma grande colherada de sorvete.

Diggin entrou de cabeça no jogo, ignorando o ruído. Ele fez o anúncio das regras: meia dúzia de eventos, espaçados durante o verão, gerenciados sob as condições da mais estrita privacidade; eliminações ao fim de cada rodada; desafios individuais para cada competidor que passasse da metade — porém, ninguém estava ouvindo. Era o mesmo discurso de sempre. Heather assistia ao Pânico desde que estava no oitavo ano. Ela mesma poderia ter feito o discurso.

Aquele valor, sessenta e sete mil, envolveu-se ao redor do coração dela e apertou. Sem que tivesse a intenção, ela pensou em tudo o que poderia fazer com o dinheiro; pensou em como poderia ir longe, o que conseguiria comprar, o quanto poderia viver. A quantos quilômetros de distância ela chegaria de Carp.

Só que não. Ela não poderia deixar Matt. Ele disse que a amava. Ele era o plano dela. O aperto no coração aliviou um pouco, e Heather percebeu que conseguia respirar novamente.

Ao seu lado, Natalie sacudiu os quadris para tirar os shorts jeans e chutou os sapatos dos pés.

— Você acredita? — ela disse. Tirou a blusa e estremeceu ao vento. Heather ficou inconformada ao perceber que Nat insistia naquele biquíni ridículo que poderia sair voando assim que ela atingisse a água. Natalie apenas tinha dado risada. Talvez, brincou, isso a faria ganhar pontos extras.

Natalie era assim: teimosa. Vaidosa, também. Heather ainda não entendia por que ela tinha escolhido participar. Nat tinha medo de tudo.

Alguém — provavelmente Billy Wallace — assobiou.

— Que bunda, hein, Velez.

Nat o ignorou, mas Heather percebeu que ela havia escutado e fingiu não gostar do elogio. Heather se perguntava o que Billy Wallace diria se ela tentasse usar um retalho de pano daquele jeito. *Uau! Olha só o tamanho desse negócio! Você precisa de permissão para exibir isso por aí, Heather?*

Mas Matt a amava. Matt a achava bonita.

O barulho na praia foi tomando corpo, depois cresceu e se tornou um rugido: gritos e berros, pessoas tremulando faixas e bandeiras improvisadas, fogos de artifício explodindo como uma saraivada de tiros, e ela soube que chegara a hora. O apito iria soar.

O Pânico estava prestes a começar.

Foi então que Heather o viu. A multidão se abriu por um segundo; ela o enxergou, sorridente, falando com alguém; depois, as pessoas se movimentaram, e ela o perdeu de vista.

— Ele está aqui. Nat, ele está *aqui* .

— O quê? — Nat já não estava mais prestando atenção.

A voz de Heather secou na garganta. Como a multidão havia se aberto de novo, bem quando ela começou a se encaminhar na direção dele, como se guiada pela gravidade — um alívio foi se instalando no peito, uma chance de consertar as coisas, uma chance de *fazer* as coisas certas, para variar —, naquele segundo, ela pode ver que ele estava conversando com Delaney O’Brien.

Não apenas conversando: sussurrando.

E depois: beijando.

O apito soou — agudo e estridente no silêncio repentino, como o grito de uma ave alienígena.

Heather alcançou o topo da falésia no momento exato em que Derek Klieg começou a correr e se lançou no ar, corpo contorcido, gritando. Alguns segundos depois, uma gritaria subiu quando ele mergulhou.

Natalie estava agachada a alguns passos da borda, rosto pálido; por um segundo, Heather achou que a estava ouvindo contar. Depois Nat se virou e piscou repetidas vezes, como se tentasse fazer o rosto de Heather entrar em foco. Abriu a boca e fechou de novo.

O coração de Heather batia forte e depressa demais.

— Ei, Nat — ela disse, assim que Natalie se levantou.

— Que diabos você está fazendo? — Natalie despejou.

Então Heather registrou tudo, tudo de uma vez: a dor em suas mãos e coxas, a dor nos dedos, o ardido do vento cortante. Natalie parecia furiosa. Ela estava tremendo, embora pudesse ser de frio.

— Eu vou pular — disse Heather, percebendo, ao dizer isso, como soava idiota. Como *era* idiota. De repente, pensou que fosse vomitar.

Vou torcer por você , Heather dissera à Natalie. A culpa estava ali, pulsando com a náusea. Porém, a voz de Matt era maior que tudo. A voz de Matt e, debaixo dela, uma visão das manchas de mofo acima da cama; a batida surda da música que vinha do parque; o cheiro de baseado e cigarro; os sons da risada e, mais tarde, de alguém gritando, *Sua anta…*

— Você não pode saltar — disse Nat, ainda a encarando. — *Eu* vou saltar.

— Vamos saltar juntas — rebateu Heather.

Natalie deu dois passos à frente. Heather notou que oscilava sobre a planta dos pés quase ritmicamente. Contrai, relaxa. Contrai, relaxa. Três vezes.

— Por que você está fazendo isso? — A pergunta era quase um sussurro.

Heather não conseguiu responder. Ela não sabia, não exatamente. Tudo o que sabia — tudo o que sentia — era que se tratava de sua última chance.

Então, apenas disse:

— Vou saltar agora. Antes que eu perca a coragem.

Quando ela se virou na direção da água, Natalie levantou as mãos para Heather, como se para puxá-la para trás; porém não o fez.

Heather teve a sensação de que a rocha debaixo dela começava a se mexer, trotando como um cavalo. Sentiu um medo repentino de perder o equilíbrio e despencar pela encosta rochosa, arrebentando a cabeça nos trechos rasos.

Pânico.

Deu pequenos passos hesitantes; mesmo assim, chegou até a beira do precipício depressa demais.

— Anuncie seu nome! — ribombou a voz de Diggin.

Abaixo de Heather, a água, negra como petróleo, ainda se remexia com os corpos. Ela queria gritar para baixo — *sai, sai, vou cair em cima de vocês* —, mas não conseguia falar. Mal conseguia respirar. Seus pulmões pareciam estar sendo pressionados entre duas rochas.

E, de repente, ela não conseguia pensar em nada a não ser Chris Heinz, que, quatro anos antes, tinha bebido um quinto de uma garrafa de vodca antes do Salto e tropeçado no caminho. O som que a cabeça fez ao se arrebentar na rocha foi delicado, quase como um ovo sendo rachado. Ela se lembrava de todo mundo correndo pelo bosque; a imagem do corpo, quebrado e lânguido, meio submerso na água.

— Fala seu nome! — Diggin exigiu de novo, e a multidão começou a entoar: *Nome, nome, nome* .

Ela abriu a boca.

— Heather — disse com voz esganiçada. — Heather Nill. — A voz falhou, foi chicoteada para dentro pelo vento.

O canto ainda prosseguia: *Nome, nome, nome, nome* . Depois: *Pula, pula, pula, pula.*

Suas entranhas estavam brancas; cheias de neve. A boca tinha gosto de vômito. Respirou fundo. Fechou os olhos.

Ela pulou.

Sábado,
25 de junho

Heather

Heather nunca se arrependera de nada tanto quanto se arrependera de ter tomado a decisão, ali na praia, de entrar no jogo. Nos dias que se seguiram, aquilo lhe parecia um tipo de loucura. Talvez tivesse inalado demais os vapores alcoólicos na praia. Talvez ver Matt com Delaney a tivesse deixado temporariamente psicótica. Isso podia acontecer, não? Defesas inteiras não eram construídas sobre esse tipo de coisa? Sobre alguém ter enlouquecido e retalhado a ex-mulher com um machado?

Porém, ela era orgulhosa demais para desistir. E a data do primeiro desafio oficial não parava de se aproximar. Apesar do fim do namoro fazê-la querer nunca mais sair de casa, apesar de se esforçar para que ninguém soubesse nada sobre ela, a notícia tinha chegado até seus ouvidos: os castelos d'água – reservatórios de água suspensos – perto de Copake haviam sido pichados. Tinham pintado uma data neles. Sábado. Pôr do sol.

Uma mensagem e um convite para todos os jogadores.

Ela caminhava tão devagar quanto podia; passava as noites enrolada no sofá vendo TV com a irmã, Lily; desligava o celular quando não estava obcecada em saber se tinha ligações de Matt. Não queria lidar com Bishop, que certamente lhe daria um sermão e diria que Matt era um idiota; nem com Nat, que passou três dias a tratando mal até finalmente admitir não estar mais tão zangada assim.

O tempo ia seguindo aos trancos e barrancos, despencando, como se o filme da vida tivesse sido acelerado.

Enfim veio o sábado, e ela não pôde mais evitá-lo.

Nem teve que se incomodar em sair de fininho. Um pouco antes, naquele fim de tarde, a mãe e o padrasto, Bo, tinham partido para algum bar em Ancram, o que significava que eles chegariam aos tropeções em casa apenas de madrugada ou, talvez, somente no domingo à tarde — de olhos vermelhos, fedendo a fumaça, provavelmente famintos e de mau humor.

Heather fez macarrão com queijo para a irmã, Lily, que o comeu em um silêncio emburrado na frente da televisão. O cabelo de Lily estava repartido exatamente no meio, penteado para ficar lisinho e fixo num nó firme na nuca. Nos últimos tempos, ela vinha usando os cabelos assim, o que a fazia parecer uma velha no corpo de uma garota de onze anos.

Lily estava lhe dando um gelo, e Heather não sabia o motivo do silêncio da irmã, mas não tinha energia suficiente para se preocupar com isso. Lily era assim: tempestuosa em um minuto, sorridente no seguinte. De uns tempos pra cá, andava mais do lado *tempestuoso* da coisa — mais séria também, muito cuidadosa sobre o que vestia e como prendia o cabelo, mais quieta, menos propensa a rir (isso até o leite sair pelo nariz por segurar demais o riso), menos disposta a implorar que Heather lhe contasse uma história antes de ir para a cama —, mas Heather imaginava que era apenas uma fase, afinal ela estava crescendo. Não havia muito do que rir em Carp. *Definitivamente* não havia muito do que rir no Estacionamento de Trailers Fresh Pines.

Embora ciente disso tudo, o peito de Heather ainda doía um pouco. Ela sentia falta da antiga Lily: mãos pegajosas de refrigerante, o hálito de chiclete, o cabelo que nunca era penteado e os óculos que estavam sempre manchados. Sentia falta dos olhos de Lily, arregalados no escuro, quando ela se virava e sussurrava: “Me conta uma história, Heather”.

Mas era assim que funcionava. Evolução, ela imaginava; a ordem das coisas.

Às sete e meia da noite, Bishop mandou mensagem para dizer que ele estava a caminho. Lily havia se recolhido no canto, que era como Heather chamava o quarto delas: um cômodo estreito e entulhado com duas camas espremidas praticamente lado a lado, um gaveteiro bambo que balançava violentamente quando era

aberto; um abajur lascado e um criado-mudo manchado de verniz; roupas se acumulavam em toda parte, como montes de neve.

Lily estava deitada no escuro, debaixo de cobertores puxados até o queixo. Heather achou que ela estivesse dormindo e estava prestes a fechar a porta, quando Lily se virou para ela, apoiada sobre um cotovelo. No luar que entrava pelo vidro sujo da janela, os olhos de Lily eram como bolas de gude lustrosas.

— Aonde você vai? — perguntou.

Heather abriu caminho pelo amontoado de jeans e moletons, calcinhas e meias enroladas. Sentou-se na cama de Lily. Que bom que a irmã não estava dormindo. Que bom também que enfim tinha decidido falar.

— O Bishop e a Nat vão vir me buscar — disse ela, evitando a pergunta. — Vamos ficar juntos um pouquinho.

Lily se deitou de novo e se aconchegou nos cobertores. O som da chuva na janela era como o leve arranhar de milhares de unhas. Por um minuto, ela não disse nada. Então:

— Você vai voltar?

Heather sentiu um aperto no peito. Ela se inclinou para colocar a mão na cabeça de Lily. A menina se afastou com um sobressalto.

— Por que você está falando isso, Bill?

Lily não respondeu. Por alguns minutos, Heather ficou sentada ali, o coração acelerado no peito, sentindo-se indefesa e sozinha na escuridão. Depois ouviu a respiração de Lily e soube que ela havia adormecido. Heather se abaixou e beijou a cabeça da irmã. A pele de Lily estava quente e molhada, e Heather sentiu o ímpeto de subir na cama com ela, de acordá-la e pedir desculpas por tudo: pelas formigas na cozinha e pela infiltração no teto; pelo cheiro de cigarro e pelos gritos de fora; pela mãe, Krista, e pelo padrasto, Bo; pela vida patética na qual elas haviam sido enfiadas, estreita como uma latinha de alumínio.

Mas ouviu uma buzina discreta lá fora, e, em vez disso, ela se levantou e fechou a porta ao sair.

Heather sempre sabia que Bishop estava chegando por causa do barulho de seus carros. O pai dele já tinha sido dono de uma oficina, e Bishop era louco por carros. Também era bom em construir coisas; uma vez tinha feito uma rosa para Heather usando pétalas

de cobre, uma haste de aço e pequenos parafusos como espinhos. Ele sempre estava mexendo com pedaços enferrujados de sucata que pegava Deus sabia de onde. Sua mais nova aquisição era um Le Sabre cujo motor soava como um velho tentando se desengasgar de uma fivela de cinto.

Heather sentou no banco do carona. Natalie estava no banco de trás. Estranhamente, Natalie sempre insistia em ir sentada bem no meio, mesmo que não houvesse mais ninguém no carro. Tinha contado à Heather que não gostava de escolher lados — direito ou esquerdo — porque sempre parecia que ela estava apostando com a vida. Heather então havia explicado um milhão de vezes que era mais perigoso ir sentada no meio, mas Nat não dava ouvidos.

— Não acredito que você me colocou nessa roubada — disse Bishop, quando Heather entrou no carro. Estava chovendo, um tipo de chuva que não caía, se materializava, como se estivesse sendo vomitada por um gigante. Não havia sentido em usar guarda-chuva ou capa, pois ela vinha de todas as direções de uma só vez e entrava nos colarinhos, debaixo das mangas das camisas e descia pelas costas.

— Por favor. — Ela fechou mais o moletom na frente do corpo. — Corta essa baboseira de “sou mais santo que você”. Você sempre assistiu ao jogo.

— É, mas isso foi antes de minhas melhores amigas chutarem o balde e decidirem participar.

— A gente entende, Bishop — disse Nat. — Coloca uma música pra tocar, pode ser?

— Não vai ser possível, *milady* . — Bishop estendeu a mão para o porta-copo e passou uma raspadinha gaseificada da 7-Eleven para Heather. Azul. A favorita dela. Heather deu um gole e sentiu um gelado gostoso na mão. — O rádio está zoado. Preciso dar um jeito nos cabos…

Nat o interrompeu com um resmungo exagerado.

— De novo *não* .

— O que posso dizer. Eu amo comprar coisas que precisam de conserto.

Ele tamborilou no volante ao acelerar e pegar a rodovia. Em resposta, o Le Sabre deu um gemido estridente de protesto, seguido

por várias pancadas fortes e um barulho de chocalho horroroso, como se o motor estivesse se desfazendo.

— Tenho certeza que o amor *não* é recíproco — disse Nat. Heather deu risada e se sentiu um pouco menos nervosa.

À medida que Bishop embicava o carro para sair da rodovia e caía em uma pista de terra, estreita e de mão única, que corria na periferia do parque, placas de NÃO ULTRAPASSE eram iluminadas de forma intermitente na bruma dos faróis. Já havia algumas dúzias de carros estacionados na pista, a maioria deles espremida tão perto do bosque quanto possível, alguns engolidos quase totalmente pelas moitas.

Heather logo avistou o carro de Matt: o velho Jeep usado que ele tinha herdado de um tio, cuja lataria traseira estava repleta de adesivos arranhados por suas tentativas desesperadas de tirá-los, dando a impressão de que ele havia dado marcha a ré em uma teia de aranha gigantesca.

Ela se lembrava da primeira vez que tinham andado juntos de carro, para comemorar o fato de que ele finalmente havia tirado a carteira de motorista depois de ser reprovado três vezes no teste. Naquele dia ele parou e deu partida de um jeito tão abrupto que ela sentiu vontade de vomitar os donuts que ele tinha comprado, mas Matt estava muito feliz, por isso ela também estava.

O dia inteiro, a semana inteira, Heather ao mesmo tempo sentiu esperanças desesperadas de vê-lo novamente e rezou para que nunca mais o visse na vida.

Se Delaney estivesse lá, ela iria *mesmo* vomitar. Não deveria ter tomado a raspadinha.

— Você está bem? — Bishop perguntou em voz baixa ao saírem do carro. Ele sempre lia Heather como um livro aberto: ela adorava e ao mesmo tempo odiava essa característica dele.

— Estou ótima — ela disse, enfática demais.

— Por que você fez isso, Heather? — perguntou ele, fazendo-a parar quando a segurou pelo cotovelo. — Por que você fez isso de verdade?

Heather notou que ele estava vestindo exatamente o mesmo traje da última vez em que o tinha visto, na praia — a camiseta azul desbotada da Lucky Charms, o jeans tão comprido que enrolava

debaixo dos calcanhares do All Star —, e sentiu-se vagamente incomodada por isso. O cabelo loiro-sujeira de Bishop despontava em ângulos loucos debaixo do boné muito velho do San Francisco 49ers. Bishop tinha um cheiro gostoso, apesar disso, muito típico dele: como o aroma de dentro de uma gaveta cheia de moedas antigas e Tic Tacs.

Por um segundo, ela pensou em lhe contar a verdade: que, quando Matt terminou com ela, havia entendido pela primeira vez que era uma completa e total ninguém.

Mas aí ele arruinou tudo.

— Por favor, me diga que isso não é por causa do Matthew Hepley — disse ele. Ali estava. O revirar de olhos.

— Fala sério, Bishop. — Ela poderia ter batido nele. Só de ouvir o nome de Matt, Heather sentiu as entranhas revirarem e darem um nó.

— Então me dá um motivo. Você mesma disse um milhão de vezes que o Pânico é idiota.

— A Nat entrou, não entrou? Por que você também não está dando sermão nela?

— A Nat é uma idiota — disse Bishop. Ele tirou o boné e coçou a cabeça. O cabelo respondeu como se tivesse sido eletrificado e se eriçou prontamente. Bishop afirmava que seu superpoder era o cabelo eletromagnético; o único superpoder de Heather parecia ser a incrível capacidade de ter uma espinha vermelha inflamada a qualquer momento.

— Ela é uma das suas melhores amigas — Heather apontou.

— E daí? Continua sendo uma idiota. Tenho uma política de portas abertas a idiotas no quesito amizade.

Heather não conseguiu evitar e deu risada. Bishop também sorriu, um sorriso tão largo que ela viu o leve encavalado dos dois dentes da frente.

Bishop colocou o boné e apaziguou o desastre de seu cabelo. Ele era um dos poucos garotos que Heather conhecia que era mais alto do que ela: até mesmo Matt tinha exatamente a mesma altura, um metro e oitenta. Às vezes ela era grata; às vezes se ressentia de Bishop por isso, como se ele estivesse tentando provar alguma coisa só por ser mais alto. Até os doze anos, ambos tinham a

mesma altura, centímetro a centímetro. No quarto de Bishop, havia uma escadinha de antigas marcas a lápis feitas na parede para provar.

— Estou apostando em você, Nill — ele disse em voz baixa. — Quero que saiba disso. Não quero que você entre no jogo. Considero essa atitude muito idiota, mas estou apostando em você. — Ele colocou um braço sobre os ombros dela e deu um apertinho. Algo no tom de voz dele lembrou a Heather que uma vez, parecia eras e eras atrás, ela havia sido perdidamente apaixonada por ele.

No primeiro ano do ensino médio, trocaram um beijo desajeitado no fundo do cinema Movieplex Hudson, mesmo ela estando com pipoca presa nos dentes, e por dois dias eles andaram de mãos dadas sem firmeza, de repente incapazes de conversar, mesmo que fossem amigos desde o ensino fundamental. E então ele terminou com ela, e Heather disse que entendia, mesmo que de sua parte não fosse verdade.

Heather não sabia o que a tinha feito pensar aquele tipo de coisa. Agora ela não conseguia nem imaginar estar apaixonada por Bishop. Ele era como um irmão — um irmão chato que sempre sentia a necessidade de enfatizar quando a gente tinha uma espinha, o que de fato ela tinha, sempre. Mas só uma.

Ela já estava ouvindo uma música baixinha entre as árvores, e o estalar e o estrondo da voz de Diggin, amplificada pelo megafone. Os castelos d'água, pichados, onde mal se liam as palavras CONDADO DE COLUMBIA , estavam bem iluminados de baixo para cima. Empoleirados sobre as pernas magrelas, pareciam insetos superdesenvolvidos.

Não — um *único* inseto, com duas juntas de aço arredondadas. Porque Heather via mesmo a distância que, entre os dois castelos, uma prancha de madeira estreita havia sido posicionada, a quinze metros do chão.

O desafio, desta vez, era claro.

Ao chegarem ao lugar onde a multidão estava reunida, bem debaixo das torres, Heather sentia seu rosto pegajoso. Como de costume, a atmosfera era comemorativa — a multidão estava ansiosa, impaciente, embora todo mundo falasse aos sussurros. Alguém tinha conseguido manobrar uma caminhonete pela floresta.

Um holofote ligado ao motor iluminava as torres e a solitária prancha de madeira colocada entre elas, a luz brilhando através da névoa de chuva. Cigarros se inflamavam, intermitentes. O rádio da caminhonete estava tocando uma velha canção de rock que pulsava de leve sob o ritmo das conversas. Naquela noite, todos tinham que ser mais silenciosos; não estavam muito longe da estrada.

— Prometa que não vai me abandonar, hein? — disse Nat. Heather ficou contente por ela dizer aquilo; mesmo que fossem seus colegas de classe, pessoas que ela conhecia desde sempre, Heather sentiu um súbito terror de se perder no meio da multidão.

— De jeito nenhum — disse ela. Heather tentou evitar olhar para cima e se viu inconscientemente passando em revista o grupo de espectadores, à procura de Matt. Distinguiu um grupo de alunos do segundo ano reunido nas proximidades, dando risadinhas, e Shayna Lambert, enrolada em um cobertor, segurando uma caneca de algo quente, como se estivesse em um jogo de futebol americano.

Heather ficou surpresa ao ver Vivian Trager, sozinha e um pouco afastada do resto da multidão. Seu cabelo estava atado em dreadlocks, e, à luz do luar, os vários piercings reluziam em um brilho opaco. Heather nunca tinha visto Viv em nenhum evento social que fosse — nunca a tinha visto fazer muita coisa além de matar aulas e trabalhar como garçonete na Dot's. Por alguma razão, o fato de que até mesmo Viv tivesse aparecido deixava Heather ainda mais ansiosa.

— Bishop!

Avery Wallace foi abrindo caminho através da multidão e prontamente se catapultou para os braços de Bishop, como se ele acabasse de tê-la resgatado de uma enorme catástrofe. Heather desviou o olhar quando Bishop se curvou para beijá-la. Avery tinha cerca de um metro e meio e, ao seu lado, Heather se sentia uma gigante.

— Estava com saudades — disse Avery, quando Bishop se afastou dela. Ela nem sequer parecia desconfiar da presença de Heather; certa vez tinha ouvido Heather chamá-la de "cara de camarão" e, obviamente, nunca a perdoou por isso. A questão era que, de fato, Avery se parecia um pouco com um camarão, toda

compacta e rosada, por isso Heather não se sentia tão mal por ter falado aquilo.

Bishop murmurou algo em resposta. O coração partido voltou a doer, Heather se sentiu nauseada e desolada por causa de Matt. Ninguém deveria ter permissão para ser feliz quando a gente estava tão para baixo — principalmente os nossos melhores amigos. Tinha que ser lei.

Avery riu e apertou a mão de Bishop.

— Vou pegar minha cerveja, tá? Já volto. Não saia daqui. — Então ela se virou e desapareceu.

Na mesma hora, Bishop levantou as sobrancelhas para Heather.

— Não fala nada.

— O quê? — Heather ergueu as duas mãos.

Bishop apontou um dedo na cara dela.

— Eu sei o que você está pensando — ele disse e, em seguida, apontou para Nat. — Você também.

Nat fez sua melhor cara de inocente.

— Injusto, Marks. Eu só estava pensando em como ela é o tipo de acessório perfeito. Tão pequena e conveniente.

— Ficaria ótima dentro do seu bolso — Heather concordou.

— Tudo bem, tudo bem. — Bishop encenava bem a irritação. — Chega.

— É um elogio — protestou Nat.

— Eu disse que já chega. — Mas, depois de um minuto, Bishop se inclinou e sussurrou: — Eu não posso ficar com ela no meu bolso, você sabe. Ela morde. — Seus lábios tocaram na orelha de Heather: por acidente, ela tinha certeza, e então ela riu.

Aquilo aliviou um pouco o peso do nervosismo no estômago. De repente, alguém interrompeu a música, e a multidão ficou em um silêncio imóvel. Ela sabia que estava prestes a começar. E, de súbito, Heather sentiu um frio entorpecente pelo corpo inteiro, como se toda a chuva tivesse se solidificado e congelado em sua pele.

— Bem-vindos ao segundo desafio — Diggin falou com a voz estrondosa.

— Chupa, Rodgers — um cara gritou, e a resposta foram gritos e risos salpicados entre o público.

Alguém sibilou:

— *Shhh* .

Diggin fingiu não ter ouvido:

— Esta é uma prova de coragem e equilíbrio…

— E pra ver quem está sóbrio!

— Cara, eu vou cair.

Mais risos. Heather não conseguia nem sequer sorrir. Ao seu lado, Natalie estava inquieta, virando-se para a direita e para a esquerda, tocando os ossos do quadril. Heather nem mesmo conseguia perguntar o que ela estava fazendo.

Diggin continuou falando:

— Uma prova de velocidade também, já que vamos cronometrar o tempo de todos os competidores…

— Meu Deus, termina logo com isso.

Diggin acabou se descontrolando e afastou o megafone da boca.

— Lee, *cala a boca* , porra.

Isso provocou uma nova rodada de risos. Para Heather, tudo parecia fora de lugar, como se ela estivesse assistindo a um filme, e o som fosse projetado com alguns segundos de atraso. Agora ela não conseguia parar de olhar para cima: para aquela plataforma única, alguns centímetros de madeira nua, estendida a quinze metros acima do solo. O Salto era uma tradição, mais por diversão do que por qualquer outra coisa: um mergulho na água. Já aquele seria um mergulho no chão de terra dura e compacta. Nenhuma chance de sobrevivência.

Houve um burburinho momentâneo assim que o motor da caminhonete falhou e tudo ficou escuro. Ouviram-se gritos de protesto; e quando, alguns segundos depois, o motor desligado voltou a funcionar, Heather viu Matt: parado no feixe de luz dos faróis, dando risada, uma das mãos atrás do jeans de Delaney.

Seu estômago deu outra cambalhota. Estranhamente, foi esse fato — a maneira como ele apoiava a mão na bunda dela — mais do que vê-los juntos o que lhe provocou náusea. Ele nunca a tinha tocado daquele jeito, até mesmo falava que casais que se comportavam dessa forma — mão na bunda — tinham que levar um tiro.

Talvez, na época, ele não pensasse que ela era bonita o bastante. Talvez sentisse vergonha dela.

Talvez ele apenas estivesse mentindo naquele tempo para poupar os sentimentos dela.

Talvez ela nunca o tivesse conhecido de verdade.

O pensamento a atingiu com terror. Se ela estava errada a respeito de Matt Hepley — o garoto que a havia aplaudido quando ela arrotou o alfabeto e, certa vez, havia notado que ela estava com os shorts brancos um pouco manchados de sangue menstrual e não fez alarde, fingindo que aquilo não lhe causava nojo —, então ela podia também ter julgado mal qualquer uma daquelas outras pessoas, e não ter a mínima noção do que elas eram capazes.

De repente, ela percebeu a calmaria, uma pausa no fluxo das risadas e das conversas, como se todo mundo tivesse prendido a respiração de uma só vez. E percebeu que Kim Hollister estava avançando centímetro a centímetro sobre a prancha, lá no alto, acima da cabeça dos espectadores com o rosto branco como cera, apavorado, e que o desafio tinha começado.

Kim levou quarenta e sete segundos para percorrer cuidadosamente o caminho até o outro lado, arrastando os pés, mantendo o pé direito sempre na frente do esquerdo. Quando alcançou o segundo castelo d'água, ela o abraçou com os dois braços por um momento, e o público respirou aliviado.

Depois veio Felix Harte: ele foi ainda mais rápido, escolhendo passos curtos e comedidos de um equilibrista na corda bamba. E então Merl Tracey. Mesmo antes de ele cruzar e alcançar a segurança, Diggin levantou o megafone e anunciou o próximo nome:

— Heather Nill! Heather Nill, no palco!

— Boa sorte, Heathbar — disse Natalie. — Não olhe pra baixo.

— Obrigada — Heather respondeu automaticamente, ao mesmo tempo em que registrava na mente o conselho ridículo. Quando se está a quinze metros do chão, para onde mais a gente olha a não ser para baixo?

Ela sentia como se estivesse se movendo em silêncio, embora também soubesse que aquilo era improvável — Diggin não tirava a boca daquele megafone idiota por nada. Era só porque ela estava com medo; com medo e pensando, estúpida e infelizmente, em

Matt, e querendo saber se ele a estava observando com a mão ainda na traseira da calça de Delaney.

Quando começou a subir a escada que percorria uma das pernas do castelo d'água da direita, com seus dedos entorpecidos pelo metal frio e liso, ocorreu-lhe que Matt poderia ver sua bunda ao mesmo tempo em que apalpava a de Delaney, e aquilo era muito asqueroso.

Em seguida, pensou que todo mundo poderia ver sua bunda, e ela teve um breve momento de pânico, perguntando-se se a calcinha estava marcando debaixo do jeans, já que ela não suportava calcinhas fio dental e não entendia as meninas que suportavam.

Já estava na metade da escada e pensou ainda que, se estava se preocupando tanto com a possibilidade de a lingerie marcar, não poderia estar com medo de altura. Pela primeira vez, ela começou a se sentir mais confiante.

Mas a chuva era um problema. Fazia os degraus da escada deslizarem debaixo de seus dedos. Tornava a visão turva e fazia o solado do tênis escorregar. Quando finalmente chegou ao parapeito de metal pequeno que percorria a circunferência da caixa d'água e se colocou em pé, o medo voltou. Não havia nada para segurar, apenas o metal liso e molhado atrás de suas costas, e o ar em toda parte. A diferença de apenas alguns centímetros entre estar vivo e não estar.

Um formigamento foi subindo por seus pés até as pernas e então até a palma das mãos. Por um segundo, ela não sentiu medo de cair, e sim de saltar, de se lançar no ar escuro.

Ela se arrastou de lado em direção à viga de madeira, pressionando as costas contra o tanque com o máximo de força que podia, rezando para que, lá de baixo, ela não parecesse tão assustada quanto se sentia.

Gritar, hesitar: tudo isso poderia contar pontos contra ela.

— Tempo! — a voz de Diggin ecoou lá de baixo. Heather sabia que tinha de prosseguir se quisesse continuar no jogo.

Ela se forçou a se afastar do tanque e avançou para a frente sobre a prancha de madeira, que estava precariamente presa à borda por vários parafusos retorcidos. Ela avançou na tábua

estreita, o pé direito na frente do esquerdo, e teve uma imagem súbita da madeira se partindo sob o peso dela, e, na sequência, a queda desvairada pelo espaço. Mas a madeira aguentou.

Sem perceber, Heather levantou os braços para se equilibrar, já não pensando mais em Matt, Delaney ou Bishop olhando para ela, ou algo que não fosse o ar rarefeito, o horrível formigamento nos pés e nas pernas, uma vontade de saltar.

Poderia se mover mais depressa se caminhasse com passos normais, um pé na frente do outro, mas não conseguia se forçar a interromper o contato com a tábua; se levantasse um pé, um calcanhar, um dedo, ela iria despencar, tombar para um lado e morrer. Tinha consciência de um profundo silêncio, um silêncio tão pesado que dava até para ouvir o zumbido da chuva, dava para ouvir a própria respiração, superficial e rápida.

Abaixo dela havia uma luz ofuscante, o tipo de luz que se via logo antes de morrer. Todas as pessoas haviam se fundido com sombras, e, por um segundo, ela teve medo de *já* ter morrido, de estar sozinha sobre uma superfície pequena, exposta, com uma queda sem fim para a escuridão à direita e à esquerda.

Centímetro a centímetro, o mais rápido possível sem levantar os pés.

E então, de repente, ela havia terminado: havia atingido o segundo castelo d'água e agora se via abraçada ao tanque, como Kim tinha feito, pressionando-se contra ele, deixando o moletom se encharcar. Uma algazarra subiu da multidão, e outro nome foi anunciado: Ray Hanrahan.

A cabeça de Heather zunia e sua boca tinha gosto de metal. Fim. Tinha chegado ao fim. Seus braços pareciam inúteis de repente, os músculos pareciam fracos com o alívio enquanto ela descia, desajeitada, escada abaixo, percorrendo os poucos metros e dando dois passos incertos antes de endireitar a postura. Pessoas estenderam a mão, apertaram os ombros dela, deram-lhe tapinhas nas costas. Heather não sabia se sorria ou não.

— Você foi incrível! — Nat correu com tudo até ela através da multidão. Heather mal registrou a sensação dos braços de Nat ao redor de seu pescoço. — É assustador? Você ficou apavorada?

Heather sacudiu a cabeça, consciente das pessoas ainda a observando.

— Passou rápido — respondeu. Assim que as palavras saíram de sua boca, ela se sentiu melhor. Tinha chegado ao fim. Estava no meio de uma multidão: o ar cheirava a lã úmida e a fumaça de cigarro. Sólidos. Reais.

— Quarenta e dois segundos — Nat disse com orgulho. Heather não tinha nem sequer ouvido seu tempo ser anunciado.

— Cadê o Bishop? — ela perguntou. Agora estava um pouco melhor. Uma sensação borbulhante começava a percorrê-la. Quarenta e dois segundos. Nada mau.

— Ele estava bem atrás de mim… — Nat se virou para examinar a multidão, mas os faróis da caminhonete transformavam todos em vultos, pessoas feitas de sombras.

Outra aclamação de torcida irrompeu dos observadores. Heather olhou para cima e viu que Ray já tinha atravessado. A voz de Diggin soou oca:

— Vinte e dois segundos! Um recorde até agora!

Heather engoliu um gosto amargo. Odiava Ray Hanrahan. No sétimo ano, quando ela ainda não tinha desenvolvido os seios, ele prendeu um sutiã de ginástica do lado de fora do armário dela e espalhou um boato de que Heather estava tomando remédio para virar menino. “Já conseguiu criar barba na cara?”, ele falava quando ela passava pelos corredores. Ray só a deixou em paz quando Bishop ameaçou contar à polícia que Luke Hanrahan vendia erva no Pepe’s, o lugar onde ele trabalhava, passando saquinhos de maconha sorrateiramente quando os clientes pediam “orégano extra”. E isso era verdade.

Então era a vez de Zev Keller. Heather esqueceu-se de procurar por Bishop. Ela ficou vendo, paralisada, Zev se mover sobre a prancha. Da segurança do chão, a cena parecia quase bonita: a névoa suave da chuva, os braços de Zev estendidos, uma silhueta recortada contra as brumas. Ray não havia descido a escada. Ele também devia estar observando, embora tivesse ido para trás do tanque de água e ficado invisível.

Aconteceu numa fração de segundo; Zev deu um solavanco para o lado, perdeu o equilíbrio e parecia a ponto de cair. Heather ouviu-

se gritar. Ela sentiu o coração disparar no céu da boca e, naquela fração de segundo em que os braços dele giraram descontroladamente e a boca se contorceu em um grito, ela pensou: *Nada e nenhum de nós jamais vai ser o mesmo.*

E então, com a mesma rapidez, ele se segurou. Colocou o pé esquerdo sobre a tábua, e seu corpo parou de oscilar sem controle, da direita para a esquerda, como um pêndulo solto. Ele se endireitou.

Alguém gritou o nome de Zev. E começaram os aplausos, que logo se tornaram estrondosos à medida que ele seguia, altivo, pelos metros restantes. Ninguém ouviu quando Diggin gritou. Ninguém prestou atenção a Ray descendo a escada.

Mas tão logo Zev estava no chão, ele voou em direção a Ray. Zev era menor do que Ray e mais magro, mas o agarrou por trás num movimento inesperado. Ray foi parar no chão, rosto na terra, em questão de segundos.

— Seu filho da puta. Você jogou alguma coisa em mim.

Zev levantou o punho; Ray torceu o corpo e afastou o adversário.

— Do que você está falando? — Ray cambaleou para se firmar nos pés. Seu rosto foi iluminado pelo brilho ofuscante do holofote. Devia ter cortado o lábio em alguma pedra, pois estava sangrando. Ele parecia feio e malvado.

Zev também se levantou. Seus olhos eram selvagens — negros e cheios de ódio. A multidão ficou imóvel. Heather pensou, mais uma vez, que dava para ouvir a chuva, a dissolução de cem mil gotas diferentes ao mesmo tempo. Todas suspensas no ar, prontas para cair.

— Não minta — Zev cuspiu. — Você me atingiu no peito. Você queria que eu caísse.

— Você está louco. — Ray começou a se virar.

Zev avançou contra ele. E então foram para o chão outra vez. De repente, a multidão se aproximou deles, todos gritando, alguns empurrando para ver melhor, alguns saltando para apartar os garotos. Heather estava sendo espremida por todos os lados. Ela sentiu a mão de alguém nas costas e quase não conseguiu evitar a queda. Tentou pegar a mão de Nat por reflexo.

— Heather! — O rosto de Nat estava pálido pelo assombro. As mãos das amigas foram separadas uma da outra com força, e Nat caiu.

— Nat! — Heather foi empurrando a multidão, usando os cotovelos. Agora se sentia grata por ser tão grande. Nat estava tentando se levantar, e, quando Heather a alcançou, ela soltou um grito de dor.

— Meu tornozelo! — a amiga disse, em pânico, agarrando a perna. — Alguém pisou no meu tornozelo.

Heather estendeu os braços para ela, mas sentiu uma pressão nas costas: alguém a empurrava com força, de propósito. Ela tentou girar o corpo para ver quem era, mas foi de cara no chão, na lama, antes que pudesse fazer qualquer coisa. Pés reviravam a terra, espirravam lama em seu rosto. Por apenas um momento, Heather queria saber se aquilo, a multidão fervilhante, a insurgência, era parte do desafio.

Ela sentiu um momento de trégua na multidão, por apenas uma fração de segundo.

— Vamos. — Heather conseguiu se levantar e agarrou a amiga debaixo do braço.

— Está *doendo* — Nat reclamou e, quando piscou, lágrimas escorreram. Mesmo assim, Heather a colocou de pé.

Em seguida, ouviram uma voz estridente e repentina, alta e distorcida, ecoando pela floresta.

— Parados onde estão, todos vocês…

Policiais.

Tudo era o caos. Feixes de luz varriam a multidão, tornando os rostos pálidos, congelados; as pessoas estavam correndo, empurrando-se para sair dali, desaparecendo na floresta. Heather contou quatro policiais — um deles tinha se atracado com alguém no chão, mas ela não conseguia ver quem era. Sua boca estava seca, parecia que Heather havia mastigado giz; seus pensamentos eram incoerentes. O moletom de capuz estava todo sujo de lama, e o frio começava a se infiltrar no peito.

Bishop havia desaparecido. Bishop era quem tinha o carro.

Carro. Precisavam sair dali, ou se esconder.

Manteve a mão no braço de Nat e tentou puxá-la para a frente, mas a menina tropeçou. Lágrimas brotavam dos olhos dela.

— Não consigo — disse Nat.

— Você precisa continuar. — Heather sentiu desespero. Onde diabos tinha ido Bishop? Ela se inclinou para enlaçar a cintura de Nat com o braço. — Apoie em mim.

— Não consigo — repetiu ela. — Dói demais.

Foi então que Dodge Mason apareceu do nada. De súbito, ele estava ao lado delas e, sem hesitar ou pedir permissão, ele também colocou um de seus braços ao redor da cintura de Nat, para que ela pudesse ser carregada entre eles. Nat soltou um gritinho de surpresa, mas não ofereceu resistência. Heather poderia beijá-lo naquele momento.

— Vamos — disse ele.

Foram adentrando a floresta aos tropeções, o mais rápido que conseguiam, e afastando-se das vozes estrondosas do megafone, dos gritos e das luzes. Estava escuro. Dodge segurava o celular; o aparelho projetava uma fraca luz azul nas folhas abaixo deles, nas samambaias molhadas e adiante nas árvores desgrenhadas cobertas de musgo.

— Aonde estamos indo? — Heather sussurrou, o coração batendo forte. Nat quase não conseguia usar a perna esquerda, então, passo sim, passo não, ela apoiava seu peso em Heather.

— Temos que esperar até a polícia ir embora — respondeu Dodge sem fôlego.

A uns cem metros do castelo d'água, aninhada entre as árvores, estava uma estreita estação de bombeamento. Heather ouvia o mecanismo funcionando lá dentro, zumbindo através das paredes, quando pararam para que Dodge abrisse a porta aplicando um golpe com o ombro. Não estava trancada.

O interior cheirava a mofo e metal. O único cômodo era dominado por dois grandes tanques e várias peças de equipamento elétrico enferrujado; o ar estava carregado de um constante *tush-tush* mecânico, como o ruído de mil grilos. Já não podiam ouvir os gritos na floresta.

— Jesus. — Nat exalou o ar pesadamente e foi se abaixando para o chão, estendendo a perna esquerda na frente do corpo, mas

estremeceu com o gesto. — Está doendo.

— Provavelmente torcido — disse Dodge. Ele também se sentou, mas não perto demais.

— Juro que senti alguém quebrar meu tornozelo. — Nat se curvou e começou a tocar a pele em volta do machucado. Inspirou bruscamente.

— Deixa, Nat — aconselhou Heather. — Vamos conseguir gelo assim que der.

Ela sentiu frio, e de repente se viu exausta. A onda de adrenalina que teve ao completar o desafio já havia desaparecido. Heather estava molhada e faminta, e a última coisa que queria fazer naquele momento era ficar sentada em uma estação de bombeamento idiota por metade da noite. Ela pegou o celular e mandou uma mensagem para Bishop.

Onde vc está?

— Como você sabia sobre este lugar? — Nat perguntou a Dodge.

— Encontrei por acaso outro dia — ele respondeu. — Eu estava vasculhando a área. Se importa se eu fumar?

— Mais ou menos — afirmou Heather.

Ele deu de ombros e guardou de volta os cigarros no casaco. Dodge continuou com o celular ligado, no chão, de modo que sua silhueta assumiu um toque azulado.

— Obrigada — Nat deixou escapar. — Por me ajudar. Foi realmente… Quer dizer, você não precisava.

— Sem problemas — disse Dodge. Heather não podia ver o rosto dele, mas percebia um tom estranho em sua voz, soando estrangulada.

— Quer dizer, a gente nunca nem se falou… — Talvez percebendo que o comentário parecesse grosseiro, Nat não terminou a frase.

Por um minuto, houve silêncio. Heather mandou outra mensagem de texto para Bishop.

Responde, merda.

Dodge disse abruptamente:

— A gente já se falou, sim. Uma vez. Na festa da fogueira, ano passado. Você me chamou de Dave.

— Chamei? — Nat riu com nervosismo. — Que idiota. Vai ver eu estava bêbada. Você se lembra, Heather? A gente bebeu aqueles drinques nojentos.

— *Hummm* . — Heather ainda estava em pé. Ela se inclinou contra a porta, ouvindo o som da chuva que agora tamborilava um pouco mais forte. Apurou os ouvidos para tentar escutar, além da chuva, os sons abafados da gritaria. Não estava acreditando que Bishop ainda não tinha respondido nada. Ele sempre respondia às mensagens dela imediatamente.

— De qualquer forma, eu sou uma idiota — Nat estava comentando. — Qualquer um pode confirmar isso. Mas não teria como eu esquecer um nome como Dodge, não é verdade? Eu queria ter um nome legal.

— Eu gosto do seu nome — Dodge respondeu baixinho.

Heather sentiu uma dor aguda percorrê-la. Tinha ouvido na voz de Dodge a nota familiar de um anseio aparentemente distante, um vazio — e então ela soube, na hora e sem dúvida, que Dodge gostava de Natalie.

Por um segundo, teve um momento cego de inveja, um sentimento que se apoderou dela por todos os lados. Claro. Claro que Dodge gostava da Nat. Ela era bonita, risonha, pequena e fofa, como um animalzinho que a gente encontraria na bolsa de alguém. Como Avery.

A comparação surgiu de forma inesperada, mas Heather a afastou depressa. Não se importava com Avery e também não se importava se Dodge gostasse da Nat. Não era da sua conta.

Ainda assim, a ideia continuou a pulsar dentro dela como um tambor, como o tamborilar constante da chuva: ninguém nunca iria amá-la.

— Quanto tempo você acha que devemos esperar? — Nat perguntou.

— Não muito tempo — respondeu Dodge.

Ficaram ali em silêncio por alguns minutos. Heather sabia que deveria conversar sobre alguma coisa para não ficar chato, mas estava cansada demais.

— Queria que não estivesse tão *escuro* — Nat murmurou depois de alguns instantes. Heather percebia, pela voz, que ela estava ficando impaciente.

Dodge se levantou.

— Esperem aqui — ele disse, e saiu.

Por um tempo, houve silêncio, exceto por um barulho metálico, algo se movendo através das tubulações, e pelo silvo da água no telhado.

— Eu vou pra Los Angeles — Nat falou de repente. — Se eu vencer.

Heather se virou para ela. Nat parecia assumir uma postura desafiadora, como se estivesse esperando que a amiga fosse começar a zombar.

— Pra quê? — Heather perguntou.

— Por causa dos surfistas — rebateu Nat. Em seguida, ela revirou os olhos. — Hollywood, cérebro de feijão. Pra que você acha que eu iria?

Heather foi até ela e se agachou. Nat sempre dizia que queria ser atriz, mas Heather nunca imaginou que estivesse falando sério — não sério o suficiente para fazer mesmo isso. Sem dúvida, não sério o suficiente para jogar Pânico por causa disso.

Mas Heather apenas a cutucou com o ombro.

— Então me prometa que, quando for rica e famosa, você não vai esquecer os cérebros de feijão que conheceu nos velhos tempos.

— Prometo — falou Nat. O ar tinha um leve cheiro de carvão. — E quanto a você? O que vai fazer se vencer?

Heather sacudiu a cabeça. Ela queria dizer: *Correr até explodir. Interpor quilômetros e quilômetros e quilômetros entre mim e Carp. Deixar a velha Heather para trás, queimá-la até virar cinzas.* Em vez disso, deu de ombros.

— Ir a algum lugar, eu acho. Com sessenta e sete mil, posso pagar um monte de gasolina.

Nat balançou a cabeça e disse em tom baixo:

— Fala sério, Heather. Por que você realmente entraria no jogo?

E, simples assim, Heather pensou em Matt e na completa falta de esperança que sentia, e achou que estava prestes a chorar.

— Você sabia? — disse, por fim. — Sobre o Matt, quero dizer, e sobre a Delaney?

— Ouvi um rumor — Nat respondeu com cautela. — Mas eu não tinha acreditado.

— Eu ouvi que ela… com ele… — Heather não conseguia pronunciar as palavras de verdade. Ela sabia que era um pouco puritana; ainda mais, se comparada a Nat. Sentia vergonha por isso, mas ao mesmo tempo sentia orgulho: ela simplesmente não via qual era a graça de sair ficando com todo mundo por aí. — No maldito Arboretum.

— Ela é uma vadia — disse Nat, com a maior naturalidade. — Aposto que ela passou herpes pra ele. Ou pior.

— Pior do que herpes? — perguntou Heather, duvidando.

— Sífilis. Deixa a pessoa maluca. Faz buracos no cérebro, tipo queijo suíço.

Heather às vezes se esquecia de como Nat sempre conseguia fazê-la rir.

— Espero que não — ela comentou. Conseguiu sorrir. — Pra começo de conversa, ele não era tão inteligente assim. Acho que já não tinha massa cinzenta pra dar e vender.

— É o que você espera, pelo menos. — Nat fez mímica de estar segurando um copo. — À sífilis da Delaney.

— Você é louca — disse Heather, mas agora estava rindo com gosto.

Nat a ignorou.

— Que o cérebro de Matt Hepley se transforme em um queijo delicioso e pegajoso.

— Amém — Heather disse e levantou o braço.

— Amém. — Elas fingiram fazer tim-tim.

Heather se levantou de novo e foi para a porta. Dodge ainda não tinha voltado; ela se perguntava o que ele poderia estar fazendo.

— Você acha… — Heather inspirou fundo. — Você acha que alguém vai me amar um dia?

— Eu te amo — disse Nat. — O Bishop te ama. Sua mãe te ama. — Heather fez uma careta, e Nat falou: — Ela ama, Heathbar, à maneira dela. E a Lily também te ama.

— Vocês não contam — contrapôs Heather. Em seguida, percebendo como isso soava, ela deu uma risadinha. — Sem ofensa.

— Não ofendeu — disse Nat.

Depois de uma pausa, Heather prosseguiu:

— Eu também te amo, você sabe. Eu estaria perdida sem você. É sério. Iria mofar na cadeia e, não sei, talvez já estivesse desenhando alienígenas no meu purê de batata a essa altura do campeonato.

— Eu sei — disse Nat.

Heather sentia como se todos os anos da vida das duas juntas, da amizade delas, estivessem transbordando ali, no escuro: o tempo em que haviam praticado beijos nas almofadas do sofá da mãe de Nat; a primeira vez em que haviam fumado um cigarro e Heather tinha vomitado; todas as mensagens secretas de texto durante as aulas, dedos se movendo debaixo da mesa e por trás dos livros. Tudo isso pertencia a ela e à Nat, e todos aqueles anos estavam aninhados dentro delas como em uma bonequinha russa, que continha dezenas de pequenos “eus”.

Heather virou-se para Nat, de repente sem fôlego.

— Vamos dividir o dinheiro — ela falou de uma só vez.

— O quê? — Nat piscou.

— Se uma de nós vencer, vamos dividir o prêmio. — Heather percebeu, logo que disse aquilo, que era o certo a se fazer. — Meio a meio. Com trinta mil ainda dá pra comprar um monte de gasolina, você sabe.

Por um segundo, Nat apenas ficou olhando para ela. Então disse:

— Tudo bem. Meio a meio. — Nat riu. — Vamos selar isso com um aperto de mãos? Ou um juramento de dedinho?

— Confio em você — disse Heather.

Enfim, Dodge voltou.

— Está limpo — ele anunciou.

Heather e Dodge sustentaram Nat entre eles, e, juntos, seguiram caminho por baixo dos castelos d’água e pela clareira, espaços que,

tão recentemente, estavam abarrotados de gente. Agora, a única prova da multidão era o lixo deixado para trás: bitucas de cigarro e pontas de baseado pisoteadas, latas de cerveja amassadas, toalhas, alguns guarda-chuvas. A caminhonete ainda estava estacionada na lama, mas o motor agora estava desligado. Heather imaginou que a polícia traria um guincho para ela mais tarde. O silêncio era estranho, e a cena toda dava uma sensação estranha e assustadora. Fazia Heather pensar que todo mundo tinha evaporado no ar.

Dodge deu um grito repentino.

— Espera um segundo — ele falou e deixou Nat apoiada em Heather. Ele se afastou vários passos e apanhou alguma coisa do chão — uma caixa térmica. Heather viu, quando ele inclinou a luz do celular na direção da caixa, que ainda havia gelo e cerveja.

— Ganhamos na loteria — disse Dodge. Ele sorriu pela primeira vez em toda a noite.

Levou a caixa com eles e, quando chegaram à Rota 22, fez uma bolsa de gelo improvisada para o tornozelo de Nat. Havia três cervejas, uma para cada um. Beberam juntos na beira da estrada, debaixo de chuva, esperando um ônibus passar. Nat já começou a rir à toa depois de apenas alguns goles, e ela e Dodge brincaram sobre fumar um cigarro para fazer o ônibus passar mais rápido, e Heather sabia que devia também se animar um pouco mais.

Mas o celular de Bishop caía direto na caixa postal. Matt e Delaney com certeza estariam aconchegados, quentinhos e secos em algum lugar juntos. E ela ficava se lembrando de estar lá em cima no ar, oscilando sobre a frágil prancha de madeira, com a sola dos pés formigando, provocando-a a saltar.

Domingo,
26 de junho

Dodge

Dodge nunca dormia mais de duas ou três horas seguidas. Ele não admitia, mas tinha pesadelos. Sonhava com longas estradas calcárias que terminavam de repente, lançando-o em queda; ou, às vezes, sonhava estar confinado em um porão úmido, de teto baixo, escuro, um lugar cheio de aranhas.

Além disso, era impossível dormir depois das cinco da manhã, quando o caminhão de lixo passava sacudindo pela Meth Row. Também era impossível tirar uma soneca durante o dia, quando o público do almoço lotava a lanchonete Dot's, e os garçons transportavam o lixo para dentro e para fora, esvaziavam as caixas de gordura e arrastavam as grandes lixeiras debaixo da janela de Dodge até a Meth Row para serem recolhidas. Às vezes, quando a porta dos fundos do restaurante se abria, as ondas de conversa carregavam o som da voz da mãe de Dodge.

Mais café, querido?

Mas no dia seguinte ao desafio nos castelos d'água, Dodge dormiu profundamente, sem sonhos, direto e reto até a hora do almoço e só acordou depois das duas da tarde. Ele vestiu uma calça esportiva, ficou ruminando se deveria tomar banho, depois decidiu não o fazer.

— E aí? — Dayna disse quando ele entrou na cozinha. Ele estava morrendo de fome. Com sede, também. Era como se o jogo despertasse uma fome dentro dele. — Como é que foi?

Ela estava parada na sala de estar, onde podia assistir à TV e espiar através da janela os fundos do restaurante. Uma luz cinzenta entrava fraca pela janela. Dava para ver partículas de poeira

suspensas atrás de Dayna. Por um segundo, Dodge sentiu uma onda de afeto pelo pequeno cômodo: o aparador rachado da televisão, o tapete fino e desigual, o sofá desconfortável que tinha sido, por razões desconhecidas, revestido em jeans.

E claro, por ela. Sua Dayna.

Ao longo dos anos, a semelhança entre eles tinha desvanecido, especialmente no último ano, quando ela havia engordado bastante no rosto, no peito e nos ombros. Ainda assim, mesmo que eles não fossem filhos do mesmo pai e ela fosse muito mais clara do que ele, as semelhanças estavam ali: no cabelo castanho-escuro e nos olhos cor de avelã, bem espaçados entre si; o queixo definido; e no nariz: tanto o de um como o do outro se curvavam quase imperceptivelmente para a esquerda.

Dodge abriu a geladeira. Sua mãe devia ter saído na noite anterior; havia caixas com restos de comida chinesa. Ele as abriu e cheirou. Frango com brócolis e arroz com camarão frito. Parecia bom o suficiente. Dayna ficou olhando-o amontoar tudo em um prato e, sem se importar em esquentar, ele pegou um garfo e começou a comer.

— E então? — ela insistiu.

Ele queria sonegar notícias, torturá-la não contando nada, mas tinha que falar. Ele precisava contar para *alguém* . Pousou o prato, entrou na sala e sentou no sofá, que ele e Dayna tinham apelidado de Bunda.

— Teve polícia — ele disse. — Os tiras apareceram.

Ela o observava com cautela.

— Tem certeza que quer fazer isso, Dodge? — ela indagou calmamente.

— Fala sério, Dayna. — Ficou irritado com a pergunta da irmã. Colocou as pernas dela sobre o colo. Massagem era a única coisa que iria impedi-las de uma atrofia total, e ele ainda insistia em cuidar das panturrilhas dela todos os dias, mesmo que ela já tivesse dito, havia bastante tempo, que aquilo era inútil. Dayna já tinha passado por uma dúzia de médicos diferentes. E fazia fisioterapia havia bem mais de um ano.

Mas não houve nenhuma mudança. Nenhuma melhoria. Ela nunca ia voltar a andar. Não sem um milagre.

Apesar das massagens diárias, as pernas de Dayna estavam finas — palitinhos pálidos, como galhos em uma planta. Mesmo que o rosto dela tivesse ficado mais redondo, a carne de seus braços mais flácida, as pernas continuavam a murchar. Dodge tentava não pensar em quantas vezes, na época em que era criança, aquelas mesmas pernas a fizeram disparar em corridas e a impulsionaram a subir em árvores quando eles faziam competições de escalada. Ela sempre foi forte — dura como madeira polida, determinada e feita de músculo. Mais forte do que a maioria dos garotos e também mais corajosa.

Durante toda a vida de Dodge, ela fora sua melhor amiga, sua parceira no crime. Ela era dois anos mais velha, e por isso se colocava na posição de líder nos esquemas ou nas brincadeiras que inventavam. Quando ele tinha cinco anos, haviam engarrafado seus peidos e tentado vendê-los. Quando ele tinha sete anos, passaram um verão explorando a vizinhança em Dawson, Minnesota, procurando tesouros, e acabaram com o galpão do jardim cheio de coisas estranhas: uma velha cartola, um rádio quebrado, duas rodas e a estrutura enferrujada de uma bicicleta. Encontravam aventura em qualquer cidade de merda onde sua mãe resolvia despejá-los.

Agora eles nunca mais teriam uma nova aventura. Ela nunca iria escalar, andar de bicicleta ou apostar cinco dólares que ainda poderia vencê-lo em uma corrida. Ela sempre iria precisar de ajuda para tomar banho, para sentar e levantar do vaso sanitário.

E era tudo culpa de Luke Hanrahan. Ele havia sabotado o carro de Dayna, fodido com o volante antes da hora H , fazendo com que ela saísse da estrada. Dodge sabia.

— A mãe teve um encontro ontem à noite — Dayna disse, obviamente tentando mudar de assunto.

— E daí? — Dodge perguntou, ainda vagamente irritado. Além disso, em todos os lugares aonde iam, a mãe encontrava algum babaca novo com quem sair.

Dayna encolheu os ombros.

— Ela parecia animada. E não me contou com quem era.

— Ela devia estar com vergonha — Dodge falou. No silêncio, ele ouviu um barulho vindo de fora. Alguém estava revirando os contêineres de lixo. Dayna inclinou-se para olhar pela janela.

— Merda — ela disse.

— O Jovem Kelly? — ele perguntou, e Dayna fez que sim. O Jovem Bill Kelly devia ter uns trinta anos e pelo menos 1,95 m de altura. O pai dele, Bill Kelly, tinha sido chefe de polícia por vinte anos antes de se aposentar, e todo mundo o conhecia como Velho Kelly. Dodge tinha visto o Velho Bill apenas uma vez e, mesmo assim, só por um segundo, quando sem querer passava de bicicleta na frente do carro dele. Bill tinha se apoiado na buzina e gritado para Dodge ter cuidado.

Dodge suspirou, tirou as pernas de Dayna com cuidado do colo e se levantou. Pela janela viu o Jovem Kelly se equilibrando em um tambor de aço cheio de gordura, fazendo uma triagem metódica em uma das lixeiras imprensada contra a parte traseira da lanchonete Dot's, bem ao lado da porta da cozinha. Era a terceira vez em um mês que ele andava fuçando no lixo.

Dodge nem pensou em vestir uma camiseta. Cruzou o beco curto de concreto que separava o apartamento da lanchonete, tendo cuidado para evitar o vidro quebrado. Às vezes, os rapazes da cozinha bebiam cerveja durante o expediente.

— E aí, cara — disse Dodge, deliberadamente alto, deliberadamente alegre.

O Jovem Kelly se endireitou como se tivesse levado um choque. E desceu do tambor de aço em um movimento instável.

— Eu não estou fazendo nada — disse ele, evitando o olhar de Dodge. A não ser pela barba por fazer no queixo, o Jovem Kelly tinha o rosto de um bebê crescido. No passado tinha sido um grande atleta, também um bom aluno, mas ficou ruim da cabeça no Afeganistão. Ou no Iraque. Em um desses. Agora ele andava de ônibus o dia inteiro e se esquecia de voltar para casa. Uma vez, Dodge tinha visto o Jovem Kelly sentado de pernas cruzadas no canto da estrada, chorando alto.

— Você está procurando alguma coisa? — Dodge notou que o Jovem Kelly tinha feito uma pequena pilha de lixo amontoado no chão: embalagens de papel-alumínio, bobinas de metal, tampas de garrafa e um prato quebrado.

O Jovem Kelly observou-o por um minuto, mandíbula trabalhando, como se estivesse tentando mastigar couro. Então,

abruptamente, empurrou Dodge e desapareceu na esquina.

Dodge se agachou e começou a recolher toda a porcaria que o Jovem Kelly tinha removido da lixeira. Já estava quente, e o beco fedia. Bem nessa hora, sentiu um movimento atrás dele. Pensando que o Jovem Kelly tinha retornado, ele endireitou a postura e girou dizendo:

— Você realmente não deveria voltar…

As palavras secaram na garganta. Natalie Velez estava atrás dele, apoiando seu peso sobre o pé direito, parecendo limpa, de banho tomado e bonita, como se seu lugar fosse qualquer um, menos ali.

— Oi — disse ela, sorrindo.

A reação instintiva dele era passar andando por ela, entrar na casa, bater a porta e se asfixiar. Mas, claro, ele não poderia fazer isso. Puta merda. Nat Velez parada na frente dele, e ele estava sem camiseta. E não tinha escovado os dentes. E nem tomado banho. Apenas segurava o papel-alumínio do lixo.

— Eu estava limpando aqui… — ele disse, e sua voz sumiu sem que pudesse evitar.

Os olhos de Nat percorreram seu tórax nu, depois subiram até o cabelo, que estava, sem sombra de dúvida, espetado para cima.

— Ai, meu Deus. — O rosto dela começou a assumir uma tonalidade rosada. — Eu devia ter ligado. Me desculpa. Você acabou de acordar, ou algo assim?

— Não. Não, de jeito nenhum. Eu só estava… — Dodge tentou não falar com força demais, ou respirar muito, caso estivesse com bafo. — Olha, você pode me dar um minuto? Esperar aqui?

— Claro. — Nat ficava ainda mais linda quando corava. Ela parecia um biscoitinho confeitado para o Natal.

— Um minuto — Dodge repetiu.

Lá dentro, Dodge inspirou profundamente. Puta merda. Nat Velez. Ele nem teve tempo de se preocupar com o fato de que ela estava vendo sua casa pequena e decrépita, e provavelmente teve que passar por caixas de gordura que estavam sendo esvaziadas, caminhado com suas pequenas sandálias por pedaços encharcados de espinafre jogados da lanchonete pelos cozinheiros, ao lado dos contêineres de lixo e de seu cheiro.

No banheiro, ele escovou os dentes e fez gargarejo com enxaguante bucal. Cheirou suas axilas — não tão ruins — e passou desodorante só para garantir. Molhou o cabelo e vestiu uma camiseta branca limpa, que mostrava apenas um pedacinho da tatuagem que cobria a maior parte do seu peito e envolvia o ombro direito e o antebraço. O cabelo já estava espetado para cima novamente. Ele abaixou tudo com um boné.

Bom. Decente, pelo menos. Borrifou um pouco daquele spray corporal masculino que sua mãe tinha ganhado no Walmart, sentindo-se meio idiota, mas pensando que era melhor se sentir um idiota do que ter cheiro de idiota.

Lá fora, Nat estava fazendo um bom trabalho fingindo não notar que Dodge morava em uma casa caindo aos pedaços, nos fundos de uma lanchonete.

— Oi. — O sorriso dela era grande e brilhante, e Dodge sentiu as entranhas darem uma reviravolta. Ele tinha esperanças de que Dayna não estivesse espiando pela janela. — Desculpa por, tipo, atrapalhar o que você estava fazendo.

— Não tem problema.

— Eu ia ligar antes — disse ela. — Mandei uma mensagem pra Heather pedindo o seu telefone. Desculpa. Mas depois pensei que talvez fosse melhor falar pessoalmente.

— Não tem problema. — A voz de Dodge saiu mais áspera do que pretendia. Merda. Ele já estava arruinando tudo. Tossiu e cruzou os braços, tentando parecer casual. Na realidade, era porque suas mãos, de repente, pareciam ganchos na extremidade de seus braços, e ele havia se esquecido do que fazer com elas. — Como está seu tornozelo? — Uma atadura elástica estava enrolada em várias camadas sobre o tornozelo e o pé, o que fazia um contraste esquisito com as pernas, que estavam à mostra.

— Torci. — Nat fez uma careta. — Vou viver, mas… — Por um breve segundo, o rosto dela teve um espasmo, como se ela sentisse dor. — Olha, Dodge, tem algum lugar aonde podemos ir? Tipo, pra conversar?

Até parece que ele ia levá-la para dentro. Não havia a menor chance no céu ou no inferno. Ele não queria Nat encarando Dayna

boquiaberta ou, pior ainda, fazendo um enorme esforço para ser agradável.

— Como você chegou aqui? — perguntou ele, pensando que Nat podia ter um carro.

Novamente, ela corou.

— Pedi pro meu pai me trazer — Nat respondeu.

Dodge não quis saber de que forma ela havia descoberto onde ele morava. Como todas as coisas em Carp, geralmente era só uma questão de perguntar. O problema era aonde levá-la. Ele não podia ir ao restaurante. Sua mãe estava trabalhando. Então, sobrava apenas o Meth Row.

Nat caminhava devagar, ainda mancando, embora parecesse estar sentindo menos dor do que um dia antes. Mas ela aproveitou a primeira oportunidade que teve para se sentar: no para-choque enferrujado de um Buick abandonado e sem rodas. Todas as janelas do veículo estavam despedaçadas, os assentos, salpicados de cocô de pássaro, e o couro havia sido rasgado por animais minúsculos.

— Eu queria te agradecer de novo — Nat disse. — Você foi tão… Você foi incrível. Por me ajudar ontem à noite.

Dodge ficou um pouco decepcionado, como ele muitas vezes se sentia ao interagir com outras pessoas, quando a realidade não conseguia fazer jus a suas expectativas. Ou, naquele caso, a suas fantasias. Alguma parte dentro dele esperava que ela tivesse ido lá para confessar que tinha se apaixonado loucamente por ele. Ou talvez ela fosse pular a etapa das palavras e se esforçar para ficar na ponta dos pés e abrir a boca para que ele a beijasse. Só que provavelmente ela não aguentaria ficar na ponta dos pés com o tornozelo do jeito que estava, o que era um dos dois mil e trinta e sete motivos pelos quais a fantasia dele era exagerada.

Ele disse:

— Não tem problema.

Ela torceu a boca, como se tivesse engolido algo azedo. Por um segundo, Nat não disse nada. Alguns instantes depois, falou de repente:

— Você ficou sabendo que Cory Walsh e Felix Harte foram presos?

Ele sacudiu a cabeça, e ela esclareceu:

— Embriaguez e perturbação da ordem pública. E invasão de propriedade. — Ela mudou o peso de uma perna para a outra. — Você acha que o Pânico acabou?

— De jeito nenhum — ele negou. — Os tiras são estúpidos demais para colocar um fim nisso.

Ela assentiu com a cabeça, mas não parecia convencida.

— Então, o que acha que vai acontecer agora?

— Não faço ideia — ele disse. Dodge sabia que Nat estava lhe pedindo uma pista. Ele engoliu um gosto ruim na boca. Nat sabia que ele tinha uma queda por ela, e estava tentando usá-lo.

— Acho que podemos usar um ao outro — ela disse abruptamente, e foi esse fato, o fato de ela ter confirmado a hipótese, a honestidade dela, que fez Dodge querer continuar ouvindo.

— Usar um ao outro como? — ele perguntou.

Ela mexeu com a bainha da saia. Parecia de tecido felpudo, o que o fazia pensar em toalhas, e consequentemente em Nat de toalha. O sol brilhava tão forte que ele se sentiu zonzo.

— Vamos fazer um acordo — explicou Nat, encarando-o. Seus olhos eram escuros, ansiosos e doces, como os de um cachorrinho. — Se algum de nós vencer, dividimos o dinheiro meio a meio.

Dodge ficou tão surpreso que não conseguiu dizer nada por um minuto.

— Por quê? — ele perguntou enfim. — Por que eu? Você nem mesmo… quer dizer, a gente mal se conhece. — *E a Heather?* , ele quase disse.

— É apenas uma sensação que eu tenho — ela acrescentou, e mais uma vez Dodge achou aquela honestidade atraente. — Você é bom nesse jogo. Você sabe das coisas. — Parecia-lhe de alguma forma surpreendente que Nat Velez, com os cabelos espessos e perfeitos e seu gloss, falasse tão francamente sobre um assunto que a maioria das pessoas evitava. Era como ouvir uma supermodelo peidar: surpreendente e meio emocionante. Ela pressionou: — Podemos nos ajudar. Compartilhar informações. Formar uma equipe para fazer frente aos outros. Temos mais de uma chance de chegar ao Duelo desse jeito. E então… — Ela fez um gesto com as mãos.

— Então vamos ter que nos enfrentar — Dodge falou.

— Mas, se um ganha, os dois ganham — Nat respondeu, sorrindo para ele.

Dodge não tinha intenção de deixar ninguém ganhar. Se bem que ele também não ligava para o dinheiro. Ele tinha um objetivo diferente. Talvez ela soubesse, ou pressentisse, de alguma forma.

Então ele disse:

— Sim, tá bom. Parceiros.

— Aliados — Nat corrigiu e estendeu a mão num gesto formal. Era macia e também estava um pouquinho suada. Ela se levantou, rindo. — Então está combinado. — Nat não conseguia se elevar sobre a ponta dos pés para beijá-lo, então o pegou pelos ombros e lhe plantou um beijo na lateral do pescoço. Deu uma risadinha. — Agora eu tenho que fazer o mesmo do outro lado para ficar igual.

E ele soube, então, que iria se apaixonar perdidamente por ela naquele verão.

Ninguém sabia quem tinha postado o vídeo na internet; apareceu em inúmeras páginas ao mesmo tempo e se espalhou para todo mundo tão depressa que era impossível determinar seu ponto de origem, embora muitas pessoas suspeitassem que fosse de Joey Addison ou Charlie Wong, só porque os dois eram uns babacas e, dois anos antes, tinham filmado em segredo, e postado, o vestiário das meninas.

Nem era tão interessante assim — apenas algumas tomadas tremidas de Ray e Zev se atracando, ombros se chocando na estrutura à medida que uma multidão se formava; e depois as luzes piscando, pessoas gritando, e a transmissão era interrompida. Em seguida mais imagens: a varredura de luzes, as vozes distorcidas dos policiais, um som metálico na gravação, e um close de Nat, boca arreganhada, com um braço em torno de Heather e o outro em torno de Dodge. Depois, a escuridão.

Dodge salvou uma cópia no seu computador, para que pudesse congelar a imagem naquele momento final, quando Nat parecia tão assustada… e ele estava ajudando a sustentá-la.

Apenas algumas horas mais tarde um e-mail também começou a circular.

Assunto: [sem assunto]. De: juri@panico.com.

A mensagem era simples, apenas duas linhas.

Vaca amarela.
Ninguém fala nada. Ou então…

Terça-feira,
28 de junho

Heather

— Você tem certeza que isso é sério, né? — Bishop estava no banco do motorista, com as duas mãos no volante, conduzindo o carro com atenção por uma pista de terra esburacada de mão única. Seu cabelo estava ainda mais exuberante do que o habitual, como se ele tivesse tentado ajeitá-lo com um aspirador de pó. Usava o moletom velho de seu pai da Virginia Tech, calça folgada de pijama de flanela e chinelos. Quando foi buscar Heather, ele havia anunciado, com certo orgulho, que ainda não tinha tomado banho. — Você não vai ser morta a machadadas por algum psicopata, né?

— Cala a boca, Bishop. — Heather estendeu a mão para empurrá--lo e ele deu um tranco no volante, quase os despachando para dentro de uma das valas que corriam ao longo de ambos os lados da estrada.

— Isso não é jeito de tratar seu motorista — disse ele, fingindo ter se ofendido.

— Tá. Cala a boca, *motorista* . — Havia uma sensação de ansiedade no estômago de Heather. As árvores ali eram tão volumosas que quase bloqueavam a luz do sol por completo.

— Só estou cuidando de você, *milady* — Bishop disse, sorrindo, mostrando os dentes encavalados. — Não quero que minha garota se transforme em um abajur.

— Achei que Avery era a sua garota — Heather apontou. Ela falou aquilo como piada, mas as palavras saíram ácidas. Como as de uma solteirona amarga, triste e solitária. O que mais ou menos ela era. Talvez não uma solteirona, não dava para ser uma solteirona aos dezoito anos; ela achava que não. Mas por pouco.

— Fala sério, Heather — Bishop reclamou. Por um segundo, ele na verdade parecia magoado. — Você sempre foi minha garota.

Heather manteve o rosto voltado para a janela. Chegariam a qualquer momento. Mas agora ela se sentia um pouco melhor. Bishop tinha esse efeito sobre ela: uma pílula humana contra ansiedade.

No dia seguinte ao desafio nos castelos d'água, Heather tinha dormido demais e acordado só quando uma mensagem de texto anônima fez seu celular apitar:

Pare agora, antes que se machuque.

Ela ficou tão abalada que não conseguia encontrar as chaves do carro, passou quinze minutos procurando até se lembrar de que as tinha colocado em segurança no gancho ao lado da porta. Por ter se atrasado em vinte minutos para seu turno, foi demitida do Walmart. E, quando notou, estava aos prantos no estacionamento. Uma semana e meia antes, Heather ainda tinha um namorado e um emprego — não um bom emprego, mas ainda assim era um emprego. Um pouquinho de dinheiro no bolso.

Agora ela não tinha nada. Sem namorado, sem trabalho, sem dinheiro. E alguém querendo que ela não jogasse Pânico.

Então, do nada, Heather fora atacada por um cão com a maior língua que ela já tinha visto. Talvez *atacada* fosse a palavra errada, já que o cachorro a estava apenas lambendo — mas, ainda assim, Heather nunca tinha sido alguém muito chegada a animais, e aquilo tinha *parecido* um ataque. E uma velha maluca, carregando uma tonelada de sacolas de compras, lhe oferecera um trabalho, assim de cara, mesmo que Heather estivesse com o nariz escorrendo catarro e vestindo uma blusa manchada com molho de salada, o que ela não percebera em sua pressa para sair de casa.

O nome da mulher era Anne.

— O Muppet está caidinho por você — disse a mulher. Muppet era o nome do cachorro da língua comprida. — Ele não costuma se dar bem com estranhos, mas parece que você tem um jeito especial com os animais.

Heather ficou quieta. Não queria admitir que, na maior parte do tempo, ela pensava dos animais o mesmo que das espinhas: era

melhor ignorar. Se a gente mexia demais, o tiro poderia sair pela culatra. A única vez que ela havia tentado criar um animal de estimação, um peixinho dourado que parecia anêmico, chamado Estrela, o animalzinho acabou morto em trinta e duas horas. Mas disse que sim quando Anne perguntou se ela gostaria de ser babá de bichos e fazer algumas tarefas leves. Pagaria cento e cinquenta dólares por semana, dinheiro vivo na mão, o que era praticamente o mesmo que ela teria ganho trabalhando meio período no Walmart.

De repente, se abriu um vão entre as árvores e eles chegaram. Heather se sentiu aliviada imediatamente. Ela não sabia o que estava esperando — talvez, depois do que Bishop tinha dito, um celeiro sombrio cheio de ferramentas enferrujadas e facões —, mas, em vez disso, ela viu uma casa de fazenda vermelha e espaçosa e uma ampla área circular de estacionamento, com a grama muito bem aparada. Ela também podia ver um celeiro, que não era sombrio, e, ao lado dele, uma série de galpões brancos caiados.

Assim que Heather abriu a porta do carro, vários galos vieram trotando em direção a ela, e um cachorro — mais de um cachorro? — começou a ladrar furiosamente. Anne surgiu de dentro da casa e acenou.

— Puta merda — disse Bishop. Ele parecia realmente impressionado. — É um zoológico.

— Viu só? Nenhum abajur de pele humana à vista. — Heather deslizou o corpo para fora do carro e, em seguida, se curvou para se despedir. — Obrigada, Bishop.

Ele acenou:

— Manda mensagem quando precisar de carona, senhora.

Heather fechou a porta. Anne atravessou o quintal em direção a ela.

— É seu namorado? — ela perguntou, protegendo os olhos com uma das mãos. Bishop começava a dar meia-volta com o carro.

A pergunta foi tão inesperada que o rosto de Heather ficou quente.

— Não, não — ela se apressou a dizer, inclinando o corpo na direção oposta ao carro, como se Bishop, caso ainda estivesse observando, pudesse ler a conversa na linguagem corporal dela.

— Ele é bonitinho — Anne declarou com naturalidade. Ela acenou, e Bishop buzinou antes de se afastar. O rubor se tornou um incêndio pelo corpo inteiro. Heather cruzou os braços e depois os soltou de novo. Felizmente, Anne pareceu não notar. — Que bom que você veio. — Anne sorriu, como se Heather tivesse só dado uma passadinha para fazer uma visita social. — Deixa eu te mostrar o lugar.

Heather sentia-se contente por Anne parecer aprovar sua escolha de roupa: jeans limpos, tênis e uma camisa de botões na gola, que tinha pertencido a Bishop, antes que ele a encolhesse por acidente. Ela não queria parecer desleixada, se bem que Anne tinha lhe dito para vestir roupas de bater, e Heather não queria dar a impressão de não ter *dado ouvidos* .

Começaram a caminhar pela casa. Os galos ainda estavam correndo como loucos, e Heather notou um galinheiro do outro lado do quintal, no qual uma dúzia de pintinhos de penas amarelas caminhava, bicando e arrumando as penas sob o sol. Os cães continuavam em sua algazarra. Havia três deles, incluindo Muppet, andando de um lado para o outro, latindo vigorosamente.

— A senhora tem um monte de animais — Heather apontou e na mesma hora se sentiu uma idiota. Ela enfiou as mãos dentro das mangas.

Mas Anne deu risada.

— É horrível, não é? Não consigo parar.

— Então, aqui é, tipo, uma fazenda? — Heather não viu nenhum equipamento de fazenda, mas não conhecia ninguém que tivesse galinhas por diversão.

Outra vez, Anne riu.

— Imagina… Às vezes, eu costumo doar os ovos, mas não produzo coisa nenhuma aqui além de cocô de passarinho, cocô de cachorro, cocô de todos os tipos. — Ela segurou a porta da casa aberta para Heather. Heather pensou que provavelmente passaria o verão inteiro recolhendo merda com uma pá. — Meu marido, Larry, amava os animais — Anne continuou, seguindo Heather para dentro da casa.

Entraram na cozinha mais bonita que Heather já tinha visto. Nem mesmo a cozinha de Nat se comparava. As paredes eram de tons

creme e amarelo; a madeira ocre dos armários tinha descorado até quase ficar branca por causa do sol, que se derramava por duas grandes janelas. Os balcões eram impecáveis. Nenhuma formiga ali. Contra uma parede havia prateleiras organizadas com cerâmicas azuis e brancas e pequenas estatuetas de porcelana: porcos, gatos, asnos e cavalos em miniatura. Heather estava quase com medo de se mexer, como se um passo na direção errada pudesse fazer tudo se quebrar.

— Chá? — Anne perguntou. Heather sacudiu a cabeça. Ela não conhecia ninguém que bebesse chá na vida real, só os britânicos em minisséries de TV .

Anne encheu uma chaleira e a colocou com força sobre o fogão.

— A gente se mudou de Chicago para cá.

— Sério? — Heather perguntou espontaneamente. O mais longe que já havia estado de Carp era Albany. Uma vez, em uma excursão escolar, e outra quando sua mãe teve de comparecer a uma audiência depois de dirigir com a habilitação suspensa. — Como é Chicago?

— Fria — Anne disse. — Congela as bolas do povo durante dez meses por ano. Mas os outros dois são pura alegria.

Heather não respondeu. Anne não parecia ser o tipo de pessoa que falava “bolas”, e Heather acabou gostando um pouco mais dela por isso.

— Larry e eu trabalhávamos vendendo anúncios. Juramos que um dia faríamos uma mudança. — Anne encolheu os ombros. — Então ele morreu, e eu mudei.

Mais uma vez, Heather não disse nada. Ela queria perguntar como Larry tinha morrido e quando, mas não sabia se era apropriado. Não queria que Anne pensasse que ela era obcecada por morte ou algo assim.

Quando a água ferveu, Anne encheu sua caneca e então conduziu Heather de volta pela mesma porta pela qual tinham entrado. Aquilo era engraçado, atravessar o quintal com Anne enquanto o vapor espiralava do chá e se misturava com a neblina suave da manhã. Heather se sentia em um filme sobre uma fazenda em algum lugar distante.

Deram a volta na casa e os cães começaram a latir novamente.

— Calem-se! — exclamou Anne, mas de bom humor. Eles não deram ouvidos. Anne prosseguiu com um fluxo constante de conversa enquanto caminhavam. — Este é o galpão de alimentação — disse ela ao destrancar um dos galpões pequenos, caiados de branco, e empurrar a porta com a mão. — Tento manter tudo organizado para não acabar jogando o grão para os cachorros e enfiando a ração goela abaixo em uma galinha. Lembre-se de desligar as luzes antes de trancar tudo. Não quero nem dizer o valor das minhas contas de luz.

— Aqui é onde ficam as pás e os ancinhos. — Elas estavam em outro galpão. — Baldes, ferraduras, qualquer tipo de tralha que você encontrar por aí e que não pareça se encaixar em nenhum outro lugar. Entendeu? Estou indo rápido demais?

Heather abanou a cabeça e, em seguida, percebendo que Anne não estava olhando para ela, disse:

— Não.

Deu-se conta de que não estava mais nervosa. Na verdade, meio que estava *feliz* , com o sol sobre os ombros e o cheiro da terra escura e molhada em toda parte. Provavelmente um pouco daquele cheiro era merda de animal, mas, para ser sincera, não cheirava tão mal assim — exatamente como coisas crescendo, coisas novas.

Anne mostrou-lhe os estábulos, onde dois cavalos estavam silenciosos na penumbra, como sentinelas protegendo alguma coisa preciosa. Heather nunca tinha estado tão perto de um cavalo, e riu alto quando Anne lhe deu uma cenoura e instruções para dar de comer para a égua preta, Lady Belle, e Heather sentiu o focinho macio, que parecia de couro, e a pressão suave dos seus dentes.

— Eram cavalos de corrida. Os dois se machucaram. Eu os salvei de serem sacrificados com um tiro — Anne comentou com naturalidade enquanto deixavam os estábulos.

— Sacrificados? — Heather repetiu.

Anne fez que sim. Pela primeira vez, ela pareceu demonstrar raiva.

— É o que acontece quando eles não são mais bons para correr. O proprietário encosta uma arma na cabeça deles.

Anne tinha salvo todos os animais de destinos horríveis: os cães e os cavalos da morte, as galinhas e os galos de várias doenças,

quando ninguém mais se importava o suficiente para gastar dinheiro cuidando deles. Havia perus que ela salvara do abate, gatos que tinha resgatado da rua, em Hudson, e até mesmo uma porca barriguda enorme chamada Tinkerbell, que um dia tinha sido magrinha e indesejada. Heather não conseguia imaginar aquele bicho magro em *nenhum* momento da vida dele.

— Tudo o que ela queria era um pouco de amor — Anne disse, passando pelo chiqueiro onde Tinkerbell estava rolando na lama. — Isso e meio quilo de alimento por dia. — Ela riu.

Por fim, chegaram a um cercado alto. O sol tinha finalmente se libertado das árvores e refletia através da névoa que começava a subir. Era quase ofuscante. A cerca envolvia uma área de pelo menos alguns acres de terreno — descampado, na maioria; porções de terra e gramíneas altas, mas algumas árvores também. Heather não viu animal nenhum.

Pela primeira vez em toda a manhã, Anne silenciou. Ela bebericou o chá, apertando os olhos contra o sol, observando através da cerca de arame. Depois de alguns minutos, Heather não conseguiu aguentar mais.

— O que estamos esperando? — perguntou.

— Shhh — Anne disse. — Olhe. Eles estão vindo.

Heather cruzou os braços e engoliu um suspiro. O orvalho tinha empapado seu tênis. Seus pés estavam gelados, e o pescoço estava quente demais.

Ali. Houve um movimento perto de um pequeno grupo de árvores. Ela estreitou os olhos. Uma grande massa escura, que ela havia tomado por uma rocha, se sacudiu. Então se levantou. Ao fazer isso, outra forma emergiu das sombras das árvores, e os dois animais circularam-se antes de trotar graciosamente sob o sol.

Heather sentiu a boca secar.

Tigres.

Ela piscou. Impossível. Mas ainda estavam ali e vinham se aproximando: dois tigres, *tigres* , como desses que a gente encontraria em um circo. Cabeças quadradas gigantescas, garras enormes, corpos musculosos e ondulantes, pelagem que reluzia ao sol.

Anne deu um assobio agudo. Heather pulou. Os dois tigres giraram a cabeça na direção do som, e Heather perdeu o fôlego. Os olhos dos felinos eram opacos, indiferentes e *velhos* — incrivelmente velhos, como se, em vez de olhar para a frente, olhassem para um passado distante.

Eles caminharam com calma até a cerca, chegaram tão perto que Heather deu um passo para trás, de súbito, aterrorizada. Tão perto que ela conseguia sentir o cheiro, o calor do corpo deles.

— Como? — enfim perguntou, não sendo bem o que ela queria dizer, mas servia. Mil pensamentos colidiam em sua cabeça.

— Mais resgates — Anne disse com tranquilidade. — Eles são vendidos no mercado negro. Vendidos, depois abandonados quando ficam grandes demais, ou descartados quando não há ninguém para cuidar deles. — Enquanto falava, ela colocou a mão através de uma abertura na cerca e *acariciou* um dos tigres, como se fosse um gato doméstico superdesenvolvido. Quando viu Heather boquiaberta, Anne riu. — Eles não fazem nada depois que já estão alimentados — ela disse. — Só não tente fazer carinho quando estiverem com fome.

— Eu não… não vou ter que entrar aí, vou? — Heather estava plantada no chão, paralisada de medo e de admiração. Eram tão grandes, estavam tão perto. Um dos tigres bocejou, e ela enxergou a curva acentuada dos seus dentes, brancos como ossos.

— Não, não — Anne respondeu. — Na maioria das vezes, eu só enfio a comida através do portão. Aqui, eu vou te mostrar.

Anne a acompanhou até o portão trancado com corrente e cadeado, que parecia, para Heather, assustadoramente frágil. Do outro lado da cerca, os tigres as seguiam — lânguidos, aparentando agir com naturalidade. Heather, apesar disso, não se deixou enganar. Os predadores eram assim, ficavam sentados na deles, esperando, depois faziam a presa acreditar que estava segura, e então davam o bote.

Ela queria que Bishop estivesse ali. Nat, ela *não* queria. Nat iria surtar. Ela odiava bichos grandes de qualquer tipo. Até mesmo poodles a deixavam nervosa.

Quando deram as costas para o cercado dos tigres e voltaram para a casa, o estômago de Heather começou a desatar o nó,

embora ainda sentisse que os tigres a estivessem vigiando, e não parava de imaginar as garras afiadas retalhando suas costas.

Anne mostrou-lhe onde guardava todas as chaves para os galpões, penduradas em ordem, em ganchos etiquetados no vestiário como ela havia chamado, onde Heather também poderia encontrar botas de borracha de reserva como as que Anne calçava, repelentes de mosquito, tesouras de jardinagem e loções de calamina.

Depois disso, Heather foi trabalhar. Ela começou a alimentar as galinhas enquanto Anne dava instruções de como espalhar a comida, e riu alto quando as aves se amontoaram, bicando desesperadas, como uma única criatura imensa, cheia de penas e muitas cabeças.

Anne mostrou como perseguir os galos para que eles entrassem no galinheiro antes de soltar os cachorros para correr, e Heather ficou surpresa que Muppet parecesse se lembrar dela e imediatamente desse várias voltas ao redor dos tornozelos, como se em saudação.

Então foi a hora de limpar os estábulos (como Heather suspeitou, envolvia cocô de cavalo, mas na verdade não foi tão ruim quanto imaginara) e escovar a pelagem dos cavalos com escovas especiais de cerdas duras. Em seguida, ela ajudou Anne a podar as glicínias que tinham começado a crescer do lado norte da casa. A essa altura, Heather estava suando em abundância, mesmo com mangas arregaçadas. O sol estava alto e quente, e suas costas doíam de ficar se curvando e se levantando.

Mas ela também se sentia feliz — mais feliz do que em muito tempo. Heather quase poderia esquecer que o resto do mundo existia, que ela algum dia tinha levado um pé na bunda de Matt Hepley ou mesmo participado do Salto, para começo de conversa. O Pânico. Ela poderia esquecer o Pânico.

Ficou surpresa quando Anne encerrou o dia, dizendo que era quase uma hora da tarde. Enquanto Heather esperava que Bishop voltasse para buscá-la, Anne preparou um sanduíche de peru com maionese caseira e tomates que tinha cultivado na horta. Heather sentiu receio de sentar à mesa, já que estava tão suja, mas Anne

colocou um lugar para ela e, assim, Heather sentou. Achou que aquilo era a melhor coisa que já tinha comido.

— Ei, vaqueira — Bishop disse quando Heather deslizou para dentro do carro. Ele ainda não tinha tirado a calça do pijama, e fungou fazendo uma grande cena. — Que cheiro é esse?

— Cala a boca — ela retrucou e lhe deu um soco no braço. Ele fingiu se encolher. Enquanto abaixava a janela, Heather se viu de relance no espelho lateral. Seu rosto estava vermelho, o cabelo era uma bagunça e o colo ainda empapado de suor, mas ela ficou surpresa ao descobrir que estava meio que… bonita.

— Como foi? — Bishop perguntou à medida que pegavam o caminho de saída da propriedade. Ele tinha comprado para ela um café gelado na 7-Eleven: muito açúcar, muito creme, do jeitinho que ela gostava.

Ela contou tudo: sobre a porca raquítica que tinha inflado e ficado enorme, os cavalos, as galinhas e os galos. Guardou os tigres para o final. Bishop estava tomando um gole de café e quase engasgou.

— Você sabe que isso é totalmente ilegal, não sabe? — disse ele.

Ela revirou os olhos.

— Assim como a calça que você está usando. Se você não falar nada, eu não falo.

— *Esta* calça? — Bishop fingiu se ofender. — Escolhi essa aqui só pra você.

— Você pode tirá-la só pra mim — Heather disse e então corou, percebendo o duplo sentido.

— A qualquer hora — Bishop emendou com um sorriso. Ela lhe deu um soco de leve. Ainda se sentia borbulhar de felicidade.

Era um percurso de vinte minutos de volta ao centro de Carp, se é que o Motel 6, o correio e a sequência curta de lojas chinfrins e bares pudessem ser contados como um centro de cidade, mas Bishop alegava ter descoberto um atalho. Heather ficou quieta quando viraram em Coral Lake, que não poderia ter um nome mais errado: não havia água à vista para ser lago, nada além de troncos caídos e tocos de árvores queimados, por causa de um incêndio que assolara aquele lugar vários anos antes. A estrada corria paralela à propriedade de Jack Donahue, o que era uma infelicidade.

Heather quase nunca passava por Coral Lake. Jack Rápido no Gatilho era conhecido pela constante embriaguez, por ser meio louco e por ser dono de um arsenal. Sua propriedade era cercada e guardada por cães, e ninguém sabia pelo que mais. Quando a cerca da propriedade entrou no campo de visão, aparecendo do lado direito da estrada, Heather meio que esperava que ele fosse sair de casa e começar a atirar no carro. Mas ele não o fez. Apesar disso, vários cachorros vieram correndo pela propriedade, latindo loucamente. Esses não eram nada parecidos com os de Anne. Eram magros, mal-encarados e rosnavam.

Tinham passado os limites da propriedade de Jack Rápido no Gatilho quando algo chamou a atenção de Heather.

— Pare! — ela quase gritou. — Pare.

Bishop pisou com tudo nos freios.

— O que foi? Jesus Cristo, Heather. Que porra é essa?

Mas ela já estava fora do carro, correndo de volta na direção de um espantalho desmilinguido — pelo menos, *parecia* um espantalho — amontoado no chão, de costas para a cerca de Donahue. O estômago dela se contorceu de medo, e ela teve a sensação estranhíssima de estar sendo vigiada. Havia algo errado com o boneco. Era feito de um jeito grosseiro demais, era *inútil* demais. Não havia nenhuma fazenda daquele lado de Coral Lake, nenhuma razão para um espantalho, ainda mais um que parecia ter sido arremessado do porta-malas de um carro.

Quando ela chegou ao espantalho, hesitou por um segundo, como se de repente ele pudesse ganhar vida e mordê-la.

Então ela estendeu a mão e levantou a cabeça dele, que estava caída para a frente ligada pelo pescoço comprido e repleto de enchimentos.

No lugar de feições, o espantalho tinha palavras escritas nitidamente com caneta sobre a tela em branco do rosto.

SEXTA-FEIRA, MEIA-NOITE.
O JOGO DEVE CONTINUAR.

Sexta-feira,
1º de julho

Dodge

O público era menor sexta-feira à noite; a atmosfera tensa, infeliz. Nervosa.

Não havia cerveja, nem música, nem explosões de riso. Estavam a quinze metros da cerca de Jack Rápido no Gatilho, eram apenas algumas dezenas de pessoas amontoadas em silêncio na estrada, rostos brancos iluminados pelo ocasional clarão dos faróis dos carros que estacionavam.

Quando Bishop desligou o motor, Dodge podia ouvir o som da respiração irregular de Nat. Dodge tinha tentado distraí-la durante todo o trajeto com truques fáceis de mágica, como fazer um coringa aparecer no bolso e uma moeda desaparecer da palma da mão. Então, ele disse:

— É só seguir o plano, beleza? Siga o plano e vai ficar tudo bem.

Nat assentiu com a cabeça, mas parecia enjoada — como se fosse vomitar. Tinha um medo mortal de cachorro, ela comentara. Além disso: de escada, de altura, de escuro e daquela sensação que a gente tem no meio da noite quando dá uma olhada no celular e vê que ninguém mandou mensagem. Na opinião de Dodge, Nat basicamente tinha muito medo de tudo. E, ainda assim, ela havia decidido jogar. Isso o fazia gostar ainda mais dela.

E ela o havia escolhido, Dodge, como seu aliado.

Bishop estava muito calado. Dodge se perguntou no que ele estava pensando. Ele sempre achou Bishop legal, estudado com certeza, mas nada além de um cara grande e burro que seguia Heather por todos os lugares. Mas Dodge estava começando a mudar de ideia. Durante a viagem, os olhos de Bishop tinham

cruzado com os seus por apenas um segundo pelo retrovisor, e Dodge detectou ali algum tipo de aviso.

A noite estava clara e parada. A lua, alta e a meio caminho de se tornar cheia, transformando tudo em silhuetas, desenhando ângulos ao redor da cerca. Ainda assim, estava escuro. Uma lanterna foi ligada e desligada várias vezes, um sinal silencioso. Heather, Bishop, Nat e Dodge caminharam em direção a ela. Dodge teve vontade de pegar a mão de Nat, mas ela estava abraçando o próprio corpo com firmeza.

Pelo menos Dodge teve tempo de planejar, de preparar. Se Nat não tivesse contado a ele sobre o boneco que Heather tinha visto na terça-feira, ele poderia não saber sobre o mais novo desafio até aquela manhã.

O e-mail tinha chegado para todos os competidores simultaneamente do endereço juri@panico.com.

Local: Coral Lake Road
Hora: Meia-noite
Objetivo: Pegar um prêmio da casa.
Bônus: Encontrar a mesa na sala de armas e pegar o que está escondido lá.

— Tudo bem. — Diggin falava baixinho enquanto eles se aproximavam do resto do grupo. Estavam atrasados. — Competidores, um passo à frente.

Foram adiante, ficando na linha de frente do grupo de observadores. Menos competidores, menos espectadores. Depois da batida policial, todos estavam com os nervos à flor da pele. E Coral Lake Road dava má sorte. Jack Rápido no Gatilho era mau — muito mau. Um psicopata, um bêbado e mau.

Dodge sabia que ele não pensaria duas vezes antes de atirar neles.

O feixe de luz de uma lanterna varreu os jogadores, um de cada vez. Parecia que os minutos estavam se transformando em horas. A contagem levou uma eternidade. Dodge via Ray Hanrahan, mascando chiclete ruidosamente, na borda externa do círculo de competidores. Seu rosto estava escondido nas sombras. Dodge sentiu um aperto familiar de raiva. Era estranho como a sensação

não passava; nos últimos dois anos, só parecia estar crescendo, como um câncer no estômago.

— Está faltando Walsh — Diggin disse, por fim. — E Merl.

— Então eles estão fora — alguém disse.

— É meia-noite. — Diggin ainda estava praticamente sussurrando. O vento levantava as folhas das árvores, sibilava para eles, como se soubesse que eles estavam invadindo propriedade alheia. Os cães, no entanto, continuavam em silêncio. Dormindo, ou à espera. — O segundo desafio…

— Segundo desafio? — Zev interrompeu. — E quanto aos castelos d'água?

— Invalidado — Diggin respondeu. — Nem todo mundo pôde competir.

Zev cuspiu no chão, e Heather fez um ruído de protesto. Diggin os ignorou.

— Quando eu disser "já" — ele prosseguiu.

E pausou. Por um momento, parecia que tudo tinha ficado imóvel. Dodge podia sentir o tamborilar lento de seu coração, batendo em algum lugar no oco do tórax. E enquanto continuavam no escuro, esperando, ocorreu-lhe que ali, no meio daquela multidão, estavam os juízes — se escondendo atrás de rostos conhecidos, talvez se divertindo com aquilo.

— Já — Diggin anunciou.

— Já! — Dodge disse a Heather e Nat, ao mesmo tempo. Heather assentiu com a cabeça e pegou a mão de Nat; elas sumiram juntas na escuridão, Nat movendo-se com a perna rígida, ainda mancando de leve, como uma boneca quebrada.

Dodge foi direto para a cerca, seguindo o plano, agindo como se ele já tivesse feito uma varredura no terreno e soubesse o que estava fazendo. E, como previra, várias pessoas correram atrás dele em silêncio, curvados como se, mesmo ali, estivessem sendo vigiadas.

Mas grande parte do grupo não avançou de imediato. As pessoas hesitavam ao ir para a cerca, caminhavam pela extensão, observando, assustadas demais para tentar pular. Eles todos seriam desclassificados por não fazer nada. Apesar disso, permaneceram ali, andando de um lado para o outro, vigiando a casa escura,

espreitando os vultos que escalavam a cerca, tudo em silêncio, exceto um rangido ocasional de metal, um palavrão murmurado e o vento.

Dodge foi o primeiro a escalar a cerca. Havia outros jogadores ao redor dele — pessoas gemendo e respirando com dificuldade, alguém trombando nele —, mas Dodge os ignorou, focado nas fisgadas dos elos da cerca de arame em suas mãos e na respiração, nos segundos que escorriam como água.

Era tudo uma questão de agir no momento certo. Assim como os truques de mágica: planejamento, domínio, a calma sob pressão. Dava para antecipar a reação de outra pessoa; dava para saber o que as pessoas fariam ou diriam, ou como reagiriam, antes mesmo que fizessem qualquer coisa.

Dodge sabia que não demoraria muito até que Donahue aparecesse com um rifle.

No topo da cerca, ele se conteve, mesmo que sua adrenalina estivesse pulsando, dizendo-lhe para continuar. Várias outras pessoas — estava escuro para enxergar rostos — pularam e chegaram no chão primeiro e, embora mal tivessem feito som, a explosão de latidos irrompeu na hora. Quatro cães — não, cinco — vieram com tudo dos fundos da casa, latindo como loucos. Dodge sentia cada segundo como se tivesse um sabor diferente, uma textura diferente do segundo anterior, como instantes individuais passando, um por um, na cabeça dele. Tique. Alguém estava gritando. Pontos seriam perdidos por isso. Taque. Agora só faltavam mais uns segundos até o tiroteio começar. Tique. Heather e Nat já deviam ter chegado ao buraco na cerca àquela altura.

Taque.

Ele se projetou no ar, e sentiu o impacto do chão, e estava em pé e procurando o spray de pimenta dentro do bolso. Ele não seguiu para a frente da casa diretamente, mas, em vez disso, fez uma volta, contornando o pequeno grupo de jogadores, os cães enlouquecidos, rosnando, avançando. Alguns jogadores recuaram, subindo na cerca de novo, tentando voltar para o lado seguro. Mas Dodge continuou em frente.

Tique.

Um cachorro veio até ele. Dodge quase não o viu; o animal estava com as mandíbulas praticamente em volta do seu braço antes que Dodge girasse e espirrasse a pimenta bem no meio do focinho. O cão recuou, ganindo. Dodge continuou em frente.

Taque.

Como esperado, uma luz na casa se acendeu. Houve um rugido — um som que ecoava mesmo sobre o caos e os sons frenéticos de latido — e alguma coisa caiu no chão. Um vulto disparou da porta da frente, noite adentro. Mesmo à distância de cem metros, Dodge ouviu um fluxo de xingamentos que eram uma coisa só.

Putaquepariufilhosdaputamalditosdocaralhosaiamdomeuterrenos eusmerdas…

Então Jack Donahue — barrigudo, sem camisa, vestindo apenas uma cueca frouxa — levantou o rifle e começou a disparar.

Tá. Tá. Tá. Tiros explodiram — mais alto e mais penetrante do que Dodge esperava, a primeira coisa que verdadeiramente o havia pegado desprevenido. Ele nunca tinha estado tão perto de um tiroteio.

No gramado da frente, Jack Rápido no Gatilho continuava aos berros.

Seusmalditoschupadoresfilhosdeumaputavouenterrartodomundo…

Tique.

Agora não demoraria muito. Donahue iria chamar a polícia em algum momento. Ele teria que chamar.

Dodge correu ao redor da casa. Sua respiração prendeu em algum lugar na garganta, como se, cada vez que ele inalasse, o ar fosse de vidro. Não sabia o que tinha acontecido com os outros jogadores, onde estava Ray, se alguém tinha conseguido entrar. Pensou ter ouvido um sussurro no escuro — supôs que Heather e Nat tinham tomado suas posições, como planejado.

Nos fundos da casa havia uma varanda meio apodrecida, lotada de formas escuras — Dodge registrou vagamente uma geladeira antes de avistar a porta de tela distendida, que mal se aguentava nas dobradiças. Os tiros ainda estalavam no ar. Um dois três quatro.

Taque.

Ele não parou para pensar. Ele escancarou a porta.

Estava dentro.

Heather

Heather e Nat chegaram ao lugar onde a cerca se virava para o norte, afastando-se da estrada, bem quando os cães começaram a latir. Assim iriam perder o momento certo para agir. E Dodge estava contando com elas.

— Você tem que andar mais rápido — Heather falou.

— Estou tentando — disse Nat. Heather podia ouvir o esforço na voz dela.

Houve uma torrente de berros do quintal — um grito de dor e o rosnar de um animal enfurecido.

Heather sentiu na garganta os frenéticos batimentos de seu coração. Foco. Foco. Manter a calma.

Alcançaram a parte da cerca que tinham ajeitado no dia anterior. E ninguém as havia seguido. Que bom.

Dodge tinha feito uma porta improvisada na cerca. Heather deu um empurrão firme e a passagem se abriu com um chiado, era um espaço mínimo pelo qual ela poderia se espremer e passar. Nat a seguiu.

De repente, Nat paralisou, os olhos arregalados, horrorizados.

— Estou presa — ela sussurrou.

Heather girou no lugar, impaciente. A manga esquerda de Nat tinha enroscado na cerca. Ela estendeu a mão e puxou-a para soltar.

— Você está livre — ela disse. — Vamos.

Mas Nat não se moveu.

— Eu… não consigo. — Seu rosto esboçava terror. — Eu não estou certa.

— Você não está *o quê* ? — Heather perdia o controle. Dodge iria entrar a qualquer momento; ele esperava que elas ficassem de guarda. Tinham feito um pacto. Ele as estava ajudando; Heather não sabia por que, mas também não se importava.

— Não estou certa. — A voz de Nat era estridente, histérica. Ela ainda estava parada, congelada, como se as duas pernas tivessem se enraizado no chão.

Foi quando Jack Donahue chutou a porta da frente.

Putaquepariufilhosdaputamalditosdocaralhosaiamdomeuterrenos eusmerdas…

— *Vamos* . — Heather agarrou o braço de Nat e puxou forte, ignorando o som dos choramingos, as palavras que ela estava resmungando para si mesma. Contando. Ela estava contando até dez, depois de trás para a frente. Heather cravou as unhas com mais força no braço de Nat, quase querendo machucá-la. Jesus. Eles estavam ficando sem tempo, e Nat estava perdendo a cabeça. Ela não se importava com o tornozelo da amiga, ou que ela estivesse tremendo, engolindo o choro.

Tá. Tá. Tá.

Heather puxou Nat com um tranco e a jogou nas sombras quando Donahue passou correndo com tudo pelo alpendre, arma em punho, disparando. A luz na varanda era branca, meio ofuscante, fazia com que ele parecesse o personagem de um filme. As coxas de Heather estavam tremendo. Ela não viu Dodge. Ela não conseguia distinguir ninguém — apenas sombras entrando e saindo da escuridão, e a luz que se projetava iluminando as costas de Donahue, os caracóis dos pelos sobre seus ombros, a flacidez, o terrível cano de seu rifle.

Onde estava Dodge?

Heather mal conseguia respirar. Ela se pressionou contra a lateral da casa, balançando seu peso sobre os calcanhares, tentando pensar. Havia barulho demais.

E ela não sabia se Dodge já tinha alcançado a casa. E se não tivesse? E se ele tivesse estragado tudo?

— Fique aqui — Heather sussurrou. — Eu vou entrar.

— Não. — Nat virou-se para ela, olhos arregalados, desesperados. — Não me deixe aqui.

Heather a agarrou pelos ombros.

— Em exatamente um minuto, se eu ainda não tiver saído, quero que você volte correndo pro carro. Entendeu? Em exatamente um minuto.

Ela nem sabia se Nat tinha ouvido — e, àquela altura, pouco se importava. Endireitou-se. Seu corpo parecia inchado e desajeitado. E de repente ela registrou várias coisas ao mesmo tempo: os tiros haviam sido disparados, mas já tinham cessado; a porta da frente acabara de se abrir e fechar com um *clique* seco. Alguém tinha entrado.

Imediatamente, seu corpo virou gelo. E se Dodge estivesse *dentro* ? Ela, Heather, era para estar vigiando. Era para ela assobiar se Donahue se aproximasse.

Mas a porta da frente tinha se aberto e se fechado. E ela não tinha assobiado.

Ela já não estava mais pensando. Por instinto, Heather se projetou para a varanda, abriu a porta da frente e passou sorrateiramente pelo corredor, que fedia a suor e a cerveja velha, e era escuro como breu. Donahue tinha acendido uma luz mais cedo — ela havia notado, um mau presságio —, então por que ele a havia apagado? O coração lhe subiu à garganta. Ela estendeu os braços, passando de leve os dedos pelas paredes, posicionando-se no meio do corredor. Engoliu em seco.

Depois deu vários passos adiante e ouviu um farfalhar, o ranger de um passo. Heather congelou, esperando que as luzes fossem se acender a qualquer momento, que o cano de uma arma brilhasse apontado para seu coração. Nada aconteceu.

— Dodge? — ela arriscou sussurrar no escuro.

Passos seguiram rapidamente em sua direção. Ela foi tateando ao longo da parede e bateu em uma maçaneta. A porta se abriu facilmente, e ela saiu do corredor deslizando para o outro cômodo. Fechou a porta com o máximo de silêncio possível, prendendo a respiração. Mas os passos continuaram. Ela ouviu a porta da frente ranger para se abrir e se fechar.

Era Donahue? Dodge? Outro jogador?

Ali, o luar se infiltrava através de uma janela grande, sem cortinas, e a visão súbita fez Heather sugar o ar bruscamente. As paredes estavam cobertas com metal, reluzindo com um brilho

opaco à luz leitosa. Armas. Armas dispostas pelas paredes e até penduradas em cascos de veado fixados no teto. A sala de armas. Ela teve a impressão de que cheirava a pólvora, mas também poderia ser sua imaginação.

O cômodo era um amontoado de bancadas e de poltronas, que, de tão estofadas, espalhavam o enchimento pelo chão. Debaixo da janela, havia uma grande mesa. Heather sentiu como se o ar ali de repente estivesse muito rarefeito; ficou zonza e sem fôlego, ao se lembrar do e-mail que recebera naquela manhã.

Bônus: Encontrar a mesa na sala de armas e pegar o que está escondido lá.

Heather cruzou o cômodo até a mesa, navegando entre a bagunça de objetos. Ela começou pelas gavetas nas laterais — direita e depois esquerda. Nada.

A gaveta central rasa estava frouxa, como se fosse de uso frequente. A arma estava enrolada ali, como um enorme besouro preto, brilhante, em sua carapaça sólida.

O bônus.

Ela colocou a mão ali dentro, hesitou… depois, a apanhou num movimento veloz, como se a arma pudesse mordê-la. Heather sentiu náuseas subindo pela garganta. Ela odiava armas.

— O que está fazendo?

Heather girou no lugar. Viu a silhueta de Dodge, parado perto da porta, estava muito escuro para enxergar seu rosto.

— Shhh — Heather sussurrou. — Fale baixo.

— O que diabos você está *fazendo* ? — Dodge deu dois passos dentro da sala. — Era pra você ficar de vigia.

— Eu estava. — Antes que ela pudesse explicar mais, ele a interrompeu.

— Onde está a Natalie?

— Lá fora — ela disse. — Eu pensei ter ouvido…

— Isso foi algum tipo de truque? — Dodge falou calmamente, mas Heather notou um tom perigoso em sua voz. — Vocês me põem pra fazer o trabalho sujo e depois entram pra pegar o bônus? Pra você levar vantagem?

Heather o encarou.

— *O quê?*

— Não venha me sacanear, Heather. — Mais dois passos e Dodge estava ali, bem na frente dela. — Não minta pra mim.

Ela lutou para conseguir respirar. As lágrimas estavam pressionando o fundo de seus olhos. Sabia que eles estavam falando alto demais. Alto demais. Estava tudo errado. A arma na mão dela dava uma sensação horrível: fria, mas também viva, como uma criatura alienígena que de repente podia rugir à vida.

— O que *você* está fazendo aqui? — ela finalmente disse. — Era pra você nos dar cobertura e se mandar.

— Eu *ouvi* alguma coisa — Dodge retrucou. — Pensei que pudesse ser um dos outros jogadores…

As luzes se acenderam.

Jack Donahue estava parado na porta, olhos selvagens, peito liso de suor. Então ele estava gritando, o cano da arma se voltava para eles, e houve uma explosão de cacos de vidro, então Heather percebeu que Dodge tinha acabado de lançar uma cadeira pela janela. Tudo eram estilhaços, rugidos, borrões.

— Vai, vai, vai! — Dodge gritou, empurrando Heather para a janela.

Heather lançou-se noite adentro. Ela ouviu uma segunda explosão e sentiu estilhaços macios de madeira ao atravessar a janela e uma dor cortar seu braço, em seguida percebeu uma umidade se empapando na axila. Dodge a colocou em pé e os dois correram, fugindo na noite, na direção da cerca, enquanto Jack gritava atrás deles e disparava mais dois tiros no escuro.

Através da cerca — sem fôlego, ofegantes — para a estrada quase deserta. Houve o clarão ofuscante, a ampla varredura de faróis. Heather reconheceu o carro de Bishop. De repente, Nat se materializou na frente dela, iluminada pelas costas, como se fosse o vulto de um anjo.

— Vocês estão bem? — Sua voz era desesperada, urgente. — Vocês estão bem?

— Estamos — Heather respondeu por ambos. — Vamos embora.

Então eles estavam no carro e se movimentando depressa, queimando o chão das estradas vicinais. Por alguns minutos, ficaram em silêncio, ouvindo o som distante das sirenes da polícia.

Heather cerrava os dentes toda vez que passavam em alguma vala na pista. Ela estava sangrando. Um pedaço de vidro tinha cortado a pele macia na parte interna do braço.

Ela ainda estava com a arma. De alguma forma, tinha acabado em seu colo. Heather ficava olhando para ela, desconcertada, meio que em estado de choque.

— Jesus Cristo — Bishop disse, por fim, depois de se afastarem vários quilômetros de lá, e o barulho das sirenes já ter se perdido sob o farfalhar baixo do vento entre as árvores. — Puta merda. Que loucura.

De repente, a tensão se rompeu. Dodge começou a gritar, Nat começou a chorar e Heather abaixou a janela, rindo como uma histérica. Estava aliviada, grata, *viva* — sentada no banco de trás quentinho do carro de Bishop, que cheirava a latas de refrigerante e a chiclete velho.

Bishop contou a eles sobre quase ter se mijado quando Jack Rápido no Gatilho saiu correndo da casa; ele falou que Ray tinha atingido um dos cachorros com uma pedra enorme e o mandado ganindo para o meio da escuridão. Porém, metade das pessoas nem chegou a pular a cerca, e ele achava que Byron Welcher podia ter sido atacado. Era difícil afirmar no escuro, naquele caos.

Dodge contou-lhes sobre ter ficado muito próximo de Donahue; ele achou com toda certeza que ia levar um tiro na cabeça. No entanto, Donahue estava enfurecido e devia estar bêbado. Não conseguia mirar direito.

— Graças a Deus — Dodge concluiu, rindo.

Dodge tinha roubado três itens da cozinha — uma faca de manteiga, um saleiro e um copo com forma de bota de caubói — para provar que tinham entrado na casa. Dodge deu à Nat o copo, à Heather a faca de manteiga e ficou com o saleiro. Ele fez Bishop encostar o carro e colocou o saleiro no painel, para que conseguisse uma boa foto.

— O que você está fazendo? — Heather perguntou. O cérebro dela ainda parecia abafado debaixo de um cobertor molhado.

Dodge passou o celular sem falar nada. Heather viu que ele tinha enviado a foto para juri@panico.com, assunto: PROVA . Heather

estremeceu. Ela não gostava de pensar nos juízes misteriosos — invisíveis, assistindo, julgando-os.

— E a arma? — Dodge perguntou.

— A arma? — Nat repetiu.

— Heather a encontrou — Dodge respondeu em tom neutro.

— Dodge e eu a encontramos ao mesmo tempo — ela disse automaticamente, sem saber por quê. Sentia Dodge olhando fixo para ela.

— Então vocês dois deveriam levar o crédito — Nat disse.

— *Você* tira a foto, Heather — falou Dodge. Sua voz parecia um pouco mais gentil. — Você manda.

Com um dos braços, desajeitadamente, Heather arrumou a faca e o revólver no colo. Seu estômago revirou. Ela se perguntava se a arma estava carregada. Provavelmente. Era muito estranho ter uma arma tão perto. Também era estranho vê-la *apoiada* ali. Heather só tinha um ano quando seu pai se matou — possivelmente com uma arma daquelas. Ela sentia um medo paranoico de que o revólver pudesse disparar sozinho, explodindo a noite em ruído e dor.

Assim que a foto foi enviada, Bishop perguntou:

— O que você vai fazer com a arma?

— Ficar com ela, eu acho. — Mas não gostava da ideia de ter uma arma em casa, à espera, exibindo seu sorriso metálico. E se Lily a encontrasse?

— Você não pode *ficar* com a arma — disse ele. — Você a *roubou* .

— Bom, então o que *devo* fazer com isso? — Heather sentiu o pânico inchar dentro dela. Acabara de invadir a casa de Donahue. De roubar algo que valia muito dinheiro. Pessoas iam presas por merdas assim.

Bishop suspirou.

— Me dá isso, Heather — ele disse. — Eu vou me livrar da arma pra você.

Ela poderia ter lhe dado um abraço. Poderia ter lhe dado um beijo. Bishop guardou a arma dentro do porta-luvas.

Então, todos ficaram em silêncio. O relógio do painel brilhava esverdeado. 1h42. As estradas estavam todas escuras, exceto pelo facho doentio dos faróis. O terreno também estava escuro, em

ambos os lados — casas, trailers, ruas inteiras engolidas pelo negror, como se estivessem viajando através de um túnel sem fim, um lugar sem fronteiras.

Começou a chover. Heather inclinou a cabeça contra a janela. Em algum momento, ela deve ter caído no sono. Sonhou que tinha deslizado pela garganta escura e lisa de um animal, queria fugir cortando a barriga dele, mas a faca de manteiga se transformou em uma pistola e disparou.

Sábado,
2 de julho

No dia seguinte, os anúncios estavam por toda parte: talões rosa de apostas, cartazes debaixo do viaduto, fixados em postos de gasolina e nas janelas da 7-Eleven e do bar Duff's, pendurados entre as lacunas das cercas de arame que ladeavam a Rota 22.

Os folhetos de apostas chegaram até o Estacionamento de Trailers Fresh Pines, carregados nas solas das botas enlameadas, arrebatados nas barrigas metálicas dos caminhões que passavam, antes de fugir ao vento. Eles acharam o caminho até a tranquila rua residencial de Nat. Apareceram, meio úmidos, mergulhados na lama de Meth Row.

Agora restava somente um terço dos competidores. Apenas dezessete tinham chegado até a cerca: desses, dez tinham conseguido pegar alguma coisa da casa de Donahue.

Mas também havia outros avisos. Esses eram em menor quantidade, porém mais notáveis: impresso em folhas grandes de papel brilhante, exibindo o brasão da delegacia do condado de Columbia.

QUALQUER INDIVÍDUO ENCONTRADO PARTICIPANDO DE UM JOGO COMUMENTE CONHECIDO COMO "PÂNICO" ESTARÁ SUJEITO A PROCESSO CRIMINAL.

Em letras menores, as acusações criminais pertinentes estavam enumeradas: "conduta imprudente, destruição de propriedade privada, invasão de domicílio, intenção de cometer lesão corporal, embriaguez e desordem".

Alguém tinha dado com a língua nos dentes, e todos acharam que só podia ser coisa do Cory Walsh, por causa de sua prisão nos castelos d'água, ou de Byron Welcher, que tinha sido atacado

gravemente por um dos pitbulls de Donahue e estava agora no hospital em Hudson. Não havia como chegar a Byron, pelo menos não até ele receber alta, então algumas pessoas desforraram sua raiva em Cory — e ele acabou no hospital também, o rosto espancado até se tornar uma massa roxa ao estilo de um tomate amassado e podre.

Isso ocorreu apenas algumas horas antes de Ian McFadden descobrir através de seu irmão mais velho — um policial — que na verdade não fora *nem* Cory e *nem* Byron, mas uma menina quieta do primeiro ano chamada Reena, cujo namorado tinha acabado de ser eliminado da competição.

Quando o sol estava sangrando no horizonte, todas as janelas do carro de Reena foram destruídas, e sua casa fora coberta com uma camada fina, trêmula e brilhante de ovos, a ponto de parecer encapsulada em uma membrana.

Ninguém acreditou que o Pânico fosse ser interrompido, é claro.

O jogo tinha que continuar.

O jogo sempre continuava.

Segunda-feira,
4 de julho

Dodge

O clima permaneceu lindo — firme e ensolarado: nem calor demais, nem calor de menos — por uma semana inteira após o desafio na casa de Donahue. O Quatro de Julho não foi diferente, e Dodge acordou sentindo a luz do sol banhar seu cobertor azul-marinho, como uma lenta onda branca.

Ele estava feliz. Estava mais do que feliz. Estava entusiasmado. Ia sair com Nat naquele dia.

Sua mãe estava em casa, acordada e preparando o café da manhã. Ele se apoiou no batente da porta e a observou quebrar os ovos direto na frigideira, e depois partir as gemas com a borda de uma espátula de madeira.

— Qual é a ocasião? — ele perguntou. Ainda sentia o cansaço, e o pescoço e as costas estavam doloridos. Dodge tinha trabalhado dois turnos abastecendo as prateleiras depois do fechamento na Home Depot, em Leeds, onde o ex-namorado de sua mãe, Danny, era gerente. Trabalho braçal, mas pagava o suficiente. Agora tinha cem dólares no bolso e poderia comprar um presente para Nat no shopping. Ainda faltavam algumas semanas para o aniversário dela — 29 de julho — mas mesmo assim. Não faria mal a ninguém se ele desse alguma coisinha adiantada.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa. — Ela deixou os ovos fritando, foi até Dodge e lhe deu um grande beijo na bochecha, antes que ele pudesse se afastar. — Por que está de pé tão cedo?

De perto, ele notava vestígios de maquiagem. Então. Ela teve um encontro na noite anterior. Não era à toa que ela estava de bom humor.

— Não queria dormir mais — ele comentou com cautela. E se perguntou se sua mãe admitiria que tinha saído. Quando o encontro era bom, ela admitia.

— Bem a tempo para os ovos. Quer ovos? Está com fome? Estou preparando ovos para a Dayna. — Ela sacudiu a frigideira até os ovos mexidos deslizarem para um prato. Estavam perfeitamente preparados, tremiam com manteiga. Antes que ele pudesse responder, ela abaixou a voz e disse: — Sabe toda essa terapia que a Dayna tem feito? Bom, o Bill disse…

— Bill? — Dodge interrompeu.

A mãe ficou vermelha. No flagra.

— Ele é só um amigo, Dodge.

Dodge duvidava, mas não disse nada.

A mãe prosseguiu falando num fôlego só:

— Ontem à noite ele me levou ao Ca'Mea, em Hudson. Com toalhas de mesa chiques e tudo. Ele bebe vinho, Dodge. Acredita nisso? — Ela sacudiu a cabeça, impressionada. — E conhece alguém, um médico no Columbia Memorial que trabalha com pessoas como a Day. Bill diz que a Dayna precisa seguir um ritmo mais regular, tipo todos os dias.

— Não podemos… — Dodge começou a dizer, mas sua mãe entendeu e terminou por ele.

— Eu *disse* que a gente não podia pagar. Mas ele falou que poderia nos colocar no programa, mesmo sem plano de saúde. Acredita nisso? No *hospital* .

Dodge não disse nada. Já tinham alimentado esperanças antes — médico novo, tratamento novo, alguém que poderia ajudar. E algo sempre dava errado. Um cano estourava e o fundo de emergência era esvaziado para substituí-lo; ou o doutor era um charlatão. Da única vez que haviam conseguido uma consulta em um hospital de verdade, o médico olhara para Dayna durante cinco minutos, fizera testes de nervos, batera no joelho, apertara os dedos dos pés e então ele se levantara.

— Impossível — dissera, parecendo irritado, como se estivesse zangado com eles por terem desperdiçado seu tempo. — Acidente de carro, certo? Meu conselho é: entrem na fila para conseguir uma cadeira melhor. Não tem motivo nenhum para ela ficar se

locomovendo com essa lata velha. — E chutou de leve a cadeira de rodas, a cadeira de quinhentos dólares pela qual Dodge tinha se danado durante um outono inteiro tentando comprar, enquanto sua mãe chorava, enquanto Dayna ficava enrolada à noite inteira na cama, em posição fetal, apática.

— Então você quer ovos ou não? — perguntou a mãe dele.

Dodge abanou a cabeça.

— Não estou com fome. — Ele pegou o prato de Dayna, apanhou um garfo e levou as duas coisas para a sala de estar. Ela estava com a cabeça para fora da janela aberta, e, ao entrar, ele a ouviu gritar: “Vai sonhando!”, e então uma explosão de riso vinda de baixo.

— O que foi isso? — perguntou à irmã.

Ela girou bruscamente e ficou de frente para ele. Dayna corou.

— Só o Ricky, falando bobagem — ela respondeu e pegou o prato. Ricky trabalhava na cozinha da Dot’s e sempre mandava presentes para Dayna, flores baratas, compradas no posto de gasolina; miniaturas de ursos de pelúcia. Ricky não era má pessoa.

— Por que você está me encarando? — Dayna quis saber.

— Não estou encarando — Dodge respondeu. Ele se sentou ao lado dela e lhe puxou os pés sobre o colo para começar a massagear as panturrilhas com os nós dos dedos, como sempre fazia. Para que ela voltasse a andar. Para que ela continuasse acreditando.

Dayna comeu depressa, os olhos voltados para o prato. Ela o estava evitando. Por fim, sua boca se curvou em um sorriso.

— Ricky disse que quer se casar comigo.

— Você devia aceitar — Dodge afirmou.

Dayna sacudiu a cabeça.

— Louco. — Ela estendeu a mão para socar de leve o ombro de Dodge, e ele fingiu que tinha doído. Naquele momento ele foi dominado por uma onda de felicidade.

Seria um bom dia.

Dodge tomou banho e se vestiu com capricho — tinha até se lembrado de colocar a calça jeans na máquina de lavar, por isso ela estava com boa aparência, limpa, impecável — e pegou o ônibus até o bairro de Nat. Eram apenas dez e meia, mas o sol já estava alto, pairando no céu como um único olho. Tão logo Dodge virou na

rua de Nat, sentiu que estava entrando em um aparelho de TV , como se estivesse em um daqueles seriados de 1950, nos quais sempre tinha alguém lavando um carro na garagem, e as mulheres usavam avental e cumprimentavam os carteiros.

Só que ali não havia nenhum movimento, não havia vozes, não havia gente transportando lixo ou batendo as portas. Era uma calmaria quase grande demais. Essa era uma questão sobre viver nos fundos da Dot's: alguém estava sempre gritando *alguma coisa* . Era meio que reconfortante de certa forma, como um lembrete de que não se era o único tendo problemas.

Nat o esperava na varanda da frente. O estômago de Dodge afundou assim que ele a viu. Os cabelos estavam presos num rabo de cavalo lateral baixo, e ela vestia uma coisa que parecia um macacão amarelo de babados, com camiseta e bermuda acoplados que ficaria idiota em qualquer outra pessoa, mas nela parecia incrível, como se Nat fosse algum tipo de picolé exótico em tamanho natural. Ele não conseguia evitar o pensamento de que quando ela precisasse usar o banheiro teria que tirar toda a roupa.

Ela se levantou, acenando para ele, como se Dodge pudesse *não* vê-la, vacilando ligeiramente sobre os grandes saltos Anabela. Ela não estava mais usando a bandagem no tornozelo, mesmo que ele soubesse que ela havia se machucado de novo na fuga da casa de Donahue. Dodge notou que ela ainda se encolhia de leve quando andava, embora estivesse tentando não demonstrar.

— Bishop e Heather saíram para buscar cafés gelados — ela disse enquanto ele se aproximava e fazia seu melhor para não andar muito depressa. — Eu disse pra eles trazerem pra gente também. Você bebe café?

— Eu atiraria em alguém por um café, se precisasse — ele disse, e ela riu. O som fez com que seu corpo inteiro incendiasse, mesmo que ele ainda sentisse um desconforto estranho e formigante na companhia dela, como se estivesse em um daqueles desenhos em que se procura o elemento estranho. Em uma das janelas do térreo, uma cortina se mexeu, e um rosto apareceu e desapareceu depressa demais para Dodge ver o que era.

— Alguém está espiando a gente — ele disse.

— Deve ser o meu pai. — Nat acenou com desdém. — Não se preocupe. Ele é inofensivo.

Dodge se perguntou como seria ter um pai assim — em casa, por perto, algo tão presente e certo que a gente pudesse dispensá-lo com um aceno. O pai de Dayna, Tom, tinha chegado a se casar com a mãe de Dodge — só por dezoito meses e só porque a mãe de Dodge tinha ficado grávida. O pai dela mandava e-mails regularmente e dinheiro todos os meses e, às vezes, até vinha visitar.

Dodge nunca tinha ouvido uma palavra de seu pai, nem um único pio. Tudo o que ele sabia era que trabalhava com construção e tinha vindo da República Dominicana. Ele se perguntou, por apenas uma fração de segundo, o que seu pai estaria fazendo naquele momento. Talvez estivesse vivo e bem, ainda na Flórida. Talvez houvesse finalmente fincado raízes e tivesse um batalhão de crianças correndo ao seu redor, com olhos escuros como os de Dodge, com as mesmas maçãs do rosto salientes.

Ou talvez, melhor ainda, tivesse sofrido uma enorme queda de um andaime alto e aberto a cabeça.

Quando Bishop e Heather voltaram a bordo de mais uma das latas velhas de Bishop — que sacudia e balançava muito, dando a impressão de que o carro desistiria deles antes que chegassem ao shopping —, Dodge abriu a porta para Nat e a ajudou a subir no banco de trás.

— Você é tão fofo, Dodge — ela disse e o beijou na bochecha, parecendo quase com pena.

O trajeto até Kingston foi bom. Dodge tentou pagar Bishop pelo café gelado, mas o garoto dispensou a oferta com um aceno. Heather conseguiu encontrar uma estação decente no rádio remendado, e eles ouviram Johnny Cash até Nat implorar por algo que tivesse sido gravado *neste século* . Nat fez Dodge apresentar truques de mágica de novo e, dessa vez, ela riu quando ele fez um canudo se materializar do cabelo dela.

O carro cheirava a tabaco velho e hortelã, como a gaveta de cuecas de um velho, o sol entrava através das janelas, e todo o estado de Nova York parecia iluminado por um brilho especial, interior. Dodge sentiu, pela primeira vez desde que se mudara para

Carp, pela primeira vez na vida, como se pertencesse a algum lugar. Ele se perguntava como os últimos anos poderiam ter sido diferentes se ele tivesse convivido com Bishop e Heather, se tivesse namorando Nat, pegando-a em casa para levá-la ao cinema, às sextas-feiras, dançando com ela no ginásio no baile.

Teve que enfrentar uma onda de tristeza. Nada daquilo iria durar. Não poderia durar.

Dodge já tinha passado de carro pelo Shopping Hudson Valley em Kingston, mas nunca entrado. O teto era equipado com grandes claraboias, o que fazia o piso de linóleo muito limpo parecer brilhar. O ar cheirava a spray corporal e aos saquinhos de essência que sua mãe colocava na gaveta de calcinhas dela.

Mas, na maior parte, cheirava a água sanitária. Tudo era branco, como em um hospital, como se todo o edifício tivesse sido mergulhado em Clorox. Ainda era muito cedo e havia pouca gente. As botas de caubói de Dodge ecoavam ruidosamente no chão conforme ele andava, e ele esperava que Nat não achasse aquilo irritante.

Uma vez lá dentro, Nat consultou um pequeno panfleto que havia retirado da bolsa e anunciou que iria se encontrar com o grupo em uma hora, mais ou menos, na frente do Taco Bell, na praça de alimentação.

— Você está indo *embora* ? — Dodge perguntou de repente.

Nat olhou para Heather em busca de ajuda.

Heather entrou no jogo:

— Nat tem um teste.

— Um teste pra quê? — Dodge perguntou. Ele queria não parecer tão chateado. Nat começou a corar imediatamente.

— Você vai rir de mim — ela disse. O coração dele praticamente foi dilacerado. Como se ele, Dodge Mason, fosse algum dia *sonhar* em tirar sarro de Natalie Velez.

— Não vou rir — ele disse em voz baixa. Bishop e Heather já estavam se afastando. Bishop brincou que ia enfiar Heather dentro da fonte. Ela deu um gritinho e bateu nele com o punho.

Sem palavras, Nat passou o folheto. O projeto era caseiro. A fonte era praticamente ilegível.

PROCURA-SE: MODELOS E ATRIZES PARA ENCENAR
THE BEST AND THE BRIGHTEST NA DAZZLING GEMS!
TESTES: SÁBADO, 11H30, NO SHOPPING HUDSON VALLEY.
EXIGÊNCIA: TER 18 ANOS OU MAIS.

— Seu aniversário é no dia 29, não é? — Dodge perguntou, esperando que pudesse ganhar pontos extras por se lembrar.

— E daí? É só daqui a três semanas — disse Nat, e ele se lembrou de que ela era uma das mais novas de sua classe. Ele devolveu o folheto, e ela o enfiou na bolsa como se estivesse envergonhada de ter mostrado. — Achei que não custava tentar.

Você é linda, Natalie , ele queria dizer, mas tudo o que conseguiu foi:

— Eles seriam idiotas se escolhessem outra pessoa.

Ela abriu um sorriso tão amplo que ele pôde ver todos os dentes perfeitos, acomodados em sua boca perfeita como pequenos docinhos brancos. Ele esperava que ela lhe desse outro beijo na bochecha, mas Nat não fez isso.

— Não vai demorar mais do que uma hora ou duas — ela disse. — Provavelmente menos.

E então se foi.

Dodge ficou de mau humor. Foi andando atrás de Bishop e Heather por algum tempo, porém, mesmo que ambos fossem muito legais, era claro que os dois queriam ficar sozinhos. Eles tinham a própria linguagem, as próprias piadas. Também estavam constantemente se tocando — se pegando e se empurrando, beliscando e abraçando, como crianças flertando num parque de diversões. Jesus. Dodge não sabia por que eles não se assumiam de uma vez. Era óbvio que estavam loucos um pelo outro.

Ele inventou uma desculpa de querer comprar uma coisa para a irmã e saiu do shopping — Bishop pareceu vagamente surpreso ao saber que Dodge tinha uma irmã. Fumou três cigarros seguidos no estacionamento, que começava a encher. Olhou suas mensagens algumas vezes, esperando que Nat já tivesse mandado alguma coisa. Não tinha. Então começou a se sentir idiota. Estava com todo aquele dinheiro e planejava comprar um presente para ela. Só que não era um encontro. Era? O que ela *queria* dele? Dodge não sabia.

Lá dentro, ele ficou vagando sem rumo. O shopping não era tão grande assim — apenas um piso — e não havia nenhum carrossel, o que o tinha decepcionado. Certa vez, ele tinha andado de carrossel com Dayna num shopping em Columbus — ou foi Chicago? Tinham corrido ao redor do brinquedo, tentando andar em cada um dos cavalos antes que a música parasse, gritando como caubóis.

A lembrança o deixou feliz e triste ao mesmo tempo. Foi preciso um instante para perceber que estava parado acidentalmente na frente da Victoria's Secret. Uma mãe e sua filha o encararam com recriminação. Ele devia estar parecendo um pervertido. Virou-se rapidamente, resolvendo ir até a Dazzling Gems para ver se Nat já havia terminado o que estava fazendo lá. Afinal, já havia se passado quase uma hora.

A Dazzling Gems ficava do outro lado do shopping. Ele ficou surpreso ao ver uma longa fila serpenteando do lado de fora da boutique: meninas à espera do teste, todas bronzeadas e vestindo quase nada, empoleiradas como antílopes sobre saltos absurdamente altos, e nenhuma delas era nem de perto tão bonita quanto Nat. Eram todas bregas, ele achou.

Então ele a viu. Ela estava esperando bem em frente às portas da boutique, falando com um rapaz mais velho com uma cara que lembrava uma doninha. Seu cabelo era oleoso e ralo em cima; Dodge enxergava porções desiguais do couro cabeludo. Ele usava um terno barato, que parecia gorduroso e surrado.

Naquele segundo, Nat virou-se e avistou Dodge. Ela deu um grande sorriso, acenou e abriu caminho em direção a ele. Doninha desapareceu na multidão.

— Como foi? — Dodge perguntou.

— Idiota — ela disse. — Eu nem consegui chegar às portas. Eu esperei na fila por, tipo, uma hora, e mal entraram três pessoas. Então, uma mulher veio para verificar as identidades. — Ela disse isso em tom alegre, apesar de tudo.

— Então, quem era? — Dodge perguntou com cuidado. Não queria que ela pensasse que ele estava com ciúme do Doninha, mesmo que ele meio que estivesse.

— Quem? — Nat piscou.

— Aquele cara com quem você estava falando agora mesmo — disse ele. Dodge notou que Nat estava segurando alguma coisa. Um cartão de visita.

— Ah, ele. — Nat revirou os olhos. — Um olheiro. Ele disse que gostou do meu visual. — O tom era casual, como se não fosse nada de mais, porém ele notou que ela estava entusiasmada.

— Então… ele apenas, tipo, sai por aí distribuindo cartões? — Dodge perguntou.

De cara, ele percebeu que a tinha ofendido.

— Não é simplesmente distribuir cartões pra qualquer um — ela disse, rígida. — Ele entregou pra *mim* . Porque ele gostou do meu rosto. A Gisele foi descoberta em um shopping.

Dodge não achou que Doninha se parecia em nada com um olheiro de agência — e por que um agente estaria rondando um shopping em Kingston, Nova York, afinal de contas? —, mas ele não sabia como dizer isso sem ofendê-la ainda mais. Não queria que Nat pensasse que ele não a achava bonita o suficiente para ser modelo, porque ele achava. Só que modelos eram altas e ela era baixa. Se não fosse por esse detalhe, ela seria, sem a menor dúvida.

— Tenha cuidado — ele disse, porque não conseguiu pensar em mais nada para dizer.

Para seu alívio, ela riu e emendou:

— Eu sei o que estou fazendo.

— Vem. Vamos comer alguma coisa. Estou morrendo de fome.

Nat não gostava de andar de mãos dadas, porque ela se sentia “desequilibrada”, mas caminhava perto dele, seus braços quase se tocavam. Ocorreu-lhe que qualquer um que olhasse para os dois acharia que estavam juntos, como namorado e namorada, e ele sentiu uma onda repentina de felicidade insana. Não tinha ideia de como isso tinha acontecido — ele estava andando ao lado de Nat Velez como se pertencessem àquele lugar, como se ela fosse a garota dele. Ele pensou, vagamente, que tinha algo a ver com o Pânico.

Encontraram Bishop e Heather discutindo se iriam comer no Sbarro ou no East Wok. Enquanto eles chegavam a um acordo, Dodge e Nat concordaram facilmente em ir ao Subway. Ele pagou o

almoço dela — um sanduíche de frango, que ela mudou no último segundo para uma salada ("só para garantir", ela disse de forma enigmática) — e uma Coca diet. Eles encontraram uma mesa vazia e se sentaram, enquanto Heather e Bishop pegavam a fila no Taco Bell, com o qual eles finalmente concordaram.

— Então, qual é a deles? — Dodge perguntou.

— A do Bishop e da Heather? — Nat deu de ombros. — Melhores amigos, imagino. — Ela bebeu o refrigerante com goladas ruidosas. Ele gostava do jeito como ela comia: sem prestar atenção em si mesma, ao contrário de algumas garotas. — Se bem que eu acho que o Bishop tem uma queda por ela.

— É o que parece — falou Dodge.

Nat inclinou a cabeça, olhando para ele.

— E você?

— Eu o quê?

— *Você* tem uma queda por alguém?

Dodge tinha acabado de morder um pedaço grande do sanduíche; a pergunta foi tão inesperada que ele quase engasgou. Dodge não conseguiu pensar em nada para dizer que não fosse patético.

— Eu não… — Ele tossiu e tomou um gole de Coca. Jesus. Seu rosto estava queimando. — Quer dizer, eu não…

— Dodge — ela o interrompeu. Sua voz de repente tinha ficado séria. — Eu queria que você me beijasse agora.

Ele tinha acabado de mandar para dentro um sanduíche de almôndegas, mas a beijou mesmo assim. O que mais ele poderia fazer? Dodge sentiu o ruído dentro da cabeça, o barulho em torno deles, inchando-se, tornando-se um clamor; ele adorou o beijo dela, como se Nat ainda estivesse com fome, como se quisesse devorá-lo. Uma onda de calor lhe varreu o corpo e, por um segundo, ele experimentou um choque louco de ansiedade: devia estar sonhando.

Ele a segurou na nuca, e ela se afastou apenas o suficiente para dizer:

— As duas mãos, por favor.

Depois disso, o ruído na cabeça silenciou. Ele se sentiu totalmente relaxado, e a beijou de novo, mais devagar desta vez.

No caminho de casa, ele quase não disse nada. Sentia-se mais feliz do que nunca e temeu dizer ou fazer qualquer coisa que pudesse arruinar o momento.

Bishop deixou Dodge primeiro. Dodge tinha prometido assistir aos fogos de artifício na TV com Dayna naquela noite. Ele não sabia se deveria beijar Nat de novo — estava martelando nesse pensamento —, mas ela resolveu o problema quando o abraçou, o que seria decepcionante não fosse o fato de ela ter se encostado nele no carro e ele poder sentir os seios dela pressionados contra seu peito.

— Valeu, cara — ele disse a Bishop, que lhe deu um soquinho de despedida. Como se fossem amigos.

Talvez fossem.

Ele olhou o carro se afastar, mesmo depois de já não conseguir mais enxergar a silhueta de Nat no banco de trás, até que o carro desapareceu para além de uma colina, e restou apenas o ruído distante e gutural do motor. Ainda assim, ele ficou parado na calçada, relutante em entrar, em voltar para junto de Dayna e da mãe e para o espaço estreito do quarto dele, abarrotado de pilhas de roupas e maços vazios de cigarro, cheirando levemente a lixo.

Ele só queria ser feliz por mais um pouco de tempo.

O celular apitou. Era um e-mail. Seu coração acelerou. Reconhecia o remetente.

Luke Hanrahan.

A mensagem era curta.

Nos deixe em paz. Eu vou à polícia.

Dodge leu a mensagem várias vezes, gostando dela, enxergando desespero nas entrelinhas. Andava se perguntando se Luke tinha recebido sua mensagem; pelo jeito, sim.

Dodge girou a tela e releu o e-mail que tinha enviado uma semana antes.

As apostas foram feitas. O jogo começou.
Vou propor uma troca:
As pernas de uma irmã pela vida de um irmão.

Sob o sol que desvanecia, Dodge se permitiu sorrir.

Heather

Tinha sido um bom dia — um dos melhores de todo o verão até o momento. Pela primeira vez, Heather conseguiu evitar pensar no futuro, e o que aconteceria no outono, quando Bishop iria para a Universidade do Estado de Nova York, e Nat iria para Los Angeles em busca da carreira de atriz. Talvez, Heather pensou, ela pudesse apenas permanecer na casa de Anne, como uma espécie de auxiliar. Talvez ela até pudesse se mudar para lá. Lily também poderia ir, daí dividiriam um quarto em um dos galpões.

Claro que isso significava que ela ainda continuaria presa em Carp, mas pelo menos sairia do Estacionamento de Trailers Fresh Pines.

Heather gostava de Anne e gostava especialmente dos animais. Tinha ido até Mansfield Road três vezes em uma semana e já estava ansiosa para voltar. Ela gostava do cheiro da palha molhada, do couro velho e da grama, que pairava sobre tudo; gostava de como o cachorro, Muppet, a reconhecia e gostava do cacarejar animado das galinhas.

Ela decidiu que também gostava dos tigres — pelo menos a distância. Era fascinada pela maneira como eles se moviam, músculos ondulando como a superfície da água, e por seus olhos, que pareciam tão sábios — tão melancólicos também, como se tivessem olhado para o centro do universo e achado decepcionante, um sentimento que Heather entendia perfeitamente.

Mas ela ficava feliz em deixar Anne cuidar da alimentação. Não acreditava na audácia da mulher. Ainda bem que Anne era velha demais para jogar Pânico, pois ela teria tirado de letra. Anne, diga-

se de passagem, *entrava* no cercado dos tigres e ficava a um metro deles. Os animais a circundavam, espiando o balde de carne avidamente —, embora Heather tivesse certeza de que eles ficariam felizes da mesma forma se mordessem um naco da cabeça de Anne. Mas ela insistia que eles não a machucariam.

— Contanto que eu esteja tratando deles — ela falou —, eles não vão me usar como comida.

Talvez — apenas talvez — as coisas ficariam mesmo bem.

A parte ruim do dia era o fato de que Bishop estava constantemente olhando no celular; Heather achava que era em busca das mensagens de Avery. Isso a lembrava de que Matt não tinha enviado mensagem desde que terminaram. Enquanto isso, Bishop tinha Avery (Heather não pensaria nela como namorada), e Nat tinha Dodge, vidrado em cada palavra dela, e ainda estava saindo com um barman em Kingston, um tipo desprezível que andava de Vespa, o que Nat insistia que era tão legal quanto uma moto. Tá bom…

Mas depois que deixaram Dodge, Nat perguntou:

— A Avery vem esta noite, Bishop? — E quando ele respondeu que não, quase depressa demais, Heather sentiu-se em paz com o mundo.

Nat os fez pegar um desvio para que ela pudesse comprar uma caixa de cerveja; então foram para a 7-Eleven e compraram *junk food* de Quatro de Julho: Doritos com molho, donuts com cobertura de açúcar e até mesmo um pacote de torresmo, porque era engraçado e Bishop corajoso tinha se candidatado para comer um pouco.

Dirigiram-se para um declive íngreme e estéril, de cascalho e concreto quebrado, que descia até a antiga linha de trem, agora vermelha de ferrugem e cheia de lixo. O sol estava começando a se pôr. Foram caminhando com cuidado ladeira abaixo e entre os trilhos, e Bishop procurou o melhor lugar para acender os fogos.

Era uma tradição. Havia dois anos, Bishop tinha conseguido surpreender Heather, pois comprara dois sacos de vinte quilos de areia mista na Home Depot para fazer uma praia. Ele tinha até mesmo levado canudos em espiral e aqueles guarda-chuvinhas de

papel para colocar nas bebidas, assim ela se sentiria como se estivessem em algum lugar tropical.

Nesse Quatro de Julho, Heather não teria escolhido estar em nenhum outro lugar em todo o mundo. Nem mesmo no Caribe.

Nat, já bebia a segunda cerveja e estava ficando alegre. Heather também pegou uma e, mesmo que em geral não gostasse de beber, se sentiu feliz e quentinha. Ela tropeçou em uma ripa solta nos trilhos e Bishop a pegou, enlaçando um braço na cintura dela. Heather ficou surpresa que ele fosse tão sólido, tão forte. Tão quente, também.

— Tudo bem aí, Heathbar? — Quando ele sorriu, suas duas covinhas apareceram, e Heather teve a ideia mais maluca: queria beijá-las, mas logo baniu o pensamento. Era *por isso* que não bebia.

— Estou bem. — Ela tentou se afastar. Bishop subiu o braço para os ombros dela. Heather sentia o cheiro da cerveja na sua respiração. Ela se perguntava se ele também estava um pouquinho bêbado. — Anda, tira as mãos de mim — ela falou de brincadeira, mas não estava a fim de brincar.

Nat ia perambulando na frente, chutando pedrinhas. A escuridão estava caindo, e Heather notou que seu coração batia forte no peito. Por um momento, sentiu como se estivesse sozinha com Bishop. Ele a estava olhando com uma expressão que ela não conseguia identificar. Um calor espalhou-se pela barriga dela. Estava nervosa sem motivo.

— Tire uma foto. Vai durar mais tempo — ela disse, e lhe deu um empurrão.

O momento passou. Bishop riu e avançou; ela se desviou.

— Crianças, crianças. Parem de brigar! — Nat falou por cima dos ombros.

Eles encontraram um lugar para detonar os fogos. O de Nat chiou e estalou antes que ela pudesse acendê-lo do jeito certo. Heather tentou em seguida. Quando deu um passo à frente com o isqueiro, houve uma série de estalos, e ela pulou para trás, confusa com o pensamento de que tinha estragado tudo. Mas então percebeu que não havia nem acendido o isqueiro.

— Olhe, olhe! — Nat estava saltando no lugar, ansiosa.

Heather se virou bem na hora que uma série de fogos de artifício — verdes, vermelhos, uma chuva de faíscas douradas — explodiu no leste, logo acima da linha das árvores. Nat estava rindo como uma louca.

— Que diabos é isso? — Heather sentia-se zonza de felicidade e confusão. Ainda nem estava totalmente escuro, e nunca havia fogos de artifício em Carp. Os fogos mais próximos seriam em Poughkeepsie, a cinquenta minutos dali, em Waryas Park, onde Lily estaria com a mãe delas e Bo naquele momento.

Só Bishop não parecia animado. Seus braços estavam cruzados, e ele estava balançando a cabeça à medida que prosseguiam: mais dourado, e agora azul e vermelho de novo, florescendo e desvanecendo, sugados de volta para o céu, deixando vestígios na forma de tentáculos de fumaça. E assim que Nat começou a correr, meio mancando, mas ainda rindo, ela falou:

— Vamos, vamos! — Como se eles pudessem correr direto para a fonte, Heather se deu conta: aquilo não era uma celebração.

Era um sinal.

A distância, sirenes começaram a tocar. O show foi interrompido abruptamente: dedos fantasmagóricos de fumaça rastejaram silenciosamente pelo céu. Por fim, Nat parou de correr. Virando-se bruscamente para encarar Heather e Bishop, ela disse:

— Quê? O que foi isso?

Heather estremeceu, embora não estivesse com frio. O ar cheirava a fumaça, e a sirene dos caminhões de bombeiros ecoou nos ouvidos dela, aguda, quente.

— É o próximo desafio — ela disse. — É o Pânico.

Acabava de passar das onze da noite quando Bishop deixou Heather em frente ao trailer. Agora ela desejava que não tivesse bebido cerveja — estava se sentindo exausta. Bishop tinha ficado em silêncio desde que Nat saíra do carro.

Então, ele se virou para ela e disse abruptamente:

— Eu ainda acho que você deveria parar, você sabe.

Heather fingiu que não sabia do que ele estava falando.

— Parar o quê?

— Não se faça de boba. — Bishop esfregou a testa. A luz que brilhava no carro, vinda da varanda, iluminava o perfil de Bishop: a linha reta de seu nariz, a mandíbula. Heather percebeu que ele não era mais um menino. De alguma forma, quando ela não estava olhando, ele se tornara homem. Alto e forte, com um queixo teimoso, uma *namorada* e opiniões dais quais ela não compartilhava. Ela sentiu uma dor no estômago, uma sensação de perda e uma sensação de querer. — O jogo só vai ficar cada vez mais perigoso, Heather. Não quero que você se machuque. Eu nunca me perdoaria se… — Ele parou de falar, balançando a cabeça.

Heather pensou naquela mensagem horrível que tinha recebido. *Pare agora, antes que se machuque.* Sentiu uma raiva brotar no peito. Por que diabos todo mundo insistia para que ela não competisse?

— Pensei que você estivesse torcendo por mim.

— E estou. — Bishop virou-se de frente para ela. Estavam muito perto um do outro no escuro. — Mas não assim.

Por um segundo, continuaram a se encarar. Os olhos dele eram luas escuras. Os lábios a poucos centímetros dos dela. Heather percebeu que continuava pensando em beijá-lo.

— Boa noite, Bishop — ela disse e saiu do carro.

Lá dentro, a TV estava ligada. Krista e Bo, deitados no sofá, assistiam a um velho filme em preto e branco. Bo, sem camisa, e Krista fumava. Na mesinha de centro, havia garrafas de cerveja vazias. Heather contou dez.

— Olá, Heather Lynn. — Krista apagou a bituca do cigarro. Errou o cinzeiro na primeira tentativa. Tinha os olhos vidrados. Heather mal podia olhar para ela. Era melhor que Krista não tivesse aprontado por aí e dirigido com Lily no carro; Heather iria matá-la. — Onde você estava?

— Lugar nenhum — Heather respondeu. Ela sabia que a mãe não se importava de verdade. — Cadê a Lily?

— Dormindo. — Krista enfiou a mão debaixo da blusa e se coçou. Sua atenção focada na TV . — Grande dia. Vimos fogos de artifício.

— Atolado de gente — Bo entrou na conversa. — Tinha fila até pros malditos banheiros.

— Vou dormir — Heather falou, nem se esforçando para tentar ser legal. Krista estava bêbada demais para lhe dar um sermão. — Abaixa o volume da TV , tá?

Foi difícil abrir a porta do quarto; ela percebeu que Lily tinha enrolado um dos moletons e enfiado no vão entre a porta e o assoalho empenado, para ajudar a se isolar do barulho e da fumaça. Heather é que tinha ensinado o truque. Estava quente no quarto, mesmo com a janela aberta e um pequeno ventilador portátil zunindo ritmado sobre a cômoda.

Ela não acendeu a luz. Entrava um pouquinho de luar pela janela, mas, de qualquer forma, ela poderia se orientar no quarto pelo toque. Tirou a roupa, deixou tudo amontoado no chão e subiu na cama, empurrando os cobertores; usou apenas o lençol para se cobrir.

Achou que Lily estivesse dormindo, mas, de repente, ouviu um farfalhar na bicama.

— Heather? — ela sussurrou.

— Uh-hu?

— Você pode me contar uma história?

— Que tipo de história?

— Uma do tipo feliz.

Fazia muito tempo que Lily tinha pedido uma história. Heather então contou uma versão de uma de suas favoritas: *As doze princesas bailarinas* . Só que, em vez de princesas, ela transformou as meninas em irmãs normais, que viviam em um castelo caindo aos pedaços, com uma rainha e um rei vaidosos e estúpidos demais para cuidar delas. Mas elas encontravam um alçapão que levava até um mundo secreto, onde elas *eram* princesas e todos as mimavam.

Quando a história acabou, Lily estava respirando lenta e profundamente. Heather rolou e fechou os olhos.

— Heather!

A voz de Lily estava embargada pelo sono. Heather abriu os olhos novamente, surpresa.

— Você deveria estar dormindo, Billy.

— Você vai morrer?

A pergunta foi tão inesperada que Heather não respondeu por alguns segundos.

— É claro que não, Lily — ela disse em tom sério.

O rosto de Lily estava meio amassado no travesseiro.

— A Kyla Anderson diz que você vai morrer. Por causa do Pânico.

Heather sentiu uma corrente de medo lhe percorrer — medo e algo mais, algo mais profundo e mais doloroso.

— Como você soube do Pânico? — ela perguntou. Lily murmurou alguma coisa. Heather insistiu. — Quem te falou sobre o Pânico, Lily?

Mas Lily estava dormindo.

*

A casa Graybill era assombrada. Todos em Carp sabiam. Fazia meio século que o assunto era comentado, desde que o último dos Graybill tinha se enforcado nas vigas da casa, assim como seu pai e seu avô antes dele.

A maldição Graybill.

Ninguém vivia na casa oficialmente havia mais de quarenta anos, embora às vezes houvesse invasores e fugitivos que se arriscavam. Ninguém *viveria* lá. À noite, luzes piscavam das janelas. Vozes sussurravam nas paredes infestadas de ratos, e os fantasmas de crianças corriam pelos corredores cobertos de poeira. Às vezes, gente da região alegava ter ouvido uma mulher gritando no sótão.

Esses eram os rumores, pelo menos.

E agora os fogos de artifício: alguns dos antigos, os que afirmavam ainda se lembrar do dia em que o último Graybill foi encontrado pendurado pelo pescoço, juravam que os fogos não tinham sido disparados pelos jovens, de jeito nenhum. Podiam nem *ser* fogos de artifício. Quem sabia que tipo de forças vazava daquela casa em ruínas, que tipo de bruxaria, fazendo a noite chiar em fogo e chamas?

A polícia pensava que era só uma das brincadeiras habituais do Quatro de Julho, mas Heather, Nat e Dodge sabiam que não era só isso. Assim como Kim Hollister e Ray Hanrahan e todos os outros

jogadores. Dois dias depois do Quatro de Julho, suas suspeitas foram confirmadas. Heather tinha acabado de sair do chuveiro quando ligou o antigo laptop e abriu o e-mail. Sua garganta ficou seca, e a boca começou a coçar.

juri@panico.com
Assunto: Gostou dos fogos de artifício?
O show vai ser ainda melhor nesta sexta-feira às 22 horas.
Veja quanto tempo você pode suportar. Lembre-se: nada de pedir ajuda.

Sexta-feira,
8 de julho

Heather

— É fácil demais — Heather disse outra vez. Ela apertou o volante. Realmente não gostava de dirigir. Porém, Bishop tinha sido insistente. Ele não poderia levá-la ao desafio daquela noite e não iria ficar sentado esperando por horas enquanto os competidores tentavam superar uns aos outros em uma casa mal-assombrada. E, para variar, ela pôde usar o carro. Sua mãe e Bo se espremeriam com alguns amigos no Lote 62, um trailer abandonado usado principalmente para festas. Voltariam para casa se arrastando por volta das quatro, ou talvez não voltassem até o amanhecer.

— Acho que vão tentar zoar com a gente — Nat disse. — Devem ter equipado a casa com um monte de luzes e efeitos sonoros.

— *Ainda* é fácil demais. — Heather abanou a cabeça. — Isso é o Pânico, não o Halloween. Ela apertou o volante. — Lembra de quando a gente era criança, e o Bishop desafiou você a ficar na varanda por três minutos?

— Só porque *você* amarelou — Nat disse.

— Você também amarelou — Heather lembrou-lhe, mas agora lamentava que tivesse trazido isso à tona. — Você não conseguiu por questão de trinta segundos.

— Mas o Bishop conseguiu — disse Nat, virando o rosto para a janela. — Ele entrou, lembra? Ele ficou lá dentro por cinco minutos inteiros.

— Eu tinha me esquecido — disse Heather.

— Quando foi isso? — Dodge falou de repente.

— Anos atrás. A gente devia ter uns dez ou onze anos. Certo, Heather?

— Menos. Nove. — Heather desejou que Bishop tivesse vindo. Era o primeiro desafio sem ele. Sentiu o peito doer. Estar com Bishop a fazia se sentir segura.

Eles fizeram uma curva e a casa tornou-se visível: a silhueta do pico afiado do telhado contra as nuvens enoveladas no horizonte parecia algo saído de um filme de terror. Erguia-se torta do solo, e Heather imaginava, mesmo a distância, que conseguia escutar o vento uivar através dos buracos no telhado, os ratos mordiscarem os assoalhos podres de madeira. A única coisa que faltava era um bando de morcegos.

Havia uma dúzia de carros estacionada na estrada. Aparentemente, as pessoas tinham a mesma opinião de Bishop, por isso a maioria dos espectadores havia ficado em casa. Nem todos eles, porém. Heather avistou Vivian Trager sentada no capô do seu carro, fumando um cigarro. Um grupo de alunos do primeiro ano, amontoados não muito longe, revezando uma garrafa de vinho, parecendo solenes, como se estivessem comparecendo a um velório. Por um segundo, antes que Heather desligasse o motor, a chuva que formava uma névoa na frente dos faróis a lembrou de lascas finas de vidro.

Dodge saiu do carro e abriu a porta para Nat. Heather estendeu a mão para a bolsa preparada para passar a noite: sacos de dormir, comida, água. Ela ficaria ali pelo tempo que levasse para vencer. Nat e Dodge também.

De repente, veio um grito abafado lá de fora. Heather olhou para cima a tempo de ver um vulto passar como um foguete perto do carro. Nat gritou. E as pessoas estavam subitamente correndo para a estrada.

Heather se jogou do carro e, apressada, deu a volta para o lado do passageiro, a tempo de ver Ray Hanrahan atingir Dodge no estômago com um ombro. Dodge tropeçou para trás e colidiu nos restos de uma cerca, fazendo com que pedaços de madeira despencassem atrás dele.

— Eu sei o que você está fazendo, seu maluco — ele cuspiu. — Você acha que pode…

Ele foi interrompido e deu um grunhido brusco. Dodge tinha se adiantado e pegado Ray pela garganta. Houve um alarmado gemido

coletivo. Nat gritou.

Dodge se inclinou e sussurrou algo no ouvido de Ray. Heather não conseguiu escutar.

Com a mesma velocidade, ele deu um passo para trás, soltando Ray, que ficou tossindo e engasgando na chuva. O rosto de Dodge estava calmo. Nat se moveu como se para abraçá-lo — e então, no último segundo, obviamente, ela pensou melhor.

— Fique longe de mim, Mason — Ray disse, quando recuperou o fôlego. — Eu estou te avisando. É melhor você ficar esperto.

— Vamos, gente — Sarah Wilson, outra competidora, falou. — Está chovendo. Podemos começar?

Ray ainda fulminava Dodge com o olhar. Mas ele não disse nada.

— Certo, pessoal. — Esse era Diggin. Heather não o tinha visto no meio da multidão. Sua voz era abafada pela escuridão e pela chuva. — As regras são simples. Quanto mais tempo vocês ficarem na casa, maior a pontuação.

Heather estremeceu. A noite do Salto, quando Diggin estava berrando no megafone, parecia que tinha acontecido havia anos: o rádio, a cerveja, a celebração.

Ela de repente não se lembrava de como acabara ali — em frente à casa Graybill, um amontoado de paredes dispostas em ângulos errados. Um lugar deformado. Pendendo para um lado como se estivesse correndo perigo de desabar.

— Nada de pedir socorro — Diggin falou, e sua voz falhou um pouco. Heather imaginou se ele sabia algo que eles não sabiam. — É isso. O desafio começou.

Todos se espalharam. Feixes de luz — lanternas e o brilho azulado ocasional de um celular — varriam a estrada, iluminado a cerca torta, a grama alta, os restos de um caminho na frente da entrada, engolido pelas ervas daninhas.

Dodge estava tirando a mochila de dentro do porta-malas. Nat ficou a seu lado. Heather abriu caminho até eles.

— O que foi *aquilo* ? — Heather perguntou.

Dodge fechou o porta-malas com uma pancada.

— Não faço ideia — ele disse. No escuro, era difícil decifrar sua expressão. Heather se perguntava se ele sabia mais do que estava dizendo. — O cara é um psicopata.

Heather estremeceu de novo sentindo a umidade escorrer sob a gola do casaco, penetrando no moletom. Ela sabia, como todo mundo, que a irmã mais velha de Dodge tinha batido contra o irmão mais velho de Ray dois anos antes, no Duelo, e tinha ficado paraplégica. Heather não tinha visto — estava como babá de Lily naquela noite, com Bishop. Mas Nat dissera que o carro havia se franzido como uma sanfona.

Heather queria saber se Dodge culpava os Hanrahan.

— Vamos ficar longe do Ray lá dentro, tá? — ela disse. — Vamos ficar longe de *todos* eles. — Ela não duvidava de que Ray Hanrahan poderia sabotá-los, saltar em cima deles no escuro, agarrá-los ou dar uma surra.

Dodge se virou para ela e sorriu. Seus dentes eram muito brancos, mesmo no escuro.

— Fechado.

Foram arrastando os pés pela estrada até chegarem ao quintal com os outros. O peito de Heather estava pesado com algo que não era exatamente medo; era mais como pavor. Parecia fácil demais.

A chuva fazia a lama se infiltrar em seus sapatos. Seria uma noite de merda. Ela desejou ter tido a ideia de levar uma cerveja discretamente. Heather nem gostava do sabor, mas o *álcool* poderia aliviar a tensão, fazer a noite passar mais rápido.

Será que os juízes estavam ali? Talvez sentados no banco da frente de um dos carros escuros, com as pernas sobre o painel; ou até mesmo em pé na estrada, correndo para cima e para baixo, fingindo ser espectadores normais. Essa era a parte do Pânico que ela odiava mais do que tudo: o fato de sempre serem vigiados.

Chegaram na varanda da frente depressa demais. Zev Keller simplesmente tinha acabado de desaparecer lá dentro, e a porta se fechou com uma pancada estrondosa. Nat deu um pulo.

— Você está bem? — Dodge perguntou em voz baixa.

— Ótima — Nat falou muito alto.

Mais uma vez, Heather desejou que Bishop tivesse vindo. Desejava que ele estivesse ao seu lado, fazendo piadas, tirando sarro por ela estar com medo.

— Ou vai ou racha. — Nat deu um passo à frente e empurrou a porta, que estava pendendo em um ângulo estranho. Ela hesitou. —

Aqui fede — comentou.

— Desde que não atire ou comece a latir, pra mim tá de boa — Dodge respondeu, não demonstrando medo algum. Ele avançou na frente de Heather e entrou na casa. Nat o seguiu. Heather foi a última a entrar.

De imediato, ela também sentiu o fedor: cocô de rato e mofo, podridão, como o cheiro de uma boca fechada por anos.

Feixes de luz irregulares em ziguezague cruzavam corredores e cômodos escuros, à medida que os outros jogadores lentamente se espalhavam, tentando definir seus próprios cantos, seus próprios esconderijos. As tábuas do assoalho rangiam e gemiam com as portas que se abriam e fechavam; vozes sussurravam no escuro.

A escuridão era grossa e densa como sopa. Heather sentiu o estômago se liquefazer, transbordando medo. Ela apalpou dentro do bolso em busca do celular. Nat teve a mesma ideia. Seu rosto ficou subitamente visível, iluminado de baixo para cima, os olhos eram buracos profundos, e a pele assumiu uma tonalidade azul. Heather usou a luz fraca do seu telefone para lançar um pequeno círculo no papel de parede desbotado, os arabescos de madeira comidos por cupim.

De repente, uma luz se acendeu.

— Aplicativo de lanterna — disse Dodge enquanto Heather levava a mão aos olhos. — Desculpe. Eu não sabia que seria tão forte.

Ele dirigiu o feixe para o teto, onde os restos de um lustre de candelabro estavam balançando, rangendo, sob um vento fraco. Era onde os três homens Graybill tinham se enforcado, se os rumores fossem verdadeiros.

— Vamos — Heather disse, tentando manter a voz firme. Os juízes poderiam estar em qualquer lugar. — Vamos nos afastar da porta.

Eles avançaram mais para dentro de casa. Dodge assumiu a liderança. Passos ecoaram acima deles, no segundo andar.

A lanterna de Dodge cortou uma pequena e afiada lâmina de escuridão, fazendo com que Heather se lembrasse de um documentário sobre o naufrágio do *Titanic* que ela vira uma vez com Lily — da aparência dos submarinos de busca, flutuando por todo

aquele espaço escuro, pouco a pouco sobre a madeira arruinada e os pratos antigos de porcelana, que estavam cobertos de coisas musgosas e subaquáticas. Era como ela se sentia: como se estivessem no fundo do oceano. A pressão sobre o peito foi apertando, apertando. Ela ouvia a respiração difícil de Nat. Lá de cima, vinham sons abafados de gritos: uma briga.

— Cozinha — Dodge anunciou. Ele passou o feixe de luz por um fogão com buracos provocados pela ferrugem, um assoalho de ladrilhos meio quebrado. Todas as imagens eram desarticuladas, descoradas e brancas, como em um péssimo filme de terror. A pele de Heather estava arrepiada. Ela imaginou insetos em todos os lugares, teias de aranha e outras coisas horríveis que despencavam do alto sobre ela.

Dodge mirou seu feixe de lanterna no canto e Heather quase gritou: por um segundo, ela viu um rosto, os olhos pretos e fundos, a boca num esgar.

— Você pode parar de apontar essa coisa pra mim?

A garota ergueu a mão na frente do rosto, apertando os olhos, e o coração de Heather começou a desacelerar. Era apenas Sarah Wilson, encolhida no canto. Assim que Dodge inclinou a luz para baixo, Heather viu que Sarah tinha trazido um travesseiro e um saco de dormir. Seria mais fácil, muito mais fácil, se todos os jogadores pudessem se agrupar em um quarto, dividir salgadinho e uma garrafa de vodca barata que alguém tivesse roubado do armário de bebidas dos pais.

Porém, estavam longe disso.

Passaram pela cozinha e desceram um curto lance de escadas, tudo cheio de lixo, itens que iam se revelando nos flashes tremidos: bitucas de cigarro, folhas secas, copos de isopor enegrecidos por café. Invasores.

Heather ouviu passos: nas paredes, acima, atrás dela. Não dava para saber.

— Heather… — Nat se virou e agarrou o moletom da amiga.

— Shhhh — Dodge pediu silêncio bruscamente. Ele desligou a lanterna.

Imersos na densa escuridão, Heather sentia, a cada respiração, o gosto das coisas mofadas, apodrecendo devagar, das coisas

escorregando, deslizando, serpenteando.

Atrás dela. Os passos pararam, hesitaram. Tábuas de assoalho rangeram. Alguém os estava seguindo.

— Andem — Heather sussurrou. Ela sabia que estava surtando, que devia ser apenas mais um competidor explorando a casa, mas não conseguia afastar o medo terrível que a dominava: era um dos juízes, andando lentamente em meio à escuridão, pronto para agarrá-la. E também não era um humano, mas um ser sobrenatural com mil olhos e longos dedos escorregadios, uma mandíbula que se distenderia, uma boca grande o suficiente para engoli-los.

Os passos avançaram. Mais um passo e depois outro.

— Andem — ela repetiu. Sua voz parecia estrangulada, desesperada, no escuro.

— Aqui dentro — Dodge falou. Estava tão escuro que ela nem o enxergava, embora ele devesse estar a apenas alguns metros. Ele resmungou; ela ouviu o estalo de madeira velha, o gemido lento de uma porta.

Sentiu Nat se afastar, e ela seguiu cegamente, apressada, quase tropeçando em uma saliência no chão, que marcava o início de uma nova sala. Dodge abriu a porta e a fechou atrás dela, apoiando o corpo até que a lingueta se encaixasse. Heather ficou parada, ofegante. Mas os passos continuaram. Pararam do lado de fora da porta. A respiração de Heather era superficial, como se ela estivesse debaixo d'água. Então os passos recuaram.

Dodge voltou a acionar o aplicativo de lanterna. No brilho, o rosto dele parecia uma estranha pintura moderna: toda cheia de ângulos.

— O que foi aquilo? — Heather sussurrou. Ela temia que nem Dodge nem Nat tivessem ouvido.

Porém Dodge falou:

— Nada. Alguém tentando nos assustar. Só isso.

Ele colocou o telefone no chão para que o feixe de luz fosse dirigido para cima. Então pegou o saco de dormir e um cobertor. Nat sentou-se ao lado do cone de luz, puxando o cobertor ao redor de seus ombros.

De repente, um alívio irrompeu no peito de Heather. Estavam seguros, juntos, ao redor de sua versão improvisada de fogueira. Talvez *acabasse* sendo fácil.

Dodge se agachou ao lado de Nat.

— Acho que pelo menos a gente pode ficar confortável.

Heather andou de um lado para o outro pelo pequeno cômodo. Talvez um dia tivesse sido um lugar de armazenamento, ou talvez uma despensa, embora fosse um pouco longe da cozinha. Era bem provável que não chegasse a ter dois metros quadrados. No alto de uma das paredes, havia a única janela daquele espaço, mas tão ensebada de sujeira que quase nenhuma luz penetrava por ali. Em uma das paredes, havia prateleiras de madeira empenadas que agora não continham nada além de uma camada de poeira e ainda mais lixo: sacos vazios de batatas e latas de refrigerante amassadas. Ela usou a luz do celular para fazer uma exploração rápida.

— Aranhas — comentou, assim que seu aparelho iluminou uma teia, perfeitamente simétrica, brilhante e prateada, que se estendia entre duas prateleiras.

Dodge se levantou num salto como se tivesse sido mordido na bunda.

— Onde?

Heather e Nat trocaram um olhar. Nat abriu um pequeno sorriso.

— Você tem medo de aranhas? — Heather falou de repente. Não teve como evitar. Dodge não tinha mostrado medo nenhum, nunca. Ela nunca teria adivinhado aquilo.

— Fala baixo — ele disse em tom áspero.

— Não se preocupe — Heather respondeu e desligou o telefone. — De qualquer forma, era só uma teia. — Ela não mencionou as pequenas protuberâncias turvas dentro dela: insetos, envoltos em casulos de fios, esperando para serem consumidos e digeridos.

Dodge assentiu com a cabeça e pareceu envergonhado. Ele se virou, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

— E agora? — disse Nat.

— A gente espera — Dodge respondeu, sem se virar.

Nat estendeu a mão e abriu um saco de batatas fritas. Um segundo depois, ela estava mastigando ruidosamente. Heather olhou para ela.

— O quê? — Nat disse com a boca cheia, queria ainda dizer “Vamos ficar aqui a noite toda”, só que saiu: — *Vamush ficaraqui a*

noitche tchoda .

Ela estava certa. Heather foi e se sentou ao lado dela. O piso estava desnivelado.

— *Entchão, o que voxês acham* ? — Nat disse o que dessa vez Heather não teve problemas em traduzir.

— O que eu acho sobre o quê? — Ela abraçou os joelhos junto do peito. Desejava que o cone de luz fosse maior e mais poderoso. Tudo fora de seu feixe limitado eram sombras incertas, silhuetas e escuridão. Até mesmo Dodge, em pé com o rosto virado para longe da luz. No escuro, ele poderia ser qualquer um.

— Não sei. Tudo. Os juízes. Quem *planeja* tudo isso?

Heather pegou mais duas batatas. Levou-as à boca, uma com cada mão. Era uma regra não declarada que ninguém falava sobre a identidade dos juízes.

— Eu queria saber como isso começou — ela disse. — E por que todos fomos loucos o suficiente para entrar no jogo. — Era para ser uma piada, mas sua voz saiu estridente.

Dodge se mexeu e voltou a se agachar ao lado de Natalie.

— E você, Dodge? — Heather perguntou. — Por que concordou em jogar?

Dodge ergueu os olhos. Seu rosto era uma máscara com buracos negros no lugar dos olhos, e Heather de repente se lembrou de um verão quando tinha ido acampar com algumas outras escoteiras, como as conselheiras as tinham reunido ao redor da fogueira para contar histórias de fantasmas. Tinham usado lanternas para deixar os rostos assustadores, e todas ficaram com medo.

Por um segundo, ela pensou tê-lo visto sorrir.

— Vingança.

Nat começou a rir.

— Vingança? — ela repetiu.

Só então Heather percebeu que não tinha ouvido errado.

— Nat — ela disse bruscamente. Nat devia ter se lembrado, então, sobre a irmã de Dodge; seu sorriso desvaneceu-se depressa. Os olhos de Dodge se voltaram para os de Heather. Ela desviou os dela no mesmo instante. Então ele culpava Luke Hanrahan pelo que tinha acontecido. De súbito, ela sentiu frio. A palavra *vingança* era horrível: direta e afiada como uma faca.

Como se soubesse o que ela estava pensando, Dodge sorriu.

— Só quero dar uma surra no Ray, só isso — ele disse em tom leve, e estendeu o braço para pegar um saco de batatas fritas. Heather se sentiu melhor no mesmo instante.

Eles tentaram jogar cartas por um tempo, mas estava muito escuro, mesmo para um jogo lento; tinham que ficar passando a lanterna de um para o outro. Nat queria aprender como fazer um truque de mágica, mas Dodge resistiu. Às vezes eles ouviam vozes no corredor, ou passos, e Heather ficava tensa, certa de que aquele era o início do verdadeiro desafio — hologramas assustadores de fantasmas ou que pessoas com máscaras iriam saltar para cima deles. Porém, nada aconteceu. Ninguém entrou ali de repente para dizer “buu”.

Depois de um tempo, Heather se cansou. Enrolou a bolsa de lona que tinha trazido e colocou sob a cabeça. Ela ouvia o tom baixo da conversa de Dodge e Nat, que estavam discutindo quem venceria uma luta: um tubarão ou um urso, e Dodge estava argumentando que precisavam primeiro especificar em qual ambiente o embate ia ocorrer…

Então estavam falando sobre cães, e Heather viu que dois grandes olhos (os olhos de um tigre?), do tamanho de faróis, a encaravam na escuridão. Ela queria gritar; havia um monstro ali, no escuro, prestes a atacar…

E ela abriu a boca, mas, em vez de sair um grito, a escuridão se derramou ali e ela adormeceu.

Dodge

Dodge estava sonhando com a época em que ele e Dayna tinham andado juntos de carrossel em Chicago. Ou talvez em Columbus. Mas no seu sonho havia palmeiras, e um homem vendendo carnes grelhadas em um carrinho de cores vivas. Dayna estava na frente de Dodge, e o cabelo dela era tão longo que ficava chicoteando no rosto dele. Uma multidão estava reunida ali: pessoas gritando, zombando, falando coisas que ele não conseguia entender.

Ele sabia que deveria ser feliz — era para estar se divertindo —, mas não estava. Fazia muito calor. Além disso, havia o cabelo de Dayna, enganchando em sua boca, fazendo ser difícil engolir. Fazendo ser difícil respirar. Também havia o fedor do carrinho de carne. O cheiro de queimado. Grossas nuvens de fumaça.

Fumaça.

Dodge acordou de repente, levantando-se com um solavanco. Ele tinha pegado no sono no chão mesmo, com o rosto pressionado na madeira fria. Nem fazia ideia de que horas eram. Mal conseguia distinguir as formas amontoadas de Heather e Nat, o ritmo de sua respiração. Por um segundo, ainda meio adormecido, ele pensou que pareciam dragões bebês.

Então percebeu por que: a salinha estava se enchendo de fumaça. Estava se infiltrando por baixo do vão da porta, serpenteando para dentro.

Ele se levantou, então pensou melhor, lembrando-se de que a fumaça sobe, e caiu de joelhos. Havia gritos. Berros e passos ressoavam de outras partes da casa.

Fácil demais. Dodge se lembrou do que Heather tinha dito mais cedo. Claro. Fogos de artifício explodiram ali no Quatro de Julho; haveria um prêmio para os competidores que ficassem na casa pelo maior tempo.

Fogo. A casa estava pegando fogo.

Ele estendeu a mão e sacudiu as meninas com força, sem se preocupar em diferenciar uma da outra, em relacionar os cotovelos aos ombros.

— Acordem. Acordem.

Natalie se sentou, esfregou os olhos e começou a tossir.

— O que…?

— Fogo — ele disse apenas. — Fique abaixada. A fumaça sobe. — Heather agora estava se mexendo também. Ele se arrastou de volta para a porta. Não havia dúvida: os ratos estavam abandonando o navio. Houve uma confusão de vozes lá fora, sons de porta batendo. Isso significava que o fogo já devia ter se espalhado bastante. Ninguém queria pular fora de início.

Ele pôs a mão na maçaneta metálica da porta. Estava quente ao toque, mas não fervente.

— Nat? Dodge? O que está acontecendo? — Heather agora estava acordada por completo. Sua voz era estridente, histérica. — Por que tem tanta fumaça?

— Fogo. — Foi Natalie quem respondeu. Sua voz era espantosamente calma.

Hora de dar no pé. Antes que o fogo se espalhasse ainda mais. Ele teve uma lembrança repentina de uma aula de educação física em Washington — ou foi em Richmond? — quando todos os alunos tinham que parar, cair e rolar no linóleo com cheiro de chulé. Mesmo naquela época, ele sabia que era uma estupidez. Como se rolar não fosse fazer a gente se transformar em uma bola de fogo.

Ele apanhou a maçaneta e puxou, mas não aconteceu nada. Tentou de novo. Nada. Por um segundo, pensou que talvez ainda estivesse dormindo — em um de seus pesadelos, no qual ele tentava fugir, mas não conseguia, ou avançava na cara de algum agressor e não deixava nem marca. Na terceira tentativa, a maçaneta saiu na sua mão. E pela primeira vez, em todo o jogo, ele

sentiu o pânico aumentando em seu peito, rastejando para dentro de sua garganta.

— O que está acontecendo? — Heather gritou. — Abra a porta, Dodge.

— Não consigo. — Suas mãos e pés pareciam dormentes. O pânico estava lhe apertando os pulmões, tornando difícil respirar. Não. Isso era a fumaça. Agora mais espessa. Ele descongelou. Foi tateando com dedos vacilantes no buraco onde antes ficava a maçaneta, puxando com desespero, e sentiu a fisgada afiada do metal. Deu uma pancada com o ombro na porta, sentindo-se cada vez mais desesperado. — Está emperrada.

— Como assim, *emperrada* ? — Heather ia dizer outra coisa; mas, em vez disso, começou a tossir.

Dodge girou no lugar e largou o corpo para se agachar.

— Aguenta firme. — Ele levou a manga à boca. — Me deixa pensar. — Ele já não escutava passos e não havia nenhuma gritaria. Todo mundo tinha saído? Ele podia ouvir, porém, o progresso do fogo: as rachaduras e estalos abafados da madeira velha, décadas de podridão e ruína engolidas pelas chamas.

Heather estava tentando mexer no celular.

— O que você está fazendo? — Nat tentou bater no aparelho. — As regras são para não chamar…

— As regras? — Heather a interrompeu. — Você está *louca* ? — Ela golpeava furiosamente o teclado. Seu rosto parecia desvairado, contorcido, como uma máscara de cera que tinha começado a derreter. Emitiu um som que era um cruzamento entre um grito e um soluço. — Não está funcionando. Não tem sinal.

Pense, pense. Através do pânico, Dodge escavou um caminho limpo em sua mente. Um objetivo; ele precisava de um objetivo. Ele sabia por instinto que era sua tarefa tirar as meninas dali em segurança, assim como se certificar de que nada de ruim acontecesse com Dayna, a sua Dayna, sua única irmã e melhor amiga. Ele não podia falhar outra vez. A qualquer preço.

A janela ficava no alto — ele nunca iria alcançá-la. E era tão estreita… Mas talvez pudesse dar um impulso para ajudar Natalie… Ela poderia conseguir passar. E depois o quê? Não importava.

Heather também conseguiria passar espremida, embora ele duvidasse disso.

— Nat. — Ele se levantou. O ar estava pesado e cheio de cinzas. Estava quente. — Venha. Você tem que sair pela janela.

Nat ficou encarando.

— Não posso deixar vocês aqui.

— Você precisa. Vá. Leve o celular. Encontre ajuda. — Dodge se apoiou com uma das mãos na parede. Ele estava se desesperando. — É a única maneira.

Dodge mal a viu assentir no escuro. Quando ela se levantou, ele sentiu o cheiro do suor. Por um louco segundo, desejou poder abraçá-la e lhe dizer que tudo ficaria bem. Mas não havia tempo. Uma imagem de Dayna lhe veio à cabeça, a total destruição do carro dela, as pernas que murchavam devagar e se tornavam gravetos pálidos.

Culpa dele.

Dodge se abaixou, agarrou Nat pela cintura e a ajudou a subir em seus ombros. Ela bateu o pé no peito dele por acidente. Dodge quase caiu sem equilíbrio. Ele estava fraco. Era a maldita fumaça. Mas conseguiu se firmar e se endireitar.

— A janela! — Nat exclamou sem fôlego. E Heather, de alguma forma, compreendeu. Ela se atrapalhou toda para pegar a lanterna e passou-a para cima. Nat balançou. Houve um tilintar. Uma lufada de ar explodiu para dentro da salinha e, depois de apenas um segundo, um som de *vuush* , quando o fogo — além da porta, cada vez mais perto — sentiu o ar e se insuflou em direção a ele, como um oceano ribombando em direção à praia. Fumaça negra se infiltrou por baixo da porta.

— Vá! — Dodge gritou. Ele sentiu Nat chutar sua cabeça, a orelha; então ela estava lá fora.

Ele caiu de joelhos novamente. Mal conseguia enxergar.

— Você é a próxima — disse à Heather.

— Eu nunca vou passar aí — ela disse num sussurro; mas, de alguma forma, ele ouviu e ficou aliviado. Não achava, não de verdade, que tivesse força para levantá-la.

Sua cabeça estava girando.

— Deite — ele orientou, em uma voz que não parecia a sua. Ela deitou, pressionada contra o chão. Ele ficou feliz em deitar também. Erguer Nat por aquela pequena distância o havia exaurido. Era como se a fumaça fosse um cobertor… como se o estivesse cobrindo e lhe dizendo para dormir…

Estava de volta ao carrossel. Mas dessa vez os espectadores berravam. E tinha começado a chover. Ele queria sair… o brinquedo acelerava mais e mais rápido… luzes giravam no alto…

Luzes, o giro, vozes gritando. Sirenes gritando.

Céu.

Ar.

Alguém — mãe? — dizendo: “Você está bem, filho. Você vai ficar bem”.

Sábado,
9 de julho

Heather

Quando Heather acordou, soube logo que estava em um hospital, o que era meio decepcionante. Nos filmes, as pessoas estavam sempre sonolentas e grogues e perguntavam onde estavam, o que tinha acontecido. No entanto, não havia como confundir o cheiro de desinfetante, os lençóis brancos limpos, o *bip-bip-bip* de equipamentos médicos. Na verdade, era meio que agradável — os lençóis eram limpos e frescos; sua mãe e Bo não estavam gritando; o ar não fedia a bebida velha. Tinha dormido melhor do que em muito tempo, e, por vários minutos, ela manteve os olhos fechados, respirou fundo.

Então Bishop falou, baixinho:

— Vamos, Heather. A gente sabe que você está fingindo. Eu sei pelo jeito que a sua pálpebra está tremendo.

Heather abriu os olhos. Uma alegria subiu por seu peito. Bishop estava sentado em uma cadeira que havia sido arrastada até a cama, inclinado para a frente, tão perto quanto poderia chegar sem subir na cama com ela. Nat também estava lá, os olhos inchados de chorar, e ela disparou direto para Heather.

— Heather. — Ela começou a chorar de novo. — Ai, meu Deus, Heather. Eu fiquei tão assustada.

— Oi, Nat. — Heather teve que falar mesmo com a boca cheia dos cabelos de Nat, que tinham gosto de sabonete. Ela devia ter tomado banho.

— Não sufoque ela, Nat — disse Bishop. Nat recuou, ainda fungando, mas continuou apertando a mão de Heather, como se estivesse preocupada que a amiga pudesse sair flutuando. Bishop

sorria, mas seu rosto estava branco como papel e havia olheiras debaixo dos olhos. Talvez, Heather pensou, ele tivesse ficado sentado ao lado da cama durante toda a noite, preocupado que ela pudesse morrer. A ideia a agradava.

Heather nem se preocupou em perguntar o que tinha acontecido. Era óbvio. Nat tinha encontrado ajuda, de alguma forma, e Heather devia ter sido levada para o hospital quando estava desmaiada.

— O Dodge está bem? — ela perguntou. — Onde ele está?

— Já foi. Ele levantou há algumas horas e foi embora. Ele está bem — Nat disse apressada. — O médico falou que você também ficaria bem.

— Você venceu o desafio — Bishop disse, seu rosto inexpressivo. Nat o encarou.

Heather inalou o ar mais uma vez. Quando ela fez isso, sentiu uma dor aguda entre as costelas.

— Minha mãe sabe? — ela perguntou.

Nat e Bishop trocaram um rápido olhar.

— Ela estava aqui — disse Bishop. Heather sentiu o tórax se apertar novamente. *Ela estava aqui* significava que ela tinha ido embora. É claro. — A Lily, também — ele se apressou a acrescentar. — Ela queria ficar. Estava histérica…

— Está tudo bem — disse Heather. Bishop ainda continuava olhando para ela de um jeito estranho, como alguém que tinha acabado de forçar um punhado de balas de goma azedas em sua boca. Heather imaginou que devia estar com uma aparência péssima, provavelmente também cheirava péssimo. Sentiu o rosto esquentar. Demais. Agora ela estava com uma aparência péssima e toda corada. — O quê? — ela disse, tentando soar irritada sem respirar com muita dificuldade. — O que foi?

— Escuta, Heather. Aconteceu uma coisa ontem à noite, e você…

A porta se abriu, e a sra. Velez entrou no quarto, equilibrando dois copos de café e um sanduíche embalado em filme plástico, obviamente da lanchonete. O sr. Velez estava bem atrás dela, carregando uma bolsa de lona que Heather reconhecia como pertencente à Nat.

— Heather! — A sra. Velez sorriu para ela. — Você está acordada.

— Eu contei pros meus pais — Nat murmurou baixinho, sem que houvesse a necessidade.

— Está tudo bem — Heather disse outra vez. E, secretamente, ela ficou feliz que o sr. e a sra. Velez tivessem vindo. Heather de repente ficou com medo de começar a chorar. O cabelo do sr. Velez estava espetado em cima, e ele tinha uma mancha de grama em um dos joelhos da calça cáqui; a sra. Velez estava vestindo um de seus cardigãs de tom pastel, e ambos estavam olhando para Heather, como se ela tivesse ressuscitado dos mortos. Talvez tivesse. Pela primeira vez ela percebeu, realmente *percebeu* , como tinha chegado perto. Ela engoliu depressa, segurando a vontade de chorar.

— Como você se sente, querida? — A sra. Velez colocou os cafés e o sanduíche no balcão e se sentou na cama da Heather, ao lado da filha. Ela estendeu a mão e alisou o cabelo de Heather; que imaginou, só por um segundo, que a sra. Velez era sua verdadeira mãe.

— Você sabe. — Heather tentou sorrir, e falhou.

— Pedi pro meu pai trazer algumas coisas — Nat comentou. O sr. Velez ergueu um pouco mais a bolsa, e ocorreu à Heather que ela havia perdido a sua, deixada na casa Graybill. Provavelmente transformada em cinzas àquela altura. — Revistas. E essa manta felpuda do meu porão.

Da maneira como Nat falava, na verdade, parecia que Heather ia *ficar* ali.

— Eu estou bem. — Ela se sentou um pouco mais na cama, como se para provar o que dizia. — Posso ir pra casa.

— Os médicos precisam ter certeza que não há nenhum dano por dentro — disse a sra. Velez. — Pode demorar um pouquinho.

— Não se preocupe, Heather — Bishop disse em voz baixa. Ele pegou a mão dela; Heather se assustou com a suavidade do toque, com o calor lento que irradiava dos dedos dele e se espalhava pelo corpo dela. — Eu vou ficar com você.

Eu te amo. Ela pensou as palavras de repente; esse ímpeto, como o ímpeto anterior de chorar, ela teve que conter.

— Eu também — Nat disse lealmente.

— A Heather precisa descansar — disse a sra. Velez. Ela ainda estava sorrindo, mas os cantos de seus olhos estavam vincados de preocupação. — Você se lembra do que aconteceu ontem à noite, querida?

Heather ficou tensa. Não tinha certeza do quanto deveria dizer. Olhou para Nat e Bishop à procura de pistas, mas ambos evitavam seus olhares.

— Da maioria — ela disse com cautela.

A sra. Velez ainda a estava observando com cuidado redobrado, como se ela estivesse preocupada com o fato de que Heather pudesse de repente se despedaçar ou começar a sangrar pelos olhos.

— E você está com vontade de falar a respeito ou prefere esperar?

O estômago de Heather deu um nó. Por que Bishop e Nat não olhavam para ela?

— Como assim, falar a respeito?

— A polícia está aqui — Bishop confessou. — Tentamos contar pra você.

— Não entendo — Heather falou.

— Eles acham que o incêndio não foi um acidente — disse Bishop. Heather sentiu como se ele tentasse enviar alguma mensagem com os olhos, mas ela fosse burra demais para entender. — Alguém incendiou a casa de propósito.

— Mas *foi* um acidente — Nat insistiu.

— Pelo amor de Deus, vocês dois. — A sra. Velez raramente perdia a paciência; Heather ficou surpresa até mesmo por ouvi-la dizer “Deus”. — Parem com isso. Mentindo, vocês não estão fazendo bem a ninguém. Isso é por causa daquele jogo, o Pânico, ou seja lá como vocês o chamam. Não tentem fingir que não é. A polícia sabe. Já acabou tudo. Sinceramente, eu não esperava isso de vocês. Ainda mais de você, Bishop.

Ele abriu a boca e a fechou em seguida. Heather se perguntava se ele pretendia se defender. Mas isso entregaria Heather e Nat. Ela se sentiu terrivelmente envergonhada. Pânico. A palavra parecia horrível ali, falada em voz alta, naquele lugar limpo e branco.

A voz da sra. Velez retomou o tom gentil.

— Você vai ter que contar a verdade a eles, Heather — ela falou. — Conte tudo o que sabe.

Heather estava começando a se assustar.

— Mas eu não sei nada — ela disse. Ela puxou a mão que Bishop estava segurando; a palma começava a suar. — Por que eles precisam falar comigo? Eu não fiz nada.

— Uma pessoa morreu, Heather — disse a sra. Velez. — É muito grave.

Por um segundo, Heather tinha certeza de que tinha ouvido mal.

— O quê?

A sra. Velez pareceu nervosa.

— Eu pensei que você sabia. — Ela se virou para Nat. — Eu tinha certeza que você tinha contado pra ela.

Nat não disse nada.

Heather virou-se para Bishop. Sua cabeça pareceu levar muito tempo para girar sobre o pescoço.

— Quem? — ela perguntou.

— O Jovem Bill Kelly — respondeu Bishop. Ele tentou encontrar a mão dela de novo, mas Heather se afastou.

Não conseguiu falar nada por um instante. Da última vez que ela vira o Jovem Bill Kelly, ele estava sentado em um ponto de ônibus, alimentando os pombos que pousavam nas suas mãos em concha. Quando ela sorrira para ele, o Jovem Bill Kelly acenara alegremente e dissera: “E aí, Christy”. Heather não tinha ideia de quem era Christy. Ela mal conhecia o Jovem Bill. Ele era mais velho do que ela e tinha passado anos fora, no exército.

— Eu não… — Heather engoliu em seco. O sr. e a sra. Velez estavam ouvindo atentamente. — Mas ele não estava…

— Ele estava no porão — disse Bishop. Sua voz falhou. — Ninguém sabia. Não tinha como você saber.

Heather fechou os olhos. Cores começaram a florescer por trás de suas pálpebras. Fogos de artifício. Fogo. Fumaça na escuridão. Ela abriu os olhos novamente.

O sr. Velez tinha ido para o corredor. A porta estava parcialmente aberta. Ela ouviu vozes sussurradas, o guinchado de passos no chão de ladrilhos.

Ele enfiou a cabeça dentro do quarto. Quase parecia estar pedindo desculpas.

— A polícia está aqui, Heather — ele disse. — Está na hora.

Segunda-feira,
11 de julho

Dodge

— Posso beber água, por favor?

Dodge não estava com sede, mas queria um segundo para se sentar, recuperar o fôlego, olhar em volta.

— Claro.

O policial que cumprimentou Dodge e o conduziu a uma pequena sala, sem janelas — POLICIAL SADOWSKI , dizia seu crachá, — não parava de sorrir, como se fosse um professor e Dodge, seu aluno favorito.

— Fique aí sentado. Eu volto já.

Dodge ficou sentado imóvel enquanto esperava, apenas para garantir, caso alguém estivesse observando. Não precisava virar a cabeça para ver quase tudo: a mesa, com pilhas e pilhas de pastas de papel pardo; as prateleiras abarrotadas de mais papéis; um telefone muito antigo, desligado; fotografias de vários bebês gordinhos sorridentes; um ventilador de mesa. Era uma coisa boa, ele pensou, que Sadowski não o tivesse levado para uma sala de interrogatório.

Sadowski estava de volta em apenas um minuto, trazendo um copo de isopor cheio de água. Ele estava em uma missão para parecer simpático.

— Está confortável? Feliz com a água? Não quer um refrigerante ou outra coisa?

— Eu estou bem. — Dodge tomou um gole de água e quase engasgou. Estava quente como mijo.

Sadowski não notou, ou fingiu não notar.

— Que bom que você decidiu vir falar com a gente. Dan, certo?

— Dodge — Dodge corrigiu. — Dodge Mason.

O policial tinha se sentado atrás de sua mesa. Ele fez uma grande encenação de mexer com uma papelada, sorrindo como um idiota, girando uma caneta e inclinando-se para trás na cadeira dele. Tudo casual. Mas Dodge notou que seu nome estava escrito em um pedaço de papel branco.

— Certo. Certo. Dodge. Difícil de esquecer. Então, o que posso fazer por você, Dodge?

Dodge não era bobo. Não iria cair naquele jogo de idiota da cidade pequena. Nem por um minuto. Os olhos do policial eram estreitos e inteligentes. O maxilar era como um triângulo. Ele seria um cretino quando estivesse a fim.

— Estou aqui para falar sobre o incêndio — Dodge disse. — Achei que o senhor iria querer conversar comigo em algum momento.

Fazia dois dias que Dodge tinha acordado no hospital. Dois dias de espera por uma batida na porta e que a polícia aparecesse para começar a interrogá-lo. A espera, a sensação de ansiedade tiquetaqueando, era pior do que qualquer coisa.

Então, mais cedo naquela manhã, ele acordara com uma resolução: não iria mais esperar.

— Você é o jovem que saiu do hospital na manhã de domingo, não é? — Certo. Como se ele tivesse esquecido. — Foi por pouco que não conseguimos falar com você. Por que você saiu com tanta pressa?

— Minha irmã… precisa de ajuda. — Ele percebeu, tardiamente, que não deveria ter mencionado a irmã. Só levaria a lugares ruins.

Mas Sadowski se agarrou ao comentário.

— Que tipo de ajuda?

— Ela está numa cadeira de rodas — Dodge respondeu, com algum esforço. Ele odiou dizer as palavras em voz alta. Falar fazia tudo parecer mais real e mais definitivo.

Sadowski assentiu de modo compreensivo.

— Claro. Ela sofreu um acidente de carro há alguns anos, não foi?

Otário. Então o ar de idiota da cidade pequena *era* um truque. Ele tinha feito a lição de casa.

— Sim — Dodge respondeu.

Achou que o policial fosse perguntar mais sobre o assunto, mas ele apenas balançou a cabeça e murmurou:

— É uma pena.

Dodge começou a relaxar. Tomou um gole de água. Estava contente por ter vindo. Provavelmente o fazia parecer confiante. Ele *estava* confiante.

Em seguida, Sadowski perguntou sem rodeios:

— Você já ouviu falar de um jogo chamado Pânico, Dodge?

Ainda bem que Dodge tinha acabado de engolir, por isso não engasgou. Ele encolheu os ombros.

— Não sei. Nunca tive muitos amigos por aqui.

— Você tem alguns amigos — Sadowski disse. Dodge não sabia aonde ele queria chegar. O policial consultou de novo o bloco de anotações. — Heather Nill. Natalie Velez. Alguém deve ter convidado você para aquela festa.

Era essa história que estava rodando: uma festa na casa Graybill. Um bando de jovens, juntos para fumar maconha, beber, assustar uns aos outros. De repente: uma faísca. Um acidente. A culpa foi espalhada daquele jeito, não podia ser fixada em ninguém em específico.

Claro, Dodge sabia que era tudo mentira. Alguém tinha posto fogo no lugar de propósito. Era parte do desafio.

— Bom, sim. Elas. Mas não são *grandes* amigas. — Dodge sentiu-se corar. Ele não sabia se tinha sido pego na mentira.

Sadowski fez um barulho no fundo da garganta que Dodge não soube interpretar.

— Por que você não me fala sobre isso? Com suas próprias palavras, no seu próprio ritmo.

Dodge contou, falando devagar para não estragar tudo, mas não devagar demais para não parecer nervoso. Ele contou a Sadowski que tinha sido convidado por Heather; havia rumores de uma festa com cerveja, mas, quando ele chegou lá, descobriu que era bem patética, e quase não tinha bebida. Ele não tinha bebido. (Ele se felicitou ao pensar nisso — não seria enquadrado por nada, ponto-final.)

Sadowski interrompeu-o apenas uma vez.

— Então, por que o quarto fechado?

Dodge levou um susto.

— O quê?

O policial apenas fingiu olhar para o relatório.

— Os bombeiros tiveram que arrombar a porta para chegar até você e a garota… Heather. Por que você se afastaria com ela se a festa estava acontecendo mesmo em outro lugar?

Dodge manteve as mãos nas coxas. Ele nem sequer piscou.

— Eu disse, a festa estava patética. Além disso, eu tinha esperanças de… — ele deixou a frase no ar, arqueando as sobrancelhas.

Sadowski captou a mensagem.

— Ah. Entendo. Continue.

Não havia muito mais o que dizer; Dodge contou que deve ter pego no sono ao lado de Heather. E, quando deu por si, estavam ouvindo as pessoas correndo e sentiram o cheiro da fumaça. Ele não mencionou Nat. Não havia necessidade de explicar como ela sabia que tinha de direcionar os bombeiros para os fundos da casa, a menos que a pergunta fosse feita.

Por um tempo, depois que Dodge terminou de falar, eles ficaram sentados em silêncio. Sadowski parecia rabiscar alguma coisa, mas Dodge também sabia: fazia parte do show. Ele tinha ouvido tudo.

Finalmente, o policial suspirou, pousou a caneta e esfregou os olhos.

— O negócio foi barra pesada, Dodge. Barra pesada.

Dodge não disse nada.

Sadowski continuou.

— Bill Kelly era… é… um amigo. Ele era da corporação. O Jovem Kelly foi pro Iraque. Você sabe o que estou dizendo?

— Na verdade, não — Dodge respondeu.

Sadowski o encarou.

— Eu estou dizendo que vamos descobrir o que exatamente aconteceu naquela noite. E se descobrirmos que o fogo começou de propósito… — Ele balançou a cabeça. — Isso é homicídio, Dodge.

A garganta de Dodge estava seca, mas ele se obrigou a não desviar o olhar.

— Foi um acidente — disse ele. — Lugar errado, hora errada.

Sadowski sorriu. Mas não havia humor.

— Espero que sim.

Dodge decidiu voltar para casa a pé. Estava sem cigarros e de mau humor. Agora não estava mais tão certo de que ir à polícia tinha sido uma boa ideia. O jeito como Sadowski olhou para ele o fez pensar que os policiais estavam achando que *ele* é que tinha começado o maldito incêndio.

Foram os juízes — com certeza, fossem quem fossem. Qualquer um dos jogadores podia abrir o bico a respeito do jogo, e seria o fim.

Se o Pânico acabasse…

Dodge não tinha planos futuros além de vencer o Pânico — dar uma surra no Ray na rodada final do Duelo e garantir que fosse uma vitória difícil e sangrenta. Ele nem tinha parado para pensar na vida depois do Pânico. Talvez acabasse preso. Talvez se extinguisse em um fogaréu. Não se importava nem de um jeito nem de outro.

Dayna, a sua Dayna, fora destruída, arruinada para sempre, e alguém tinha que pagar.

Mas, pela primeira vez, ele foi dominado pelo medo de que o jogo terminasse de verdade, e ele nunca tivesse sua chance. E depois ele teria que viver com a nova Dayna e suas pernas de gravetinhos, viver com a certeza de que ele tinha sido incapaz de salvá-la. Viver sabendo que Ray e Luke estavam muito bem, atravessando o mundo, respirando e sorrindo e cagando e, provavelmente, fodendo com a vida de outras pessoas também.

E isso era impossível. Inimaginável.

O sol estava forte e alto no céu. Tudo estava suspenso, preso à luz intensa. Dodge sentiu um gosto ruim na boca; ainda não tinha comido nada naquele dia. Deu uma olhada no celular, esperando que Nat pudesse ter ligado: nada. Eles tinham se falado no dia anterior, uma conversa monótona, cheia de pausas. Quando Nat disse que seu pai precisava dela no andar de baixo e ela tinha que desligar o telefone, ele teve certeza de que era mentira.

Dodge deu a volta na lanchonete Dot’s, tentando avistar, por instinto, sua mãe atrás das janelas de vidro manchadas. Mas o sol estava muito forte e transformava todo mundo em sombra.

Ouviu uma explosão de riso dentro da casa. Parou com a mão na porta. Se sua mãe estivesse lá dentro, ele não tinha certeza se

poderia lidar com isso. Ela havia ficado praticamente histérica quando ele voltou para casa com uma pulseira de hospital, e desde então ela o olhava sempre com frieza e o interrogava a cada meio segundo sobre como estava se sentindo, como se ela não confiasse que Dodge fosse capaz de fazer xixi sem correr risco de morte. Além disso, as notícias sobre o Jovem Kelly rolavam soltas na lanchonete Dot's e, quando sua mãe não exigia saber se ele estava com febre, estava fofocando sobre a tragédia.

Mas então o riso soou mais uma vez, e ele percebeu que não era sua mãe — era Dayna.

Ela estava sentada no sofá, uma manta jogada sobre as pernas. Ricky estava sentado em uma cadeira dobrável na frente dela; e o tabuleiro de xadrez posicionado sobre a mesa de centro. Quando Dodge entrou, só havia alguns centímetros entre Dayna e Ricky.

— Não, não — ela dizia, tendo ataques de riso. — O bispo anda na *diagonal* .

— Di-a-go-nal — Ricky repetiu, em seu forte sotaque, e derrubou um dos peões de Dayna.

— Não é a sua vez! — Ela apanhou o peão de volta e soltou outra gargalhada.

Dodge pigarreou. Dayna ergueu os olhos.

— Dodge! — ela exclamou. Ela e Ricky recuaram vários centímetros.

— Ei. — Ele não sabia por que os dois estavam com tanta cara de culpa. Não sabia também por que se sentia tão desconfortável, como se ele os tivesse interrompido no meio de algo muito mais intenso do que um jogo de xadrez.

— Eu só estava ensinando o Ricky a jogar — Dayna deixou escapar. Suas bochechas se inundaram de vermelho e os olhos brilharam. Sua aparência estava melhor, mais bonita, do que em muito tempo. Dodge pensou que ela poderia, até mesmo, estar usando maquiagem.

De repente, ele sentiu-se zangado. Estava se danando por Dayna, quase morrendo, e ela estava em casa *jogando xadrez* com o Ricky no antigo tabuleiro de mármore que a mãe dele tinha comprado quando Dodge completou onze anos, e o qual Dodge

tinha carregado a todos os lugares para onde tinham se mudado desde então.

Como se ela nem se importasse. Como se ele não estivesse no Pânico só por ela.

— Quer jogar, Dodge? — ela perguntou. Mas ele percebia que no fundo ela não queria. Pela primeira vez, Dodge olhou, realmente olhou para Ricky. Será que ele poderia estar falando sério sobre se casar com Dayna? O rapaz devia ter vinte e um, vinte e dois anos no máximo.

Dayna nunca faria isso. O cara mal falava inglês, pelo amor de Deus. E ela teria contado a Dodge se realmente gostasse dele. Ela sempre contava tudo para Dodge.

— Só entrei para pegar uma bebida — Dodge falou. — Vou sair de novo.

Na cozinha, ele encheu um copo com água e deixou a torneira aberta enquanto bebia, para abafar o som da conversa na sala ao lado. De que diabos eles estavam falando? O que eles tinham em comum? Quando desligou a torneira, as vozes abruptamente caíram em silêncio de novo. Jesus. Dodge sentiu que estava invadindo sua própria casa. Saiu sem se despedir. Quase no instante em que fechou a porta, ele ouviu risos de novo.

Deu uma olhada no celular. Enfim tinha uma resposta de Heather. Ele havia mandado uma mensagem mais cedo:

> Ouviu alguma coisa?

A mensagem dela dizia apenas:

> Game over.

Dodge sentiu uma onda de náusea subir do estômago para a garganta. E ele então soube o que tinha de fazer.

Dodge fora à casa dos Hanrahan apenas uma vez, já fazia dois anos, quando Dayna ainda estava no hospital — época em que, brevemente, parecia que ela poderia não acordar. Dodge não tinha se levantado da cadeira ao lado da cama dela, exceto para fazer xixi, fumar cigarros no estacionamento e buscar café na lanchonete. Até sua mãe o convencer a ir para casa e descansar um pouco.

Ele foi, mas não para descansar. Parou apenas pelo tempo necessário para pegar a faca de cozinha e o taco de beisebol do armário, além de um par de luvas velhas de esqui que nunca, até onde ele sabia, tinha sido usado por nenhuma pessoa de sua família.

Demorou um pouco para encontrar a casa de Ray e Luke de bicicleta, no escuro, meio delirante por causa do calor, da privação de sono e, também, pela raiva que o estava estrangulando, enrolada como uma cobra em torno da barriga e da garganta. Mas, por fim, ele a encontrou: uma estrutura de dois andares, toda escura, que poderia ter sido legal cem anos antes.

Agora parecia uma pessoa cuja alma havia sido sugada através do cu: destruída e desesperada, selvagem e de olhos arregalados, flácida no meio. Dodge sentiu um lampejo de piedade. Ele pensou no apartamento minúsculo atrás da Dot's, em como sua mãe colocava narcisos em velhos vidros de picles nos parapeitos da janela e esfregava as paredes com água sanitária todos os domingos.

Então ele se lembrou do que viera fazer. Deixou a bicicleta na beira da estrada, calçou as luvas, pegou o taco de beisebol e a faca de dentro da mochila.

Ele ficou ali, desejando que seus pés se movessem. Um pontapé ligeiro na porta, o som de gritos. A faca reluzindo no escuro, o zumbido do taco cortando o ar. Ele estava atrás de Luke e só de Luke.

Seria fácil. Rápido.

Mas ele não conseguiu. Ficou lá com as pernas amortecidas, pesadas, inúteis, pelo que pareceram horas, até que começou a temer que nunca mais fosse se movimentar — ficaria congelado naquela posição, no escuro, para sempre.

Em algum momento, a luz da varanda se acendera, e Dodge vira uma mulher pesada, com rosto redondo como uma fruta carnuda, vestindo uma camisola parecida com uma tenda, sem sapatos, manobrar todo seu enorme corpo até a varanda e acender um cigarro. A mãe de Luke.

De uma só vez, Dodge conseguiu se mover de novo. Ele foi andando cambaleante até a bicicleta. Só depois de quatro quarteirões percebeu que ainda estava segurando a faca e que tinha deixado cair o bastão de beisebol, provavelmente no gramado.

Fazia dois anos inteiros, quase exatamente. A casa de Ray parecia ainda mais degradada à luz do dia. A pintura estava descascando como caspa cinzenta. Na varanda, havia dois pneus, algumas poltronas fedorentas e um velho balanço pendurado em correntes enferrujadas, que pareciam prestes a desabar à menor pressão.

Havia também uma campainha, mas estava desconectada. Em vez disso, Dodge bateu forte na estrutura da porta de tela. Em resposta, a TV lá dentro foi abruptamente silenciada. Pela primeira vez, ocorreu a Dodge que poderia não ser Ray a atender a porta, mas aquela mulher corpulenta de dois anos atrás — ou um pai, ou outra pessoa diferente.

Mas foi Ray. Ele estava vestindo apenas bermuda de basquete. Por uma fração de segundo, ele hesitou, obviamente assustado, logo atrás da tela.

Antes que Dodge pudesse dizer qualquer coisa, Ray abriu a porta de tela com um chute. Dodge teve que saltar para trás a fim de se esquivar. Perdeu o equilíbrio.

— Que porra você está fazendo aqui?

O movimento repentino fez Dodge vacilar. Já tinha perdido o equilíbrio quando Ray o agarrou pela camisa e então o empurrou. Dodge tropeçou na descida das escadas da varanda e caiu na terra, apoiado nos cotovelos. Mordeu a língua.

E Ray estava em cima dele, irado, pronto para atacar.

— Você deve estar maluco — ele cuspiu.

Dodge rolou para longe dele e se forçou a ficar em pé.

— Não estou aqui pra brigar.

Ray soltou uma gargalhada.

— Você não tem escolha.

Ele deu um passo à frente e ergueu o braço; Dodge, porém, tinha recuperado o equilíbrio e o evitou.

— Olha. — Dodge levantou a mão. — Só me escuta, valeu? Eu vim conversar.

— Por que você acha que eu iria querer falar com você? — Ray perguntou. Suas mãos estavam ainda fechadas em punhos, mas ele não tentou investir de novo.

— Nós dois queremos a mesma coisa — Dodge falou.

Por um segundo, Ray não disse nada. Suas mãos relaxaram.

— O que está acontecendo?

— Pânico. — Dodge molhou os lábios. Sua garganta estava seca. — Nós dois precisamos dele.

Havia uma tensão elétrica no ar, quente e perigosa. Ray deu mais um passo rápido à frente.

— Luke me contou sobre suas pequenas ameaças — Ray disse. — Que tipo de jogo você acha que está fazendo?

Ray estava tão perto que Dodge sentia o cheiro de sucrilhos e leite azedo em seu hálito. Mas ele não recuou.

— Só tem um jogo que importa — retrucou Dodge. — Você sabe disso. Luke também sabia. Foi por isso que ele fez o que fez, não foi?

Pela primeira vez, Ray parecia amedrontado.

— Foi um acidente — disse ele. — Luke nunca quis…

— Nem começa.

Ray abanou a cabeça.

— Eu não sabia — disse, mas Dodge sabia que ele estava mentindo.

— Você vai me ajudar ou não? — perguntou Dodge.

Ray riu outra vez: um som explosivo, sem senso de humor.

— Por que eu deveria ajudar você? — Ray perguntou. — Você me quer morto.

Dodge sorriu.

— Não desse jeito — ele falou. E estava sendo cem por cento sincero. — Ainda não.

Por volta da meia-noite, quando Carp estava em silêncio, debaixo de uma cintilante garoa, Zev Keller acordou na escuridão, sendo agarrado por mãos fortes. Antes que pudesse gritar, estava engasgando com o gosto de algodão na boca. Uma meia. E então ele foi levantado, carregado para fora da cama, noite adentro.

Seu primeiro pensamento confuso foi que os policiais haviam chegado para levá-lo embora. Se ele estivesse raciocinando com clareza, teria percebido que os agressores usavam máscara de esqui. Teria percebido que o porta-malas para dentro do qual ele estava sendo empurrado pertencia a um Taurus azul-marinho, o tipo que seu irmão dirigia. Que *era* o carro do irmão, estacionado no lugar habitual.

Mas ele não estava pensando com clareza. Estava em pânico.

Chutando, observando o céu se estreitar e se resumir a uma lasca quando o porta-malas se fechou sobre ele, Zev sentiu algo molhado e percebeu que, pela primeira vez desde os cinco anos de idade, ele tinha se mijado.

Finalmente percebeu também que, apesar de tudo, o jogo estava em curso. E que ele tinha acabado de perder.

Quarta-feira,
13 de julho

Heather

A reunião de guerra aconteceu na casa de Bishop. Tinha que ser. O trailer de Heather era muito pequeno, Dodge não os teria convidado para a casa dele, e os pais de Nat estavam em casa o dia todo, limpando a garagem. Heather teve que levar a irmã. Lily não tinha nada para fazer agora que estava de férias, e na maioria dos dias pegava ônibus sozinha para fazer uma viagem de meia hora até Hudson, onde ficava a biblioteca.

Mas a biblioteca tinha fechado para reforma. Para variar, Lily estava de bom humor, mesmo suja, suada e fedendo a cavalos; pela manhã, ela ajudara Heather na casa de Anne. Foi cantando uma canção sobre tigres pelo caminho até a casa de Bishop e fez ondas com o braço na janela.

Bishop vivia no bosque. Seu pai já fora dono de uma loja de penhores e antiguidades, e Bishop gostava de dizer que o pai "colecionava" coisas. Heather costumava ameaçar inscrevê-los naquele programa de televisão sobre acumuladores. A casa e o quintal estavam entulhados de coisas, de sucata a bizarrices: pelo menos dois ou três carros antigos em vários estágios de reparo; caixas de tinta spray; escorregadores enferrujados; pilhas de madeira e móveis antigos entranhados no solo. Lily saiu correndo, gritando, acenando entre as velharias amontoadas.

Heather encontrou Nat e Bishop atrás da casa, sentados em um velho carrossel. Bishop parecia não dormir havia dias. Ele puxou Heather para um abraço logo que a viu, o que era estranho.

Ela ficou tensa; provavelmente estava cheirando a estábulos.

— O que está pegando? — Heather perguntou quando ele se afastou. Os círculos sob os olhos dele eram escuros como um hematoma.

— Só estou feliz em te ver — ele disse.

— Você está com uma cara péssima. — Ela estendeu a mão para alisar o cabelo dele, um velho hábito. Mas ele agarrou-lhe o pulso. Estava olhando para ela intensamente, como se quisesse memorizar seu rosto.

— Heather… — ele começou.

— Heather! — Nat chamou ao mesmo tempo. Ela estava sentada de pernas cruzadas no carrossel, que não girava mais. Ela, pelo menos, não parecia impressionada com a morte de Bill Kelly. “Quero dizer, também não era como se a gente o conhecesse”, ela dissera dias antes, quando Heather havia contado como se sentia culpada.

Heather não esperou Nat falar, embora Nat tivesse convocado a reunião.

— Estou fora — disse ela. — Não vou mais jogar.

— Temos que esperar o Dodge — Nat disse.

— Não tenho que esperar ninguém — Heather respondeu. Ela se irritava com a calma da amiga, que piscava alegremente, sonolenta, ao sol, como se nada tivesse acontecido. — Eu não vou mais jogar. É simples assim.

— É doentio — Bishop disse ferozmente. — Doentio. Ninguém em seu juízo perfeito…

— Os juízes são todos loucos, não são? — disse Nat, virando-se para ele. — Quero dizer, só podem ser. Você ouviu sobre o Zev?

— Aquilo não foi… — Bishop de repente parou de falar, balançando a cabeça.

— Eu, por exemplo, não planejo perder uma chance de faturar sessenta e sete mil dólares — disse Nat, ainda com aquela calma irritante. Então ela balançou a cabeça. — Não é justo começar sem o Dodge.

— Por quê? — Heather disparou de volta. — Por que você está tão preocupada com o Dodge? *Eu* fiz o acordo com você, lembra?

Nat desviou o olhar, e então Heather ficou sabendo. Um gosto amargo lhe subiu pela garganta.

— Você também fez um acordo com ele — ela constatou. — Você mentiu pra mim.

— Não — Nat a encarou, olhos largos, suplicantes. — Não. Heather. Eu nunca planejei dividir nada com ele.

— Do que vocês estão falando? — Bishop perguntou. — Como assim dividir com ele?

— Fica fora disso, Bishop — Heather disse.

— Eu estou dentro — ele retrucou. Ele arrastou a mão pelo cabelo e, naquele instante, Heather sentiu que as coisas nunca voltariam ao normal com eles: tirar sarro do cabelo de Bishop, enchê-lo de gel e torcer para ficar certinho para cima. — Vocês estão na minha casa, esqueceram?

— Isso não é mais um jogo — Heather falou. Tudo estava saindo de controle. — Vocês não entendem? Alguém *morreu* .

— Jesus. — Bishop sentou-se pesadamente, esfregando os olhos, como se o fato de Heather pronunciar as palavras as tornasse mais reais.

— Por que você entrou no jogo, Heather? — Nat se levantou quando Bishop sentou. Ela cruzou os braços e fazia barulhinhos de estalo com a língua. Rítmicos. Um padrão. — Se você não quer o risco, se você não pode lidar com ele, por que você entrou? Porque o Matt Idiota Hepley terminou com você? Porque ele estava cansado de só ficar na vontade com a namorada dele?

Heather perdeu o fôlego. Ela teve consciência do ar todo saindo dela de uma vez, escapando com um silvo curto.

Bishop olhou para cima e recriminou bruscamente:

— Nat!

Até mesmo Natalie parecia surpresa e imediatamente culpada.

— Desculpa — ela disse, rápido, evitando encarar Heather. — Eu não quis…

— O que eu perdi?

Heather se virou. Dodge tinha acabado de aparecer, surgindo do labirinto reluzente de lixo e sucata. Ela se perguntou o que ele pensaria daquela cena: Nat, corada e culpada; Bishop, absurdamente pálido, olhos arregalados; e Heather piscando para segurar as lágrimas, ainda suada por causa dos estábulos.

E todos eles zangados: dava para sentir a tensão no ar.

De repente, mais uma coisa ficou clara para Heather: que a situação entre eles também era um resultado do jogo. Era parte dele.

Apenas Dodge parecia não perceber o clima.

— Se importam se eu fumar? — perguntou ele. Bishop balançou a cabeça.

Heather interrompeu.

— Estou fora. Eu disse que estou fora e falo sério. É doentio. O jogo deveria ter acabado…

— O jogo nunca termina — Dodge disse. Nat se afastou dele e, por um momento, apenas um momento, ele pareceu incerto. Heather estava aliviada. Dodge tinha mudado naquele verão. Não era mais o esquisitão de ombros curvados, o cara de fora, que tinha ficado em silêncio por três anos. Era como se o jogo o estivesse *alimentando* de alguma forma, como se ele estivesse crescendo a partir dele. — Você ouviu sobre o Zev? — Ele exalou uma baforada de fumaça. — Fui eu.

Nat tinha virado de volta para ele.

— Você?

— Eu e o Ray Hanrahan.

Houve um momento de silêncio.

Heather conseguiu finalmente falar.

— O quê?

— Foi a gente. — Dodge deu uma tragada final e apagou o cigarro debaixo do salto da bota de caubói.

— Isso é contra as regras — Heather objetou. — São os juízes que definem os desafios.

Dodge sacudiu a cabeça.

— É o Pânico — ele disse. — Não existem regras.

— Por quê? — Bishop puxou a orelha esquerda. Ele estava furioso e tentava não demonstrar; era seu tique.

— Para enviar uma mensagem aos juízes. Aos jogadores também. O jogo vai continuar, de uma forma ou de outra. Tem que continuar.

— Você não tem o direito — disse Bishop.

Dodge deu de ombros.

— O que é certo? — perguntou ele. — O que é errado?

— E quanto à polícia? E o incêndio? E o Bill?

Ninguém disse nada. Heather percebeu que estava tremendo.

— Pra mim já chega — ela afirmou. Ela girou e quase colidiu com um forno manchado de ferrugem, o que, somado a uma bicicleta tombada, marcava o início do caminho estreito que percorria a paisagem de lixo e sucata até a casa, e ao redor do quintal da frente. Bishop gritou para ela, mas ela o ignorou.

Encontrou Lily agachada em um pedaço de quintal não ocupado pelo lixo, marcando a grama exposta com tinta spray azul-brilhante, que ela havia descoberto em algum lugar.

— Lily. — Heather falou bruscamente, e a irmã deixou cair a tinta e ficou em pé, com cara de culpada. — Estamos indo — anunciou.

As rugas na testa de Lily reapareceram, assim como uma pequena prega entre as sobrancelhas. Imediatamente, ela pareceu se encolher e envelhecer. Heather pensou na noite em que ela havia sussurrado *Você vai morrer?* E sentiu um punho de culpa lhe golpear com força no estômago. Ela não sabia se estava fazendo a coisa certa. Achava que nada do que fazia era certo.

Mas o que tinha acontecido ao Bill Kelly era errado. E fingir que aquilo não tinha ocorrido também era errado. Disso ela sabia.

— Qual o problema com você? — Lily perguntou, estendendo o lábio inferior.

— Nada. — Heather lhe agarrou o pulso. — Vamos.

— Não consegui dizer oi pro Bishop — Lily choramingou.

— Da próxima vez — disse Heather e praticamente arrastou a irmã para o carro. Não dava mais para ouvir Nat ou Bishop e nem Dodge; será que estavam falando sobre ela? Heather ia depressa, mas seria impossível se mover tão rápido quanto desejava. Então dirigia em silêncio, agarrando o volante como se, a qualquer momento, ele fosse escorregar de suas mãos.

Quarta-feira,
20 de julho

Heather

O clima ficou péssimo, frio e úmido, e a terra virou lama. Por dois dias, Heather não teve nenhuma notícia de Nat, mas não seria a primeira a ligar. Ela trocava diversas mensagens com Bishop, mas se recusava a vê-lo, o que significava que, para ir trabalhar, ela precisava pegar um ônibus até a 7-Eleven e caminhar por mais de um quilômetro na chuva fustigante, para chegar molhada e em estado deplorável e ficar ainda mais horas debaixo de chuva, jogando a comida ensopada às galinhas e transportando equipamentos até os galpões para não enferrujarem.

Só os tigres pareciam mais infelizes do que ela, amontoados debaixo de um dossel de árvores de bordo, observando-a trabalhar. E Heather se perguntava se sonhavam com outros lugares, como ela. África, gramíneas ressequidas, um enorme sol redondo. Pela primeira vez, pareceu-lhe egoísta que Anne os mantivesse ali, naquele clima de tenebroso calor escaldante, seguido por chuva, seguida por neve, granizo e gelo.

Havia rumores de que a polícia tinha encontrado provas de incêndio criminoso na casa Graybill. Por um dia inteiro, Heather esperou em agonia, certa de que as provas tinham a ver com sua mochila, convicta de que a polícia a conduziria dali para a cadeia. O que aconteceria com ela se fosse acusada de assassinato? Tinha dezoito anos. Isso significava que iria para a prisão de verdade, não para o reformatório.

Mas, quando vários dias se passaram e ninguém veio procurá-la, Heather relaxou. Afinal de contas, não tinha sido ela a acender o

maldito fósforo. Sério, quando se pensava na situação, era tudo culpa de Matt Hepley. *Ele* deveria ser preso. E Delaney também.

Sobre o Pânico, não se escutava um pio. A iniciativa de Dodge, pelo visto, não convencera os juízes a entrarem em ação. Heather se perguntava se ele tentaria de novo, depois se lembrou de que já não lhe dizia mais respeito.

Ainda chovia: era meados de julho, no norte do estado de Nova York, verde, exuberante e úmido como numa floresta tropical.

Krista adoecia por causa da umidade do ar, dizendo que fazia seus pulmões ficarem pesados. Heather se absteve de apontar que os pulmões dela poderiam ficar melhores se ela parasse de fumar um maço de cigarros de menta por dia. Krista faltava no trabalho alegando estar doente e se deitava no sofá, entupida de remédio para gripe, como algo morto e inchado, arrastado pelo oceano.

Pelo menos Heather podia usar o carro. A biblioteca tinha reaberto. Ela deixou Lily lá.

— Quer que eu venha te buscar mais tarde? — ela perguntou.

Lily estava voltando a ser arrogante.

— Eu não sou bebê — ela disse ao sair do carro, sem nem se incomodar em levar o guarda-chuva que Heather tinha trazido para ela. — Eu vou de ônibus.

— Que tal…? — Antes que Heather pudesse lembrá-la de pegar o guarda-chuva, Lily bateu a porta e saiu correndo para a entrada da biblioteca, vagando por um caminho de poças escuras.

Apesar da chuva, Heather estava de bom humor. Lily tinha quase doze anos. Era *normal* que ela fosse malcriada. Talvez fosse até algo bom. Mostrava que estava crescendo bem, como todo mundo — que talvez ela não fosse ser uma perdida na vida só porque tinha sido criada em Fresh Pines, com formigas desfilando sobre as colheres e Krista fumigando a casa.

E ainda não havia polícia batendo em sua porta, e nem um único boato sequer sobre o Pânico.

O trabalho foi duro: Anne queria limpar os estábulos, e depois tiveram que refazer a vedação de uma parte do porão, por onde a chuva estava entrando e deixando as paredes salpicadas de mofo. Heather ficou chocada quando Anne a fez encerrar o dia. Eram quase cinco da tarde, mas Heather não tinha visto o tempo passar,

mal olhara para cima. A chuva estava pior do que nunca. Caía em camadas, como as lâminas trêmulas de uma guilhotina gigante.

Enquanto Anne lhe preparava uma xícara de chá, Heather checou o celular pela primeira vez em horas, e seu estômago virou líquido e foi parar nos pés. Tinha perdido doze chamadas de Lily.

Sua garganta se apertou tão forte que ela mal conseguia respirar. Digitou o número de Lily imediatamente. Caiu direto na caixa postal.

— O que foi, Heather? — Anne estava diante do forno, o cabelo cinzento frisado ao lado do rosto, como um estranho halo.

Heather disse:

— Tenho que ir.

Mais tarde, ela não se lembrava de ter entrado no carro ou de dar marcha à ré no quintal; não se lembrava de ter dirigido até a biblioteca, só que de repente ela estava lá. Estacionou o carro, mas deixou a porta aberta. Algumas das poças estavam na altura do tornozelo, mas ela nem notou. Heather correu para a entrada; a biblioteca estava fechada havia uma hora.

Chamou o nome de Lily, deu a volta no estacionamento, procurando por ela. Olhou pelas ruas enquanto dirigia, imaginando todas as coisas terríveis que podiam ter acontecido com a irmã — tinha sido ferida, raptada, morta — e tentando não perder o controle, vomitar ou ter um colapso.

Por fim, não lhe restava nenhuma escolha a não ser ir para casa. Teria de ligar para a polícia.

Heather enfrentou outra onda de pânico. Era isso, era real.

A estrada que levava a Fresh Pines era cheia de buracos, lama, acúmulo de água. Heather ia aos solavancos, pneus girando em falso. O lugar parecia mais patético do que o habitual: a chuva estava socando os trailers, derrubando sinos de vento e fazendo churrasqueiras portáteis transbordar.

Heather nem sequer tinha parado o carro quando avistou Lily: encolhida debaixo de uma bétula magrela, quase sem folhas, a apenas uns quatro metros dos degraus do trailer. Heather devia ter estacionado, pois, de repente, estava saindo do carro às pressas, chapinhando na água, tomando a irmã nos braços.

— Lily! — Heather não podia abraçar sua irmã forte o suficiente. Pronto, pronto, pronto. Segura. — Você está bem? Está tudo certo?

O que aconteceu?

— Estou com frio. — A voz de Lily era abafada. Ela falou no ombro esquerdo de Heather. O coração de Heather se apertou; ela poderia virar o mundo de cabeça para baixo só para ter um cobertor.

— Venha — ela chamou, puxando-a. — Vamos levar você pra dentro.

Lily parou como um cavalo empacado. Seus olhos ficaram enormes, selvagens.

— Eu não vou entrar aí — ela disse. — Não vou entrar aí!

— Lily. — Heather piscou para afastar a chuva da vista e se encurvou para ficar na altura dos olhos de sua irmã. Os lábios de Lily estavam com um contorno azulado. Deus. Por quanto tempo ela havia ficado ali fora? — O que está acontecendo?

— Mamãe me disse pra ir embora — falou Lily. Sua voz tinha ficado pequena, entrecortada. — Ela… ela me disse pra brincar aqui fora.

Algo dentro de Heather rachou, e, naquele momento, ela teve consciência de que, por toda a vida, havia construído muros e defesas, se preparando para algo como aquilo; e, atrás desses muros, a pressão só aumentava. Agora a barragem se rompia, e Heather se via em meio a uma inundação, afogando-se em raiva e ódio.

— Vamos — disse. Ela ficou surpresa que o som de sua voz ainda fosse o mesmo, quando, por dentro, estava em meio a uma escuridão que a sugava, um ruído furioso. Ela pegou a mão de Lily. — Você pode se sentar dentro do carro, tudo bem? Eu vou ligar o aquecedor. Você vai ficar bem quentinha lá dentro.

Ela levou a irmã até o carro. Havia uma camiseta velha na parte de trás — de Krista, fedendo a cigarro —, mas pelo menos estava seca. Ela ajudou Lily a tirar a camiseta molhada. Depois desamarrou os tênis e descolou as meias encharcadas de seus pés. Em seguida, fez a irmã pressionar os pés nas aberturas por onde o calor começava a soprar. O tempo todo, Lily permaneceu mole, obediente, como se toda a sua vida tivesse ido embora com a água. Heather se movia de um jeito mecânico.

— Eu já volto — ela disse à Lily, quase não escutando o som das próprias palavras. A raiva que retumbava em seus ouvidos a

ensurdecia.

Tum, tum, tum .

Vinha música do trailer, praticamente sacudindo as paredes. As luzes também estavam acesas, embora as persianas estivessem fechadas; ela podia ver uma silhueta oscilando, talvez dançando. Não tinha percebido aquilo antes, pois estava preocupada demais com Lily. Ela continuava vendo a pequena figura amontoada debaixo da bétula, praticamente a única árvore da qual Fresh Pines se orgulhava.

Mamãe me disse pra brincar aqui fora.

Tum, tum, tum .

Ela estava na porta. Trancada. De dentro, Heather ouvia as gargalhadas. De alguma forma, ela encaixou a chave na fechadura; isso devia significar que não estava tremendo. *Estranho* , ela pensou, e também: *Talvez eu pudesse ter vencido o Pânico, afinal de contas.*

Ela empurrou a porta e entrou.

Havia três pessoas: Krista, Bo e Maureen, do Lote 99. Eles paralisaram, e Heather também. Por um momento, perdeu-se na sensação de que tinha entrado numa peça e esquecido de todas as falas — não conseguia respirar, não sabia o que fazer. As luzes eram fortes, brilhantes. Eles pareciam atores, os três — atores que a gente vê de muito perto. Estavam caracterizados. Mas a maquiagem era horrível. Parecia que estava começando a derreter, deformando o rosto deles aos poucos. Seus olhos brilhavam, reluziam: como os olhos de vidro das bonecas.

Heather absorveu a visão toda de uma só vez: a névoa azul de fumaça, as garrafas de cerveja vazias, os copos transbordando de bitucas de cigarro, uma garrafa de vodca Georgi meio vazia.

E o pequeno prato de plástico azul em cima da mesa, com a imagem desbotada dos personagens da *Vila Sésamo* — o prato antigo de Lily — agora coberto com linhas de pó branco.

Tudo isso atingiu Heather como um golpe físico, um soco veloz no estômago. O mundo escureceu por um segundo. O prato. O prato de Lily.

Então, o momento passou. Krista levou um cigarro com a mão instável aos lábios, quase errando a entrada.

— Heather Lynn — ela falou com a voz arrastada. Ela apalpou a camisa, os seios, como se esperasse encontrar um isqueiro ali. — O que você está fazendo, bebê? Por que está me encarando como se eu fosse uma…

Heather avançou. Antes que sua mãe terminasse de falar, antes que Heather conseguisse pensar no que estava fazendo, toda a raiva viajou para seus braços e pernas e ela pegou o prato, entrecruzado de pó como se tivesse cicatrizes, e jogou.

Maureen gritou e Bo berrou. Krista mal conseguiu desviar. Ela tentou se endireitar e, cambaleando para trás, desabou no colo de Maureen, na poltrona. Isso fez Maureen gritar ainda mais alto. O prato colidiu contra a parede com um baque, e o ar ficou momentaneamente cheio de pó branco, como se estivesse nevando ali dentro. Seria engraçado se não fosse tão horrível.

— Que diabos é isso? — Bo deu dois passos em direção a Heather e, por um momento, ela pensou que o sujeito pudesse lhe bater. Mas ele ficou parado, punhos cerrados, com o rosto vermelho e enfurecido. — Que *diabos* ?

Krista se esforçou para ficar em pé.

— Inferno, quem você pensa que é?

Heather estava contente por haver a mesa de centro para separá-las. Não fosse isso, ela não conseguiria se conter. Sua vontade era de matar Krista. Realmente matá-la.

— Você é asquerosa. — Sua voz parecia mutilada, como se algo tivesse se enrolado em suas cordas vocais.

— Sai daqui. — A cor estava subindo pelo rosto de Krista. A voz dela também se elevava, e ela tremia como se algo terrível estivesse prestes a explodir dentro dela. — Sai! Está me ouvindo? Fora! — Ela pegou a garrafa de vodca e atirou. Felizmente, seu movimento estava lento. Heather conseguiu desviar com facilidade. Ouviu o vidro estilhaçar e sentiu o líquido espirrar. Bo passou os braços ao redor de Krista. Ele conseguiu segurá-la. Ela gritava, contorcendo-se como um animal, seu rosto vermelho, distorcido e horroroso.

E então toda a raiva de Heather se foi. Ela não sentia mais nada. Nenhuma dor. Nenhuma raiva. Nenhum medo. Apenas repugnância.

Era estranho, mas ela se sentia como se estivesse flutuando sobre a cena, pairando acima do próprio corpo.

Virou-se e foi para o quarto. Olhou a gaveta de cima primeiro, no porta-joias de plástico onde guardava suas economias. Não havia mais nada lá a não ser quarenta dólares. Claro. Sua mãe tinha roubado.

Isso não trouxe uma onda fresca de raiva, só um novo tipo de nojo. Animais. Eles eram animais, e Krista era o pior deles.

Heather guardou as duas notas de vinte e se movimentou rapidamente pelo quarto, guardando coisas na mochila de Lily: sapatos, calças, camisetas, roupa íntima. Quando a mochila ficou cheia, ela enfiou suas coisas dentro do edredom, que dobraria como um saco. Precisariam de um cobertor, afinal. E escovas de dentes. Lembrou-se de ter lido uma revista uma vez, dizendo que escovas de dentes eram o primeiro item que os viajantes esqueciam de colocar na bagagem. Mas ela não iria esquecer. Estava calma, pensando com clareza. Estava tudo sob controle.

Ela deslizou a mochila em um dos ombros — era tão pequena que mal cabiam seus dois braços entre as alças. Pobre Lily. Ela queria pegar comida na cozinha, mas isso significaria passar por sua mãe, por Bo e Maureen. Teria que deixar isso de lado. De qualquer forma, não havia muito o que poderia pegar.

No último segundo, apanhou a rosa de sua cômoda, a que Bishop tinha feito de metal e arame. Traria boa sorte.

Ergueu o cobertor nos braços, agora pesado com todas as roupas e sapatos que continha, e empurrou tudo aquilo de lado pela porta do quarto. Ela sentiu medo de a mãe tentar detê-la, mas em vão. Krista estava sentada no sofá, chorando, com os braços de Maureen em volta dela. Seus cabelos eram um emaranhado oleoso. Heather a ouviu dizer: “… fiz tudo… sozinha”. Apenas metade das palavras eram audíveis. Ela estava chapada demais para falar com clareza. Bo tinha desaparecido. Provavelmente tinha se mandado, já que as drogas agora não eram nada a não ser migalhas. Talvez tivesse saído para conseguir mais.

Heather cruzou a porta. Não fazia diferença. Ela nunca mais iria ver Bo. Também nunca mais veria sua mãe, nem Maureen, ou entraria naquele trailer outra vez. Ela quase chorou ao descer pelos

degraus da varanda. Nunca mais — a ideia a encheu de um alívio tão forte que por pouco não transformou seus joelhos em água e a fez tropeçar.

Mas ela não podia chorar, ainda não. Precisava ser forte para Lily.

Lily tinha adormecido no banco da frente, de boca aberta, os cabelos dançavam de leve na brisa do aquecedor. Finalmente seus lábios não estavam mais azuis, e ela não tremia mais.

Ela não abriu os olhos até estarem passando pela entrada de Pines e pegando a Rota 22.

— Heather? — a menina disse numa voz pequena.

— O que foi, Billy? — Heather tentou sorrir, mas falhou.

— Não quero voltar mais lá. — Lily virou-se e apoiou a testa contra a janela. No reflexo do vidro, seu rosto era estreito e pálido, como uma chama cônica.

Heather apertou os dedos no volante.

— Nós não vamos mais voltar lá — disse ela. Por mais estranho que parecesse, as palavras fizeram um gosto de vômito subir. — Nunca mais vamos voltar, está bem? Eu prometo.

— Aonde a gente vai? — Lily perguntou.

Heather estendeu a mão e apertou o joelho de Lily. Seu jeans enfim estava seco.

— Vamos dar um jeito, tá? Nós vamos ficar bem. — A chuva era ainda intensa; o carro escavava ondas na estrada, disparando rios para as laterais da pista. — Você confia em mim, não confia? — Heather perguntou.

Lily assentiu sem desviar o rosto da janela.

— Nós vamos ficar bem — Heather repetiu e retornou as duas mãos para o volante, segurando com firmeza.

Elas não podiam, ela se deu conta, ir para a casa de Bishop ou de Nat. Ela havia pegado o carro da mãe e não tinha intenção de devolvê-lo, o que configurava roubo. E a casa dos amigos seria o primeiro lugar onde sua mãe pensaria em procurar quando ficasse sóbria e se desse conta do que tinha acontecido.

Será que ela chamaria a polícia? Será que iriam atrás de Heather? Talvez a mãe fosse convencê-los de que Heather era uma delinquente, e colocariam a culpa nela.

Mas não havia razão em se preocupar com isso por enquanto.

Ninguém poderia saber. No fim das contas, se resumia a isso. Ela e Lily teriam que ser muito, muito cuidadosas pelas próximas semanas. Quando tivessem dinheiro suficiente para ir embora de Carp, era o que elas fariam. E, até lá, teriam que se esconder. Teriam que esconder o carro também, e usá-lo apenas à noite.

A ideia veio de repente: Meth Row. A estrada toda estava abarrotada de carros antigos e casas abandonadas. Ninguém notaria mais um carro decrépito estacionado lá.

Lily tinha adormecido de novo e roncava baixinho. Meth Row parecia ainda mais tenebrosa do que o normal. A chuva havia transformado a estrada esburacada em um lamaçal, e Heather tinha dificuldade para manter o controle no volante, que pulava em suas mãos. Era difícil dizer quais casas eram ocupadas e quais não eram, mas, por fim, ela encontrou um lugar ao lado de um galpão e de um velho Buick, do qual restava praticamente só a carcaça de metal, onde ela poderia embicar o carro de um jeito que ficaria quase invisível da estrada.

Desligou o motor. Para que desperdiçar gasolina? Agora precisariam ter cuidado para não desperdiçar nada.

Elas ficariam mais confortáveis no banco de trás, mas já que Lily estava dormia e Heather duvidava se pregaria o olho — não eram nem seis da tarde — ela tateou na parte de trás do carro e pegou as coisas de dentro do edredom. Coisas que apenas uma hora antes estavam jogadas na bagunça sobre suas camas no quarto. Na casa delas.

Sem-teto. Era a primeira vez que a expressão lhe ocorria, e ela tentou afastá-la da mente. Era uma expressão horrível e até cheirava mal.

Fugitivas era melhor, um pouco mais glamoroso.

Heather estendeu o edredom sobre Lily com o cuidado de não acordá-la. Ela encontrou um moletom de capuz e o vestiu por cima da camisa, puxou o capuz e apertou bem os cordões. Por sorte era verão e não ficaria frio *demais.*

Lembrou de desligar o celular, para economizar bateria. Mas, antes que fizesse isso, mandou uma mensagem de texto para Nat e Dodge. Também incluiu Bishop. Como ele tinha dito, ele estava dentro, de uma maneira ou de outra.

Ela escreveu:

> Mudei de ideia. Estou de volta.

Ela agora jogava para valer. Por Lily. Esqueceria a promessa que tinha feito para Nat. O dinheiro seria dela e só dela.

Naquela noite — pouco depois de Heather ter finalmente adormecido, com a cabeça para trás no banco da frente do Taurus; quando Nat estava enrolada na cama com seu computador, procurando vídeos engraçados; quando até mesmo os bares estavam fechando e as pessoas que queriam beber eram forçadas a fazer isso do lado de fora, ou no estacionamento da 7-Eleven —, Ellie Hayes foi acordada por duas figuras mascaradas, que a colocaram em pé bruscamente e algemaram seus punhos na frente do corpo, como se ela fosse uma condenada.

Seus pais estavam passando o fim de semana fora —, os jogadores sabiam o que estavam fazendo. Seu irmão mais velho, Roger, ouviu o barulho, o confronto, e foi para o corredor com tudo, empunhando um taco de beisebol, mas Ellie conseguiu gritar para ele.

— É o Pânico! — ela disse.

Roger baixou o taco de beisebol, abanou a cabeça e voltou para o quarto. Ele também já tinha jogado Pânico.

O maior medo de Ellie, além das enchentes, era dos lugares fechados, e ela ficou aliviada quando foi guiada com força para o banco de trás de um carro que ela não reconhecia em vez de ser confinada no porta-malas.

Dirigiram pelo que pareceu uma eternidade — tempo suficiente para que ela começasse a se cansar e adormecesse. Então, o carro parou, e ela viu um vasto e vazio estacionamento e uma cerca de arame farpado. Antes que os faróis do carro fossem desligados, ela

viu uma placa desgastada pelo tempo pregada a um prédio de aparência caída.

Bem-vindo à piscina de Denny. Horário de funcionamento: das 9 horas ao pôr do sol. Da última semana de maio à primeira semana de setembro.

O cadeado no portão estava destrancado. Enquanto passavam por ali, Ellie se lembrou que Ray Hanrahan tinha feito manutenção naquela piscina no último verão. Será que ele estava metido naquilo?

Do outro lado da grama molhada, a lama que ia até a borda da piscina, refletindo um brilho pastoso à luz da lua, era iluminada fracamente por alguma fonte submersa, elétrica e improvável.

O medo tomou Ellie por completo.

— Vocês só podem estar brincando comigo. — Ela estava na borda do lado mais fundo, tentando recuar, mas não conseguia se mover. Eles a seguravam com força. Algo de metal lhe machucava a palma das mãos, e ela curvou os dedos por instinto ao redor do objeto, assustada demais para pensar ou se perguntar o que era. — Como querem que eu…?

Ela não teve oportunidade de terminar antes de ser empurrada, com força, de cabeça na água.

Enchente. Uma enchente de água em todos os lugares: boca, olhos, nariz.

Ela ficou debaixo d'água por pouco mais de um minuto antes de ser arrastada também com força à superfície, mas depois ela juraria que tinham sido pelo menos cinco, ou sete. Segundos intermináveis de seus batimentos cardíacos retumbando nos ouvidos, os pulmões gritando por ar, as pernas chutando para conseguir impulso. Muitos segundos de pânico — tão completo, tão opressor, que só depois de estar novamente ao ar livre, inspirando porções profundas e agradecidas de ar, ela percebeu que o tempo todo havia se agarrado firme a uma pequena chave que se encaixava em suas algemas.

O jogo de Dodge finalmente chegou ao xeque-mate. Pela manhã, a história de Ellie se espalhou, e ao meio-dia os talões de apostas tinham aparecido outra vez. E foram passados de mão em mão, secretos, com cautela. Tanto Zev Keller quanto Ellie Hayes tinham fracassado nos desafios individuais. Estavam fora do jogo. Colin Akinson também. Ele tinha sido o primeiro a fugir da casa Graybill — os rumores diziam que ele não tinha parado de correr até quase chegar a Massachusetts.

Dodge, Ray, Heather e Nat ainda estavam dentro. Assim como Harold Lee, Kim Hollister e Derek Klieg.

Só restavam sete jogadores.

Quarta-feira,
27 de julho

Dodge

Não restou diversão alguma no jogo — nada de clima leve e nem de humor. O Pânico, até onde Dodge sabia, nunca fora tão sério. Também nunca fora jogado com tanto sigilo. O lance já tinha ido muito além do simples medo de serem presos por continuar a jogar. A polícia estava louca para colocar em alguém a culpa do incêndio na casa Graybill e a morte do Jovem Bill.

Até mesmo os juízes, pelo visto, tinham perdido o senso de humor. O e-mail seguinte que chegou, vários dias depois de Ellie ter sido eliminada do jogo, fora soturno e direto ao ponto.

Malden Plaza, I-87. 21h. Quarta-feira.

Bishop dirigia. Era quase uma rotina: Heather no banco do carona, Nat e Dodge no banco de trás. Nat passou toda a viagem batendo na janela com os nós dos dedos, distraída, seguindo um ritmo particular. Dodge quase poderia acreditar que eles estavam apenas em algum tipo de aventura noturna ao shopping. A diferença era que Heather parecia exausta e não parava de bocejar. Já Bishop mal dissera uma palavra que não fosse perguntar a ela, em voz baixa, qual era o problema.

— Qual *você* acha que é o problema? — Heather respondeu. Dodge não queria ficar ouvindo a conversa, mas era inevitável.

— Sua mãe ligou — Bishop disse depois de uma pausa. — Ela me contou que você não tem aparecido em casa.

— Só estou ficando na casa da Anne por alguns dias. Estou bem.

— Ela disse que você levou o carro.

— Então agora você está do lado dela?

Bishop devia ter ido ao funeral do Jovem Bill. Dodge reconheceu o panfleto memorial dobrado, que incluía um anjo alado, pendurado em uma fita no espelho retrovisor, como um amuleto, ou um talismã. Estranho ele sentir que devia pendurá-lo. Dodge não imaginou Bishop como alguém supersticioso, mas, por outro lado, Dodge não compreendia Bishop muito bem. Por exemplo, não entendia por que Bishop achava que fazia parte do jogo, por que ele se sentia culpado pela morte de Bill Kelly.

Quando passaram pelos castelos d'água de Columbia County, Dodge olhou para fora e se lembrou da noite da primeira etapa, quando ele, Nat e Heather tinham se escondido dos policiais. Sentiu um aperto repentino de sofrimento pela forma como o tempo sempre caminhava para a frente, implacável. Era como uma enxurrada: só deixava um rastro de desordem quando passava.

O céu estava sufocado por massas escuras, mas enfim tinha parado de chover. Era inexplicável como a luz do sol conseguia passar pelas nuvens carregadas. Um grosso feixe de luz, indo contra as expectativas, abria seu caminho até atingir a estrada. Mas a viagem até Malden Plaza era longa — eles tinham que dar uma volta e entrar pela fronteira norte da cidade — e, antes de terem chegado, o sol tinha se posto.

Havia algumas dezenas de carros no estacionamento, a maioria deles amontoada o mais próximo possível do McDonald's, e mais alguns caminhões imensos, que deveriam estar indo de Albany em direção ao Canadá. Do lado oposto do estacionamento, Dodge observou uma família atravessar as grandes portas de vaivém, carregando sacolas de lanches e copos de refrigerante. Para onde será que estavam indo? Decerto para algum lugar melhor do que ali.

Os jogadores tinham estacionado o mais distante do prédio quanto possível, nos arredores do estacionamento, onde as árvores rastejavam para cada vez mais perto do asfalto e estava muito mais escuro. Sete jogadores restantes e somente duas dúzias de espectadores. Dodge ficou um tanto surpreso por Diggin ter se preocupado em aparecer. Em pé, debaixo dos altos postes de iluminação, ele parecia meio verde, como se estivesse prestes a vomitar.

— As regras são simples. — Diggin praticamente tinha que gritar acima do barulho do tráfego atrás dele. A I -87, separada do estacionamento por apenas uma divisória na altura do queixo, era uma megarrodovia com seis pistas. — Todos vocês têm que atravessar. Os cinco que cruzarem mais rápido seguem em frente. Os outros dois, não.

— Eu vou primeiro. — Ray adiantou-se. Ele tinha evitado até mesmo olhar para Dodge. Havia uma espécie de trégua entre eles, pelo menos temporária. Era engraçado. Ray provavelmente era o cara que Dodge mais odiava no mundo. E, ainda assim, era quem conhecia mais sobre os segredos de Dodge. — Quero acabar logo com isso.

— Espere. — Diggin removeu uma tira de tecido preto do bolso e a sacudiu. Ele parecia infeliz. — Você tem que usar isto.

— O que é isso? — Ray perguntou, mesmo sabendo que se tratava de uma venda.

Nat e Heather trocaram um olhar. Dodge sabia o que estavam pensando sem ter que perguntar. Sempre havia uma reviravolta. O jogo nunca era fácil.

Diggin hesitou. Por um segundo, parecia que ele mesmo ia tentar amarrar a venda em Ray.

Ray fez uma careta para ele.

— Me dá isso — ele disse e pegou a venda da mão de Diggin, que recuou depressa, obviamente aliviado. Ray colocou o tecido sobre os olhos e amarrou atrás da cabeça.

— Feliz agora? — ele perguntou, para ninguém em particular.

Dodge deu um passo à frente, de modo que ficasse bem diante de Ray. Ele deu um soco nele e se posicionou a alguns centímetros do nariz dele. Nat perdeu o fôlego e Diggin gritou. Mas Ray nem se mexeu.

— Está tudo bem — Dodge falou. — Não dá pra ele ver merda nenhuma.

— Não confia em mim, Mason? — A boca de Ray se curvou em um sorriso.

— Nem um pouco — Dodge respondeu.

Diggin teve que ajudar a guiar Ray até a divisória que separava o estacionamento do caminho estreito de grama e cascalho que corria

ao lado da rodovia. Caminhões passavam estrondosos a toda velocidade, espirrando poeira e rugindo de calor. Um carro deu uma buzinada ensurdecedora para Ray, que se atrapalhava sobre a divisória, e Dodge imaginou uma guinada repentina, os faróis inchados, fazendo Ray congelar no lugar, o estremecimento do impacto.

Mas isso viria mais tarde.

— Tempo — Diggin gritou. Ele estava segurando o celular.

Pela primeira vez, Dodge notou que Bishop estava um pouco afastado, movendo os lábios como em uma prece silenciosa. Sua expressão era inexplicável: angustiada, torcida.

E, naquele momento, Dodge teve uma suspeita. Mais como uma intuição.

Mas ele rejeitou o pensamento rapidamente. Impossível.

— Dez segundos — Diggin anunciou. Dodge voltou os olhos para a rodovia. Ray ainda estava hesitando, oscilando feito um bêbado, como se esperasse que o impulso pudesse descolar os pés dele. Um caminhão disparou a buzina, e ele recuou com um tranco. O som rolou e, no ar da noite, seu eco distorcido pela distância era como um grito alienígena. Movimento era barulho: Dodge fechou os olhos e prestou atenção no chiado dos pneus na estrada, no pulsar grave da música, motores rangendo e cuspindo, na lufada de ar quando um carro passou veloz. Ele abriu os olhos de novo.

— Vinte segundos! — A voz de Diggin tinha se tornado estridente.

Houve uma interrupção abrupta no trânsito. Quatro, cinco segundos — em todas as seis faixas, a estrada estava limpa. Ray sentiu e correu. Ele bateu de frente com a divisória do outro lado da estrada e por pouco não foi de cara, mas não importava. Ele tinha conseguido. Tirou a venda quase como um chicote e acenou com ela acima da cabeça, vitorioso. O trajeto inteiro tinha levado vinte e sete segundos.

Ele teve que esperar por mais uma parada no tráfego para atravessar de volta, mas, dessa vez, ele o fez numa corridinha. Estava se exibindo.

— Quem é o próximo? — Diggin perguntou. — Vamos acabar logo com isso… — Outro caminhão passou com tudo, levando embora o resto das palavras.

— Eu vou. — Dodge deu um passo à frente. Ray balançou a venda em uma das mãos. Por um segundo, seus olhos se encontraram. Estavam unidos agora, mais do que nunca.

— Não amarele — Ray disse em voz baixa. Dodge puxou a venda da mão dele.

— Não se preocupe comigo — ele retrucou.

O pano era grosso e opaco, como se feito de lona. Depois de Dodge cobrir os olhos, ele ficou completamente cego e, por um momento, sentiu um aperto no peito, uma sensação esmagadora de desorientação e vertigem, como se tivesse acordado de um pesadelo em um lugar desconhecido. Concentrou-se nos sons: caminhões, música, o canto dos pneus, e, pouco a pouco, foi conseguindo mapear o espaço em sua mente. Engraçado como a mera privação da visão podia deixá-lo se sentindo tão exposto, vulnerável. Qualquer um poderia correr para cima dele e Dodge nunca saberia.

Ele sentiu duas mãos macias envolverem seus punhos.

— Tenha cuidado — Nat sussurrou.

Ele não respondeu, apenas tentou tocar o rosto dela, esperando que não esbarrasse no seio por acidente. Mas também meio esperando que sim.

— Tudo bem — ele anunciou para a direção que achava ser a de Diggin. — Estou pronto.

Da mesma forma que fez com Ray, Diggin pegou o braço dele para levá-lo até a divisória e o instruiu a pular por cima. Então Dodge estava cego na beira da estrada, enquanto carros e trailers passavam diante dele. O vento soprava quente e fedendo a fumaça de escapamento, e o chão tremia por causa do movimento das rodas capazes de esmagar. Buzinas gritavam e depois sumiam.

O coração de Dodge batia forte e sua boca estava seca. Ele não esperava que fosse sentir tanto medo. Seus ouvidos se enchiam com o ritmo das palpitações — ele não podia afirmar se era barulho da estrada ou o eco de seu coração. Mal ouviu Diggin chamar seu nome. Merda. Não conseguia ouvir nada — como iria saber quando atravessar?

E se tropeçasse? Suas pernas pareciam líquidas e instáveis — se ele tentasse caminhar, iria desabar, se atrapalhar todo. Imaginou as

mãos de Nat, a forma como ela havia inclinado o rosto para o dele quando ele a beijou. Ele imaginou as pernas fininhas de Dayna, imaginou a cadeira encostada na janela, o sol inundando o cômodo, as pernas dela crescendo, engrossando, se desenvolvendo de novo em panturrilhas fortes e musculosas.

O palpitar em seus ouvidos diminuiu. Ele conseguia respirar de novo. E de repente percebeu o silêncio. Nenhum ruído de pneus, nenhuma buzina, nenhum rugido de motor sobre ele. Uma trégua.

Ele correu.

Asfalto e depois uma faixa estreita de grama, que marcava o espaço que dividia os diferentes lados da rodovia. Ele devia ter parado e ouvido de novo, só para ter certeza, mas ele não podia. Se parasse, nunca mais iria ter coragem. Ele tinha que continuar se movendo. O vento soprava por seus ouvidos, seu sangue pegava fogo. De repente, ele sentiu uma dor lancinante nas canelas e um tranco. Havia chegado à divisória do outro lado.

Tinha conseguido.

Dodge arrancou a venda e se virou. Vislumbrou Nat e Heather comemorando, mas ele não tinha certeza — dois carros passaram por ele, um borrão gêmeo, e, embora ele percebesse que todos estavam gritando, não conseguia escutar o que diziam. Debaixo do poste de luz, eles pareciam atores em um palco, ou miniaturas de personagens arrumados em exposição — e os carros, reluzindo ao passarem debaixo da luz, como brinquedos de automodelismo. Ele se sentiu meio zonzo. Esperou por mais uma parada no tráfego e, em seguida, cruzou numa corridinha lenta. Ele queria ir mais rápido, mas as pernas resistiam. Mal conseguiu levantá-las para pular a divisória.

Diggin lhe deu um tapinha no ombro, e Heather o pegou pelo braço. Ele estava feliz. A outra opção seria ele estar morto.

— Dezenove segundos! — Diggin anunciou.

E Heather repetia:

— Incrível. Incrível.

Heather se ofereceu para ser a próxima. Algo tinha acontecido com ela nos últimos dias — alguma coisa tinha mudado. Ela sempre fora bonita, pensou Dodge — confiável, forte, como alguém em um anúncio de desodorante. Um pouco estranha, também — sempre

muito atenta ao que fazia, como se estivesse preocupada que, se não prestasse atenção, fosse derrubar alguém ou alguma coisa. Ele não participou do baile de formatura, mas tinha visto fotos no Facebook, e Heather se destacava; curvando-se um pouco para não parecer muito mais alta do que Matt, usando alguma coisa rosa de babados que não combinava com ela de jeito nenhum, e tentando sorrir apesar do desconforto.

Mas agora não havia nada de estranho nela. Heather estava séria, de costas eretas, focada. Mal hesitou na beira da estrada. Assim que houve uma trégua no trânsito, ela correu. Nat prendeu a respiração.

— Um carro… — ela disse. Seus dedos apertaram o braço de Dodge.

Havia um carro — na pista que ia para o norte, acelerando na direção dela. Faróis iluminando Heather bem quando ela cruzou a pista, e o motorista apertou a buzina, três vezes rápidas.

— Jesus. — Bishop estava paralisado, branco como cera.

— Heather! — Nat gritou.

Mas Heather continuou se movendo, e ela chegou em segurança alguns segundos antes de o carro passar em alta velocidade no ponto onde ela acabava de cruzar. O motorista deu mais quatro explosões de buzina. Heather arrancou a venda e ficou na beira da estrada com o peito arfante. Por alguns segundos, ela sumiu de vista em uma onda de tráfego repentino: dois caminhões passando ao mesmo tempo em direções opostas, um grande fluxo de veículos.

Quando Heather atravessou de volta, Diggin jogou um braço ao redor de seus ombros.

— Dezessete segundos! — ele celebrou. — A mais veloz até agora. Você está segura.

— Obrigada — ela disse, sem fôlego. Ao passar debaixo do poste, ela parecia realmente linda: cabelos longos e embaraçados pelas costas, maçãs do rosto proeminentes e olhos brilhantes.

— Bom trabalho — Dodge falou.

Heather assentiu com a cabeça para ele.

— Heathbar! Fiquei tão assustada por você! Aquele carro. — Nat jogou os braços em volta do pescoço da amiga. Ela precisava ficar

na ponta dos pés.

— Não é assim tão ruim, Nat — Heather disse. Por um segundo, ela manteve os olhos em Dodge. Algo se passou entre eles. Ele pensou que fosse um aviso.

Kim Hollister foi em seguida, e teve azar. Assim que tomou seu lugar, vendada, na beira da estrada, houve um intenso fluxo de veículos nas duas direções. E, mesmo depois que o trânsito aliviou, ela continuou onde estava, hesitando, claramente amedrontada.

— Vai! — Diggin gritou. — Está tudo bem! Vai.

— Não é justo — disse Ray. — Não é justo. Isso é uma puta de uma trapaça.

Eles começaram a discutir, mas não importou; Kim ainda não tinha se movido. Então ela gritou:

— Fiquem quietos! Por favor. Não consigo ouvir nada. Por favor.

Levou mais alguns segundos antes que ela pisasse na pista com os pés embaralhados e quase recuasse de novo no mesmo instante.

— Vocês ouviram isso? — Sua voz foi um guinchado no silêncio. — Isso é um carro?

Quando ela chegou do outro lado, haviam se passado quarenta e sete segundos. O maior tempo, mais que o dobro da posição anterior.

Depois foi a vez de Natalie. De repente, ela se virou para Dodge, os olhos brilhando. Ele percebeu que ela estava à beira das lágrimas.

— Você acha que ele está observando? — Nat sussurrou, e Dodge pensou por um segundo que ela estivesse se referindo a Deus.

— Quem? — ele disse.

— Bill Kelly. — Um espasmo contorceu o rosto dela.

— Não tem ninguém observando a gente — Dodge respondeu. — Quer dizer, ninguém além dos juízes.

Seus olhos cruzaram com os de Bishop do outro lado do estacionamento. E mais uma vez, só por um minuto, ele ficou se perguntando.

Sexta-feira,
29 de julho

Dodge

Dodge esperava que a festa de aniversário de Nat seria pequena, e ficou decepcionado quando parou a bicicleta na casa de Bishop e viu uma dúzia de carros encaixados perto um do outro como peças de Tetris na única parte do quintal livre de sucata. Havia música tocando em algum lugar, e lanternas espalhadas ao redor do quintal, empoleiradas sobre vários objetos como vaga-lumes metálicos descansando.

— Você veio! — Nat foi serpenteando até ele, com um copo de papel nas mãos. Quando sentiu cerveja espirrando em seu sapato, Dodge percebeu que ela já estava bêbada. Usava um monte de maquiagem e um vestido minúsculo. Sua beleza era assustadora, como a de uma mulher muito mais velha. Os olhos brilhavam, quase como se ela estivesse sob o efeito de alguma coisa. Dodge notou que, um pouco antes, ela conversava com um grupo de rapazes que ele não conhecia — eles também pareciam mais velhos e agora o estavam encarando — a sensação era repentinamente desconfortável.

Ela percebeu que ele os encarava e agitou as mãos.

— Não se preocupe com eles — disse Nat. Suas palavras saíram emboladas numa coisa só. — Uns caras que eu conheço de um bar em Kingston. Convidei porque eles trouxeram a bebida. Estou muito feliz por você ter vindo.

Dodge estava com o presente de Nat embrulhado em papel de seda no bolso. Ele queria dar a ela, mas não ali, na frente das outras pessoas. Também queria dizer que lamentava sobre o

Pânico. Nat tinha paralisado na beira da estrada e levado mais do que um minuto para atravessar.

No caminho de casa, voltando do desafio da rodovia, ela mal dissera uma palavra, apenas ficara sentada, rígida, com lágrimas correndo pelo rosto. Ninguém tinha falado nada. Dodge havia se irritado com Bishop e Heather. Eles eram os melhores amigos dela. Era para eles saberem o que dizer para que Nat se sentisse melhor.

Ele tinha ficado desorientado, tão assustado como quando estava vendado na estrada.

Mas Nat já o estava levando para os fundos da casa.

— Vem pegar uma bebida, tá? E falar oi pro pessoal.

Nos fundos, uma grande grelha estava soltava nuvens grossas de fumaça que cheiravam a carne e carvão. Um velho colocava uns hambúrgueres na churrasqueira e segurava uma cerveja com a outra mão. Dodge achou que poderia ser o pai de Bishop: tinham o mesmo nariz, o mesmo cabelo desleixado, embora o do homem fosse grisalho, e ficou surpreso. Na escola sempre achou que Bishop fosse meio que um imbecil, bem-intencionado, mas bonzinho demais para ser interessante. Tinha imaginado que a família de Bishop fosse do tipo mãe-pai-irmã-irmão-mais-velho-cerquinhas-brancas. Não um cara qualquer com uma cerveja na mão, pilotando uma grelha entre torres de sucata enferrujada.

Mas essa era outra coisa que se aprendia jogando Pânico: as pessoas surpreendiam a gente. Elas dariam um chute na sua bunda. Era praticamente a única coisa com que se podia contar.

Gente da escola estava por ali, conversando de pé e em pequenos grupos ou usando algum móvel velho e partes de carros como cadeiras improvisadas. Estavam todos encarando Dodge, alguns com curiosidade e alguns com hostilidade explícita, e então ele percebeu que nenhum dos outros jogadores do Pânico tinham sido convidados; apenas Heather. Foi quando ele se deu conta de que não havia mais muitos jogadores restantes. Apenas cinco.

E ele era um deles.

As duas coisas — a mão de Nat e o fato de que ele estava tão perto — dispararam-lhe um arrepio na espinha.

— O barril está logo ali, atrás da moto velha. — Nat deu uma risadinha. Ela fez um gesto com um copo, e mais uma porção de

cerveja transbordou. Ele se lembrou de repente de quando Nat o havia chamado de Dave no baile do ano anterior. Seu estômago deu um aperto. Ele odiava festas, nunca se sentia confortável nelas. — Já volto, tá? Tenho que circular. Afinal de contas, é meio que a minha festa.

Ela o beijou — na bochecha, ele notou, e, claro, de novo na outra bochecha — e logo desapareceu, misturando-se em um nó de pessoas em pé ao redor do barril. Sem Nat ao lado dele, Dodge sentiu como se estivesse de volta aos corredores da escola, só que em vez de ignorá-lo, todo mundo o estava encarando. Quando ele avistou Heather, poderia inclusive ter corrido até ela e lhe tascado um beijo.

Ela o viu ao mesmo tempo e acenou para ele se aproximar. Estava sentada no capô do que Dodge só podia imaginar que fosse um dos projetos de Bishop: uma lata velha de um Ford, sem rodas e sustentado em cima de blocos de concreto. Ele contou uma meia dúzia de carros, em vários estados de construção e desconstrução, só de onde ele estava.

— E aí? — Heather estava sentada de pernas cruzadas, bebendo uma Coca-Cola. Ela parecia cansada. — Eu não sabia que você estaria aqui.

Dodge deu de ombros. Não tinha ideia do que ela queria dizer. Talvez Nat o tivesse convidado de última hora?

— Não queria perder o grande aniversário. — Foi tudo o que ele disse.

— A Nat já está chapada — Heather falou com uma risada curta. Ela desviou o olhar e apertou os olhos. Novamente, ele foi atingido pela mudança que tinha acontecido nela naquele verão. Estava emagrecendo, ficando mais definida, e sua beleza se pronunciava. Como se estivesse usando uma capa de invisibilidade a vida toda, que agora estava caindo.

Dodge se inclinou no capô do carro e mexeu nos bolsos em busca de seus cigarros. Ele nem sequer estava com vontade de fumar — só queria algo para ocupar as mãos.

— Como está a Lily? — ele perguntou.

Ela o encarou bruscamente.

— Está bem — Heather respondeu devagar. Depois: — Está lá dentro, vendo TV .

Dodge fez que sim. Um dia antes, ele estava fumando um cigarro em Meth Row quando ouviu o som de alguém cantando atrás do galpão onde ele sempre deixava a bicicleta. Curioso, deu a volta para ir aos fundos.

E lá estava Heather.

Pelada.

Ela gritou e ele se virou mais que depressa, mas não antes de ver que ela estava se lavando com a mangueira da lanchonete Dot's, a que os rapazes da cozinha usavam para limpar o beco à noite; e um carro, o carro dela, com as roupas secando no capô; e uma garota que devia ser a irmã de Heather, sentada na grama, lendo.

— Não conte a ninguém — Heather pedira.

Dodge continuou de costas para ela. Uma das calcinhas foi soprada pelo vendo e caiu no chão; ele manteve os olhos fixos ali. Era uma calcinha que cobria a bunda inteira, estampada com morangos, desbotada. Ao lado, ele tinha visto duas escovas de dentes e um tubo de creme dental sobre um balde virado e vários pares de sapatos alinhados em ordem, um do lado do outro, na terra. Ele queria saber quanto tempo fazia que estavam acampadas ali.

— Não vou contar — ele dissera sem se virar.

E não contaria. Esta era outra coisa que Dodge gostava sobre os segredos: eles uniam as pessoas.

— Quanto tempo você acha que pode aguentar? — ele perguntou.

— O tempo que precisar para vencer — ela respondeu.

Dodge olhou para ela — rosto tão sério, tão determinado — e sentiu um impulso repentino de algo parecido com alegria. Compreensão. Era isso; ele e Heather se entendiam.

— Eu gosto de você, Heather — ele disse. — Você é legal.

Ela examinou rapidamente o rosto dele, como se para verificar que ele não estava rindo dela. Então sorriu.

— Digo o mesmo pra você, Dodge.

Nat reapareceu, carregando uma garrafa de tequila.

— Tome uma dose comigo, Heather.

Heather fez uma careta.

— Tequila?

— Por favor — disse Nat, fazendo beicinho. Sua fala estava mais arrastada do que nunca, mas os olhos dela mantinham a luminosidade estranha e sobrenatural, como algo não muito humano. — É o meu aniversário.

Heather sacudiu a cabeça. Nat riu.

— Inacreditável! — Sua voz foi ficando mais alta. — Você joga Pânico, mas tem medo de tomar uma dose.

— Shhhh. — O rosto de Heather enrubesceu.

— Nem era para ela jogar — Nat disse, apontando a garrafa para a amiga, como se estivesse se dirigindo a uma plateia. E as pessoas *estavam* ouvindo. Dodge viu que eles estavam se virando na direção de Heather, rindo, sussurrando.

— Cuidado, Nat. Não era para você falar do jogo, lembra? — ele disse, mas ela o ignorou.

— Eu ia jogar — Nat anunciou. — Eu joguei. Não mais. Ela… você… me sabotou. Você me sabotou. — Ela se virou para a amiga.

Heather a encarou por um segundo.

— Você está bêbada — ela respondeu de pronto e, em seguida, deslizou no capô do carro.

Nat tentou agarrá-la.

— Eu só estava brincando — ela disse. Mas Heather continuou andando. — Vamos, Heath. Eu só estava de brincadeira.

— Vou encontrar o Bishop — Heather disse sem se virar.

Nat inclinou-se contra o carro, ao lado de Dodge. Ela tirou a tampa da garrafa de tequila, tomou um gole e fez uma careta.

— Belo aniversário — ela murmurou.

Dodge sentia o cheiro da pele dela, o álcool no hálito e o shampoo de morango no cabelo. Ele ardia de vontade de tocá-la. Em vez disso, enfiou as mãos no bolso e apalpou o presente. Ele sabia que tinha que dar a ela naquele momento, antes que amarelasse ou ela ficasse bêbada demais.

— Olha, Nat. Podemos ir para algum lugar? Quer dizer, para ficarmos a sós por um minuto? — Percebendo que ela poderia pensar que ele estava a fim de se aproveitar dela ou algo assim, Dodge se apressou a completar: — Tenho uma coisa pra você. — E

ele mostrou a pequena caixa embrulhada em papel de seda, na esperança de que ela não se importasse que tinha amassado no bolso dele.

O rosto dela mudou. Ela abriu um sorriso enorme, mostrando os pequenos dentes brancos perfeitos.

— Dodge, não precisava — ela disse. E depois: — Venha, eu sei de um lugar aonde podemos ir.

Logo além da varanda dos fundos havia uma área reservada para o que pareciam ser decorações de jardim: estátuas imponentes de pedra calcária de várias figuras míticas, que Dodge provavelmente deveria conhecer, mas não conhecia; bancos de calcário e piscinas de pássaros cheias de água parada, folhas e musgo. Por causa das estátuas e da varanda, ficava escondido da vista, e, quando ele entrou no cercado semicircular, Dodge sentiu o estômago começar a enlouquecer. A música soava abafada. Ele e Nat estavam sozinhos.

— Vá em frente — disse ele, ao lhe entregar a caixa. — Abra.

Ele achou que poderia vomitar. E se ela odiasse? Enfim ela tirou o embrulho, abriu a caixinha e ficou ali olhando para ela: um cordão escuro de veludo com um pingente pequeno de borboleta de cristal, que refletia a luz em suas asas, descansando cuidadosamente sobre um monte de algodão.

Nat ficou olhando por tanto tempo que Dodge pensou que ela havia odiado, e então achou que ia vomitar. O colar tinha lhe custado três dias completos do dinheiro que ele recebia repondo as mercadorias nas prateleiras.

— Se você quiser devolver… — ele começou a dizer. Mas então ela ergueu os olhos, e ele viu que ela estava chorando.

— É lindo — Nat disse. — Adorei. — E, antes que ele soubesse o que estava acontecendo, ela se aproximou, puxou Dodge para junto dela e o beijou. Seus lábios tinham gosto de sal e tequila.

Quando ela se afastou, ele se sentiu zonzo. Dodge já tinha beijado garotas antes, mas não daquele jeito. Costumava ficar preocupado demais com o que a língua deles estava fazendo ou se estava usando pressão demais ou pressão de menos. Mas com Nat ele se esquecia de pensar, ou até de respirar, e agora sua visão estava encoberta por pontos pretos.

— Escuta — ele deixou escapar. — Quero que você saiba que eu ainda vou honrar a divisão. Isto é, se eu vencer. Você ainda pode tirar sua parte do dinheiro.

Ela enrijeceu de repente, quase como se ele tivesse lhe dado uma bofetada. Por um segundo ela ficou ali, rígida. Depois ela empurrou a caixinha de volta para ele.

— Não posso ficar com isso — ela disse. — Não posso aceitar.

Dodge sentiu como se tivesse acabado de inalar uma bola de boliche.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que não aceito o presente — ela disse e forçou a caixa na mão dele. — Não estamos juntos, entendeu? Digo, eu gosto de você e tal, mas… estou saindo com outra pessoa. Não é certo.

Frio, frio: inundando seu corpo inteiro. Ele estava congelando, confuso e furioso. Dodge não se sentia como ele mesmo, também não parecia ele falando quando perguntou:

— Quem é?

Ela havia virado as costas para ele.

— Não importa — ela disse. — Ninguém que você conheça.

— Foi você que me beijou — ele respondeu. — Você me beijou, você me fez pensar…

Nat balançou a cabeça. Ainda não conseguia olhar para ele.

— Era para o jogo, tá? Eu queria que você me ajudasse a vencer. Só isso.

Aquela voz que ele não reconhecia saiu de sua boca de novo.

— Eu não acredito em você. — As palavras soavam finas e frágeis.

Ela continuava falando, quase como se ele não estivesse ali.

— Mas eu não preciso do Pânico. Não preciso de você. Não preciso da Heather. Kevin diz que eu tenho potencial na frente da câmera. Ele diz…

— Kevin? — Algo clicou no cérebro de Dodge, e seu estômago se contorceu. — Aquele babaca que você conheceu no shopping?

— Ele não é um babaca. — Agora ela tinha se virado para encará-lo. Estava tremendo. Os punhos dela estavam cerrados, os olhos, brilhantes, as faces, úmidas, e Dodge estava de coração

partido. Ele ainda queria beijá-la. Ele a odiava. — O cara é sério. Ele acredita em mim, disse que vai me ajudar…

O frio no peito de Dodge tinha se transformado em um punho duro. Ele podia senti-lo golpeando suas costelas, quase ao limite de explodir os ossos através da pele.

— Tenho certeza que ele é — retrucou Dodge, praticamente cuspindo. — Me deixa adivinhar. Tudo o que você teve que fazer foi mostrar os peitos?

— Cala a boca — ela sussurrou.

— Talvez deixar que ele passasse a mão em você um pouco. Ou você também teve que abrir as pernas? — Assim que ele disse isso, desejou poder engolir de volta as palavras.

Nat ficou rígida como se um choque a tivesse percorrido. E ele podia ver no rosto dela — na culpa e na tristeza e no sofrimento — que, sim, ela havia feito isso.

— Nat. — Ele mal podia dizer o nome dela. Ele queria dizer que sentia muito e que *também* sentia muito por ela, pelo que ela havia feito. Ele queria dizer que acreditava nela e achava que ela era bonita.

— Vai embora — ela sussurrou.

— Por favor. — Ele fez menção de tocá-la.

Nat recuou trocando as pernas, quase tropeçando na grama.

— Vai — ela disse. Os olhos dela se fixaram nos dele por um instante. Ele viu dois buracos escuros, como feridas; então ela deu meia-volta e se foi.

Heather

Bishop tinha uma cama elástica, ou pelo menos era a estrutura de uma cama elástica. O nylon tinha desintegrado havia muito tempo e depois fora substituído por uma lona encerada pesada, esticada bem firme. Heather não ficou surpresa de o encontrar lá, escondendo-se dos outros convidados. Ele nunca tinha sido supersocial. Ela também não. Essa era uma das coisas que os unia.

— Está se divertindo? — ela perguntou, ajeitando-se ao lado dele. Bishop cheirava a canela e também algo como manteiga.

Ele encolheu os ombros. Quando sorria, seu nariz se enrugava.

— Mais ou menos. E você?

— Mais ou menos — ela admitiu. — Como está a Lily? — Heather não teve outra escolha a não ser trazê-la. Eles a deixaram dentro da casa, e Bishop tinha se voluntariado a dar uma olhada nela quando entrou para buscar mais copos plásticos.

— Está bem. Assistindo a uma maratona de algum programa de celebridades. Fiz pipoca para ela. — Ele se inclinou para trás e ficou olhando para o céu, e acenou para Heather fazer o mesmo.

Quando eles eram pequenos, algumas vezes tinham adormecido ali, lado a lado, em sacos de dormir, rodeados por pacotes vazios de batatas fritas e de biscoitos. Uma vez, ela havia acordado com um guaxinim sentado em seu peito. Bishop teve que gritar para espantar o bicho —, mas não antes de bater uma foto. Era uma de suas memórias favoritas da infância.

Ela ainda conseguia se lembrar de como era acordar ao lado dele, com orvalho cobrindo os sacos de dormir e encharcando a lona, a respiração se condensando no ar — estavam tão quentinhos

um do lado do outro. Como se estivessem no único lugar seguro do mundo.

Agora, inconscientemente, ela moveu a cabeça para o espaço entre o peito e o ombro de Bishop, e ele a envolveu com o braço. Os dedos dele lhe roçaram os braços nus, e o corpo dela de repente parecia formigar, aquecido. Como será que eles seriam vistos de cima? Como dois pedaços de um quebra-cabeça, encaixados um no outro.

— Você vai sentir minha falta? — Bishop perguntou de repente.

O coração de Heather deu uma batida enorme, horrível, como se quisesse pular pela boca.

Durante todo o verão, ela vinha tentando ignorar o fato de que Bishop iria embora para a faculdade. Agora tinham menos de um mês.

— Não seja idiota — disse ela, cutucando-o.

— Estou falando sério. — Ele se mexeu, retirando o braço que estava debaixo da cabeça dela e rolou sobre um cotovelo para ficar de frente para ela. De um jeito casual, ele apoiou o outro braço sobre a cintura dela. A camisa de Heather estava subindo e a mão de Bishop estava na barriga dela — a pele bronzeada dele contra a barriga branquinha e sardenta dela — e os pulmões de Heather estavam com dificuldades para funcionar corretamente.

É o Bishop , ela lembrou-se. *É apenas o Bishop.*

— Vou sentir tanto a sua falta, Heather — ele disse. Estavam tão próximos que ela podia ver uma poeirinha presa a um dos cílios dele; podia ver espirais individuais de cor nos olhos. E os lábios. Pareciam macios. A imperfeição perfeita de seus dentes.

— E Avery? — Heather deixou escapar. Ela não sabia de onde vinham as palavras. — Também vai sentir falta dela?

Ele recuou um centímetro, de testa franzida. Então ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. Assim que ele deixou de tocá-la, Heather sentiu que daria qualquer coisa para ter o toque de volta.

— Não estou mais com a Avery — ele disse com cuidado. — Nós terminamos.

Heather o encarou.

— Desde quando?

— Isso importa? — Bishop parecia irritado. — Olha, nunca foi uma coisa real, tá?

— Você só gostava de dar uns amassos nela — Heather disse. Ela, de repente, se sentiu zangada, sentiu frio, se sentiu exposta. Heather sentou-se e puxou a camisa para baixo. Bishop a estava deixando no passado. Ele iria encontrar garotas novas, meninas bonitas e pequenininhas como Avery, e esqueceria tudo sobre ela. Acontecia o tempo todo.

— Ei. — Bishop também se sentou. Heather não olhava para ele, por isso ele estendeu a mão para forçar o queixo dela em sua direção. — Estou tentando falar com você, beleza? Eu… Eu tive que terminar com a Avery. Eu gosto… de outra pessoa. Tem outra pessoa. É o que estou tentando te dizer. Mas é complicado…

Ele estava olhando para ela tão intensamente; Heather podia sentir o calor entre eles.

Ela não pensou. Apenas se aproximou, fechou os olhos e o beijou.

Foi como tomar uma porção de sorvete que estava fora da geladeira pelo tempo ideal: doce, fácil e perfeito. Ela não se preocupou em estar fazendo certo, como daquela outra vez, tantos anos atrás, no cinema, quando só conseguia pensar na pipoca em seu dente. Estava simplesmente ali, inalando o cheiro dele, sentindo os lábios dele, enquanto a música pulsava baixinho no fundo e as cigarras cantavam cada vez mais alto em acompanhamento. Heather sentiu pequenas explosões de felicidade no peito, como se alguém tivesse disparado fagulhas ali.

Então, abruptamente, ele se afastou.

— Espera — disse ele. — Espera.

E no mesmo instante as fagulhas no peito dela foram extintas; no lugar ficou apenas um ponto preto fumegante. Uma única palavra e ela sabia: tinha cometido um erro.

— Eu não posso… — De repente ele parecia diferente: mais velho, cheio de arrependimento, como alguém que ela mal conhecia. — Não quero mentir pra você, Heather.

Ela achou que tinha engolido algo estragado: havia um gosto ruim na boca e seu estômago se torcia em espasmos. Sentiu o rosto começar a queimar. Não era ela. Ele estava apaixonado por outra

pessoa. E ela havia enfiado a língua na garganta dele como uma lunática.

Teve que recuar de costas para se afastar dele e chegar até a beirada da cama elástica.

— Que idiota — ela disse. — Isso foi idiota. Esquece, tá? Não sei no que eu estava pensando.

Por um segundo, ele pareceu magoado. Mas ela estava muito envergonhada para se importar. E então ele franziu a testa e só pareceu cansado e um pouco irritado, como se ela fosse uma criança indisciplinada e ele, um pai paciente. Heather percebeu de repente que era como Bishop a via: uma criança. Uma irmã mais nova.

— Você pode apenas sentar? — ele pediu em sua voz de pai cansado. Seu cabelo estava todo arrepiado, como se o cabelo estivesse gritando.

— Está ficando tarde — Heather soltou, o que não era verdade. — Eu tenho que levar Lily para casa. Minha mãe vai ficar preocupada. — Mentira em cima de mentira. Ela não sabia por que havia dito aquilo. Talvez porque naquele momento ela realmente desejasse, desejasse que fosse voltar para um lar de verdade com uma mãe normal que se importava, em vez de voltar para o carro e para o lugar onde ela estacionava na Meth Row. Desejasse que fosse pequena e frágil, como um delicado ornamento de Natal que precisava ser manuseado com cuidado. Desejasse que fosse outra pessoa.

— Heather, por favor — ele insistiu.

O mundo estava desabando, estilhaçando em cores — e ela sabia que, se não saísse de lá, começaria a chorar.

— Esquece isso — disse ela. — É sério. Por favor? Só esquece que aconteceu.

Heather só tinha conseguido dar alguns passos antes que as lágrimas começassem. Enxugou-as rapidamente com a base da mão; teve que passar por uma dúzia de antigos colegas de classe para chegar até a casa, incluindo o melhor amigo de Matt, e ela preferia morrer a ser a menina chorando na festa de aniversário de sua melhor amiga. Todo mundo pensaria que ela estava bêbada.

Engraçado como as pessoas podiam passar anos perto da gente e mesmo assim errar tanto.

Entrou pela porta dos fundos. Lá dentro, levou um segundo parada, inspirando, tentando se controlar. Era curioso que, apesar de toda a propriedade de Bishop ser um ferro-velho, a casa era limpa, tinha pouca mobília e sempre cheirava a produtos de limpeza. Heather sabia que a namorada de longa data do sr. Marks, Carol, considerava o quintal uma causa perdida. Mas a casa era seu lugar, e ela estava sempre esfregando e alisando os tecidos e gritando com Bishop para tirar os pés sujos da mesa de centro, pelo amor de Deus. Mesmo que a casa não tivesse sido reformada desde a década de 70 e ainda exibisse carpete peludo e, na cozinha, um estranho piso de linóleo, estampado com um xadrez branco e laranja, parecia impecável.

A garganta de Heather se apertou mais uma vez. Tudo era tão familiar ali: a mesa de fórmica; a rachadura que percorria a bancada da cozinha; as fotografias encurvadas presas à geladeira com ímãs de propaganda de dentistas e lojas de ferragens. Eram tão familiares que Heather poderia chamar aquilo de seu.

Era seu, e Bishop tinha sido seu também, um dia.

Mas não mais.

Ela podia ouvir a água correndo e os sons abafados da sala, onde Lily estava assistindo à TV . Entrou no corredor escuro e notou que a porta do banheiro estava parcialmente aberta. Uma faixa grossa de luz cobria o tapete. Agora podia ouvir o choro, por cima do barulho da água. Viu uma cortina de cabelos escuros aparecer e desaparecer rapidamente.

— Nat? — Heather abriu a porta com cuidado.

Água jorrava da torneira, e o vapor fazia ruído sobre a cuba de porcelana. A água devia estar escaldante, mas Nat ainda esfregava as mãos e fungava. Sua pele estava quase em carne viva, vermelha e brilhante, como se tivesse sido queimada.

— Ei. — Heather esqueceu-se por um momento de seus problemas. Ela deu um passo para entrar no banheiro. Por instinto, estendeu a mão e fechou a torneira. Até mesmo a torneira estava quente. — Ei. Está tudo bem?

Era uma idiotice perguntar. Era óbvio que Nat não estava nada bem.

Ela se virou para Heather. Seus olhos estavam inchados e o rosto parecia estranho e volumoso, como um pão crescendo errado.

— Não está mais funcionando — ela disse num sussurro.

— O que não está? — Heather perguntou. Ela de repente sentiu-se tensa. Notou o ping-ping-ping da torneira e as mãos monstruosamente vermelhas de Nat, penduradas como balões murchos ao lado do corpo.

Nat desviou o olhar. Heather pensou na forma como ela sempre gostava das coisas equilibradas, alinhadas bem no meio. Às vezes, ela tomava banho mais de uma vez por dia. As torneiras e os estalos da língua. Coisas que em geral ela ignorava, porque estava tão acostumada a isso. Outro ponto cego entre as pessoas.

— Foi por isso que fiquei paralisada na estrada, você sabe — Nat prosseguiu. — Só deu… tilt. — Virou-se outra vez para Heather. Seus olhos estavam marejados de novo. — Nada está funcionando. — Sua voz vacilou. — Não me sinto segura, sabe?

— Venha aqui — Heather disse. Ela puxou Nat em um abraço, e Nat continuou chorando, bêbada, contra seu peito. Ela agarrou Heather com firmeza, como se preocupada que ela pudesse cair. — *Shhh* — Heather murmurou, de novo e de novo. — *Shhh* . É seu aniversário.

Mas não disse que tudo ficaria bem. Como poderia? Ela sabia que Nat tinha razão.

Nenhum deles estava a salvo.

Não mais. Nunca mais.

Dodge

Dodge ouviu vozes na sala de estar assim que abriu a porta e se arrependeu imediatamente de ter voltado direto para casa. Acabava de passar das onze, e seu primeiro pensamento foi que Ricky pudesse estar ali de novo. Dodge não estava a fim de lidar com Ricky, sorrindo como um idiota, e de ver Dayna corando e tentando fazer com que as coisas não fossem desconfortáveis, o tempo todo fuzilando o irmão com o olhar, como se *ele* fosse o intruso.

Mas então a mãe dele chamou:

— Venha aqui, Dodge!

Um homem estava sentado no sofá. Seu cabelo era grisalho, e ele usava um terno amarrotado, que combinava com o rosto amarrotado.

— O quê? — Dodge disse, mal olhando para a mãe. Ele nem sequer tentou ser educado. Não ia dar uma de legal com outro dos casos dela.

A mãe franziu a testa.

— Dodge — ela disse, dizendo o nome dele de um jeito prolongado, como uma campainha de alerta. — Você conhece o Bill Kelly, não conhece? Bill veio aqui em busca de um pouco de companhia. — Ela observava Dodge com atenção, e ele leu dezenas de mensagens simultâneas no olhar dela: *Bill Kelly acabou de perder o filho; então, se você for sem educação com ele, eu juro que vai dormir no meio da rua…*

Dodge de repente sentiu como se todo o seu corpo fosse feito de ângulos e espinhos e ele não se lembrasse de como movê-lo corretamente. Ele se virou num movimento meio brusco para o

homem no sofá: o Velho Bill Kelly. Agora percebia a semelhança com o filho. O cabelo cor de palha, que no pai estava ficando grisalho; os olhos azuis penetrantes e o maxilar pesado.

— Oi — Dodge cumprimentou. Sua voz saiu um coaxar. Ele pigarreou. — Eu estava… *estou* … Quer dizer, todos nós lamentamos ouvir…

— Obrigado, filho. — A voz do sr. Kelly era surpreendentemente limpa. Ainda bem que Dodge tinha sido interrompido, pois não sabia o que mais poderia ter dito. Estava com tanto calor que seu rosto parecia prestes a explodir. Ele sentiu o impulso repentino e histérico de gritar: *Eu estava lá. Eu estava lá quando seu filho morreu. Eu poderia tê-lo salvo.*

Ele respirou fundo. O jogo o estava desgastando. Estava começando a surtar.

Após o que pareceu uma eternidade, a atenção do sr. Kelly voltou-se de novo para a mãe.

— É melhor eu ir, Sheila. — Ele se levantou devagar. Era tão alto que quase roçou o teto com a cabeça. — Amanhã vou para Albany. Acabou a autópsia. Não espero nenhuma surpresa, mas… — Ele fez um gesto impotente com as mãos. — Eu quero saber de tudo. Eu *vou* ficar sabendo de tudo.

O suor escorria por debaixo do colarinho de Dodge. Talvez fosse sua imaginação, mas tinha certeza de que as palavras do sr. Kelly eram dirigidas a ele. Pensou em todos os talões de apostas do Pânico que ele tinha juntado naquele verão. Onde eles estavam? Tinha posto na gaveta de cuecas? Ou deixado no criado-mudo? Jesus. Tinha que se livrar deles.

— É claro. — A mãe de Dodge também se levantou. Agora todos os três estavam em pé, sem jeito, como se fizessem parte de uma peça de teatro e tivessem esquecido as falas. — Diga boa-noite ao sr. Kelly, Dodge.

Dodge tossiu.

— Sim. Claro. Então, mais uma vez eu sinto muito…

O sr. Kelly estendeu a mão.

— As obras de Deus — ele disse baixinho. Mas Dodge sentiu que, quando o sr. Kelly lhe pegou a mão, o aperto foi um pouco forte demais.

Nessa mesma noite, que Diggin foi a uma festa perto da ravina e acabou com uma costela quebrada, dois olhos roxos e um dos dentes arrancados. Derek Klieg estava bêbado; essa foi a desculpa que ele deu depois, mas todos sabiam que o buraco era mais embaixo, e, depois que o inchaço no rosto de Diggin melhorou, ele contou a quem quisesse ouvir como Derek tinha voado nele, ameaçado, forçado a desembuchar o nome e a identidade dos juízes, e não aceitou quando Diggin disse que não sabia.

Era uma óbvia violação de uma das muitas regras tácitas do Pânico. O locutor estava acima daquilo. Assim como os juízes.

Derek Klieg foi imediatamente desclassificado. Ele tinha posto a perder seu lugar no jogo, e, pela manhã, seu nome estava riscado dos talões de apostas.

E Natalie, a última jogadora eliminada, estava de volta na briga.

Sábado,
30 de julho

Heather

Heather acordou com alguém batendo na janela. Ela se sentou, esfregando os olhos, por um momento alarmada e desorientada. O sol entrava pelas janelas do Taurus. Dodge a estava observando através do para-brisa.

Assim que despertou, tudo entrou repentinamente em foco: o beijo em Bishop e o final fracassado; Natalie chorando no banheiro; e agora Dodge observando-a, visualizando o lençol amassado e os copos destruídos da Dairy Queen no banco do passageiro, os pacotes de batata frita, os chinelos e a roupa espalhada no banco detrás.

Lá fora, Lily estava descalça e de maiô.

Heather abriu a porta e saiu do carro.

— O que você está fazendo aqui? — Ela estava furiosa com ele. Ele tinha violado um acordo silencioso. Quando ela disse, *não conte a ninguém* , também queria dizer: *Não volte.*

— Eu tentei te ligar. Seu telefone estava desligado. — Se ele notou a raiva nela, não pareceu se importar.

O telefone dela. Ela andava deixando o telefone desligado o máximo que podia, já que só conseguia carregá-lo quando estava trabalhando na casa de Anne. Além disso, não precisava ver as mensagens de texto de sua mãe. Mas ela se deu conta de que o tinha levado para a cozinha de Bishop na noite anterior para carregar, só que não fora buscar. Merda. Teria que voltar lá.

Heather tinha dormido de roupa — as mesmas que usara na festa de Nat, estava ainda com a regata com lantejoulas. Ela cruzou os braços sobre o peito.

— O que foi?

Dodge passou-lhe um papelzinho dobrado. O mais novo bilhete de aposta.

— Nat está de volta. Derek foi desclassificado.

— Desclassificado? — repetiu. Ela só tinha ouvido falar de alguém ser desclassificado do Pânico uma vez, já fazia anos: uma das jogadoras estava dormindo com um juiz. Ficaram sabendo depois que o garoto, Mickey Barnes, *não* era um juiz, estava apenas fingindo ser para que pudesse dormir com a garota. Mas já era tarde demais. A jogadora foi substituída.

Dodge deu de ombros. Atrás dele, Lily tinha virado seu balde de água e estava fazendo rios na terra. Heather estava feliz por ela não escutar.

— Você vai contar pra Nat? — ele perguntou.

— Você pode contar — ela respondeu.

Dodge a encarou de novo. Algo se transformou em seus olhos.

— Não, eu não posso.

Ficaram ali por um segundo. Heather queria perguntar o que tinha acontecido, mas aquele contato era muito estranho. Ela e Dodge nem eram próximos; não desse jeito, pelo menos. Ela não sabia o que eram. Talvez não fosse próxima de ninguém.

— O acordo acabou — ele declarou depois de um minuto. — Nada de dividir.

— O quê? — Heather ficou chocada ao ouvir as palavras de Dodge. Isso significava que ele sabia que ela sabia sobre o acordo dele com Nat. Ele sabia sobre o acordo que ela e Nat tinham feito?

Seus olhos eram quase cinzentos, como um céu de tempestade.

— Vamos jogar como era pra ser — disse Dodge, e, pela primeira vez, ela quase sentiu medo dele. — O vencedor leva o pote.

— Por que não posso entrar para ver o Bishop? — Lily estava de mau humor. Andava resmungando desde que tinha levantado. Estava suja e com muito calor. A comida que Heather trouxe para ela — mais coisas enlatadas e um sanduíche que tinha comprado na 7-Eleven — era nojenta. Heather imaginava que a aventura de

não ter uma casa (não conseguia se convencer a pensar na palavra *sem-teto*), a novidade daquilo, estava passando.

Heather agarrou o volante, apertando forte para extravasar sua frustração através das palmas.

— Só vou entrar bem rapidinho, Lilybelle — ela disse, forçando-se a soar alegre. Não iria se exaltar, não iria gritar. Manteria o controle; tudo por Lily. — E o Bishop está ocupado. — Ela não sabia se isso era verdade, pois não tinha sido capaz de ligar e ver se Bishop estava em casa, e uma parte dela esperava que ele não estivesse. Ela não parava de voltar ao beijo, ao momento do calor e do que parecia certo… e então como ele tinha se afastado, como se o beijo tivesse fisicamente machucado. *Não quero mentir pra você, Heather.*

Nunca havia sido tão humilhada na vida. No que diabos ela estava pensando? Lembrar daquilo fazia seu estômago doer, a fazia querer dirigir por todo o caminho até o mar e continuar dirigindo para dentro dele.

Mas precisava do celular. Iria ter que engolir o orgulho e se arriscar a ver Bishop. Talvez pudesse até mesmo fazer o controle de danos, explicar que não queria tê-lo beijado — assim ele não acharia que ela estava apaixonada por ele nem nada.

Seu estômago deu outra guinada e foi parar na garganta. Não estava apaixonada por Bishop.

Estava?

— Volto em dez minutos — ela disse. Havia estacionado não muito longe da pista que ia até a propriedade, para que, se Bishop estivesse lá fora, não visse o carro e todas as evidências de que ela estava morando dentro dele. A última coisa que Heather queria era mais pena da parte de Bishop.

Ainda havia provas da festa no jardim: alguns copos plásticos, bitucas de cigarro, um par de óculos de sol baratos nadando em uma bacia de pássaros cheia de água musgosa. Mas tudo estava em silêncio. Talvez ele não estivesse em casa.

Mas, antes que ela chegasse à porta da frente, Bishop apareceu, carregando um saco de lixo. Ele congelou quando a viu, e Heather sentiu a última centelha de esperança — de que as coisas ficariam

normais, de que eles pudessem fingir que a noite anterior não tinha acontecido — se esvair.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou de repente.

— Eu só vim buscar meu celular. — Sua voz soava estranha, como se estivesse sendo reproduzida em um sistema de som ruim. — Não se preocupe, eu não vou ficar.

Ela começou a passar por ele para entrar na casa.

Bishop a puxou pelo braço.

— Espera. — Havia algo desesperado na maneira como ele a estava olhando. Ele lambeu os lábios. — Espera… você não… eu tenho que explicar.

— Esquece isso — disse ela.

— Não, eu não posso. Você tem que confiar em mim. — Bishop passou a mão pelos cabelos para que ficassem arrepiados para cima. Heather sentiu vontade de chorar. Seu cabelo de palhaço, a camiseta desbotada dos Texas Rangers e o moletom respingado de tinta; o cheiro dele. Ela achou que pertencesse a ela, pensava que ele era dela, mas todo esse tempo ele foi crescendo e saindo com meninas, tendo paixões secretas e se tornando alguém que ela não conhecia.

E ela soube, olhando para ele segurando um saco idiota de lixo, que estava apaixonada por ele e que sempre tinha estado. Provavelmente desde o beijo no primeiro ano. Talvez até antes disso.

— Não precisa explicar — disse ela, e passou por ele para entrar. Estava bem claro lá fora, por isso Heather ficou um tempo desorientada pela escuridão, e deu dois passos instáveis em direção à sala, onde ela ouviu o ventilador funcionando. Bishop abriu a porta com força atrás dela.

— Heather — ele disse.

Antes que ela pudesse responder, outra voz chamou. Uma voz feminina.

— Bishop?

O tempo parou. Heather congelou e Bishop congelou, e nada se mexeu, exceto as manchas pretas nos cantos dos olhos de Heather, à medida que a visão se ajustava pouco a pouco; quando ela viu uma garota flutuar das sombras e sair da escuridão da sala. Por

mais estranho que fosse, embora tivessem frequentado a escola juntas desde sempre, Heather não reconheceu Vivian Trager de imediato. Talvez fosse o choque de vê-la ali, na casa de Bishop, descalça, segurando uma xícara da cozinha de Bishop. Como se o lugar dela fosse ali.

— Oi, Heather — Vivian cumprimentou, tomando um gole da caneca. Sobre a borda, seus olhos se conectaram com os de Bishop, e Heather notou um aviso ali.

Heather se virou para ele. Tudo o que viu foi culpa: culpa em cima dele todo, como uma força física, como algo pegajoso.

— O que você está fazendo aqui? — Vivian perguntou, ainda casual.

— Indo embora — Heather disse. Ela se lançou adiante, pelo corredor, e entrou na cozinha. Lutava contra a sensação de náusea, enfrentando as memórias que ameaçavam afogá-la: as vezes que ela havia bebido chocolate quente naquela xícara, seus lábios onde estavam os de Vivian, seus lábios nos de Bishop — no Bishop de Vivian.

O celular estava conectado a uma tomada perto do micro-ondas. Seus dedos pareciam inchados e inúteis. Precisou de várias tentativas para conseguir desplugá-lo.

Não poderia encarar Bishop e Vivian de novo, por isso apenas fugiu pela porta dos fundos, cruzou a varanda e saiu no quintal. Idiota. Como ela era idiota. Sentiu o gosto das lágrimas antes de perceber que estava chorando.

Por que Bishop a escolheria? Ela, Heather? Ele era inteligente. Ele iria embora para a faculdade. Heather não era ninguém. Nada. Como um zero. Era por isso que Matt também a havia dispensado.

Ninguém nunca lhe explicara um fato básico: nem todo mundo era amado. Era como aqueles gráficos idiotas com forma de sino que eles tinham que estudar na aula de matemática. Havia o meio: grande, inchado e feliz. Uma corcunda de baleia cheia de casais felicíssimos e famílias fazendo uma refeição ao redor de uma grande mesa de jantar, dando risada. E então, nas extremidades afiladas, havia as pessoas anormais, os esquisitos, as aberrações e os zeros como ela.

Ela enxugou as lágrimas com o antebraço e levou alguns segundos para respirar e se acalmar antes de voltar para o carro. Lily estava mexendo em uma picada de mosquito em seu dedão do pé. Ela olhou com suspeita quando Heather entrou no carro.

— Você viu o Bishop? — Lily perguntou.

— Não — Heather respondeu e deu partida.

Quarta-feira,
3 de agosto

Dodge

Dodge havia perdido o comprovante do colar de Natalie e, na impossibilidade de devolver, teve que penhorar pela metade do preço que tinha pago. Ele precisava do dinheiro. Era 3 de agosto; estava ficando sem tempo. Precisava de um carro para o Duelo. Uma lata-velha serviria — ele estava até pensando em comprar um de Bishop. Contanto que andasse, servia.

Tinha acabado de terminar um turno na Home Depot, quando recebeu uma mensagem de texto. Por um segundo louco, achou que fosse de Natalie; mas, em vez disso, era de sua mãe.

> Encontre a gente no Columbia Memorial AGORA !!!!

Dayna. Alguma coisa ruim tinha acontecido com Dayna. Dodge tentou ligar no celular de sua mãe e depois no de Dayna, mas ninguém atendeu.

Ele quase nem viu passar os vinte minutos de ônibus até Hudson. Não conseguia ficar parado. As pernas formigavam, e o coração estava preso debaixo da língua. O telefone tremeu no bolso. Outra mensagem.

Dessa vez, era de um número desconhecido.

> Hora do show solo. Amanhã à noite vamos ver do que você é realmente feito.

Ele desligou o telefone e o enfiou no bolso.

Quando chegou ao Columbia Memorial, saiu do ônibus praticamente correndo.

— Dodge! *Dodge!*

Dayna e sua mãe estavam do lado de fora, perto da rampa de acesso. Dayna acenava sem parar, erguendo a postura o máximo que ela conseguia na cadeira.

E estava sorrindo. As duas estavam — sorrindo tão grande que ele conseguia ver todos os dentes, mesmo a distância.

Ainda assim, o coração de Dodge continuou acelerado quando ele deu uma corridinha para cruzar o estacionamento.

— O que foi? — Já estava sem fôlego quando as alcançou. — O que foi? O que aconteceu?

— Conte para ele, Day — disse a mãe de Dodge, ainda sorrindo. O rímel estava borrado. Era óbvio que ela havia chorado.

Dayna respirou fundo. Seus olhos brilhavam; ele não a via tão feliz desde antes do acidente.

— Eu me *mexi* , Dodge. Mexi os dedos do pé.

Ele encarou Dayna, depois a mãe, e então Dayna outra vez.

— Jesus Cristo — ele finalmente soltou. — Eu pensei que tinha *acontecido* alguma coisa. Achei que você estava morta ou algo assim.

Dayna sacudiu a cabeça. Ela parecia magoada.

— Mas *aconteceu* alguma coisa.

Dodge tirou o boné e passou a mão pelo cabelo. Estava suando. Ele recolocou o boné na cabeça. Dayna o observava com expectativa. Ele sabia que estava sendo um cretino.

Soltou a respiração.

— Que incrível, Day — ele disse. Tentou falar como se estivesse sendo sincero. Ele *estava* feliz; só estava ainda tenso da viagem até ali, de ter ficado com tanto medo. — Estou orgulhoso de você. — Ele se abaixou e a abraçou. E sentiu um minúsculo espasmo no corpo dela, como se Dayna estivesse segurando um soluço. A mãe de Dodge insistiu que eles saíssem para jantar em comemoração, mesmo que não tivessem muito dinheiro; ainda mais agora, com todas as contas.

Acabaram em um Applebee's, nos arredores de Carp. A mãe de Dodge pediu uma margarita com sal extra e um prato de nachos para começar. Nachos era a comida favorita de Dodge, mas naquele momento ele não conseguia comer. Sua mãe não parava de citar Bill Kelly: como Bill Kelly era tão simpático, tão atencioso, mesmo que estivesse de luto; como Bill Kelly tinha marcado um horário para eles e feito uma ligação em nome deles e blá-blá-blá.

O celular tocou no meio do jantar. A mãe de Dodge se levantou.

— Falando no diabo — ela disse. — É o Bill. Ele pode ter notícias…

— Que tipo de notícias? — Dodge perguntou quando ela saiu. Ele podia vê-la andando de um lado para o outro pelo estacionamento. Sob o clarão das luzes, ela parecia velha. Cansada e meio flácida. Mais matrona do que de costume.

Dayna encolheu os ombros.

— Eles estão transando ou algo assim? — Dodge pressionou.

Dayna suspirou e limpou os dedos com cuidado no guardanapo. Ela estava abrindo o hambúrguer, camada por camada. Era algo que Dayna costumava fazer: desconstruir e reconstruir sua comida de um jeito que a agradasse. Com hambúrgueres era alface e tomate no fundo e, em seguida, ketchup, a carne e depois o pão.

— Eles são amigos, Dodge — ela respondeu, e ele sentiu um lampejo de irritação. Ela estava falando com sua voz de adulta, usando um tom que sempre tinha dado nos nervos de Dodge. — E o que isso te importa, afinal?

— A mãe não tem amigos — ele disse, mesmo sabendo que era um comentário meio maldoso.

Dayna baixou o guardanapo na mesa com força, seu punho fechado, fazendo os copos de água pularem.

— Qual é o seu problema?

Dodge a encarou.

— Qual é o *meu* problema?

— Por que você tem que dificultar tanto as coisas pra mãe? O médico não é barato. Ela está tentando. — Dayna abanou a cabeça. — O Ricky teve que deixar, tipo, toda a família dele para vir aqui…

— Por favor, não coloque o Ricky no meio.

— Só estou dizendo, temos que nos sentir sortudos.

— *Sortudos* ? — Dodge deu uma gargalhada seca. — Desde quando você se tornou um guru do otimismo?

— Desde quando você se tornou um pé no saco? — Dayna disparou de volta.

Dodge de repente se sentiu perdido. Ele não sabia de onde vinha a sensação e lutou para sair de baixo dela.

— A mãe é sem noção. Só estou falando isso. — Ele enfiou o garfo no macarrão com queijo para evitar os olhos de Dayna. — Além disso, eu só não quero que você eleve demais as esperanças…

Então foi a vez de Dayna o encarar.

— Você é inacreditável — ela falou em voz baixa, e de alguma forma foi pior do que se estivesse gritando. — Todo esse tempo você ficou me falando para eu continuar tentando, para continuar acreditando. E quando eu realmente faço progressos…

— E quanto ao que *eu* tenho feito? — Dodge sabia que estava sendo um pé no saco, mas não podia evitar. Dayna tinha ficado ao lado dele… ela era a única pessoa do lado dele… e agora, de repente, ela não estava mais.

— Está falando do jogo? — Dayna sacudiu a cabeça. — Olha, Dodge. Andei pensando. Não quero mais que você jogue.

— Você o quê? — Dodge explodiu. Várias pessoas de uma mesa vizinha se viraram para eles.

— Fale baixo. — Dayna estava olhando para ele como costumava fazer quando ele era criança e não entendia as regras de um jogo que ela queria jogar: decepcionada, um pouco impaciente. — Depois do que aconteceu com o Bill Kelly… não vale a pena. Isso não é certo.

Dodge tomou um gole de sua água e descobriu que mal conseguia engolir.

— Você queria que eu jogasse — ele disse. — Você me pediu para jogar.

— Mudei de ideia — ela respondeu.

— Bem, não é assim que o jogo funciona — ele observou. Dodge estava elevando o tom novamente. Não podia evitar. — Ou você esqueceu?

A boca dela virou uma linha fina, como uma cicatriz rosa e reta no rosto.

— Me escuta, Dodge. Isto é para você, para o seu próprio bem.

— Eu joguei por você. — Dodge já não se importava em ser ouvido. A raiva e o sentimento de perda engoliram o resto do mundo e deixaram-no descuidado. Quem ele tinha? Não tinha amigos. Nunca tinha permanecido em um mesmo lugar por tempo suficiente para fazer amizades ou para confiar nas pessoas. Com Heather, ele pensou que tinha chegado perto; com a Natalie, também. Porém, estava enganado; e agora até mesmo Dayna estava se virando contra ele. — Você também se esqueceu desse detalhe? Tudo isso é por você. Para que as coisas possam voltar.

Ele não pretendia dizer a última parte — ainda não tinha pensado nas palavras até já estarem fora de sua boca. Por um segundo, houve silêncio. Dayna estava olhando para o irmão, boquiaberta, e as palavras assentaram-se entre eles como algo detonado: tudo tinha explodido e estava escancarado.

— Dodge — ela voltou a dizer. Ele ficou horrorizado ao ver que ela parecia sentir pena dele. — As coisas nunca mais serão as mesmas. Você sabe disso, não sabe? Não é assim que funciona. Nada do que você faça vai mudar o que aconteceu.

Dodge empurrou o prato. Ele se levantou da mesa.

— Eu vou para casa — disse. Ele não conseguia sequer pensar. As palavras de Dayna estavam provocando uma tempestade dentro da cabeça dele. *As coisas nunca mais serão as mesmas.*

Para que diabos ele estava jogando então, todo esse tempo?

— Vamos, Dodge — Dayna falou. — Sente-se.

— Não estou com fome — ele respondeu. Não conseguia se forçar a olhar para ela: aqueles olhos pacientes, aquele traço fino e insatisfeito de sua boca. Como se ele fosse uma criancinha. Uma criancinha tonta. — Fala pra mãe que eu disse tchau.

— Estamos a quilômetros de casa — Dayna disse.

— Vai ser ótimo eu caminhar — Dodge declarou. Ele enfiou um cigarro na boca, mesmo que não estivesse com vontade de fumar, e esperou que não chovesse.

Heather

Heather não voltou para Meth Row. Era conveniente, de algumas formas, mas não havia privacidade lá, agora que Dodge sabia onde ela estava. Não queria que ele a espiasse, que visse como estava vivendo, que talvez abrisse o bico.

Heather tinha sido cuidadosa, até aquele momento, para andar com o carro apenas no meio da noite, quando havia menos perigo de serem vistas. Desenvolvera uma rotina: nos dias de trabalho, programava o alarme para as quatro horas da manhã e, enquanto Lily ainda estava dormindo, ela pegava a estrada, ainda no escuro, para a casa de Anne. Estacionava em um espaço que encontrara entre as árvores, perto da entrada da garagem. Às vezes, ela dormia de novo. Às vezes, esperava, observando o preto começar a borrar e a mudar, primeiro se tornando um preto manchado que começava a clarear, descortinando-se em um tom vívido de sombras roxas e triângulos de luz.

Fazia um grande esforço para não pensar no passado, ou no que aconteceria no futuro, ou em qualquer coisa. Mais tarde, quando já eram quase nove horas, ela ia até a casa e falava para Anne que Bishop a havia deixado ali. Em alguns dias, Lily vinha com ela. Outros dias, ela ficava no carro, ou brincando na floresta.

Duas vezes, Heather tinha chegado cedo e tomado banho no meio da noite, esgueirando-se pela floresta até o chuveiro externo. Então ela se despia, tremendo no ar frio e entrava, agradecida, debaixo do fluxo de água quente, deixando que caísse em sua boca, em seus olhos e em seu corpo. Em outras ocasiões, ela dava um jeito usando uma mangueira.

Heather não podia se deixar fantasiar sobre água corrente, micro-ondas, ar-condicionado, refrigerador e banheiro. Sobre banheiro, sem dúvida. Já se passavam quase duas semanas desde que tinham saído de casa, e havia levado duas picadas de mosquito na bunda ao fazer xixi, e comido mais ravióli enlatado do que poderia suportar.

O que ela queria fazer era chegar a Malden Plaza, onde tinham atravessado a rodovia — aquele estacionamento vasto e impessoal com somente alguns postes de luz. Caminhoneiros entravam e saíam da estrada o tempo todo, e carros pernoitavam no estacionamento. Havia um McDonald's e banheiros públicos com chuveiros para os caminhoneiros em viagem.

Primeiro elas precisavam de gasolina. Ainda não estava escuro e ela não queria parar em Carp. Mas sua gasolina andava só no cheiro havia quase vinte e quatro horas e ela também não queria ficar na estrada. Então entrou no Citgo, na Main Street, que era o menos popular entre os três postos de gasolina na cidade, pois era o mais caro e não vendia cerveja.

— Fique no carro — ela disse à Lily.

— Tá, tá — murmurou a menina.

— Estou falando sério, Bill. — Heather não sabia quanto tempo aguentaria aquilo: as respostas atravessadas, a guerra verbal. Ela estava se descontrolando. Ficando louca. O sofrimento estava com as mãos ao redor de seu pescoço; ela estava sendo enforcada. Ficava enxergando Vivian bebendo na caneca de Bishop, os cabelos pretos caindo em tufos ao redor de um rosto bonito, branco como a lua. — E não fale com ninguém, tá?

Ela examinou o estacionamento: nenhum carro de polícia, nenhum carro que ela reconhecia. Era um bom sinal.

Lá dentro, colocou vinte dólares na bomba e aproveitou a oportunidade para abastecer seus estoques com o que era possível: pacotes de macarrão instantâneo, que elas comiam dissolvido em água fria; batatas fritas com salsa; carne seca; e dois sanduíches mais ou menos frescos. O homem atrás do balcão, com rosto escuro e comum e cabelo ralo penteado para o lado, como se fossem algas marinhas coladas na testa, fez Heather esperar pelo troco. Enquanto ele contava as moedas no caixa, ela foi ao

banheiro. Não gostava de estar sob as luzes fortes da loja e também não gostava do jeito que o homem a observava — como se pudesse enxergar todos os seus segredos.

Enquanto lavava as mãos, ela registrou de longe o barulho da sineta da porta, um murmúrio baixo de conversa. Outro cliente. Quando ela saiu do banheiro, ele estava fora de vista por causa de um grande expositor de óculos de sol baratos, e ela estava quase no balcão antes de notar o uniforme, a arma pendurada no quadril.

Um policial.

— Como vai aquele assunto do Kelly? — dizia o homem atrás do balcão.

O policial, com a barriga grande caindo por cima do cinto, encolheu os ombros.

— A autópsia chegou. Parece que o Jovem Kelly não morreu no incêndio.

Heather sentiu como se algo a tivesse acertado no peito. Ela colocou o capuz na cabeça e fingiu estar olhando as batatas. Pegou um pacote de pretzels e apertou os olhos para ele com força.

— Foi mesmo?

— História triste. Parece que foi overdose. Ele andava tomando comprimidos desde que tinha voltado da guerra. Provavelmente só foi para aquela casa Graybill em busca de um lugar quente e agradável para ficar chapado.

Heather soltou a respiração. Ela foi tomada por uma sensação insana e imediata de alívio. Não tinha percebido, até o momento, que estava se considerando culpada, pelo menos um pouquinho, pelo assassinato dele.

Mas não era assassinato. Não tinha sido.

— Mesmo assim, alguém começou o incêndio — disse o policial, e Heather percebeu que ela fitava o mesmo pacote de pretzels por mais tempo que deveria, e agora o policial prestava atenção nela. Ela colocou os pretzels de volta na prateleira, abaixou a cabeça e foi seguindo para a porta.

— Ei! Ei, moça!

Ela congelou.

— Você esqueceu suas compras. Também estou com o seu troco.

Se ela saísse correndo, pareceria suspeito. Então o policial talvez quisesse saber por que ela estava assustada. Ela se virou devagar para o balcão, mantendo os olhos fixos no piso. Podia sentir os dois homens observando-a enquanto ela pegava a sacola de comida. Suas bochechas estavam quentes, e a boca parecia seca como areia.

Estava quase na porta outra vez, quase livre, quando o policial chamou elevando a voz:

— Ei. — Ele a estava observando com atenção. — Olhe para mim.

Ela se esforçou para encará-lo. Ele tinha um rosto rechonchudo, como um pãozinho. Mas seus olhos eram grandes e redondos, como os de uma criança pequena, ou de um animal.

— Qual é seu nome? — ele perguntou.

Ela disse o primeiro nome que lhe veio à mente.

— Vivian.

Ele moveu o chiclete que estava mascando de um lado para o outro na boca.

— Quantos anos você tem, Vivian? Está no ensino médio?

— Já me formei — ela disse. Suas palmas coçavam. Queria virar e fugir. Os olhos dele viajaram pelo rosto dela rapidamente, como se o estivesse memorizando.

O policial deu um passo para mais perto dela.

— Você já ouviu falar de um jogo chamado Pânico, Vivian?

Ela desviou o olhar.

— Não — respondeu num sussurro. Era uma mentira idiota, e na mesma hora ela desejou ter dito que sim.

— Achei que todo mundo jogasse Pânico — disse o policial.

— Nem todo mundo — Heather respondeu, virando-se de novo para ele. Viu uma faísca de triunfo nos olhos dele, como se ela tivesse admitido alguma coisa. Deus. Estava estragando tudo. Sua nuca estava suando.

O policial a encarou por mais alguns segundos.

— Vá em frente, saia daqui — foi tudo o que ele disse.

Lá fora, ela respirou fundo algumas vezes. O ar estava pesado pela umidade. Uma tempestade se anunciava, uma das bravas, a julgar pelo céu. Estava praticamente verde, como se o mundo inteiro

estivesse prestes a vomitar. Ela colocou o capuz de volta, deixando o suor refrescar sua testa.

Foi correndo pelo estacionamento até a bomba.

E parou.

Lily tinha desaparecido.

Houve um enorme *cabrum* , um som tão alto que ela pulou de susto. O céu se abriu, e a chuva caía furiosa no asfalto. Ela chegou ao carro no instante em que o primeiro tridente de raio rasgou o céu e balançou a maçaneta da porta. Trancada. Onde será que Lily se meteu?

— Heather! — A voz da irmã ecoou mais alta que chuva.

Heather se virou. Um policial estava ao lado da viatura azul e branca com a mão ao redor do braço de Lily.

— Lily! — Heather correu até lá, esquecendo-se de se preocupar com policiais e tomar cuidado. — Solte ela — falou.

— Acalme-se, acalme-se. — O policial era alto e magro, com um rosto que parecia de cavalo. — Todo mundo calmo, certo?

— Solte ela — Heather repetiu. O policial obedeceu. Lily correu para Heather e passou os braços ao redor da cintura dela, como se fosse uma criança.

— Um momento — disse o policial. Outro relâmpago. Seus dentes foram iluminados: cinzentos e tortos. — Eu só queria me certificar de que a mocinha estava bem.

— Ela está ótima — Heather disse. — Nós estamos ótimas. — Ela começou a dar as costas, mas o policial estendeu a mão e ela parou.

— Não tão depressa — disse ele. — Ainda temos um pequeno problema.

— A gente *não* fez nada — Lily interveio.

O policial apertou os olhos para a garota.

— Eu acredito em você — ele disse, sua voz um pouco mais suave. — Mas esse aí… — e ele apontou para o Taurus caindo aos pedaços — … é um carro roubado.

A chuva estava despencando tão forte que Heather não conseguia pensar. Lily parecia triste e magrinha demais com sua camiseta colada nas costelas.

O policial abriu a porta traseira da viatura.

— Pode entrar — disse à Lily. — Se seque. — Heather não gostou; ela não queria ver a irmã nem ao menos nas imediações em que estivesse um carro de polícia. Era assim que eles pegavam as pessoas: fingiam ser bonzinhos, faziam a gente acreditar que estava segura e depois viravam a mesa sem aviso prévio. Ela pensou em Bishop e sentiu a garganta apertar. Era assim que todo mundo pegava as pessoas.

Mas Lily tinha entrado antes que Heather pudesse impedi-la.

— Que tal ir para algum lugar e conversar? — sugeriu o policial. Pelo menos ele não parecia bravo.

Heather cruzou os braços.

— Estou bem — ela falou, esperando que ele não a visse estremecer. — E eu não roubei esse carro. É da minha mãe.

Ele sacudiu a cabeça.

— Sua mãe disse que você o roubou. — Ela mal podia ouvi-lo com o barulho da chuva. — Você tem um belo estoque no banco de trás. Comida. Cobertores. Roupas. — Uma gota de chuva rolou da ponta de seu nariz, e Heather achou que ele parecia quase tão patético quanto Lily tinha ficado sob aquela chuva.

Ela desviou o olhar. E sentiu a necessidade de falar, de contar tudo, de explicar, inchando como um balão dentro do peito, pressionando-se dolorosamente contra suas costelas. Mas ela apenas disse:

— Eu não vou para casa. Você não pode me obrigar.

— Claro que posso.

— Tenho dezoito anos — ela retrucou.

— Sem trabalho, sem dinheiro, sem casa — observou o policial.

— Eu tenho um emprego. — Ela sabia que estava sendo burra, teimosa, mas não se importava. Havia prometido à Lily que não iriam voltar e não iriam. Se ela contasse sobre sua mãe, falasse sobre as festas e as drogas, ela não teria que voltar. Mas talvez fosse pôr sua mãe na cadeia e Lily em alguma casa com estranhos que não se importavam com ela. — Eu tenho um bom emprego.

E de repente lhe ocorreu: Anne.

Ela olhou para o policial.

— Não posso fazer um telefonema, nem nada?

Pela primeira vez, ele sorriu, mas seus olhos ainda estavam tristes.

— Você não está presa.

— Eu sei — ela disse. E de repente ela sentiu um nervosismo tão grande que achou que fosse vomitar. E se Anne não se importasse? Ou, pior, ficasse do lado da polícia? — Mas eu quero dar o meu telefonema do mesmo jeito.

Dodge

Dodge só tinha percorrido a metade do caminho para casa quando o céu se rasgou e começou a se desfazer em chuva. Que merda de azar. Em apenas alguns minutos, ele estava todo encharcado. Um carro passou buzinando com força, espirrando sem dó um jato de água em seu jeans. Ele ainda estava a mais de três quilômetros de casa.

Esperava que a tempestade fosse aliviar, mas ficou pior. Um relâmpago rasgou o céu, flashes rápidos que se apoderaram do mundo em uma estranha luz verde. A água se acumulava rápido em valas, arrastando folhas e copos de papel no sapato de Dodge. Ele estava quase cego; não enxergava o trânsito até quase já estar em cima dele.

Percebeu, de repente, que estava apenas a alguns minutos da casa de Bishop. Então saiu da estrada e começou a correr. Com um pouco de sorte, Bishop estaria em casa e ele poderia esperar ou pegar uma carona.

Mas, quando chegou à entrada, viu que a casa toda estava escura. Ainda assim, ele foi para a varanda e bateu na porta da frente, rezando para que Bishop atendesse. Nada.

Lembrou-se de que a varanda dos fundos era fechada com uma tela e deu a volta na casa em meio à lama. Bateu a canela em um velho cortador de grama e tropeçou para frente, caindo quase de cara. Soltou um palavrão.

A porta de tela estava, claro, trancada. Ele estava molhado e em condições tão deploráveis que, por um segundo, considerou abrir um buraco na tela —, mas então um raio iluminou o céu novamente,

e, naquele flash de segundo, viu um tipo de galpão de jardinagem, não muito longe e meio obscurecido pelas árvores.

A porta do barracão era protegida por um cadeado, mas Dodge teve seu primeiro fragmento de sorte: a trava não estava no lugar. Ele empurrou a porta e entrou. Então ficou tremendo até se acostumar com o espaço seco e fresco, inalando o cheiro de cobertores molhados e madeira velha, esperando que os olhos se ajustassem. Ele não conseguia ver nada. Apenas contornos, objetos escuros, talvez mais tralha.

Pegou o celular para conseguir um pouco de luz e viu que a bateria estava quase acabando, então não poderia ligar para Bishop e perguntar onde ele estava, e quando chegaria em casa. Ótimo. Mas, pelo menos no brilho da tela, conseguiria vislumbrar melhor o galpão, e ficou surpreso ao notar que havia eletricidade ali: uma simples lâmpada parafusada no teto, e também havia um interruptor na parede.

A lâmpada era fraca; porém, melhor que nada. De imediato, viu que o lugar era mais bem organizado do que ele pensava. Certamente mais limpo do que o ferro-velho. Havia um banco e uma mesa e um monte de prateleiras. Um monte de talões de apostas, deformados pela umidade e presos sob o peso de uma tartaruga de metal, estavam empilhados sobre a mesa. Engraçado que Bishop estivesse acompanhando o jogo tão de perto — talvez porque Heather estava jogando.

Ao lado os talões de apostas havia um equipamento audiovisual e um daqueles celulares baratos pré-pagos, do tipo que não precisava de assinatura.

O segundo fragmento de sorte: o celular estava carregado e não precisava de senha.

Ele procurou nos seus contatos pelo número de Bishop e conseguiu encontrá-lo logo antes de seu celular desligar.

Discou o número no aparelho recém-encontrado e o ouviu tocar. Cinco vezes, e depois caiu na caixa postal de Bishop. Dodge desligou sem deixar recado. Em vez disso, resolveu entrar nas mensagens para mandar um SOS para Bishop. Ele teria que voltar alguma hora. Afinal, onde estaria num clima daqueles?

E então: ele congelou. O tamborilar pesado da chuva no telhado, até mesmo o peso do celular: tudo desapareceu quando ele viu apenas as palavras da última mensagem na caixa de saída.

Hora do show solo. Amanhã à noite vamos ver do que você é realmente feito.

Ele leu de novo e uma terceira vez.

A sensação voltou com tudo.

Ele foi descendo. Mais mensagens: instruções para o jogo. Mensagens para outros jogadores. E, por último, uma mensagem para o número de Heather.

Pare agora, antes que se machuque.

Dodge colocou o telefone de volta com cuidado, no exato lugar onde o tinha encontrado. Agora tudo parecia diferente: o equipamento de gravação. Câmeras. Tinta spray no canto e a madeira compensada encostada nas paredes do galpão. Todas as coisas de que Bishop precisava para os desafios.

Meia dúzia de frascos de vidro alinhados em uma prateleira; ele se aproximou para examiná-los e então gritou, quase caindo, quase fazendo desmoronar uma pilha de madeira.

Aranhas. Os frascos estavam cheios delas — subindo no vidro, corpos marrons escuros juntos num borrão. Prontos para ele.

— O que você está fazendo aqui?

Dodge girou no lugar. Seu coração ainda batia forte; ele estava imaginando a sensação de uma centena de aranhas em sua pele.

Bishop na porta, imóvel. A tempestade ainda fustigava atrás dele, caindo em cascatas. Ele estava vestindo um poncho de chuva com capuz, e seu rosto escondia-se na sombra. Por um segundo, Dodge ficou mesmo com medo; ele parecia um assassino em série de um filme B de terror.

Dodge teve um súbito lampejo de clareza: era isso que o jogo era na realidade. Esse era o verdadeiro medo — que a gente nunca conhecesse as pessoas de verdade, não por completo. Que só estivéssemos apenas… andando a esmo no escuro.

Então Bishop deu mais um passo para dentro do galpão, tirando sua capa, e a impressão passou. Era apenas Bishop. Um pouco do medo de Dodge também desvaneceu, embora sua pele estivesse

ainda arrepiada, fora o desconforto pelas aranhas nos frascos de vidro frágeis, apenas a alguns passos dali.

— Que porra é essa, Dodge? — Bishop explodiu. Seus punhos estavam cerrados.

— Eu estava procurando por você — Dodge respondeu, levantando as duas mãos, no caso de Bishop estar pensando em se lançar sobre ele. — Eu só queria sair da chuva.

— Não era para você estar aqui dentro — Bishop insistiu.

— Está bem — Dodge disse. — Eu sei, tá? Eu já sei.

Houve um momento de silêncio elétrico. Bishop o encarou.

— Sabe o quê? — ele perguntou, por fim.

— Fala sério, cara. Não vem com essa — Dodge disse baixinho. — Só me diga uma coisa: por quê? Achei que você odiasse o Pânico.

Dodge pensou que Bishop não fosse responder, que tentaria negar tudo. Foi quando Bishop pareceu desabar, como se algo o tivesse sugando a partir do centro. Ele fechou a porta atrás de si, depois desabou em uma cadeira. Por um momento, ficou sentado com a cabeça apoiada nas mãos. Por fim, olhou para cima.

— Por que você entrou no jogo? — Bishop perguntou.

Vingança , Dodge pensou, *e porque não tenho mais nada.* Mas em voz alta ele disse:

— Dinheiro. Por qual outra razão?

Bishop fez um gesto largo com as mãos.

— A mesma coisa.

— De verdade? — Dodge o observava com atenção. Havia um ar no semblante de Bishop que ele não conseguia identificar. Bishop assentiu com a cabeça, mas Dodge sabia que ele estava mentindo. Era mais do que isso. Ele escolheu deixar passar.

Todo mundo precisava de segredos.

— E agora? — Bishop perguntou. Sua voz parecia a de alguém exausto. Ele também tinha aparência de exausto. Dodge se deu conta de quanta coisa devia ter pesado sobre ele naquele verão: todo o planejamento, todas as mentiras.

— Me diga você — rebateu Dodge. Ele se apoiou na escrivaninha. Estava se sentindo um pouco mais relaxado e grato

que Bishop estivesse posicionado de uma forma que ele não conseguisse enxergar as aranhas.

— Você não pode contar para a Heather — Bishop disse, inclinando-se para a frente, parecendo furioso. — Ela *não* pode saber.

— Calma — Dodge falou. Sua mente trabalhava a todo vapor, já se ajustando às novas informações, pensando em como poderia usar aquilo. — Eu não vou contar pra Heather. Mas também não vou fazer o desafio solo. Você só vai dizer que eu fiz.

Bishop o encarou.

— Isso não é justo.

Dodge deu de ombros.

— Talvez não. Mas é como vai ser. — Ele limpou as palmas das mãos no jeans. — O que você planejava fazer com aquelas aranhas?

— O que você acha? — Bishop falou em tom irritado. — Tá bom. Tudo bem. Você vai direto pro Duelo. Beleza?

Dodge fez que sim. Abruptamente, Bishop levantou-se e chutou a cadeira, que deslizou alguns centímetros.

— Caramba. Sabia que na verdade eu acho bom que você tenha descoberto? Eu tinha esperança de que você descobrisse. Tem sido horrível. Horrível pra caralho.

Dodge não disse nada idiota, tipo que Bishop poderia ter recusado quando foi convidado para ser juiz.

Então ele apenas disse:

— Vai acabar logo.

Bishop estava andando de um lado para o outro. Então se virou e ficou de frente para Dodge. De repente ele parecia preencher todo o espaço.

— Eu o matei, Dodge — disse ele, quase sem fôlego. — Eu sou o responsável. — Um músculo flexionou na mandíbula de Bishop; e ocorreu a Dodge que ele estava tentando não chorar. — Fazia parte do jogo. — Ele balançou a cabeça. — Eu nunca quis machucar ninguém. Foi um truque idiota. Acendi uns papéis na lata de lixo. Mas o fogo ficou fora de controle rápido demais. Simplesmente… explodiu. Eu não sabia o que fazer.

Dodge teve um breve momento de culpa. No início daquela noite, quando tinha brigado com Dayna por causa do Bill Kelly, ele não tinha pensado no Jovem Kelly em momento algum. E sobre o quanto o pai dele devia estar se sentindo mal.

— Foi um acidente — ele disse baixinho.

— Isso importa? — Bishop perguntou. Sua voz saiu estrangulada. — Eu tinha que ir pra cadeia. Provavelmente vou.

— Você não vai. Ninguém sabe. — Ocorreu a Dodge, porém, que Bishop devia ter um parceiro. Sempre havia pelo menos dois juízes. No entanto, sabia que Bishop não lhe diria se perguntasse. — E não vou dizer nada. Pode confiar em mim.

Bishop assentiu.

— Obrigado — ele sussurrou. De novo, a energia pareceu deixá-lo de uma vez só. Ele se sentou outra vez e colocou a cabeça entre as mãos. Eles ficaram assim por um longo tempo enquanto a chuva tamborilava no telhado, como punhos batendo e pedindo para entrar. Ficaram ali até a perna de Dodge começar a adormecer no ponto onde ele estava apoiado e o barulho da chuva ir sumindo e se tornando apenas o arranhão de unhas.

— Tenho um favor pra pedir — Bishop disse, olhando para cima. Dodge assentiu. Os olhos de Bishop reluziram: uma expressão rápida demais para interpretar. — É sobre a Heather.

Sábado,
6 de agosto

Heather

Anne decidira que Heather estava pronta para alimentar os tigres. Ela havia mostrado como destrancar o portão e onde colocar o balde de carne. Anne não tinha pressa quando alimentava os tigres — às vezes, até jogava um bife, como se estivesse arremessando um frisbee, e de vez em quando um dos animais saltava para pegá-lo no ar.

Heather sempre esperava até os tigres estarem do outro lado do cercado ou deitados debaixo das árvores, onde eles gostavam de passar as tardes mais ensolaradas. Ela trabalhava tão depressa quanto possível, sem nunca tirar os olhos deles. O tempo inteiro ela tinha a impressão de sentir o calor da respiração dos felinos, os dentes rasgando o pescoço dela.

— Você acha que eles sentem saudades de casa?

Heather girou no lugar. Lily. Mais cedo naquela manhã, Lily tinha ajudado Anne a levar Muppet para tomar um banho, e suas pernas estavam respingadas de água barrenta. Mas ela parecia mais limpa e saudável do que nas últimas semanas. Do outro lado do celeiro, podiam ouvir Anne cantarolando enquanto colhia narcisos no jardim.

— Acho que eles estão muito felizes — Heather disse, embora realmente nunca tivesse pensado nisso. Ela conferiu três vezes para ver se tinha trancado o cercado direito, depois se virou de novo para Lily. O rosto de sua irmã estava enrugado, como se tentasse engolir algo grande demais.

— E quanto a você, Bill? — Heather perguntou, descansando a mão na cabeça da menina. — Sente falta de casa?

Lily negou com tanta veemência que sua trança chicoteou no rosto.

— Eu quero ficar aqui pra sempre — ela disse, e Heather soube que as palavras é que eram a coisa grande demais que a estava sufocando.

Ela se curvou desajeitada para abraçar Lily; notando, entretanto, que a irmãzinha tinha crescido e estava quase batendo em seu peito. Era só mais uma coisa que tinha mudado enquanto Heather não estava prestando atenção. Como Bishop. Como sua amizade com Nat.

— Não importa o que aconteça, vamos ficar juntas. Entendeu? Vamos ficar bem. — Colocou o polegar no nariz de Lily, e a menina retrucou com um tapa. — Você acredita em mim?

Lily fez que sim, mas Heather percebia que não era verdade; não completamente.

Fazia três dias que Heather havia sido pega pela polícia, e por enquanto Anne tinha concordado em deixar Heather e Lily ficarem com ela. Estavam dormindo no “quarto azul”: havia papel de parede estampado com flores azuis, cobertores azuis e cortinas azuis de renda. Heather achava aquele o quarto mais bonito que já tinha visto. Mais cedo naquela manhã, acordou e a cama da irmã estava vazia. Por um momento, foi tomada por pânico, até que ouviu o som de risos do lado de fora. Quando foi para a janela, viu que Lily estava ajudando Anne a alimentar as galinhas e rindo entusiasmada, quando uma delas a perseguiu, bicando a comida.

No dia anterior, Krista tinha chegado a bordo do Taurus, que a polícia lhe devolvera. Ela ignorou Anne, mas fez um grande espetáculo ao abraçar Lily, que ficou parada, rígida, com o rosto esmagado no peito cheio de sardas da mãe. Heather achou que a mãe ia ficar com raiva por causa do carro, e talvez estivesse, mas estava sóbria pelo menos, e tentando parecer decente. Ela fedia a perfume, e estava usando a calça de trabalho e uma blusa azul que franzia debaixo dos seios.

Ela disse à Heather que estava arrependida, que não ia mais se acabar, e que ia se esforçar para prestar atenção em Lily. Mas ela recitou as palavras de um jeito rígido, como uma atriz lendo falas que a deixavam entediada.

— E então? Você vai voltar pra casa? — ela perguntou.

Heather sacudiu a cabeça. E então viu: o rosto de Krista havia se transformado por um minuto.

— Você não pode ficar aqui para sempre — Krista disse em voz baixa, para que Anne não pudesse ouvir. — Ela vai se cansar de você.

Heather sentiu algo se abrir no fundo do estômago.

— Adeus, Krista — disse ela.

— E também não vou deixar você tirar meu bebê. Não pense que vai tomar a Lily de mim. — Krista agarrou o cotovelo de Heather, mas, vendo Anne se mover em direção a elas, logo o soltou.

— Eu vou voltar logo — Krista disse em voz alta com o seu sorriso plástico. As palavras soaram como uma ameaça. E Heather andou pelo resto do dia com aquele buraco no estômago, mesmo depois de Anne ter se aproximado, de forma inesperada e espontânea, e dado um grande abraço em Heather.

Não se preocupe , ela falou. *Estou aqui.*

Heather desejou muito acreditar nas palavras de Anne.

Os tigres haviam cruzado o cercado, indo em direção à carne; primeiro de um jeito preguiçoso, como se desinteressados. Saltaram sobre o alimento em um gesto rápido e fluido, abrindo a boca, cheia de dentes que reluziam ao sol. Heather os viu estraçalhar a carne e se sentiu um pouco enjoada. O que Anne tinha falado no primeiro dia de trabalho? Ela gostava de acolher coisas devastadas e danificadas. Mas Heather não podia imaginar que os tigres precisavam de ajuda.

Seu telefone zumbiu no bolso de trás. Natalie. Elas não haviam conversado desde a festa de aniversário.

— Heather? — A voz de Nat soava distante, como se ela estivesse falando embaixo d’água. — Você ficou sabendo da última?

— Da última o quê? — Heather perguntou. Segurando o telefone entre a orelha e o ombro, ela abriu a porta do galpão e pendurou as chaves do cercado dos tigres.

— Os talões de apostas — a amiga disse. — Dodge venceu o desafio individual dele. Uma de nós é a próxima.

O estômago de Heather deu outra reviravolta.

— Ou o Ray. Ou o Harold Lee — ela apontou.

— Mas logo vai ser a nossa vez — Nat disse. Ela fez uma pausa. — Você… já falou com ele?

Heather soube na hora que Nat se referia a Dodge.

— Na verdade, não — ela respondeu. Não contou para Natalie o que Dodge dissera: que o acordo estava cancelado. Ela suspeitava de que a amiga já soubesse disso.

Nat suspirou.

— Me avisa, tá?

— Sim, claro — Heather disse. Houve uma pausa desconfortável. Ela se lembrou de Nat histérica no banheiro naquela noite, com as mãos quase em carne viva de tanto esfregar. E sentiu uma súbita onda de emoção, amor por Natalie, sofrimento por todas as coisas que nunca tinham sido ditas.

— E, Heather? — ela continuou.

— O que foi?

Nat falou baixo:

— Eu não poderia ter feito isso sem você. Eu nunca teria chegado tão longe. Você sabe disso, não sabe?

— O jogo já está quase no final — Heather disse, tentando manter o tom leve. — Não amoleça pra cima de mim agora.

Assim que desligou, ela viu que tinha deixado de ver uma mensagem de texto. Abriu para ler e sentiu a respiração grudar na boca.

O texto dizia:

Amanhã é sua vez.

Domingo,
7 de agosto

Heather

— Está tudo bem? — Nat perguntou.

— Eu estaria melhor se você dirigisse sem dar solavancos — Heather respondeu. E logo em seguida: — Me desculpe.

— Não tem problema — disse Nat. Os nós de seus dedos eram meias-luas minúsculas no volante.

Assim que Heather viu a placa para o Estacionamento de Trailers Fresh Pines, ela sentiu que o estômago poderia despencar e ir parar na bunda. Estavam indo para o Lote 62, um trailer vazio desde que Heather podia se lembrar, a apenas algumas fileiras para baixo da casa de Krista. Mesmo que ninguém vivesse lá havia séculos, tinha eletricidade e era equipado com geladeira, mesa e uma cama.

Heather sabia que as pessoas usavam o número 62 para festas e provavelmente para outras coisas em que ela não queria pensar. Uma vez, quando tinha oito ou nove anos, ela e Bishop tinham feito uma limpeza no trailer, esvaziaram todas as cervejas da geladeira, jogaram no lixo os maços de cigarros e os sacos de erva que encontraram no armário do banheiro; como se isso fosse capaz de parar alguém.

Heather se perguntava o que Bishop estava fazendo naquele momento, e se ele tinha ouvido que era a vez dela de ir para o desafio. Provavelmente não. Então descobriu que pensar nele era muito doloroso e se forçou a se concentrar na direção horrível de Natalie.

— Pelo menos você vai acabar logo com isso — Nat disse. Heather sabia que ela estava tentando ser útil. — Eu quase queria que fosse a minha vez.

— Não, você não queria — Heather falou. E logo chegaram ao número 62. As cortinas estavam puxadas, mas ela podia ver a luz brilhando nas janelas, e as pessoas transformadas em silhuetas lá dentro. Incrível. Então ela também teria uma plateia.

Natalie desligou o carro.

— Vai dar tudo certo — disse. Ela começou a sair do carro.

— Ei. — Heather a impediu. Sua boca estava seca. — Sabe aquilo que você me disse antes? Bom, eu também nunca poderia ter chegado tão longe sem você.

Nat sorriu. Ela parecia triste.

— Que a melhor vença — ela disse baixinho.

Lá dentro, o ar estava nebuloso com fumaça de cigarro. Diggin estava de volta, o rosto ainda inchado e brilhante, cheio de hematomas. Ele exibia os ferimentos como se fossem distintivos de honra. Heather ficou irritada ao ver que Ray tinha aparecido — na certa para vê-la fracassar.

Havia algumas garrafas de bebida barata e alguns copos de plástico no balcão. Um grupo de pessoas estava sentado ao redor da mesa; assim que Heather e Nat entraram, todos se viraram como se fossem um só. O coração de Heather parou. Vivian Trager também estava lá.

Assim como Matt Hepley.

— O que você está fazendo aqui? — Ela dirigiu a pergunta a Matt, ainda parada na porta da entrada. Ficou pensando que devia ser parte do teste, como uma armação. *Desafio do Pânico: ver quanto Heather aguenta sem chorar em um trailer pequeno com seu ex-namorado e a nova namorada de Bishop. Não vomitar gera pontos bônus.*

Matt se levantou da mesa tão rápido que quase virou a cadeira.

— Heather. Oi. — Ele fez um aceno desajeitado, como se estivessem a uma grande distância, em vez de apenas a um metro e meio. Heather sentia Vivian observando-a, parecendo achar um pouco de graça. Vadia. E Heather sempre tinha sido legal com ela. — O Diggin me pediu para vir. Para ajudar com… — Sua voz sumiu.

— Com o quê? — Heather estava com frio. Ela não sentia a boca formando as palavras.

Matt corou num tom profundo de vermelho. Heather costumava gostar dessa característica que ele tinha: corava fácil.

Agora ela achava que ele parecia idiota.

— Com a arma — disse ele, por fim.

Pela primeira vez, Heather tomou ciência do objeto que estava em cima da mesa ao redor da qual todos estavam reunidos. Sua respiração congelou na garganta, se tornou um bloco duro. Ela não conseguia engolir.

Em cima da mesa, havia não um baralho de cartas: mas uma arma.

A arma — a que Heather tinha roubado da casa de Jack Rápido no Gatilho.

Mas não, isso era impossível. Ela estava ficando louca. Bishop havia pegado a arma e trancado no porta-luvas do carro. Mas Heather não sabia se conseguiria distinguir armas, para falar a verdade. Todas pareciam iguais: como dedos horríveis de metal apontando na direção de algo maléfico.

Ela se lembrou, de repente, de ouvir uma criança pequena chorando enquanto Krista bebia com os vizinhos na cozinha. “Já o pai de Heather… *ele* era um caso perdido. Se matou logo depois que o bebê apareceu. Cheguei em casa e encontrei cérebro respingado na parede.” Pausa. “Mas, às vezes, não posso dizer que o culpo.”

— Por favor? Só por um minuto? — Matt tinha chegado ainda mais perto. Ele estava encarando Heather com seus grandes olhos de vaca, suplicando; ela registrou com atraso que ele tinha lhe perguntado se eles podiam conversar. Matt baixou a voz. — Lá fora?

— Não. — Os pensamentos demoravam até tomar a forma de palavras, de ação.

— O quê? — Matt pareceu meio confuso. Ele não devia estar habituado a Heather se impor. Talvez Delaney também sempre lhe dissesse sim.

— Se quer dizer algo, fale comigo aqui. — Heather tinha consciência do fato de que Nat estava fazendo o melhor para fingir que não estava ouvindo. Vivian, por outro lado, ainda a estava encarando.

Matt tossiu. Ele corou de novo.

— Olha, eu só queria te dizer… Desculpa. Pela forma como tudo aconteceu entre a gente. A história com a Delaney… — Ele desviou o olhar. Estava fazendo o melhor para parecer sincero nas desculpas, mas Heather sabia que ele estava radiante, só um pouco, para estar na posição de *ter* que pedir desculpas. Ele estava no controle. Encolheu os ombros. — Você tem que acreditar, só meio que… *aconteceu* .

Ela sentiu uma explosão de ódio por ele. Como era possível que um dia tivesse acreditado que estava apaixonada por Matt? Ele era um otário exatamente como Nat dissera. Ao mesmo tempo, uma imagem de Bishop surgiu na mente de Heather: Bishop de moletom idiota, de chinelo, sorrindo para ela; os dois bebendo um café gelado juntos, com o mesmo canudo, sem pensar na saliva um do outro e no fato de que Heather sempre mastigava os canudos até ficarem imprestáveis; deitados lado a lado no capô do carro dele, tendo latas amassadas à sua volta para que, de acordo com Bishop, fosse mais provável ser abduzido pelos alienígenas. E dizendo: *Por favor, por favor, me levem daqui, amigos ET s!* E rindo.

— Por que você está me dizendo isso agora? — Heather perguntou.

Matt pareceu assustado, como se ele estivesse esperando que ela fosse agradecê-lo.

— Eu estou contando agora porque você não tem que fazer isso. Não tem que ir até o fim. Eu te *conheço* , Heather. E essa não é você.

A sensação foi como se ela tivesse levado um soco no estômago.

— Acha que você é o motivo? Que o motivo foi o que aconteceu?

Matt suspirou. Ela percebia que Matt achava que ela é que estava dificultando as coisas.

— Eu só estou dizendo que você não tem que provar nada.

Uma vibração perpassou Heather, pequenos pulsos elétricos de raiva.

— Vai se foder, Matt — ela disse. A essa altura, as pessoas na sala não fingiam mais que não estavam ouvindo. Só que ela não se importava.

— Heather… — Ele estendeu a mão para o braço dela e começou a tocá-la.

Ela se desvencilhou.

— O motivo nunca foi você. — Não era, ela percebeu, com cem por cento de certeza. Ela havia entrado, pelo menos achava que havia, por causa de um sentimento de desespero, um sentimento de que a vida dela tinha acabado quando ele a dispensou. Mas agora estava jogando por si mesma, por si e por Lily; estava jogando porque tinha chegado até ali; estava jogando porque, se vencesse, seria a primeira e única vez que ela ganharia alguma coisa na vida. — E você *não* me conhece. Nunca me conheceu.

Ele a soltou. Heather esperava que ele fosse embora, agora que tinha vindo dizer o que tinha para dizer, mas não foi. Ele cruzou os braços e inclinou-se contra a porta do banheiro, ou a folha de madeira compensada pichada onde a porta do banheiro *deveria* estar — o encanamento não havia sido ligado. Só por um segundo, ela viu Matt Hepley e Ray Hanrahan trocarem um olhar de relance. Matt fez um gesto quase imperceptível para ele. Tipo, *eu fiz o que pude* .

Ela sentiu, ao mesmo tempo, repulsa e triunfo. Então, agora Ray estava alistando Matt para ajudá-lo a convencer Heather a pular fora. Era provável que Ray tivesse mandado aquela mensagem de texto em junho pedindo para ela sair do Pânico. Ele obviamente pensava que ela era uma ameaça real.

E isso a fez se sentir poderosa.

— O que é isso? — ela disse, gesticulando com o queixo para a arma. Sua voz era alta demais, e ela estava ciente de que todos a estavam observando: Matt, Ray, Nat, Vivian e todos os outros. Era como uma pintura; e no centro, emoldurada em luz, estava a arma.

— Roleta-russa. — O tom de Diggin era quase pesaroso. Ele se apressou a acrescentar: — Você só precisa puxar o gatilho uma vez. O Harold também teve que fazer isso.

— Mas o Harold *não* fez — Vivian se manifestou. Sua voz era profunda e lenta, e fazia Heather se lembrar de lugares mais quentes. Lugares onde nunca chovia.

Ela se forçou a olhar nos olhos de Vivian.

— Então o Harold está fora?

Vivian deu de ombros.

— Acho que sim. — Ela estava com um pé sobre a cadeira, o joelho encostado no peito, e brincava despreocupada com o colar que usava. Heather podia ver suas clavículas à mostra na regata. Como ossos de um pássaro bebê. Ela teve uma imagem de Bishop beijando aquele ponto e desviou o rosto.

Então Harold estava fora. Isso deixava apenas quatro jogadores.

— Está bem — ela disse. Heather mal conseguia engolir. — Está bem — repetiu. Ela sabia que deveria acabar com aquilo, mas suas mãos não se afastavam da lateral do corpo. Nat a fitava, horrorizada, como se Heather já estivesse morta.

— Está carregada? — alguém perguntou.

— Está carregada. — Foi Ray quem respondeu. — Eu verifiquei. — Mas até ele parecia meio enjoado, e não estava fazendo contato visual com Heather.

Não tenha medo, ela disse a si mesma. Mas o efeito foi o oposto. Ela ficou plantada no chão, paralisada de medo. Quantas câmaras havia em uma arma? Quais eram suas chances? Ela sempre tinha sido péssima em coisas assim, probabilidades.

Ficava ouvindo a voz de sua mãe: *Cheguei em casa e encontrei cérebro respingado na parede…*

Ela não tinha escolha, se não quisesse que o jogo acabasse ali mesmo. Então o que Lily faria?

Mas o que aconteceria com Lily se Heather estourasse os miolos?

Ela viu sua mão sair do lado do corpo e fazer menção de pegar a arma. Sua mão parecia pálida e estranha, como se pertencente a alguma criatura esquisita que pudesse ser encontrada no oceano. Atrás dela, Nat prendeu a respiração.

De repente, a porta de entrada se escancarou com tamanha força que bateu com uma pancada na parede. As pessoas se viraram ao mesmo tempo, como se fossem todos marionetes na mesma corda.

Dodge.

Heather se sentiu imediatamente decepcionada; sabia que, no fundo, tinha esperanças de que fosse Bishop.

— Oi — ela disse. Mas Dodge não respondeu. Ele apenas cruzou o pequeno espaço até ela, meio que empurrando Matt, que estava

no caminho.

— Foi você — ele apontou. Sua voz era baixa e cheia de rancor.

Heather piscou.

— O quê?

— Você falou pra alguém sobre as aranhas — ele disse. Em seguida, fulminou Natalie com o olhar. — Ou foi você.

Ray deu uma risadinha maldosa. Dodge o ignorou.

— Do que você está falando? — Não tinha ocorrido a Heather se perguntar como os juízes poderiam saber que Dodge tinha medo de aranhas. Mas agora ficou remoendo sobre isso. Como eles ficavam sabendo coisas sobre eles? Seu estômago se contraiu. Ela temeu que pudesse vomitar.

— Nenhum de nós disse nada, Dodge, eu juro. — Era Natalie falando.

Dodge olhou para uma de cada vez. Depois, inesperadamente, estendeu a mão e apanhou a arma. Várias pessoas prenderam a respiração. Até mesmo Diggin se abaixou, como se esperasse que Dodge fosse abrir fogo.

— O que você está fazendo? — Vivian quis saber.

Dodge fez alguma coisa com a arma — abriu o tambor, Heather pensou, embora os dedos dele se mexessem tão depressa que ela não podia afirmar nada. Então, ele a recolocou na mesa.

— Eu queria ter certeza que estava carregada — ele anunciou. — O que é justo é justo. — Agora ele nem sequer olhava para Heather. Apenas cruzou os braços e esperou.

— Coitado do Dodge — Ray disse. Ele não se preocupou em reprimir uma risada. — Com medo da dona aranha.

— Sua vez vai chegar, Hanrahan — Dodge falou em tom calmo. Isso fez Ray parar de rir.

O cômodo ficou silencioso. Heather sabia que não haveria mais interrupções. Nem distrações. Ela sentiu como se alguém tivesse acendido as luzes. Estava quente demais, claro demais.

Ela pegou a arma. Ouviu Nat dizer “Por favor”. Heather sabia que todo mundo ainda a observava, mas não discerniu nenhum rosto individual: todos haviam se transformado em bolhas vagas, sugestões de cores e ângulos. Até a mesa começava a se tornar um borrão.

A única coisa real era a arma: pesada e fria.

Ela se atrapalhou um pouco para colocar o dedo no gatilho. Não estava mais sentindo seu corpo da cintura para baixo. Talvez morrer fosse assim: um entorpecimento gradual.

Ela colocou a arma na têmpora, sentiu o choque do metal frio na pele, como uma boca aberta. *É assim que meu pai deve ter se sentido* , ela pensou.

Fechou os olhos.

Nat gritou “Não faça isso!” e, ao mesmo tempo, uma cadeira caiu no chão com força e várias vozes gritaram de uma só vez.

Ela apertou o gatilho.

Clique.

Nada. Heather abriu os olhos. No mesmo instante, o recinto foi tomado por um rugido. As pessoas estavam em pé, dando vivas e comemorando. Heather estava tão fraca de alegria e alívio que descobriu que não conseguiria segurar a arma e a deixou cair no chão. Então Natalie se lançou nos braços de Heather.

— Oh, Heather, oh, Heather — ela dizia sem parar. — Sinto muito.

Heather repetia:

— Está tudo bem, está tudo bem. — Mas não sentia as palavras deixarem sua boca. Seus lábios estavam dormentes, sua língua estava dormente, seu corpo estava tremendo como se prestes a se desintegrar. Quando Nat a soltou, Heather desabou em uma cadeira.

Tinha acabado.

Ela estava viva.

Alguém colocou uma bebida na mão dela, e ela tomou um gole com gratidão antes de perceber que era cerveja quente. E logo Diggin estava na frente dela dizendo:

— Não pensei que você fosse apertar o gatilho. Uau. Puta merda. — Ela não sabia se o Matt tinha lhe dado parabéns; se fez isso, ela não registrou. Vivian sorriu para ela, mas não disse nada.

Até mesmo Dodge se aproximou.

— Olha, Heather — ele disse, ajoelhando-se para ficarem cara a cara. Por um segundo, seus olhos procuraram os dela, e ela teve certeza de que ele ia dizer algo importante. Em vez disso, ele disse:

— Guarda isso em segurança, tá? — E colocou alguma coisa na mão dela. Ela a guardou no bolso sem pensar.

De repente, mais do que qualquer outra coisa Heather queria sair de lá. Longe do cheiro de cerveja e de cigarro velho e do hálito dos outros; longe de Fresh Pines, para onde ela nunca pretendera retornar, para começo de conversa. Ela queria voltar para a casa de Anne, para o quarto azul, ouvir o sussurro do vento através das árvores, ouvir os murmúrios do sono de Lily.

Precisou de duas tentativas para ficar em pé. Sentiu como se seu corpo tivesse sido costurado pelas costas.

— Vamos, tá? — disse Nat. Seu hálito cheirava um pouco a cerveja e normalmente Heather ficava incomodada quando ela bebia antes de dirigir. Mas ela não tinha forças para discutir, nem mesmo para se importar.

— Isso foi *épico* — Nat disse, assim que estavam no carro. — Sério, Heather. Vai ser o assunto na boca do povo… talvez por anos. Se bem que eu acho que é injusto. Sabe, seu desafio foi, tipo, um bilhão de vezes mais difícil que o do Dodge. Você poderia ter *morrido* .

— Podemos não falar sobre isso? — Heather pediu. Abriu um pouco a janela e inalou o cheiro de pinheiros e musgos. Estava viva.

— Claro, sim. — Nat olhou para ela. — Você está bem?

— Eu estou bem — respondeu. Pensava no caminho nas profundezas da floresta, os espaços macios de vegetação e sombra. Ela se mexeu e apoiou a cabeça na janela. Sentiu algo no bolso. Lembrou-se do que Dodge tinha lhe dado. Ela se perguntava se ele se sentia culpado pela explosão que tivera no trailer.

Heather pôs a mão no bolso. Bem nessa hora, passaram debaixo de um poste de luz e, quando Heather esticou os dedos, o tempo pareceu parar por um instante. Tudo estava imóvel: Nat com as duas mãos no volante, a boca aberta e falando; as árvores lá fora, congeladas na expectativa; os dedos de Heather ainda não de todo esticados.

E a bala, no meio do macio de sua palma.

Domingo,
14 de agosto

Heather

Já era a segunda semana de agosto. O jogo estava chegando ao fim. Restavam quatro jogadores: Dodge, Heather, Nat e Ray.

Pela primeira vez desde o início, as pessoas começaram a fazer apostas de que Heather iria ganhar, embora Ray e Dodge ainda fossem os favoritos.

Heather ouviu que Ray tinha passado em seu desafio individual: havia arrombado o necrotério do condado, em East Chatham, e ficado a noite inteira trancado com os cadáveres. Assustador, mas não algo que pudesse matá-lo; Heather ainda estava com raiva de seu desafio ter sido o pior.

Mas, é claro, havia o fato de Dodge ter assegurado que o desafio dela também fosse inofensivo. Dodge, que tinha retirado uma bala enquanto dava um espetáculo fingindo verificar se a arma estava carregada.

Dodge, que agora se recusava a atender as ligações dela. Era uma grande piada. Bishop ligava para Heather sem parar. Ela ligava para Dodge. Krista ligava para Heather. Ninguém atendia ninguém. Parecia um jogo confuso de telefone sem fio.

Nat ficou de fora. Ela ainda não tinha recebido seu desafio solo. Dia a dia, Nat ficava mais pálida e mais magra. Pela primeira vez, ela não tagarelava sem parar sobre todos os garotos com quem estava saindo. Ela havia até mesmo anunciado solenemente que talvez quem sabe ficasse longe dos garotos por um tempo. Heather não sabia se era o jogo, ou seja lá o que tivesse acontecido na noite do aniversário de Nat, mas Heather a via como uma pintura

reproduzida num livro de história: uma mulher da nobreza esperando a guilhotina.

Uma semana após o desafio de Heather, a lâmina caiu.

Heather e Nat tinham levado Lily ao shopping para ver um filme, principalmente para sair do calor de trinta e cinco graus, temperatura recorde que castigava a região por três dias direto, e Heather sentia como se estivesse se mexendo dentro de uma sopa. As árvores estavam imóveis no calor cintilante.

Depois, elas retornaram ao carro de Nat para irem à casa de Anne. Nat sabia que a amiga não estava vivendo em casa e se ofereceu para dormir na casa de Anne com ela, mesmo que não gostasse de cães e não chegasse nem perto do cercado dos tigres. Mas Anne passaria o fim de semana fora para visitar a cunhada em Boston, e Heather odiava ficar na casa grande e antiga sem ela. Esta era uma coisa boa sobre o trailer: a gente sempre sabia o que era o que, onde estavam as paredes, quem estava em casa. A residência de Anne era diferente: cheia de madeira que rangia e gemia, sons fantasmagóricos, batidas misteriosas e ruídos de coisas arranhando.

— Pega — Nat disse quando o celular tocou entre suas pernas.

— Eca. Não vou pôr a mão aí — Heather disse.

Nat, riu e jogou o telefone para ela, tirando a mão do volante apenas por um breve instante. O carro desviou e Lily deu um gritinho no banco detrás.

— Desculpa, Bill — ela falou.

— *Não* me chame assim — Lily disse de um jeito afetado. Nat riu. Mas Heather estava com o celular no colo, gelo percorrendo seus pulsos, chegando nas mãos.

— Qual é o problema? — Nat perguntou. Então seu rosto ficou sério. — É o…? — Ela se interrompeu e espiou Lily pelo retrovisor. A menina estava ouvindo atenta.

Heather leu a mensagem de novo. Impossível.

— Você contou pra alguém que a gente ia dormir na casa da Anne esta noite? — ela perguntou, em voz baixa.

Nat encolheu os ombros.

— Para os meus pais. E pro Bishop. Acho que mencionei pro Joey, também.

Heather desligou o telefone de Nat e o colocou dentro do porta-luvas. De repente, ela o queria o mais longe possível.

— O que foi? — Nat perguntou.

— Alguém sabe que a Anne está fora — Heather respondeu. Ela aumentou o volume do rádio para Lily não ouvir a conversa. — Os juízes sabem. — Para quem Heather tinha contado? Dodge… ela havia comentado com ele em uma mensagem. Disse que ele deveria ir até lá para conversarem, para que ela pudesse agradecê-lo. E, claro, Anne tinha falado para algumas pessoas provavelmente; afinal, era Carp, e as pessoas falavam porque não tinham mais nada para fazer.

De repente, a implicação do que Heather tinha acabado de ler — o que Nat precisaria fazer — fez sentido. Ela abriu a janela, mas a explosão de ar quente não lhe trouxe nenhum alívio. Não deveria ter bebido tanto refrigerante no cinema. Estava enjoada.

— O que foi? — Nat quis saber. Ela parecia estar com medo. Inconscientemente, havia começado a tamborilar um ritmo no volante. — O que eu tenho que fazer?

Heather olhou para ela. Sua boca tinha gosto de cinza, e ela achou que não conseguia nem falar uma frase completa.

— Os tigres — ela respondeu.

Dodge

Os desafios eram sempre populares, mas, naquele ano, muitos espectadores andavam ficando de fora. Era arriscado demais. A polícia tinha ameaçado prender qualquer um que estivesse associado com o Pânico, e todos estavam preocupados em não serem acusados pelo incêndio na casa Graybill. Os rumores eram de que Sadowski queria alguém — qualquer um — em quem colocar a culpa. As estradas, geralmente tão vazias, estavam infestadas de carros de polícia, alguns de outros condados.

Mas a palavra *tigres* era algo grandioso demais para resistirem. Tinha seu próprio apelo e imponência: a palavra atravessava sorrateira pelos bosques, entrava de fininho nas casas protegidas contra o calor e girava ao ritmo dos ventiladores nos quartos de toda Carp. À tarde, todos os jogadores e ex-jogadores e espectadores e apostadores e trapaceiros e traidores — todos que se importavam pelo menos um pouco com o jogo e seu resultado — tinham ouvido sobre os tigres de Mansfield Road.

Dodge estava deitado nu em sua cama com dois ventiladores ligados de uma vez, quando recebeu a mensagem de Heather. Por um segundo, ele não teve certeza se estava dormindo ou acordado. O quarto era escuro e quente como uma boca. Apesar disso, ele não queria abrir a porta. Ricky estava de novo lá e tinha trazido comida para Dayna, coisas que ele mesmo havia cozinhado no jantar, arroz e feijão e camarão que cheiravam a alho queimado. Eles estavam assistindo a um filme, e de vez em quando, apesar do barulho dos ventiladores antigos e da porta fechada, ele ouvia o som abafado do riso.

O esforço de se sentar fez Dodge começar a suar. Ele discou o número de Bishop.

— Que diabos? — ele disse, quando Bishop atendeu. Sem preâmbulo. Sem meias-palavras. — Como você pôde fazer isso? Como você pôde fazer isso com *ela* ?

Bishop suspirou.

— Regras do jogo, Dodge. Não sou o único no controle dessa merda. — Pela voz, ele parecia exausto. — Se eu não deixar difícil o suficiente, vou ser substituído. E depois não vou poder ajudar em nada.

Dodge o ignorou.

— Ela nunca vai conseguir passar por isso. Não deveria ter que passar.

— Ela não precisa.

Dodge sentiu vontade de jogar o telefone na parede, mesmo sabendo que Bishop dizia a verdade. Para que o plano de Dodge desse certo, Nat teria que cair fora, de qualquer modo, e logo. Ainda assim, parecia injusto. Difícil demais, perigoso demais, como o desafio de Heather. Mas, pelo menos lá, Bishop — e Dodge — tinham garantido que ela não corresse nenhum perigo real.

— Heather vai encontrar um jeito de ajudá-la — disse Bishop, como se pudesse ler os pensamentos de Dodge.

— Você não sabe disso — respondeu e desligou. Não sabia por que estava tão furioso. Conhecia as regras do Pânico desde o início. Mas, de alguma forma, tudo tinha saído de controle. Ele se perguntava se Bishop daria as caras naquela noite, se conseguiria encarar aquilo.

Coitada da Natalie. Dodge pensou em ligar para ela e tentar convencê-la a sair, a deixar o jogo, mas então pensou sobre como ela havia devolvido o colar, e o que ele tinha dito para ela naquela noite — sobre abrir as pernas. O pensamento o deixou quente de vergonha. Nat tinha o direito de não falar com ele. Tinha o direito de, até mesmo, odiá-lo.

Mas naquela noite ele iria. E mesmo se ela o odiasse, mesmo se o ignorasse completamente, ele queria que ela soubesse que ele estava lá. E ele também se arrependia pelo que tinha dito.

O tempo, para ele, estava se esgotando.

Heather

Um dos problemas de Heather — um no meio de uns cem grandes problemas — era o que fazer com Lily. Anne tinha deixado comida para o fim de semana — macarrão com queijo, não de caixinha, mas feito com queijo de verdade, leite, macarrão parafuso e sopa de tomate. O mero fato de esquentar a comida já fazia Heather se sentir criminosa: Anne a havia convidado a entrar em sua casa, estava cuidando delas, e Heather estava tramando pelas suas costas.

Heather observou Lily mandar para dentro três porções. Ela não sabia como Lily conseguia comer com aquele calor. Todos os ventiladores estavam ligados, todas as janelas estavam abertas, mas tudo continuava sufocante. Ela não conseguiria nem ter comido uma garfada. Estava enjoada de culpa e de nervosismo. Lá fora, o céu tornava-se leitoso, as sombras escancaravam cada vez mais a boca no chão. Não demoraria muito para o pôr do sol, e para o jogo começar. Heather se perguntava o que Natalie fazia naquele momento. Ela estava escondida lá em cima havia três horas. Heather tinha ouvido o barulho dos canos e o jato de água do chuveiro três vezes.

Depois que Lily comeu, Heather a levou para o refúgio: um grande quarto escuro que ainda ostentava o estilo do falecido marido de Anne — os sofás de couro surrados, as mantas de lã de carneiro e o tapete, que cheirava um pouco a cachorro molhado. Ali era um pouco mais fresco, embora o couro grudasse de um jeito incômodo nas coxas de Heather quando ela se sentava.

— Preciso que você me prometa que não vai sair — Heather pediu. — Vai ter gente aqui. E você pode ouvir uns barulhos. Mas você precisa ficar aqui dentro, onde é seguro. Prometa pra mim.

Lily franziu a testa.

— A Anne sabe? — ela perguntou.

Aquele sentimento de culpa subiu numa onda pela garganta de Heather. Ela sacudiu a cabeça, em um não, e disse:

— E não vai saber.

Lily estava cutucando um pouco de enchimento que começava a despontar de dentro do sofá. Ela ficou em silêncio por um segundo. Heather desejou, de repente, que pudesse pegar Lily nos braços e abraçar forte, contar tudo — como ela estava assustada, como não sabia o que aconteceria com nenhum deles.

— É o Pânico, não é? — Lily perguntou. Ela inclinou o rosto para cima, suas feições sem expressão, os olhos opacos. Lembravam a Heather dos olhos dos tigres: antigos, que tudo viam.

Heather sabia que não havia sentido em mentir. Então, disse:

— Já está quase acabando.

Lily não se mexeu quando Heather beijou sua cabeça, que cheirava a grama e a suor. O couro do sofá descolou da pele de Heather com um ruído marcante. Ela colocou na TV um DVD sobre um zoológico, um filme que Lily tinha pedido — outro presente de Anne.

Anne, Heather sabia, era uma boa pessoa. A melhor que já tinha conhecido. Então, no que isso transformava Heather?

Ela estava na porta quando Lily falou.

— Você vai vencer?

Heather girou de frente para ela. Tinha deixado as luzes apagadas, para que ficasse fresco, e o rosto de Lily estava na sombra.

Heather tentou sorrir.

— Eu já estou ganhando — ela mentiu e fechou a porta quando saiu.

A névoa do céu, branca como leite e chamuscada, finalmente se tornou escuridão; e as árvores empalaram o sol, e toda a luz se fragmentou. Então começaram a chegar: o som baixo dos pneus dos carros, quase inaudível na estrada de terra; faróis oscilando como vaga-lumes superdesenvolvidos por entre a floresta.

Não havia batida de música, nada de gritos. Todos estavam em alerta por causa da polícia.

Heather esperava do lado de fora. Os cães estavam ficando loucos; por isso ela lhes entregava petiscos para calarem a boca. Ela sabia que não havia vizinhos por quilômetros ao redor da propriedade, mas não conseguia se desfazer da sensação de que alguém poderia ouvir — que Anne ficaria sabendo, que alguém iria chamá-la de volta por causa dos latidos.

Nat ainda não tinha descido.

Heather havia alimentado os tigres com mais do que o dobro da quantidade que eles comiam. Agora, com a última luz sendo drenada do céu e as estrelas começando a pulsar através da neblina líquida do calor, eles estavam deitados de lado, aparentemente adormecidos e parecendo indiferentes à movimentação de carros. Heather pediu aos céus que continuassem assim — que Nat pudesse fazer o que fosse e sair.

Carro após carro: Diggin, Ray Hanrahan, até mesmo alguns dos jogadores eliminados no início, como Cory Walsh e Ellie Hayes; Mindy Kramer e um monte de suas amigas da equipe de dança, ainda vestidas de biquínis e bermudas cortadas e pés descalços, como se viessem da praia; Zev Keller, olhos vermelhos e injetados, obviamente bêbado, com dois amigos que Heather não reconhecia; pessoas que ela não via desde o desafio nos castelos d'água. Matt Hepley também, e Delaney. Ele passou ao lado de Heather fingindo que ela não existia. Ela descobriu que não estava nem aí.

Os expectadores iam fluindo pelo quintal e se reuniam ao redor do cercado dos tigres, em silêncio, incrédulos. Lanternas eram acesas à medida que ia escurecendo; os holofotes do celeiro, sensíveis a movimento, também ganharam vida, iluminando os tigres, que dormiam quase lado a lado, dando-lhes a aparência de estátuas, sobre uma porção plana de terra.

— Não acredito — alguém sussurrou.

— Nem fodendo.

Mas lá estavam eles: não importava quantas vezes as pessoas piscassem ou desviassem o olhar. Tigres. Meio que um milagre, uma maravilha circense, bem ali na grama, debaixo das árvores de Carp e do céu de Carp.

Heather ficou aliviada ao ver Dodge chegar de bicicleta. Ela ainda não tivera a oportunidade de agradecer pessoalmente pelo que ele tinha feito.

Quase de imediato, ele perguntou:

— Bishop está aqui?

Ela sacudiu a cabeça. Ele fez uma careta.

— Dodge — ela disse. — Eu queria dizer…

— Não. — Ele colocou a mão no braço dela e apertou de forma suave. — Ainda não.

Ela não sabia bem o que aquilo significava. Ficou se perguntando, pela primeira vez, o que Dodge estaria planejando para aquele outono, se permaneceria em Carp ou se tinha planos para um trabalho em algum lugar — ou até mesmo de ir para a faculdade. Ela nunca tinha prestado atenção em seu desempenho na escola.

De repente, o pensamento de Dodge ir embora a deixou triste. Eles eram amigos, ou algo parecido com isso, que chegava perto o bastante de amizade.

Ficou pensando em como era triste que todos eles — o pessoal que estava ali, seus colegas de classe e amigos e até mesmo as pessoas que ela havia odiado — tivessem crescido uns sobre os outros como pequenos animais confinados numa gaiola minúscula e agora simplesmente iriam se espalhar. E seria o fim de tudo. Tudo o que tinha acontecido — aqueles bailes idiotas e festas de porão, jogos de futebol, dias de chuva que embalavam todos até pegarem no sono durante a aula de matemática, verões de nadar no riacho e roubar bebidas dos refrigeradores no fundo da 7-Eleven, até mesmo agora, isso, o Pânico — seria sugado para a memória e iria evaporar, como se não tivesse nem mesmo chegado a acontecer.

— Cadê a Natalie? — Esse era Diggin. Ele falava baixinho, como se estivessem com medo de acordar os tigres. Quase não faziam som nenhum. Estavam todos ainda fascinados com a visão

daquelas criaturas oníricas, esticadas, compridas no chão como sombras.

— Eu trago ela — Heather disse. Ela era grata por ter uma desculpa para entrar na casa, nem que fosse por um instante. O que ela estava fazendo, o que estava ajudando Nat a fazer, era horrível demais. Pensou no rosto de Anne, o sorriso dela que estreitava seus olhos. Heather nunca se sentira tanto como uma criminosa, nem mesmo quando pegou o carro da mãe e fugiu.

Outro carro estava chegando, e ela soube pela barulheira do motor que era Bishop. Estava certa. Assim que alcançou a porta da frente, ele saiu do carro e a avistou.

— Heather! — Mesmo que ele não estivesse gritando, a voz lhe pareceu como um tapa no silêncio.

Ela o ignorou. Entrou na cozinha e encontrou Natalie sentada à mesa, de olhos vermelhos. Havia um copo de bebida na frente dela e uma garrafa de uísque.

— Onde você conseguiu isso? — Heather perguntou.

— Na despensa. — Nat nem levantou o rosto. — Me desculpe. Mas eu só bebi um gole. — Ela fez uma careta. — É horrível.

— Está na hora — disse Heather.

Nat assentiu e se levantou. Ela vestia uma bermuda jeans e estava descalça; o cabelo ainda molhado do chuveiro. Heather sabia que, se Nat não estivesse com tanto medo, teria insistido em passar maquiagem, arrumar o cabelo. Porém, achou que Nat nunca parecera tão bonita. Sua amiga feroz e temerosa — que amava música country e Pop-Tarts de cereja e cantar em público e a cor rosa, que tinha pavor de germes, de cães e de escadas verticais.

— Eu te amo, Nat — Heather disse por impulso.

Nat pareceu se assustar, como se já tivesse esquecido que Heather estava lá.

— Eu também, Heathbar — ela disse. Conseguiu dar um pequeno sorriso. — Estou pronta.

Bishop estava um pouco distante da casa, andando de um lado para o outro, levando os dedos até os lábios e depois baixando, como se estivesse fumando um cigarro invisível. Assim que Nat foi para o meio da multidão, ele veio até Heather.

— Por favor. — Sua voz era rouca. — Precisamos conversar.

— Esta hora meio que não é uma boa hora. — A voz dela saiu mais dura, mais sarcástica do que pretendia. Ela se deu conta de que não tinha visto Vivian e ficou se perguntando se Bishop tinha implorado para ela não vir. *Por favor, amor. Só até eu conseguir resolver as coisas com a Heather. Ela é ciumenta, você sabe… ela sempre teve uma queda por mim.* O pensamento lhe provocou um nó na garganta, e uma parte dela só queria mandar Bishop se foder.

Depois havia a parte dela que queria colocar os braços em volta do pescoço dele e sentir seu riso ecoando no peito, sentir o emaranhado selvagem do cabelo dele em seu rosto. Em vez disso, ela cruzou os braços, como se pudesse segurar o impulso.

— Preciso te contar uma coisa. — Bishop lambeu os lábios. Ele parecia horrível. Seu rosto tinha uma aparência doentia, diferentes tons de amarelo e verde, e ele estava muito magro. — É importante.

— Depois, tá? — Antes que ele pudesse protestar, ela passou por ele. Natalie tinha chegado até a cerca, mais perto dos tigres do que já havia se permitido antes. Inconscientemente, o público recuou um pouco, para que ela ficasse isolada por um halo de espaço vazio, como se Nat estivesse com algo contagioso.

Heather deu uma corridinha até ela. Agora os cães tinham começado a latir de novo, estilhaçando a calmaria, e Heather os mandou ficar quietos com uma repreensão feroz ao passar pelo canil. Ela atravessou a multidão com facilidade e entrou no círculo onde Nat estava, sentindo como se estivesse invadindo o espaço.

— Está tudo bem — Heather sussurrou. — Estou aqui. — Mas Nat não parecia ouvi-la.

— As regras são simples — Diggin começou. Mesmo que ele estivesse falando em um volume normal, para Heather parecia que estava gritando. Ela começou a rezar para os tigres não acordarem. Eles ainda não tinham levantado a cabeça. Notou que um pedaço do bife que ela havia dado a eles mais cedo ainda estava intocado, cheio de moscas, e não conseguiu se decidir se aquilo era bom ou não. — Você entra no cercado, fica com os tigres por dez segundos, você sai. — Enfatizou esta última parte apenas de leve.

— A que distância? — Nat perguntou.

— O quê?

— A que distância eu tenho que chegar? — ela perguntou, virando-se para ele.

Diggin deu de ombros.

— É só entrar, eu acho.

Nat deu um pequeno suspiro. Heather sorriu para ela de forma encorajadora, mesmo que sentisse como se a pele fosse feita de barro, prestes a rachar. Se os tigres ficassem dormindo, Nat não teria problema. Os animais estavam a doze metros do portão. Nat nem precisava chegar perto deles.

— Eu vou cronometrar para você — Diggin disse. Depois: — Quem tem a chave do portão?

— Eu tenho. — Heather adiantou-se. Ela ouviu um sussurro ligeiro, quando as pessoas se viraram para encará-la; sentiu o calor de todos os olhos em sua pele. O ar parecia chumbo, totalmente parado.

Heather mexeu no bolso à procura da chave do cadeado. A respiração de Nat era rápida e rasa, como a de um animal ferido. Por um segundo, quando Heather não conseguiu sentir a chave, quase ficou aliviada; depois, seus dedos se fecharam ao redor do metal.

No silêncio e na quietude, o clique do cadeado pareceu alto como o som de um rifle. Ela desenrolou a corrente pesada com cuidado e a colocou no chão, depois tirou as travas, uma por uma, tentando desesperadamente se demorar, tentando desesperadamente conseguir mais alguns segundos para Nat.

Quando a última trava se abriu com um ruído metálico, os dois tigres ergueram a cabeça ao mesmo tempo, como se percebessem que algo aconteceria.

O grupo todo inspirou de uma vez. Nat soltou um gemido.

— Está tudo bem — Heather lhe disse, agarrando-a pelos ombros. Ela sentia a amiga tremendo debaixo de suas mãos. — Dez segundos. Você só tem que entrar no portão. Vai acabar antes que perceba.

As pessoas começaram a murmurar, dar risadinhas nervosas, se mexer. Agora o silêncio tinha sido substituído por energia elétrica. Assim que Nat deu um passo hesitante para dentro do portão, e então mais um, os tigres também se levantaram — puseram-se em

pé, esticaram-se, deram um enorme bocejo, de forma que os dentes reluziram na luz das lanternas — como se tivessem decidido se apresentar.

Nat parou com uma das mãos no portão. Depois a outra. Então as duas. Sua boca estava se mexendo, e Heather se perguntou se Nat estava contando ou rezando, se bem que naquela situação dava no mesmo. Apequenada pelo portão, recortada pela luz fixa e artificial, ela parecia surreal, plana como uma silhueta de papelão.

— Você não precisa fazer isso. — A voz de Dodge soou tão alta e inesperada que todo mundo virou para olhar. Nat também se virou e Heather a viu franzir a testa.

Depois ela abriu o portão e entrou.

— O cronômetro! — Heather gritou. Ela viu Diggin se atrapalhando com o celular. — *Agora* .

— Tá bom — disse Diggin. — Tempo!

Era tarde demais. Os tigres tinham começado a se mover. Devagar, suas enormes cabeças oscilavam entre os ombros como um pêndulo de um relógio horrível… *tique, taque, tique, taque.* Mas, ainda assim, eles estavam perto demais, já perto demais; três passadas e tinham coberto cinco metros, boquiabertos, dentes à mostra.

— Três segundos! — Diggin anunciou.

Impossível. Certamente, Nat estava no cercado fazia dez minutos, meia hora, para sempre. O coração de Heather estava saindo pela boca. Ninguém falava. Ninguém se mexia. Tudo era um mar negro, obscuro e sem formas: tudo a não ser o círculo claro de luz branca e o recorte de papelão que era Nat e a longa sombra dos tigres. Nat agora estava tremendo e choramingando também. Heather pensou por um segundo que ela fosse surtar.

E depois o quê? Os tigres iriam atacar? Será que ela, Heather, teria coragem o suficiente para tentar detê-los?

Ela sabia que não. Suas pernas pareciam feitas de água, e ela mal conseguia respirar.

— Sete segundos! — A voz de Diggin era estridente, como um alarme.

Os tigres estavam a menos de três metros de Nat. Estariam em cima dela em só mais dois passos. Heather ouvia a respiração dos

animais, via os bigodes trêmulos, que sentiam o ar. Nat tinha começado a chorar, mas se manteve no lugar, rígida. Talvez amedrontada demais para se mover. Talvez os olhos das feras, como profundas piscinas negras, a tivessem transpassado ali.

— Oito segundos!

Então um dos tigres se mexeu; flexionou um músculo, e Heather sabia que ele estava se preparando para atacar, ela *sentia* , sabia que ele pularia em Nat e a estraçalharia e todos ficariam simplesmente ali, assistindo, impotentes. E, bem quando ela estava tentando gritar *corra,* sem conseguir porque sua garganta fechou de terror, Nat *correu* . Talvez alguma outra pessoa tivesse gritado. De repente, houve barulho — pessoas gritando — e Nat estava fora do portão e o fechando com força, recuando de costas, chorando.

Bem quando o tigre, o que Heather tinha certeza de que estava avançando para saltar, se deitou de novo.

— Nove segundos — Diggin falou acima do súbito rugido da multidão.

Heather foi atingida por uma pequena explosão de triunfo — Nat estava fora do jogo — e então uma onda mais forte de vergonha. Ela foi até Nat e a puxou para um abraço.

— Você foi incrível — disse, seu rosto no topo dos cabelos da amiga.

— Não consegui — Nat respondeu. A voz dela estava abafada. Seu rosto era pegajoso no peito de Heather.

— Você foi incrível mesmo assim — Heather insistiu.

Nat era a única que não estava comemorando. Ela voltou quase imediatamente para a casa. Mas todas as outras pessoas pareceram esquecer sobre a ameaça dos policiais, esquecer o que tinha acontecido na casa Graybill e sobre o corpo do Jovem Kelly, encontrado carbonizado e enegrecido no porão — por um breve tempo, parecia quase como tinha sido no início do verão, quando os jogadores haviam feito o Salto.

Demorou mais de uma hora para Heather colocar todo mundo para fora, e os carros todos deixarem a propriedade, e o tempo inteiro os cães latiam como loucos e os tigres estavam imóveis novamente, como se quisessem provar alguma coisa. Quando o quintal ficou vazio de carros, a exaustão amorteceu os dedos das

mãos e dos pés de Heather. Mas tinha acabado, graças a Deus. Tinha acabado, e Anne nunca teria de saber.

Havia apenas três jogadores restantes. E Heather era um deles.

— Heather — Bishop tentou chamá-la quando quase todo mundo tinha ido. — Precisamos conversar.

— Esta noite não, Bishop.

Lá fora, havia algumas pessoas enrolando ainda, apoiadas em seus carros, com as mãos na calça um do outro, provavelmente. Estranho como apenas alguns meses antes, ela havia sido um daqueles, indo a festas com Matt, seu namorado com N maiúsculo, exibindo-o sempre que podia. Vestindo os moletons dele, os bonés, como um distintivo de alguma coisa — que ela era amada, que era boa, normal, assim como qualquer outra. A velha Heather já parecia alguém que ela mal conhecia.

— Você não pode me evitar para sempre — disse Bishop, parando de propósito na frente dela enquanto ela se inclinava para recolher um maço de cigarros pisoteado na grama.

Heather se levantou. O cabelo de Bishop estava despontando por toda a volta do boné, como algo vivo tentando fugir. Ela resistiu ao impulso de estender a mão e tentar lutar para colocá-lo no lugar. O pior era que, olhando para ele agora, ela ainda via o beijo: o calor que tinha gritado dentro dela e a maciez dos lábios dele e o breve instante elétrico quando as línguas se encontraram.

— Eu não estou evitando você — disse Heather, desviando o olhar para que não tivesse que se lembrar. — Só estou cansada.

— Quando, então? — Ele parecia perdido. — É importante, tá? Eu preciso de você. Eu preciso que você ouça.

Ela ficou tentada a perguntar por que Vivian não podia ouvir, mas não o fez. Ele parecia horrível, e deplorável, e ela o amava, mesmo que ele não a amasse. Pensar que ele estava chateado, com dor, era um sentimento pior do que a sua própria dor.

— Amanhã — ela sugeriu. Por impulso, estendeu a mão e apertou a dele. Bishop pareceu assustado, e ela soltou rápido, como se pudesse queimá-la. — Eu prometo, amanhã.

Segunda-feira,
15 de agosto

Heather

Pela manhã, Heather acordou com gritos. Lily chamava o nome dela enquanto subia a escada ruidosamente; então a porta foi aberta com tanta força que bateu na parede.

Lily disse:

— Os tigres sumiram. — Estava ofegante, o rosto vermelho e úmido de suor. Ela cheirava um pouco a estrume: devia estar lá fora alimentando os animais.

— *O quê?* — Heather estava acordada e sentada em questão de segundos.

— O portão está aberto e eles desapareceram — Lily disse.

— Impossível. — Heather já estava vestindo a roupa, enfiando as pernas nos shorts, lutando para entrar em uma camiseta. Ela nem se preocupou com sutiã. — Impossível — repetiu, mas, no instante em que disse isso, um baque de terror trouxe de volta imagens da noite passada, memórias desarticuladas: abraçar Nat, fechar os portões… Havia recolocado o cadeado? Não conseguia se lembrar. Mindy Kramer tinha conversado com ela sobre o trabalho na propriedade de Anne, e então ela teve de gritar com Zev Keller, que estava tentando entrar no chiqueiro.

Ela devia ter recolocado o cadeado. Talvez os tigres não estivessem realmente desaparecidos. Talvez estivessem apenas escondidos nas árvores, e Lily não percebera.

Lá embaixo, Heather viu que já eram onze horas, que tinha dormido demais, que Anne logo estaria em casa. Era mais um dia de calor intenso, mas, desta vez, o céu estava nublado e havia umidade cintilando no ar como uma cortina. Iria chover.

No meio do quintal, ela viu e sentiu o terror se tornar pedra e afundar no seu estômago: o cadeado, a corrente enrolada na grama como uma cobra de metal, exatamente onde ela o havia posto na noite anterior ao destrancar o portão para Natalie.

E o portão, agora balançando, aberto.

Não havia necessidade de procurar no cercado inteiro. Eles tinham ido embora. Ela *sentia* . Por que os cães não latiram? Mas talvez tivessem latido e ela não os escutara. Ou talvez eles estivessem assustados demais, enfeitiçados como a multidão da noite anterior.

Heather fechou os olhos. Por um segundo, pensou que fosse desmaiar. Os tigres tinham desaparecido, era culpa dela, e agora Anne iria desprezá-la e jogá-la para fora. E com razão.

Abriu os olhos, alimentada por um pânico selvagem: precisava encontrá-los, agora, depressa, antes que Anne voltasse para casa.

— Fique aqui — disse a Lily, mas não tinha forças para discutir quando a irmã foi atrás dela e entrou na casa. Mal sabia o que estava fazendo. Ela pegou um balde embaixo da pia, virou-o para tirar um monte de esponjas enrugadas e material de limpeza e encheu o balde com uns bifes meio descongelados. Então ela estava fora de casa novamente e mergulhando no bosque. Talvez não tivessem ido muito longe, e ela poderia atraí-los de volta.

— Aonde estamos indo? — Lily perguntou.

— *Shhh* — Heather disse de modo brusco. Ela sentiu o ardor das lágrimas nos olhos. Como poderia ser uma idiota tão grande, uma completa imbecil? O balde estava pesado e teve que puxá-lo com as duas mãos, olhando de um lado para o outro, procurando um borrão de cor, aqueles olhos negros luminosos. *Vamos, vamos, vamos.*

De trás de Heather veio um farfalhar no mato rasteiro, uma mudança no ar — uma presença, animal e vigilante. De repente, Heather se deu conta de que o que ela estava fazendo era idiota: adentrando a floresta com Lily, em busca de um tigre como se fosse um gatinho perdido, na esperança de atraí-lo para casa. Se ela encontrasse mesmo os tigres, eles poderiam lhe arrancar a cabeça para fazer um lanche. Sentiu como se um zíper de medo fosse fechado em sua coluna, de baixo para cima. Ela estava

hiperconsciente de cada farfalhar, de cada graveto que se quebrava, dos prismas que a luz projetava, e a sombra que poderia facilmente ocultar um par de olhos, uma faixa de pelo alaranjado.

— Segure minha mão — ela disse, tentando não revelar o medo pelo tom de sua voz. — Vamos voltar para dentro.

— E os tigres? — Lily perguntou. Lógico que ela pensava ser algum tipo de aventura.

— Vamos ter que ligar para a Anne — disse Heather, e no mesmo instante soube que era verdade. Continuava com a sensação inconfundível de alguma coisa a observando, as observando. — Ela vai saber o que fazer.

Um guaxinim colocou a cabeça de súbito entre as folhas de um arbusto de espireia, e Heather sentiu uma onda de alívio que quase molhou as calças. Abandonou o balde na floresta. Estava pesado demais, e ela queria se mover com rapidez.

Assim que saíram da vegetação, bem ao lado do chuveiro externo, Heather ouviu o ruído de pneus no cascalho da entrada e achou que Anne devia ter chegado. Não sabia se devia se sentir grata ou com medo. Sentiu as duas coisas.

Mas então Heather viu o capô enferrujado do Le Sabre de Bishop e se lembrou de que tinha prometido a ele que poderiam conversar naquele dia.

— Bishop! — Lily estava correndo para ele antes que tivesse saído do carro. — Os tigres desapareceram! Os tigres desapareceram!

— O quê? — Ele parecia ainda pior do que na noite anterior, como se não tivesse dormido nada. E se virou para Heather. — É verdade?

— É — ela respondeu. — Esqueci de passar a corrente com cadeado nos portões. — De repente, a certeza daquilo a atingiu como um soco no estômago, e ela estava chorando. Ia ser expulsa da casa de Anne; teriam que se mudar de novo para Fresh Pines ou fugir. E Anne ficaria arrasada. Anne, que era praticamente a única pessoa que ligava para Heather.

— Ei, Ei. — Bishop estava ao lado dela. Ela não resistiu quando ele a abraçou. — Não é culpa sua. Vai ficar tudo bem.

— *Foi* culpa minha. — Ela enterrou o rosto no ombro dele e chorou até tossir, enquanto ele esfregava suas costas e o cabelo, tocava sua bochecha de leve e murmurava algo em cima da sua cabeça. Apenas Bishop conseguia fazê-la se sentir pequena. Apenas Bishop conseguia fazê-la se sentir protegida.

Ela nem ouviu a aproximação do carro de Anne até que uma porta bateu e a voz de Anne, desesperada, chamou:

— O que foi? Qual é o problema?

Heather se afastou de Bishop e, imediatamente, Anne a pegou pelos ombros.

— Você está bem? Você está ferida?

— Não sou eu. — Heather passou um braço pelo nariz. Sua boca estava pegajosa, tinha gosto de catarro, e ela não conseguia olhar Anne nos olhos. — Eu estou bem. — Ela tentou dizer. *Os tigres sumiram. Os tigres sumiram.*

Lily estava quieta, sua boca se movia sem fazer som.

Foi Bishop quem falou:

— Os tigres escaparam.

A cor no rosto de Anne se intensificou, como se Heather a estivesse vendo em uma televisão em que alguém ajustava o contraste.

— Você… você está brincando.

Heather conseguiu sacudir a cabeça.

— Como? — Anne quis saber.

Antes que Heather pudesse falar, Bishop interrompeu:

— Foi minha culpa.

Enfim, Heather encontrou sua voz.

— Não. O Bishop não teve nada a ver com isso. Fui eu. Foi… o jogo.

— O jogo? — Anne apertou os olhos para Heather como ela nunca a tinha visto fazer antes. — O jogo?

— O Pânico — Heather disse. Sua voz saiu rouca. — Eu abri os portões… E devo ter esquecido de trancar de novo.

Por um segundo, Anne ficou em silêncio. Seu rosto era horrível de se ver: lívido com o choque. Horrorizada.

— Mas fui eu que disse a ela para fazer isso — Bishop falou, de repente. — Foi culpa minha.

— Não. — Heather ficou envergonhada que Bishop sentisse que devesse defendê-la, mesmo que ela estivesse grata por isso. — Ele não teve nada a ver com a história.

— Eu tive. — A voz de Bishop ficou mais alta. Ele estava suando. — Eu disse para ela fazer. Eu falei para todos fazerem. Fui eu que comecei o incêndio na casa Graybill. Sou eu que… — Sua voz falhou. Ele se virou para Heather, com olhos suplicantes, desesperados. — Eu sou um dos juízes. Era isso que eu queria te dizer. Era isso que eu queria explicar. O que você viu no outro dia, com a Vivian…

Ele não terminou. Heather também não conseguia falar. Ela se sentia como se o tempo tivesse parado; eles todos tinham sido transformados em estátuas. As palavras de Bishop a salpicavam como se fosse neve, congelando-a por dentro, congelando sua capacidade de falar.

Impossível. Não Bishop. Ele nem queria que ela jogasse…

— Não acredito. — Ela ouviu as palavras e só então percebeu que estava falando.

— É verdade. — Então ele se voltou para Anne. — Não foi culpa da Heather. Você tem que acreditar em mim.

Anne levou a mão brevemente à testa, como se segurando a dor. Ela fechou os olhos. Lily ainda estava parada a vários passos de distância, deslocando o peso de um pé para o outro, ansiosa e em silêncio. Anne abriu os olhos de novo, surpresa.

— Precisamos chamar a polícia — ela disse em voz baixa. — Eles precisam lançar um alerta.

Bishop assentiu. Mas, por um segundo, ninguém se mexeu. Heather desejou que Anne gritasse — seria muito mais fácil.

E as palavras de Bishop continuaram rodopiando dentro dela: *Eu disse para ela fazer. Eu falei para todos fazerem.*

— Venha, Lily — Anne disse. — Venha para dentro.

Heather começou a segui-los até a casa, mas Anne a parou.

— Você espera aqui fora — ela disse bruscamente. — Vamos conversar daqui a pouco.

Suas palavras apunhalaram o estômago de Heather. Estava tudo acabado. Anne agora a odiava.

Lily disparou um olhar preocupado para Heather e depois se apressou a seguir Anne. Bishop e Heather ficaram sozinhos no quintal, enquanto o sol atravessava as nuvens e o dia se transformava em um microscópio, focalizando seu calor.

— Me desculpa, Heather — disse Bishop. — Eu não podia contar para você. Eu queria, você tem que acreditar em mim. Mas as regras…

— As *regras* ? — ela repetiu. A raiva estava borbulhando de uma fenda dentro dela. — Você mentiu para mim. Sobre tudo. Você me disse para não jogar, e todo esse tempo…

— Eu estava tentando manter você segura — disse ele. — E, quando soube que você não ia recuar, tentei te *ajudar* . Sempre que podia, eu tentava. — Bishop tinha se aproximado e seus braços estavam estendidos: ele tentava abraçá-la. Ela deu um passo para trás.

— Você quase me matou — ela disse. — A arma… se não fosse o Dodge…

— Eu falei pro Dodge fazer aquilo — Bishop interrompeu. — Eu garanti que ele entrasse naquela hora.

Clique-clique-clique. As memórias se encaixaram uma na outra. Bishop insistindo em pegar um atalho que passasse pela casa de Jack Rápido no Gatilho. Os fogos de artifício na casa Graybill no Quatro de Julho, que Bishop certificou-se de que ela visse. Uma pista: fogo.

— Você tem que acreditar em mim, Heather. Eu nunca quis mentir para você.

— Então *por que* você fez isso, Bishop? — Heather cruzou os braços. Ela não queria ouvi-lo. Ela queria estar com raiva. Ela queria se deixar levar pela maré negra, deixar que sugasse todos os outros pensamentos: os tigres, o quanto ela tinha decepcionado Anne, como se tornaria uma sem-teto outra vez. *Crack* . — O que você precisava tanto provar, hein? — Mais partes dela estavam se quebrando e caindo. — Que você é melhor do que a gente? Mais esperto? A gente já sabe, tá? Você vai embora *agora* . — *Crack* . — Você vai sair daqui. Isso faz de você mais esperto do que todos nós juntos.

A boca de Bishop estava fina como uma linha.

— Sabe qual é o seu problema? — ele perguntou baixinho. — Você *quer* que tudo seja uma merda. Você tem uma irmã que te ama. Amigos que te amam. Eu te amo, Heather. — Ele disse rápido, num resmungo, e nem deu para ela ficar feliz, porque ele continuou falando. — Você já sobreviveu a quase todo mundo no Pânico. Mas tudo o que você vê é o lixo. Para não ter que acreditar em nada. Assim você tem uma desculpa para fracassar.

Crack. Heather se virou; se ela começasse a chorar de novo, ele não veria. Mas ela percebeu que não tinha para onde ir. Havia a casa, a abóbada alta do céu, o sol como um raio laser. E ela, Heather, não tinha lugar em nada daquilo. Seus últimos fragmentos se racharam, se abriram como uma ferida: ela era toda dor e raiva.

— Sabe o que eu queria? Queria que você já tivesse ido embora.

Ela achou que ele poderia começar a gritar. Ela quase sentia esperanças de que fosse começar. Mas, em vez disso, ele apenas suspirou e esfregou a testa.

— Olha, Heather. Não quero brigar com você. Quero que você entenda…

— Você não me ouviu? Apenas vá. Vá embora. Saia daqui. — Ela enxugou os olhos com a palma da mão. A voz dele estava gritando na cabeça dela. *Você quer que tudo seja uma merda… assim você tem uma desculpa para fracassar.*

— Heather. — Bishop colocou a mão no ombro dela, mas Heather se desvencilhou.

— Não sei de quantas outras maneiras eu posso dizer isso.

Bishop hesitou. Ela o sentiu próximo, sentiu o calor do corpo dele, como uma força reconfortante, como um cobertor. Por um segundo louco, ela pensou que ele não fosse aceitar a situação, que daria meia-volta e a abraçaria e diria que nunca mais iria embora. Por um segundo louco, isso era o que ela queria mais do que tudo.

Em vez disso, ela sentiu os dedos dele apenas roçando seu cotovelo.

— Eu fiz isso por você — ele disse em voz baixa. — Eu estava planejando te dar o dinheiro. — Sua voz falhou um pouco. — Tudo o que eu faço é por você, Heather.

Então ele não estava mais lá. Ele se virou, e quando ela já não aguentava mais, suas pernas estavam prestes a ceder e a raiva

tinha se tornado oito marés diferentes despedaçando-a, e ela pensou em se virar e chamar por ele… nessa hora, Bishop já estava no carro e não poderia ouvi-la.

O dia estava de cabeça para baixo em Carp. Bishop Marks entregou-se para a polícia pelo assassinato do Jovem Kelly — embora, como foi visto, o Jovem Kelly não tenha sido morto pelo incêndio na casa Graybill. Ainda assim, ninguém podia acreditar: Bishop Marks, aquele garoto bonzinho do fim da rua, cujo pai tinha uma loja de sucata em Hudson. Garoto tímido. Um dos bons.

Na delegacia, Bishop negou que o fogo tivesse alguma coisa a ver com o Pânico. Uma brincadeira, ele disse.

De cabeça para baixo e do avesso. Sinal dos tempos confusos que estamos vivendo.

Naquela noite, Kirk Finnegan saiu de casa quando seus cães começaram a enlouquecer. Levava seu rifle, suspeitando de garotos bêbados, talvez daquele merda de vizinho que recentemente tinha começado a estacionar na propriedade de Kirk e pensava ter razão.

Em vez disso, ele viu um tigre.

Uma porra de um tigre, bem ali no seu quintal, com a boca enorme em volta de um dos cocker spaniels.

Ele achou que estivesse sonhando, alucinando, bêbado. Ficou com tanto medo que mijou na cueca e só notou mais tarde. Agiu sem pensar, posicionou o rifle, disparou quatro tiros bem no flanco do tigre, continuou atirando, mesmo depois que tinha caído, e mesmo depois, por algum milagre de Deus, os maxilares do bicho relaxaram e o cachorro se levantou e começou a latir de novo. Ele continuou a atirar, porque aqueles olhos estavam fixos nele, escuros como uma acusação ou uma mentira.

Terça-feira,
16 de agosto

Heather

Heather tinha obtido êxito em não falar com Anne por um dia inteiro. Após a briga com Bishop, ela havia caminhado três quilômetros até a ravina e passado a tarde xingando e jogando pedras em coisas aleatórias (placas de rua, quando havia alguma; cercas; e carros abandonados).

As palavras dele ecoavam em uma interminável repetição na cabeça dela. *Você quer que tudo seja uma merda… assim você tem uma desculpa para fracassar.*

Injusto , ela queria gritar.

Mas, também dentro dela, havia outra voz que sussurrava: *verdade* . Essas duas palavras — *injusto* e *verdade* — saltavam sem parar, como se sua mente fosse uma mesa gigante de pingue-pongue.

Quando ela voltou da ravina já era noite, e Anne e Lily tinham desaparecido. Ela foi tomada por um medo repentino e irracional de que Anne tivesse levado Lily de volta para Fresh Pines. Então ela viu um bilhete na mesa da cozinha.

Mercado , dizia apenas.

Eram apenas sete e meia da noite, mas Heather se encolheu na cama, debaixo das cobertas, apesar do calor sufocante, e esperou o sono colocar um fim no pingue-pongue mental.

Mas, ao despertar — cedo, quando o sol ainda estava fazendo sua primeira aparição no quarto, como um animal espreitando entre as persianas —, ela soube que não poderia mais evitar. Da noite para o dia, o jogo de pingue-pongue tinha sido resolvido. E a palavra *verdade* surgiu dali vitoriosa.

O que Bishop tinha dito era verdade. Ela se sentia ainda pior do que no dia anterior, o que ela não acreditava ser possível.

Ela já ouvia os ruídos de Anne no andar debaixo: o clinc-clinc-clinc das louças saindo da máquina de lavar, o rangido das tábuas velhas do assoalho. Quando acordava em Fresh Pines, à explosão usual de sons — carros derrapando, gente gritando, portas batendo, cães latindo e música alta —, ela sonhava exatamente com aquele tipo de casa, onde as manhãs eram tranquilas, as mães lavavam a louça e acordavam cedo e depois gritavam com a gente para levantar.

Engraçado como em um tempo tão curto, a casa de Anne se tornara o lar que Fresh Pines nunca havia sido.

E ela havia estragado tudo. Outra verdade.

Quando ela desceu, Anne estava na varanda. Ela chamou Heather imediatamente, e Heather sabia: era agora ou nunca.

Heather ficou chocada ao ver um carro de polícia estacionado um pouco adiante, na estradinha que vinha até a casa, quase oculto em meio à vegetação. O policial estava do lado de fora, com o traseiro apoiado no capô do carro, bebendo café e fumando.

— O que ele está fazendo aqui? — Heather perguntou, esquecendo, por um momento, de ficar com medo.

Anne estava sentada no balanço da varanda, sem se balançar. Os nós de seus dedos ao redor da caneca estavam bem brancos.

— Eles acham que o outro pode voltar. — Ela olhou para baixo. — A Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais pelo menos usaria uma arma de choque…

— O outro? — Heather disse.

— Você não ficou sabendo? — Anne perguntou. E ela contou: sobre Kirk Finnegan e o cão dele e os tiros, doze no total. Quando ela terminou, a boca de Heather estava seca como areia. Ela queria abraçar Anne, mas estava paralisada, incapaz de se mover.

Anne sacudiu a cabeça. Manteve os olhos na caneca de chá; ainda não tinha tomado nem um gole.

— Eu sei que era irresponsável mantê-los aqui. — Quando ela enfim olhou para cima, Heather viu que ela estava tentando não chorar. — Eu só queria ajudar. Era o sonho do Larry, sabe? Aqueles

pobres gatos. Você sabia que só existem três mil e duzentos tigres no mundo? E nem sei qual deles foi morto.

— Anne. — Heather finalmente encontrou sua voz. Mesmo que estivesse em pé, ela achou que estava se encolhendo de dentro para fora, até ficar da altura de uma criança. — Estou tão, tão, tão triste.

Anne sacudiu a cabeça.

— Você não deveria estar jogando Pânico — ela disse, e por um momento a voz demonstrou um toque feroz. — Já ouvi demais sobre esse jogo. Pessoas já morreram. Mas não te culpo — ela disse, e sua voz suavizou-se de novo. — Você não é muito feliz, né?

Heather sacudiu a cabeça. Queria contar tudo à Anne: sobre como havia sido abandonada por Matt bem quando estava pronta para dizer que o amava; sobre como agora ela percebia que não o amava de verdade, pois sempre tinha sido apaixonada por Bishop; sobre o medo de que ela nunca saísse de Carp e isso fosse acabar com ela, engoli-la como tinha engolido sua mãe, transformá-la em uma dessas mulheres frágeis e amargas, velhas e consumidas pelas drogas aos vinte e nove anos. Mas ela não conseguia falar. Havia um nó em sua garganta.

— Vem cá. — Anne deu um tapinha no balanço ao lado dela. E então, quando Heather sentou-se, ficou chocada: Anne passou os braços ao redor dela. E, de repente, Heather estava chorando em seu ombro, dizendo:

— Desculpa, desculpa, desculpa.

— Heather. — Anne se afastou, mas manteve a mão no ombro. Com a outra mão, ela afastou o cabelo do rosto de Heather, onde estava colando na pele. Heather estava abalada demais para ficar com vergonha. — Ouça. Não sei qual será a consequência disso para você e Lily. O que eu fiz… manter os tigres aqui… era ilegal. Se sua mãe quiser fazer um escarcéu por causa disso, se o condado quiser fazer, a polícia pode forçar vocês a voltarem para casa. Vou fazer tudo o que eu puder para manter vocês aqui enquanto quiserem ficar, mas…

Heather quase engasgou.

— Você… você não está me expulsando?

Anne a encarou.

— É claro que não.

— Mas… — Heather não podia acreditar. Ela devia ter ouvido errado. — Fui eu que deixei os tigres fugirem. Foi tudo culpa minha.

Anne esfregou os olhos e suspirou. Heather nunca pensou em Anne como velha, mas, naquele momento, ela realmente parecia ser. Seus dedos eram frágeis e manchados de sol, seu cabelo era opaco e de um tom cinzento uniforme. Um dia ela iria morrer. A garganta de Heather ainda estava grossa de chorar, e ela engoliu para controlar a sensação.

— Sabe, Heather, fiquei com meu marido por trinta anos. Desde que éramos crianças, na verdade. Quando nos juntamos, não tínhamos nada. Passamos nossa lua de mel pegando carona na Califórnia, acampando. Não tínhamos dinheiro para mais nada. E alguns anos foram muito difíceis. Ele sabia ser temperamental… — Ela fez um movimento inquieto com as mãos. — O que eu quero dizer é que, quando você ama alguém, quando você gosta de alguém, tem que fazer isso enquanto passa pelos bons ou pelos maus momentos. Não só quando se está feliz e tudo é fácil. Você entende?

Heather concordou. Ela sentiu que havia uma bola de vidro no peito — algo delicado e bonito que podia se quebrar se ela dissesse a palavra errada, se perturbasse o equilíbrio de qualquer forma.

— Então… você não está zangada comigo? — ela perguntou.

Anne deu um meio sorriso.

— É claro que estou zangada com você. Mas isso não quer dizer que eu não quero que você fique. Não significa que eu parei de gostar de você.

Heather olhou para suas mãos. Mais uma vez, as emoções a sufocavam e impediam de falar. Sentiu como se, por um segundo, tivesse entendido algo muito importante, tido um vislumbre: amor, puro e simples e que não exigia nada.

— O que vai acontecer? — ela disse, depois de um minuto.

— Não sei. — Anne estendeu a mão e pegou uma das mãos de Heather. Apertou. — Tudo bem ficar assustada, Heather — ela disse, em voz baixa, como se estivesse contando um segredo.

Heather pensou em Bishop e na briga que teve com Nat. Pensou sobre tudo o que tinha acontecido durante o verão, tudo o que

mudara, e a tensão e as reviravoltas estranhas, como se o ar estivesse soprando de algum lugar totalmente desconhecido.

— Tenho medo o tempo todo — ela sussurrou.

— Você seria idiota se não tivesse — Anne respondeu. — E também não seria corajosa. — Ela se levantou. — Vamos. Vou colocar a chaleira no fogo. Este chá já está gelado.

Bishop havia, de modo geral, se livrado da polícia. Tinha prestado depoimento por quase três horas e, por fim, foi liberado e levado para a casa de seu pai, na pendência de queixa oficial.

Mas ele tinha mentido sobre uma coisa. O jogo não tinha acabado. Ainda havia mais três jogadores.

Era hora do desafio final.

Era a hora do Duelo.

Quinta-feira,
18 de agosto

Dodge

Dodge sabia que era só uma questão de tempo até Bishop aparecer para vê-lo. Não teve que esperar muito. Apenas três dias depois de Bishop ter se entregado à polícia, Dodge estava voltando do trabalho para casa e avistou o carro de Bishop. Entretanto, ele não estava do lado de fora; Dodge ficou surpreso ao ver que Dayna o tinha deixado entrar. Bishop estava sentado no sofá, as mãos sobre os joelhos, joelhos praticamente até o queixo; ele era muito alto e o sofá era muito baixo. E Dayna estava lendo no canto, como se fosse normal, como se fossem amigos.

— E aí? — Dodge disse. Bishop se levantou, parecendo aliviado. — Vamos lá fora, beleza?

Dayna olhou para Dodge com suspeita. Ele percebeu que ela esperava uma indicação de que estava tudo bem, um sinal. Mas ele se recusou a oferecer algum. Ela o tinha traído — por mudar, por subitamente alterar o roteiro. Pânico era o jogo *deles* , um plano que tinham feito juntos, um desejo compartilhado de vingança.

Ele sabia, obviamente, que nada poderia trazer sua irmã de volta, e que machucar Ray, ou até mesmo matá-lo, não iria consertar as pernas de Dayna. Mas este era o sentido: Ray e Luke Hanrahan tinham roubado algo que Dodge nunca poderia ter de novo. Então Dodge iria roubar alguma coisa deles.

Agora que Dayna estava mudando, transformando-se em alguém que ele não conhecia ou não reconhecia — dizendo que ele era imaturo, criticando-o por jogar, passando todo o seu tempo com Ricky —, ele sentiu tudo ainda com mais intensidade. Não era justo. Era tudo culpa deles.

Alguém tinha que pagar.

Lá fora, ele fez um gesto para Bishop segui-lo até Meth Row. Para variar, havia sinais de vida ali. Várias pessoas estavam do lado de fora nas varandas empenadas, fumando, bebendo cerveja. Uma mulher tinha trazido uma TV para o quintal da frente com ela. Todo mundo tinha esperanças de vislumbrar o tigre; em apenas alguns dias, tinha se tornado uma obsessão.

— Eu estou fora, sabia? — Bishop então disse. — Não vou receber minha parte nem nada. Foi tudo inútil. — Sua voz era amarga. Dodge quase se sentiu mal por ele. Ele se perguntava por que Bishop tinha concordado em julgar, em seguir com aquilo. Ou por que qualquer um dos outros tinha concordado com aquilo. Talvez todos eles — os jogadores, os juízes, até mesmo Diggin — tinham seus próprios segredos. Talvez o dinheiro fosse apenas uma parte, e as apostas fossem muito mais elevadas para cada um deles.

Então Dodge falou:

— Estamos quase no fim. Por que desistir agora?

— Eu não tenho escolha. Quebrei as regras. Eu falei. — Bishop tirou o boné, passou a mão pelo cabelo e depois colocou o boné de volta. — Além do mais, eu *odeio* aquilo. Sempre odiei. Porra de Pânico. Deixa as pessoas loucas. E *é* uma loucura. Só fiz isso porque… — Ele olhou para as mãos. — Eu queria dar minha parte para a Heather — disse em voz baixa. — Quando ela começou a jogar, eu tive de continuar. Para ajudá-la. E mantê-la segura.

Dodge não disse nada. De um jeito meio torto, os dois estavam agindo por amor. Dodge se sentiu triste que não tivesse tido a oportunidade de conhecer Bishop melhor. Havia coisas demais de que ele se arrependia. Não passar mais tempo com Heather, por exemplo. Eles poderiam ter sido amigos de verdade.

E Nat, claro. Ele tinha estragado bonito as coisas com ela.

Ele se perguntava se tudo na vida seria assim: arrependimento em cima de arrependimento.

— Você já fez alguma coisa ruim por uma boa razão? — Bishop de repente deixou escapar.

Dodge quase riu. Em vez disso, ele apenas respondeu:

— Já.

— Então, o que isso faz da gente? — perguntou Bishop. — Bons ou maus?

Dodge deu de ombros.

— Os dois, eu acho — disse ele. — Como todo mundo. — Ele sentiu uma súbita pontada de culpa. O que ele estava fazendo, o que ele queria fazer com Ray, era muito ruim. Pior do que qualquer outra coisa que já fizera.

Mas havia aquele velho ditado: olho por olho, dente por dente. Era só isso que ele estava fazendo. Equiparando as coisas.

Afinal, não fora ele que tinha começado aquilo.

Bishop se virou e parou de andar.

— Eu preciso saber o que você vai fazer — disse ele.

Bishop parecia tão perdido, ali, com seus braços e pernas compridos, como se não soubesse lidar com eles.

— Eu vou continuar jogando — Dodge falou, calmo. — Estamos quase terminando. Mas não exatamente. Ainda não.

Bishop exalou em voz alta, como se Dodge tivesse acabado de lhe dar um soco no estômago, embora já devesse esperar por aquilo. E de repente Dodge soube: como poderia fazer Bishop se sentir melhor, como poderia fazer algo bom para variar, e como poderia ter certeza de que Ray ia perder.

— Eu posso manter Heather em segurança — Dodge falou de repente. Bishop o encarou. — Eu posso garantir que ela não tenha que enfrentar o Ray. Vou cuidar para que ela não se machuque. Combinado?

Bishop o observou por vários minutos. Dodge percebia que ele estava lutando com alguma ideia; decerto não confiava muito em Dodge. Que não podia culpá-lo.

— O que eu tenho que fazer? — perguntou Bishop.

Dodge sentiu um peso ser retirado de seu peito. Um passo mais perto. Tudo estava se encaixando no lugar.

— Um carro — ele disse. — Preciso de um carro emprestado.

Dodge ficou preocupado com o fato de que Heather não fosse dar ouvidos a ele. Afinal, ele é que tinha dito que todos os acordos

estavam encerrados, nada de repartir o prêmio. Mas, quando a convidou para encontrá-lo na Dot's, ela concordou. Eram quase dez da noite — a única hora em que a lanchonete ficava vazia, entre o público do jantar e os frequentadores noturnos, quando os casais vinham com tudo do bar ao lado e entravam para comer panquecas e tomar café para acabar com a bebedeira.

Ele explicou o que precisava que ela fizesse. Ela pediu um café e o deixou clarinho com o creme. Agora o encarava no meio de um gole. Colocou a xícara na mesa.

— Está me pedindo para perder? — ela perguntou.

— Fala baixo — pediu Dodge. A mãe dele tinha trabalhado no turno da manhã e devia estar fora com Bill Kelly, eles dois já eram praticamente inseparáveis àquela altura, mas ele conhecia todo mundo naquele horário. Incluindo Ricky, que ele podia ver cada vez que a porta da cozinha se abria e fechava, sorrindo e acenando para ele como um idiota. Dodge tinha de admitir que o garoto era bem legal. Já tinha mandado queijo grelhado de graça e alguns palitos de muçarela.

— Olhe, você não quer enfrentar o Ray, quer? O cara é um monstro. — Dodge sentiu um aperto na garganta. Ele pensou sobre o motivo de estar fazendo aquilo, pensou em Dayna voltando para casa de cadeira de rodas pela primeira vez, Dayna caindo da cama durante a noite e chamando, incapaz de subir de volta. Dayna andando para cá e para lá na cadeira de rodas, dopada com analgésicos, praticamente em coma. E, mesmo que ela parecesse melhor e mais feliz nos últimos tempos, às vezes até esperançosa, ele, Dodge, nunca esqueceria. — Ele vai tirar você da pista, Heather. Você vai acabar perdendo do mesmo jeito.

Ele fez uma careta, mas não disse nada. Percebia que ela estava pensando a respeito.

— Se jogarmos do meu jeito, você ainda ganha — disse ele, inclinando-se sobre a mesa, grudenta dos anos de gordura acumulada. — Nós dividimos o dinheiro. E ninguém se machuca. — *A não ser Ray.*

Ela ficou em silêncio por um minuto. O cabelo preso para trás num rabo de cavalo e a pele corada de um verão passado ao ar livre. Todas as sardas tinham meio que sido mescladas no

bronzeado. Ela estava bonita. Dodge queria poder falar que a achava incrível. Que lamentava nunca terem sido mais próximos.

Que ele tinha se apaixonado pela melhor amiga dela e estragado tudo.

Mas nada disso importava agora.

— Por quê? — ela perguntou enfim, voltando-se para ele. Seus olhos eram límpidos, verde-acinzentados, como um oceano refletindo o céu. — Por que você quer tanto? Não é nem o dinheiro, é? É sobre a vitória. É sobre derrotar o Ray.

— Não se preocupe com isso — Dodge disse de um jeito meio seco. As portas da cozinha começaram a se abrir de novo… e lá estava Ricky, o traje branco de cozinheiro manchado com molho marinara e gordura, sorrindo e fazendo um sinal de "joia" com os polegares. Jesus. Será que Ricky achava que ele estava no meio de um encontro? Ele voltou sua atenção para Heather. — Escuta. Prometi ao Bishop que eu…

— O que o Bishop tem a ver com isso? — ela perguntou de supetão, interrompendo-o.

— Tudo — Dodge respondeu. Ele tomou toda a Coca-Cola com gelo, gostando da sensação de queimação na língua. — Ele quer você em segurança.

Heather desviou o olhar de novo.

— Como eu sei que posso confiar em você? — ela perguntou por fim.

— Essa é a questão da confiança. — Ele triturou um cubo de gelo entre os dentes. — A gente não sabe.

Ela olhou para ele por um longo segundo.

— Tudo bem — ela então disse. — Eu faço.

Lá fora, nos arredores do estacionamento, as árvores dançavam ao vento. Algumas das folhas começavam a mudar de cor. Um tom dourado comia suas beiradas. Outras estavam manchadas de vermelho, como se doentes. Menos de três semanas até o início de setembro e o fim oficial do verão. E apenas uma semana até o confronto final. Depois de se despedir de Heather, Dodge não foi imediatamente para casa, passou algum tempo andando pelas ruas.

Fumou dois cigarros, não porque ele queria, mas porque estava apreciando a escuridão, o silêncio e o vento frio, os cheiros do

outono que se aproximava: um cheiro limpo, um cheiro de madeira, como uma casa recém-varrida e perfumada. Ele se perguntou se o tigre ainda estava solto. Devia estar; ele não tinha ouvido nada sobre sua captura. Meio que esperava que fosse vê-lo e meio que temia isso.

Apesar de tudo, a conversa com Heather tinha sido mais fácil do que ele esperava. Ele estava tão perto.

Armar a explosão, ele sabia, seria a parte mais difícil.

Segunda-feira,
22 de agosto

Heather

Nos dias após a fuga dos tigres, Heather andava tão ansiosa que não conseguia dormir. Ela ficava esperando que Krista fosse aparecer com alguma ordem judicial, exigindo a volta de Lily para casa. Ou, pior ainda, que a polícia ou a Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais aparecessem e levassem Anne para a cadeia. O que Heather faria então?

Mas à medida que mais dias passavam, ela relaxou. Talvez Krista tivesse percebido que estava mais feliz com suas filhas fora de casa. Que ela não servia para ser mãe. Todas as coisas que Heather a ouvira dizer um milhão de vezes. E, embora a polícia entrasse e saísse, ainda tentando localizar o segundo tigre, ainda patrulhando a propriedade de Anne, e a Sociedade tivesse aparecido para conferir as condições em que viviam os outros animais e garantir que todos fossem legais, Anne não foi algemada e levada dali, como Heather temia.

Heather sabia, no fundo, que sua situação com Anne era temporária. Ela não podia ficar ali para sempre. No outono, Lily tinha que voltar para a escola. Anne estava gastando dinheiro com elas, pagando coisas para elas, mas quanto tempo isso iria durar? Heather tinha que arranjar um emprego, pagar Anne de volta, fazer alguma coisa. Ela se agarrava à esperança de que o Pânico fosse resolver tudo: que com o dinheiro que ela ganhasse, mesmo se tivesse que dividir com Dodge, ela poderia alugar um quarto na casa de Anne ou arranjar um lugar só para ela e Lily.

Quanto mais tempo passava longe de Fresh Pines, mais determinada ela se tornava: nunca, jamais voltaria para lá. Ela

pertencia àquele lugar, ou a algum lugar parecido — com espaço, onde nenhum vizinho estivesse cheirando seu cangote o tempo todo e não houvesse gritos, nem sons de garrafas se quebrando e pessoas ouvindo música alta a noite inteira. Em algum lugar com animais e grandes árvores e aquele cheiro fresco de feno e cocô que, de alguma forma, não era desagradável. Era incrível o quanto ela adorava fazer toda a ronda da propriedade, cuidando do galinheiro, escovando os cavalos e até limpando as baias.

Também era incrível a sensação de ser desejada em algum lugar. Porque Heather acreditava agora no que Anne tinha dito para ela. Anne se importava. Talvez até a amasse, um pouquinho.

O que mudava tudo.

Três dias até o desafio final. Agora que Heather sabia como aconteceria — que ela iria participar apenas para perder na primeira rodada do Duelo, para Dodge — ela se sentiu bem aliviada. A primeira coisa que faria com o dinheiro seria comprar uma bicicleta nova para Lily; aquela que sua irmã tinha ficado de olho quando foram ao supermercado.

Não. Primeiro, ela daria algum dinheiro para Anne, e *depois* iria comprar uma bicicleta.

E depois, talvez um belo vestido de verão para ela e uma sandália de couro com tiras. Algo bonito para vestir quando finalmente conseguisse juntar coragem para falar com Bishop — *se* ela conseguisse.

Adormeceu e sonhou com ele. Bishop estava com ela na beira do castelo d'água, dizendo-lhe para pular, pular. Abaixo dela — muito lá embaixo — havia o som de uma corredeira de água, e o brilho de luzes brancas ofuscantes, como olhos que não piscavam, colados no meio de toda aquela água preta. Ele ficava dizendo para não ter medo, e ela não queria contar que estava apavorada, tão fraca que não conseguia se mover.

Então Dodge estava lá.

— Como você vai fazer para vencer se estiver com medo de pular? — ele dizia.

De repente, Bishop tinha sumido, e a plataforma debaixo dos pés dela não era metal, mas um tipo de madeira, meio podre, instável. *Bum* . Dodge estava brandindo um taco de beisebol, destruindo a

madeira, disparando uma chuva de lascas para baixo em direção à água. *Bum.*

— Pula, Heather. — *Bum* . — Heather.

— Heather.

Heather acordou para uma duplicidade: Lily sussurrando seu nome com urgência, no espaço entre suas camas; e também, como um eco, uma voz que vinha de fora.

— Heather Lynn! — a voz gritou. *Bum.* O som de um punho na porta da frente. — Desça aqui! Desça aqui para eu falar com você.

— Mãe — Lily disse, bem quando Heather se deu conta a quem pertencia a voz. Os olhos de Lily estavam arregalados.

— Vá para a cama, Lily — Heather disse. Ela estava desperta em um instante. No corredor, uma pequena fissura de luz aparecia debaixo da porta do quarto de Anne. Heather ouviu o farfalhar de lençóis. Então ela também tinha sido acordada.

A batida continuava, assim como os gritos abafados de: “Heather! Eu sei que você está aí. Você vai ignorar a sua própria mãe?” Mesmo antes de chegar à porta, Heather sabia que Krista estava bêbada.

A luz da varanda estava acesa. Quando ela abriu a porta, viu a mãe parada com a mão sobre os olhos, como se estivesse se protegendo do sol. Seu estado era deplorável. Cabelos desgrenhados; camisa tão aberta na frente que Heather via todas as rugas do colo e as meias-luas brancas de onde o biquíni a tinha protegido do bronzeado; calça jeans manchada; saltos Anabela enormes. Ela estava com dificuldade de ficar parada em um só lugar e dava passos em miniatura para manter o equilíbrio.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— O que eu estou fazendo aqui? — ela disse com a voz arrastada. — O que você está fazendo aqui?

— Vá embora. — Heather deu um passo para o alpendre, abraçando o próprio corpo. — Você não tem o direito de estar aqui. Você não tem o direito de vir aqui se intrometer…

— Direito? Direito? Eu tenho todo o direito. — A mãe deu um passo instável, tentando passar por ela. Heather bloqueou sua passagem, grata, pela primeira vez, que fosse tão grande. Krista começou a gritar: — Lily! Lily Anne! Cadê você, querida?

— Pare com isso. — Heather tentou agarrar Krista pelos ombros, mas sua mãe se afastou com um tapa na mão.

— O que está acontecendo? — Anne tinha aparecido por trás delas, piscando, vestindo um roupão velho. — Heather? Está tudo bem?

— Você. — Krista deu dois passos à frente, antes que Heather pudesse impedi-la. — Você roubou meus bebês. — Ela oscilava, trocando os pés. — Sua vagabunda maldita, eu deveria…

— Mãe, pare! — Heather abraçou-se apertado, tentando se controlar, tentando impedir que tudo se derramasse para fora.

E Anne estava dizendo:

— Certo, vamos nos acalmar, vamos todas nos acalmar. — Mãos para cima, como se ela estivesse tentando conter Krista.

— Eu não preciso me acalmar…

— Mãe, para com isso!

— Saia do meu caminho…

— Espere aí, apenas espere.

E então uma voz da escuridão além da varanda:

— Posso saber qual é o problema? — Uma lanterna se acendeu, bem quando a luz da varanda se apagou. Varreu todas elas uma por uma, como um dedo apontando. Alguém surgiu da escuridão, subiu pesadamente pelas escadas. A luz da varanda, em resposta a seu movimento, se acendeu de novo. O resto delas ficou por um momento congelado. Heather tinha esquecido que havia um carro de polícia estacionado na floresta. O policial estava piscando sem parar, como se antes ele estivesse dormindo.

— O problema — Krista disse — é que esta mulher está com os meus bebês. Ela os roubou.

A mandíbula do policial estava se movendo como se ele estivesse mascando um chiclete. Seus olhos passaram de Krista, para Heather, para Anne e depois voltaram. Sua mandíbula mexeu para a esquerda e depois para a direita. Heather prendeu a respiração.

— Aquele carro é seu, senhora? — disse ele por fim, com um gesto da cabeça por cima do ombro, para onde o carro de Krista estava estacionado.

Ela fitou o veículo. Depois, encarou de novo o policial. Algo cintilou nos olhos dela.

— É, e daí?

Ele continuou mascando, observando-a.

— O limite legal é de 0,08.

— Eu não estou bêbada. — A voz de Krista estava se elevando. — Estou tão sóbria quanto você.

— Se importaria de vir até aqui um minuto?

Heather sentiu vontade de lançar os braços ao redor do pescoço dele e dizer obrigada. Ela queria explicar, mas sua respiração estava presa na garganta.

— *Sim* , eu me importo. — Krista desviou do policial quando ele deu um passo na direção dela. Quase tropeçou sobre um dos vasos. Ele estendeu a mão e a agarrou pelo cotovelo. Ela tentou sacudi-lo.

— Senhora, por favor. Se a senhora só consegue andar desse jeito…

— Me *solta* .

Heather observava a cena acontecer em câmera lenta. Houve um estrondo de ruído. Gritos. E Krista balançando o braço, acertando o punho na cara do policial. O soco parecia amplificado por mil: um zumbido, um barulho oco.

E depois o tempo acelerou de novo e o policial estava torcendo os braços de Krista atrás do corpo, e ela se encolheu e esperneou como um animal.

— A senhora está presa por agredir um policial…

— Me solta.

— E tem o direito de permanecer calada. Tudo o que disser pode e será usado contra a senhora no tribunal.

Ela foi algemada. Heather soltou a respiração. Ela não sabia se devia se sentir aliviada ou aterrorizada. Talvez as duas coisas. Krista ainda gritava quando o policial a levou para fora da varanda, em direção à viatura — gritando por Lily, gritando sobre os direitos dela. Então estava no carro, com a porta fechada e houve silêncio, exceto pelo mecanismo de partida do carro, o cascalho espirrando enquanto o policial manobrava. Um varrer dos faróis. Depois, a escuridão. A luz da varanda tinha se apagado outra vez.

Heather estava tremendo. Quando ela enfim conseguiu falar, a única coisa que pôde dizer foi:

— Odeio ela. — E de novo: — Odeio ela.

— Venha, querida. — Anne passou o braço em volta dos ombros de Heather. — Vamos para dentro.

Heather soltou a respiração. Deixou a raiva sair com o ar. Entraram na casa juntas, no frescor do corredor, os padrões de sombras e luar que já eram familiares. Ela pensou em Krista, esperneando na traseira de um carro de polícia. O nó no estômago de Heather começou a desatar. Nem todo mundo saberia a verdade: quem Krista era, e do que Heather e Lily estavam se livrando.

Anne deu um apertinho em Heather.

— Vai ficar tudo bem — disse ela. — *Vocês* vão ficar bem.

Heather olhou para ela. Conseguiu dar um sorriso.

— Eu sei — disse.

O final de agosto era o período mais triste do ano em Carp. Talvez o período mais triste em todos os lugares.

Todos os anos, não importava qual fosse o clima, as piscinas públicas de repente se apinhavam de gente, os parques se revestiam de toalhas de piquenique e toalhas de praia, a estrada ficava completamente engarrafada com o pessoal que ia passar o fim de semana em Copake Lake. Um véu cintilante criado pelos gases de escapamento pairava sobre as árvores, misturando-se com o cheiro de carvão e fumaça de centenas de churrascos. Era a demonstração final e explosiva do verão, a linha na areia, uma tentativa desesperada de conter o outono para sempre.

Mas o outono mordiscava o céu azul com seus dentes, arrancava nacos do sol, borrando aquele pesado véu de fumaça com cheiro de carne. Estava chegando. Não poderia ser contido por muito mais tempo.

Traria a chuva, o frio e a mudança.

Mas antes disso: o desafio final. O desafio mais mortal.

O Duelo.

Quinta-feira,
25 de agosto

Dodge

O dia do Duelo estava úmido e frio. Dodge, vestido com seu jeans favorito e uma camiseta velha, apareceu sem meia na sala, comeu cereal de uma tigela e assistiu a alguns reality shows com Dayna, fez piadas sobre os otários que deixavam sua vida toda ser filmada. Ela parecia aliviada que ele estivesse agindo normalmente.

Mas o tempo todo, sua mente estava a vários quilômetros de distância, numa reta escura, em motores funcionando e pneus cantando e no cheiro de fumaça.

Dodge estava preocupado. Preocupado que o fogo fosse começar cedo demais, quando ele estivesse dirigindo o carro. E preocupado que Ray não mordesse a isca.

Ele estava *contando* com isso, tinha ensaiado um discurso na cabeça.

“Eu quero trocar de carro”, diria, depois que Heather o deixasse vencer na primeira rodada. “Para eu ter certeza de que está sendo justo. Para eu saber que ele não colocou um turbo no motor ou ferrou com os meus freios.”

Como o Ray poderia dizer não? Se Dodge dirigisse com cuidado, não mais de 65 km/h, o motor não aqueceria demais, e a explosão não seria desencadeada. Heather teria que deixá-lo ganhar mesmo que ele estivesse se arrastando na pista. Ray nunca suspeitaria.

E então ele iria entrar no carro, enfiar o pé na tábua e o motor começaria a fumar e a faiscar e então…

Vingança.

Se tudo corresse de acordo com o plano. Se, se, se. Ele odiava essa palavra idiota.

Às três da tarde, Bill Kelly veio levar Dayna para a fisioterapia. Dodge não entendia como Kelly tinha se infiltrado na vida deles. Dayna estava praticamente no seu traseiro. Como se de repente todos formassem uma grande e feliz unidade familiar, e Dodge fosse o único que conseguia se lembrar: eles não eram uma família, nunca seriam. Sempre tinham sido Dodge e Dayna e ninguém mais.

E agora ele havia perdido até mesmo ela.

— Você vai ficar bem? — ela perguntou. Ela estava ficando boa com a cadeira, em manobrar ao redor da mobília, passar pelo lugar onde o chão era um pouco irregular. Ele odiava que ela tivesse que ficar boa nesse negócio de ser aleijada.

— Sim, claro. — De propósito, ele não olhou para ela. — Só vou ver um pouco de TV e tal.

— Estaremos de volta daqui a algumas horas — ela disse. E depois: — Acho que está funcionando, Dodge.

— Estou feliz por você — disse ele. Ficou surpreso ao sentir que sua garganta se apertava. Ela estava no meio do caminho para fora da porta, quando Dodge a chamou de volta. — Dayna — ele disse. *Tudo por você.*

Ela se virou.

— O quê?

Ele conseguiu sorrir.

— Te amo.

— Não seja tonto — ela zombou e sorriu de volta. Então saiu de casa com a cadeira e fechou a porta atrás dela.

Heather

A cada minuto que passava, ela se aproximava cada vez mais do fim.

Heather deveria estar aliviada, mas, durante o dia inteiro, sentiu-se dominada pelo pavor. Disse a si mesma que só precisava perder. Teria que confiar na promessa de Dodge sobre o dinheiro.

Ele não estava jogando por dinheiro. Sempre soubera disso em algum nível. Mas desejava ter tido a chance de o pressionar mais para descobrir o que o motivava. Talvez fosse isso que a estivesse deixando nervosa: agora, mesmo no final do jogo, ela não entendia o objetivo final de Dodge. O fato a fazia sentir como se houvesse outros jogos acontecendo, regras, pactos e alianças secretas, e ela fosse apenas um peão.

Por volta das cinco da tarde, a tempestade tinha passado, e as nuvens começaram a se dispersar. O ar estava espesso de umidade e mosquitos. As estradas estariam lisas. Mas ela se lembrou de que não importaria. Poderia voltar atrás, numa boa, se quisesse; fingir amarelar, ou de fato amarelar, no último segundo. Então Dodge e Ray poderiam se enfrentar e ela estaria fora.

Ainda assim, a sensação de náusea — um peso no estômago, uma comichão sob a pele — não a deixava.

O Duelo tinha sido mudado de lugar. Não houve nenhuma comunicação formal sobre isso, nenhuma mensagem ou e-mail. Bishop estava na miúda, para o caso de alguém estar zangado com a maneira com que o jogo tinha sido abalado. Heather não o culpava. E, era de se esperar, Vivian também andava na dela. Pela

primeira vez na história do jogo, o desafio final aconteceria com ou sem os juízes.

Mas rumores tinham chegado a Heather, como sempre chegavam em uma cidade tão pequena e com muito pouco de que se alimentar além das fofocas. Os tiras estavam a postos por toda a pista onde, por tradição, o Duelo acontecia. Daí a mudança de local. Um lugar não muito longe da pedreira e dos velhos trilhos de trem.

Heather se perguntava, com outra pontada, se Nat iria aparecer.

Eram apenas seis horas quando ela saiu. Suas mãos já estavam tremendo, e ela se preocupava que, tendo ainda cerca de uma hora para o Duelo, estivesse nervosa demais para dirigir, ou que fosse amarelar totalmente. Anne tinha concordado em deixar Heather usar o carro naquela noite, e Heather se odiava por ter mentido sobre o motivo. Mas afirmou para si mesma que era isso: ia acabar ali. Não haveria mais mentiras dali para a frente. E teria cuidado extra e tiraria o carro da estrada bem antes de Dodge pensar em chegar perto dela.

Não se despediu de Lily. Não queria fazer alarde a respeito. Não era nada de mais.

Ela estaria em casa dentro de algumas horas, no máximo.

Tinha acabado de sair da estradinha que levava à propriedade, quando sentiu o telefone tremer. Ela o ignorou, mas o toque reiniciou tão logo o anterior finalizara. E depois uma terceira vez. Ela parou e pegou o celular do bolso.

Nat. Assim que atendeu, soube que algo estava muito errado.

— Heather, por favor — Nat estava dizendo, antes mesmo de Heather dizer “alô”. — Algo ruim vai acontecer. Temos que impedir.

— Espere, espere. — Heather ouvia que Nat estava fungando. — Acalme-se. Comece do começo.

— Vai acontecer esta noite — Nat disse. — Temos que fazer alguma coisa. Ele vai acabar morto. Ou vai matar o Ray.

Heather mal podia seguir o fio da conversa.

— Quem?

— O Dodge — Nat gemeu. — Por favor, Heather. Você tem que ajudar a gente.

Heather respirou bem fundo. O sol escolheu aquele momento para irromper completamente das nuvens. O céu estava riscado

com dedos de vermelho, a cor exata de sangue fresco.

— Quem é a gente?

— Apenas venha — disse Nat. — Por favor. Eu explico tudo quando você chegar aqui.

Dodge

Dodge passou pela pedreira logo após as seis da tarde. O carro que Bishop tinha lhe emprestado — um Le Sabre que Dodge sabia que poderia nunca ser devolvido — era velho e temperamental e puxava para a esquerda sempre que ele não corrigia a rota. Não importava. Dodge não precisava dele por muito tempo.

Estacionou na beira da estrada de um dos lados da grande reta que tinha sido selecionada para o desafio. A estrada estava bem morta — talvez as pessoas estivessem desencorajadas pelo mau tempo. Dodge estava feliz por isso. Ele não podia correr o risco de ser visto.

Não demorou muito. Era fácil demais — coisa de criança, o que era irônico, já que Dodge reprovara em química três vezes e não era o cara das ciências. Engraçado como era fácil achar toda essa merda na internet. Explosivos, bombas, coquetéis molotov, bombas caseiras… qualquer coisa que se quisesse. Aprender a explodir alguém era mais fácil do que comprar uma porcaria de uma cerveja.

Primeiro, ele teve que dissolver um pedaço de uma caixa de isopor em gasolina e colocar a mistura em um jarro de vidro. Napalm caseiro — fácil como fazer molho de salada. Depois, ele prendeu com cuidado um fogo de artifício com fita adesiva no exterior do frasco e aninhou a coisa toda dentro do compartimento do motor. Não perto *demais* do coletor — primeiro ele precisava superar o desafio com Heather. E ele dirigiria com cuidado, ficaria atento para que o motor não aquecesse demais.

Depois o carro iria para Ray, que o ligaria, acionaria o fogo de artifício, e o frasco iria se quebrar, descarregando os explosivos.

Cabum.

Tudo o que ele tinha que fazer era esperar.

Mas, quase no mesmo instante, recebeu uma mensagem de texto de Heather.

> Vou pegar vc. Emergência. Precisamos conversar.

E depois:

> Agora.

Dodge xingou em voz alta. Então sentiu um medo súbito: ela iria desistir. Isso estragaria tudo. Ele se apressou a responder.

> Esquina da Wolf Hill e Pheasant. Me pega lá.

E ela escreveu de volta:

> Tô indo.

Dodge andou em círculos e fumou enquanto esperava por ela. Ele tinha conseguido manter a calma até então, mas agora estava ansioso demais, uma sensação de coceira, de arrepios, como se aranhas estivessem correndo debaixo de sua pele.

Ele pensou em Dayna na cama do hospital, como a tinha visto da primeira vez depois do acidente — olhos arregalados, um pouco de sangue e muco secos acima da boca, dizendo: “Não sinto minhas pernas. O que aconteceu com as minhas pernas?” Ficando histérica no quarto do hospital, tentando se levantar e, em vez disso, desabando no colo de Dodge.

Ele pensou em Luke Hanrahan, saindo fora com cinquenta mil dólares; e, na noite em que ficou no quintal da casa dos Hanrahan

com um taco de beisebol, mas teve medo demais para agir.

E, quando Heather apareceu de carro, ele se sentiu um pouco melhor.

Heather não queria contar nada dentro do carro.

— O que foi? — ele perguntou.

Mas ela só ficava repetindo:

— Só espera. Entendeu? Ela mesma vai querer te contar.

— Ela? — O estômago dele revirou.

— Nat — ela esclareceu.

— Ela está bem? — Dodge perguntou. Mas Heather apenas balançou a cabeça, indicando que não diria mais nada. Agora ele estava ficando irritado. Era um momento ruim; ele precisava de concentração. Seu estômago estava apertado com o nervosismo. Mas, ao mesmo tempo, se sentia lisonjeado com o fato de Heather precisar dele e de Nat ter pedido para vê-lo. E eles ainda tinham duas horas antes da completa escuridão. Tempo mais que suficiente.

Havia dois carros na garagem de Nat, um deles era uma caminhonete Chevy surrada que ele não reconheceu. Queria saber se era algum tipo de intervenção por ela e sentiu uma sensação de arrepio na pele de novo.

— O que está acontecendo? — ele voltou a perguntar.

— Eu te disse — Heather respondeu. — Ela mesma vai querer explicar.

A porta estava destrancada. Era estranho que, embora a luminosidade estivesse se desvanecendo depressa do lado de fora, não houvesse nenhuma lâmpada acesa na casa. O ar estava opaco e cinzento, como se fosse um manto texturizado por cima de tudo, borrando detalhes. Ao entrar na casa de Nat, Dodge teve a mesma sensação de quando costumava entrar numa igreja: como se estivesse perturbando solo sagrado. Havia madeira em todos os lugares, muita mobília bonita, coisas que, para ele, gritavam dinheiro. Mas nenhum som.

— Ela está mesmo aqui? — ele perguntou. Sua voz pareceu soar alta demais.

— Lá embaixo. — Heather passou à frente dele e abriu uma porta no lado direito da sala. Degraus rústicos desciam para o que era, obviamente, um porão. Dodge pensou ter ouvido movimento, talvez um sussurro, mas então parou.

— Vá em frente — Heather insistiu. Ele ia dizer para ela descer na frente, mas não queria que ela pensasse que ele estava com medo, o que ele estava, seja lá qual fosse o motivo. Algo sobre aquele lugar, talvez o silêncio, o estava fazendo surtar. Como se sentindo a hesitação dele, Heather disse: — Olha, lá embaixo vamos poder conversar. Ela vai te explicar tudo. — Heather fez uma pausa. — Nat? — chamou.

— Aqui embaixo! — A voz de Nat veio do porão.

Tranquilizado, ele começou a descer as escadas e adentrar o ar mofado, úmido e subterrâneo. O porão era grande e cheio de móveis descartados. Dodge tinha acabado de chegar ao pé da escada e se virado para olhar para Nat quando as luzes se apagaram. Ele congelou, confuso.

— Mas que p… — começou a dizer, e então se sentiu bruscamente imobilizado, ouviu uma explosão de vozes. Dodge pensou por um segundo que deveria ser parte do jogo, um desafio que ele não tinha previsto.

— Aqui, aqui! — Nat chamava. Dodge tentou empurrar, tentou se contorcer, mas quem o estava segurando era forte, grande e musculoso. Um cara. Dodge percebia pelo tamanho e pelo cheiro também — mentol, cerveja, loção pós-barba. Dodge deu um chute; o cara xingou, e algo caiu. Houve um som de vidro se quebrando. E Natalie continuou: — Merda. Aqui. Aqui.

Dodge foi forçado a se sentar em uma cadeira. As mãos dele estavam torcidas atrás do corpo, amarradas com alguma coisa. Fita adesiva. As pernas também.

— Que porra é essa? — Ele estava gritando agora. — Sai de cima de mim.

— *Shhh* . Dodge. Está tudo bem.

Mesmo naquela situação, naquele lugar, Dodge foi paralisado pelo som da voz de Natalie. Ele não conseguia nem lutar.

— Que merda é essa? — disse ele. — O que vocês estão fazendo? — Seus olhos estavam se ajustando aos poucos à escuridão. Ele mal conseguia visualizar a silhueta dela, os contornos arregalados dos olhos, dois buracos escuros e tristes.

— É para você — ela disse. — Para seu próprio bem.

— Do que você está falando? — Ele pensou, de repente, no carro estacionado em Pheasant Lane, o frasco de vidro com gasolina e isopor, aninhado no motor como um coração secreto. Ele ficou tenso contra a fita que o prendia. — Me solta.

— Dodge, me escuta. — A voz de Nat falhou, e ele percebeu que ela havia chorado. — Eu sei… eu sei que você culpa o Luke pelo que aconteceu com a sua irmã. Pelo acidente, não é?

Dodge sentiu algo gelado se mover por ele. Ele não conseguia falar.

— Não sei bem o que você está planejando, mas não vou deixar que continue com isso — Nat disse. — Isso tem que parar.

— Me solta. — A voz dele soou mais alta. Ele estava lutando contra a sensação de pânico, uma sensação de pavor surdo em todo o seu corpo, a mesma comoção que teve dois anos antes, parado no gramado na frente da casa dos Hanrahan, tentando fazer seus pés se moverem.

— Dodge, me escuta. — As mãos dela estavam sobre seus ombros. Ele queria empurrá-la, mas não conseguia. E outra parte dele a queria e a odiava ao mesmo tempo. — Isso é por você. Isso é porque eu me importo.

— Você não sabe de nada — disse ele. Dodge sentia o cheiro da pele dela, uma combinação de baunilha e chiclete, e isso o fazia sofrer. — Me solta, Natalie. Isso é loucura.

— Não, me desculpa, mas não. — Os dedos dela lhe roçaram a bochecha. — Não vou deixar você fazer nada idiota. Não quero que você se machuque.

Ela se aproximou ainda mais, até que seus lábios quase estivessem tocando os dele. Ele achou que ela poderia estar se aproximando para beijá-lo, e ele não conseguia se afastar, era incapaz de resistir. Então, ele sentiu as mãos dela se movendo ao longo das coxas dele, apalpando.

— O que você está…? — ele começou a dizer. Mas então Nat encontrou o bolso e tirou as chaves e o celular.

— Me desculpe — disse ela, endireitando a postura. E ela parecia mesmo estar se desculpando. — Mas acredite em mim, é para o seu bem.

Uma onda de impotência tomou conta dele. Fez uma tentativa final e inútil de se libertar. A cadeira pulou para a frente alguns centímetros sobre o chão de concreto.

— Por favor — disse ele. — Natalie.

— Me desculpa, Dodge — Nat respondeu. — Eu volto assim que o desafio acabar. Juro.

Ela estava mexendo com o telefone dele, e a tela se iluminou temporariamente, lançando um brilho no rosto dela, mostrando as profundas e tristes depressões de seus olhos, sua expressão de pena e pesar. E iluminou também o cara atrás dela, o que tinha segurado Dodge e o colocado à força na cadeira.

Dodge sentiu um choque atingi-lo com força. Ele já não conseguia mais falar, nem sequer respirar.

Havia ganhado peso — pelo menos quinze quilos — e tinha deixado os cabelos crescerem. Os cinquenta mil não estavam fazendo muito bem a ele. Mas não havia como confundir os olhos, o conjunto duro do maxilar e a cicatriz, como um pequeno verme branco, cortando a sobrancelha esquerda.

Luke Hanrahan.

Heather

Heather esperou no carro enquanto Natalie e Luke faziam o que tinham que fazer. Ela estava tentando respirar com normalidade, mas seus pulmões não obedeciam e não paravam de tremular, estranhos, no peito. Agora ela teria que enfrentar Ray Hanrahan. Não havia como desistir ou pular fora.

Ela se perguntava o que Dodge tinha planejado para aquela noite. Luke também não sabia exatamente, embora tivesse mostrado a Nat e Heather algumas das mensagens ameaçadoras que tinham vindo de Dodge. Foi surreal se sentar na cozinha de Nat com Luke Hanrahan; Luke Hanrahan, a estrela do futebol, o rei do baile de formatura que tinha sido expulso do baile por fumar maconha no vestiário durante o anúncio da corte. Vencedor do Pânico. Que uma vez tinha atacado o caixa da 7-Eleven em Hudson porque o cara não quis lhe vender cigarros.

Sua aparência estava péssima. Dois anos longe de Carp não tinham feito nenhum bem a ele, o que era chocante para Heather. Ela achava que tudo o que precisava fazer — tudo o que qualquer um deles precisava fazer — era ir embora. Mas talvez você carregue seus demônios para todos os lugares, do jeito que carrega sua sombra.

Ele tinha encontrado Nat, ele disse, por causa de um cupom de aposta que chegou a ele em Buffalo. E por causa daquele vídeo estúpido — aquele filmado nos castelos d'água, que mostravam Dodge com o braço ao redor de Nat. Nat tinha sido a competidora restante mais fácil de localizar, e ele tinha esperanças de que pudesse se aliar a ela para convencer Dodge a pular fora.

Nat saiu da casa finalmente. Heather a viu falando com Luke na varanda da frente; ele tinha quase o dobro do tamanho dela. Era uma loucura como, vários anos antes, Nat teria surtado com a ideia de que Luke pudesse apenas olhar para ela ou saber quem ela era. Era tão estranha a forma como a vida avançava: as reviravoltas e os becos sem saída, as oportunidades repentinas. Ela supunha que, se a gente pudesse predizer ou antever tudo o que ia acontecer, perderia a motivação para passar por tudo aquilo.

A promessa estava sempre na possibilidade.

— O Dodge está bem? — Heather perguntou quando Nat deslizou para dentro do carro.

— Está louco da vida.

— Você o sequestrou — Heather apontou.

— Foi para o bem dele — disse Nat e, por um minuto, ela parecia estar com raiva. Mas então sorriu. — Nunca sequestrei ninguém.

— Não faça disso um hábito. — As duas pareciam ter concordado em não mencionar sua briga, e Heather ficou contente por isso. Ela indicou Luke com a cabeça. Ele estava entrando na caminhonete. — Ele vai assistir?

Nat sacudiu a cabeça.

— Acho que não. — Ela fez uma pausa e disse em voz baixa: — Foi horrível o que ele fez para a Dayna. Acho que ele deve se odiar.

— Parece que ele se odeia — Heather disse. Mas não queria pensar em Luke, nem na irmã de Dodge, nem nas pernas enterradas sob uma tonelada de metal, inúteis. Ela já estava com náusea de nervosismo.

— Você está bem? — Nat perguntou.

— Não — Heather respondeu, sem rodeios.

— Você está tão perto, Heather. Está quase no fim. Você está *ganhando* .

— Ainda não estou ganhando — Heather disse. Mas ela engatou a marcha no carro. Não havia mais como adiar. Não sobrava praticamente nenhuma luz no céu, como se o horizonte fosse um buraco negro, sugando toda a cor. Alguma outra coisa lhe ocorreu. — Jesus. Este é o carro da *Anne* . Eu nem deveria estar dirigindo este carro. Não posso enfrentar o Ray nele.

— Você não precisa. — Nat colocou a mão no bolso e pegou um conjunto de chaves, fazendo-as tilintar com exagero.

Heather olhou para ela.

— Onde você conseguiu isso?

— Dodge — Nat falou. Ela chacoalhou as chaves na palma da mão e as devolveu à bolsa. — Você pode usar o carro dele. É melhor prevenir do que remediar, né?

Quando o sol desapareceu, e a lua, como uma foice gigante, cortou as nuvens, eles se reuniram. Em silêncio, as pessoas se materializavam da floresta; desciam pela pedreira, espalhando cascalho, deslizando na colina; ou vinham em grupo nos carros, dirigindo devagar, faróis desligados, como submarinos no escuro.

E, quando as estrelas do tempo surgiram da escuridão, todos estavam lá: todos os jovens de Carp, que tinham vindo para testemunhar o desafio final.

Estava na hora. Não havia necessidade de que Diggin repetisse as regras; todo mundo sabia as regras do Duelo. Um carro ia em direção ao outro, acelerando em uma única pista. A primeira pessoa a desviar perderia.

E o vencedor levaria o pote.

Heather estava tão nervosa que precisou de três tentativas para colocar a chave na ignição. Ela havia encontrado o Le Sabre estacionado na beira da estrada, quase enterrado nos arbustos. Era o carro de Bishop: Dodge devia tê-lo pego emprestado.

Ela se sentia irracionalmente irritada que Bishop tivesse ajudado Dodge desse jeito. Ela se perguntava se Bishop arriscaria aparecer naquela noite — em algum lugar no meio da multidão, nas massas escuras de pessoas, rostos indistinguíveis no luar tênue. Mas Heather era orgulhosa demais para enviar uma mensagem e

descobrir. Envergonhada também. Ele havia tentado falar com ela, explicar, e ela tivera uma reação horrível.

Será que ele a perdoaria?

— Como você está? — Nat perguntou. Ela havia se oferecido para ficar com Heather até o último segundo possível.

— Estou bem — respondeu Heather, o que era mentira. Seus lábios estavam amortecidos. A língua parecia grossa. Como ela iria dirigir se mal conseguia sentir as mãos? Ao levar o carro até o ponto de partida, os faróis iluminaram rostos, brancos como fantasmas, dos jovens em silêncio na sombra das árvores. O motor estava gemendo, como se tivesse algo errado com ele.

— Você vai ficar bem — disse Nat. Ela se torceu no assento. Seus olhos de repente estavam arregalados, urgentes. — Você vai ficar *bem* , tá? — Repetiu como se estivesse tentando convencer a si mesma.

Diggin fez um gesto para Heather, indicando que ela deveria virar o carro para o outro lado. O motor fazia um rangido estranho. Ela também achou que o cheiro era esquisito, mas depois pensou que devia estar imaginando coisas. Tudo acabaria logo, de qualquer forma. Trinta, quarenta segundos no máximo. Quando ela conseguiu colocar o carro na direção certa, Diggin tamborilou no para-brisas com os dedos e assentiu de leve.

Do outro lado da pista — a trezentos metros dela, a trezentos quilômetros — ela viu os círculos gêmeos dos faróis de Ray. Eles ligaram e desligaram novamente. Liga e desliga. Como algum tipo de aviso.

— Você precisa ir — Heather disse. A garganta estava apertada. — Vamos começar.

— Eu te amo, Heather. — Nat se inclinou e passou os braços ao redor do pescoço da amiga. Seu cheiro era familiar, o típico cheiro de Nat, e fez Heather querer chorar, como se estivessem se despedindo pela última vez. Então Nat desceu do carro. — Olha, se o Ray não se desviar… quer dizer, se você estiver perto e não parecer que ele vai desviar… Você tem que me prometer que vai sair fora. Você não pode arriscar uma colisão, entendeu? Prometa pra mim.

— Eu prometo — Heather disse.

— Boa sorte. — Então Nat foi embora. Heather a viu dar uma corridinha para o lado da estrada.

E Heather estava sozinha no carro, no escuro, de frente para um pedaço estreito e longo de estrada, apontada, como um dedo, em direção ao brilho distante dos faróis.

Ela pensou em Lily.

Ela pensou em Anne.

Ela pensou em Bishop.

Ela pensou nos tigres, e em tudo o que já tinha estragado na vida.

Ela jurou para si mesma que não seria a primeira a desviar.

No porão escuro, respirando o odor pungente de naftalina e de móveis antigos, Dodge percebeu, tarde demais, por que Nat havia pegado suas chaves — e, gritando, lutou contra suas amarras, pensando no pequeno coração de bomba-relógio, tiquetaqueando devagar…

Algo no motor estava provocando fumaça. Heather viu pequenas trilhas de fumaça se desenrolando do capô do carro, como cobras pretas estreitas. Mas, bem nessa hora, Diggin foi para o centro da pista, sem camisa, sacudindo-a acima da cabeça como uma bandeira.

E então já era tarde demais. Ela ouviu o grito estridente de pneus no asfalto. Ray tinha começado a se mover. Ela pisou com tudo no acelerador e o carro saltou adiante, derrapando um pouco. A fumaça redobrou quase na mesma hora; por um segundo a visão dela ficou completamente obscurecida.

Pânico.

Então se fragmentou e ela pôde ver. Faróis ficando cada vez maiores. O brilho liso da lua. E fumaça se derramando do capô como um líquido. Tudo foi rápido, rápido demais — ela estava em

disparada pela estrada, não havia nada além de duas luas, cada vez maiores… mais próximas…

O cheiro de borracha queimada e o canto dos pneus…

Mais perto, mais perto… Ela estava se arremessando para a frente. O velocímetro passou dos 90 km/h. Agora era tarde demais para desviar, e ele também não desviaria. Era tarde demais para fazer qualquer coisa a não ser bater.

Chamas de repente saltaram do motor, um estrondo enorme de fogo. Heather gritou. Não conseguia ver nada. O volante deu um tranco em sua mão, e ela se esforçou para manter o carro na pista. O ar fedia a plástico queimado, e os pulmões estavam apertados por causa da fumaça.

Ela pisou com tudo nos freios, de repente oprimida por uma certeza: ela morreria. Viu o movimento de algum lugar à sua esquerda — alguém correndo para a estrada? — e percebeu, um segundo mais tarde, que Ray tinha desviado para evitar aquilo, tinha virado o volante com tudo para esquerda e estava mergulhando em cheio na floresta.

Houve um estrondo tremendo quando Heather passou por ele. Chamas lamberam o para-brisa, gritando, e ela sabia que tinha que sair do carro naquele momento, antes de bater em alguma coisa.

Derrapando, tremendo, girando em círculos; o carro estava desacelerando, indo em direção à floresta. Heather lutou para abrir a porta. A maçaneta estava emperrada e ela pensou que fosse ficar presa ali dentro e ser consumida pelo fogo. Então deu uma pancada com o ombro, sua porta se abriu e ela pulou, girou, sentiu a ardência do asfalto no braço e no ombro, sentiu o gosto de terra e fuligem, ouviu um rugido distante de som quando pessoas começaram a gritar seu nome. Faíscas choveram dos pneus do carro ao derrapar pela estrada em direção à floresta.

Houve uma explosão tão ruidosa que reverberou pelo seu corpo inteiro. Cobriu a cabeça. Agora ela ouvia que as pessoas estavam mesmo chamando seu nome — e o de Ray também. Uma sirene chiou ao longe. Por um segundo, ela pensou que devia estar morta. Mas sentiu o gosto de sangue na boca. Se estivesse morta, não conseguiria sentir o gosto de sangue.

O carro estava em ruínas; chamas o consumiam, transformando-o em borracha e metal. Por incrível que pareça, ela conseguiu se sentar e depois se levantar. Não sentiu dor, como se estivesse assistindo a um filme sobre sua própria vida. E agora ela não conseguia ouvir nada. Nem as vozes que a chamavam, pedindo para ela sair da estrada — e nem as sirenes. Estava em um lugar aquoso e de profundo silêncio.

Ela se virou e viu Ray lutando para sair do carro. Havia sangue escorrendo de seu rosto; três pessoas tentavam tirá-lo das ferragens. Ao dar uma guinada com o carro, tinha ido parar direto em uma árvore; o capô estava amassado, comprimido quase na metade.

E agora ela via por quê.

Parado no meio da estrada, perfeitamente imóvel, a pouco mais de cinco metros de distância, estava o tigre.

Ele observava Heather com aqueles olhos negros profundos, olhos que eram velhos e cheios de pesar, olhos que tinham visto séculos virarem pó. E, naquele momento, um tremor a percorreu, e ela sabia que o tigre estava com medo — do ruído e do fogo e das pessoas gritando, aglomerando-se em ambos os lados da estrada.

Mas ela, Heather, não tinha mais medo.

Ela foi compelida para a frente por uma força que não podia explicar. Não sentiu nada além de pena e compreensão. Ela estava sozinha com o tigre na estrada.

E no momento final do jogo, com a fumaça serpenteando em plumas inchadas no ar e com o fogo que lambia o céu, Heather Nill andou sem hesitação até o tigre, colocou a mão suavemente na cabeça dele e venceu.

Sábado,
8 de outubro

Heather

No início de outubro, Carp curtiu uma semana de verão falso. Estava quente e claro e, se não fosse pelas árvores que já tinham mudado — alaranjados e vermelhos intensos, intercalados com o verde vibrante dos pinheiros —, poderia ter sido o início do verão.

Um dia, Heather acordou com o impulso súbito e forte de retornar para onde o jogo tinha começado. Uma névoa subia sem pressa sobre Carp, cintilante, dispersando-se finalmente no sol que estava se erguendo no céu; o ar cheirava a terra molhada e a grama recém-cortada.

— Está a fim de nadar, Bill? — perguntou à Lily, quando a irmã rolou de frente para ela, piscando, cabelos cobrindo o travesseiro. Heather podia ver o padrão leve de sardas no nariz de Lily, cílios dourados pelo sol, e pensou em como a irmã nunca tinha parecido tão bonita.

— Com o Bishop também? — Lily perguntou.

Heather não conteve o sorriso.

— Com o Bishop também. — Ele estava voltando da faculdade para passar os fins de semana em casa, a fim de cumprir o serviço comunitário. E para ver Heather.

No fim, ela decidiu também convidar Nat e Dodge. Parecia certo, de alguma forma. Quando o pequeno envelope amarelo, contendo uma única chave de ouro — a chave do cofre de um banco local —, chegou misteriosamente pelo correio, ela foi buscar o dinheiro e dividiu entre eles três. Heather sabia que Dodge tinha dado a maior parte de sua porção para Bill Kelly; eles estavam construindo um pequeno memorial para o Jovem Kelly no local da casa Graybill, que

foi demolida. Nat estava fazendo aulas de teatro em Albany e arranjou um trabalho de modelo nos fins de semana no Shopping Hudson Valley.

E, quando chegasse janeiro, Heather começaria o programa do Jefferson Community College em serviços veterinários.

Ela encheu o porta-malas com uma manta, toalhas de praia, repelentes, protetor solar, uma pilha de revistas velhas e meio úmidas da sala de estar de Anne, uma caixa térmica cheia de chá gelado, vários sacos de batata frita e cadeiras de praia rangentes e com assentos listrados e desbotados. Podia sentir que no dia seguinte o tempo viraria de novo, e o ar ganharia um toque de frio. Logo Krista sairia de seu tratamento de trinta dias, e então Heather e Lily poderiam ter que retornar para Fresh Pines, pelo menos em caráter temporário. E logo viriam os meses de chuva.

Mas aquele dia estava perfeito.

Eles chegaram ao estuário pouco antes do almoço. Não tinham conversado muito no carro. Lily tinha se espremido entre Dodge e Nat no banco de trás. Nat trançava uma parte do cabelo de Lily e sussurrava baixinho com ela sobre quais galãs de cinema ela achava mais bonitos; Dodge tinha apoiado a cabeça contra a janela, e era apenas por causa do jeito que sua boca às vezes se contorcia num sorriso que Heather sabia que ele não estava dormindo. Bishop mantinha uma das mãos no joelho de Heather enquanto ela dirigia. Ainda parecia milagroso vê-lo lá, saber que ele era dela — como ele sempre tinha sido, de alguma forma. Mas agora tudo estava diferente.

Diferente e melhor.

Uma vez fora do carro, toda a tensão se desfez. Lily foi saltitando para a floresta, segurando sua toalha sobre a cabeça para que farfalhasse atrás dela como uma bandeira. Nat foi atrás dela, afastando os galhos do caminho. Dodge e Bishop ajudaram Heather a esvaziar o porta-malas, e juntos eles todos foram adentrando o bosque, carregando toalhas e cadeiras de praia e a caixa térmica que ia tilintando por causa do gelo.

A praia parecia mais limpa do que o habitual. Duas latas de lixo tinham sido instaladas na extremidade mais distante da orla, e a faixa de areia e cascalho da praia estava livre das usuais bitucas de

cigarro e latas de cerveja. A luz do sol se infiltrava pelas árvores e criava nas águas padrões de loucas cores — roxos e verdes e azuis vívidos. Até mesmo a face íngreme do paredão de rocha, da qual todos os jogadores tinham pulado, agora parecia linda em vez de assustadora: havia flores crescendo nas fissuras da rocha, Heather notou, vinhas emaranhadas roçando a água. As árvores no topo do ponto de salto já estavam vermelhas como fogo, queimando no sol.

Lily foi trotando até Heather e sacudindo a manta. Havia uma brisa leve, e ela teve de prender os cantos com pertences diferentes: seus chinelos, os óculos de sol do Bishop, a bolsa de praia.

— Foi lá, Heather? — Lily apontou. — Foi de lá que você pulou?

— A Nat também pulou — Heather disse. — Todos nós pulamos. Bem, menos o Bishop.

— O que posso dizer? — Ele já estava desamarrando seu All Star. E piscou para Lily. — Eu sou covarde.

Por um instante, seus olhos encontraram os de Heather. Depois de todo aquele tempo, ela ainda não conseguia acreditar que ele tinha planejado o Pânico nem se perdoar por não ter dito a ela. Ela nunca teria imaginado nem em um milhão de anos: seu Bishop, seu melhor amigo, o garoto que costumava desafiá-la a comer as casquinhas da ferida e depois quase vomitar quando ela comia.

Mas esse era o objetivo. Ele era o mesmo; e diferente. E, de certa forma, isso a fazia ter esperanças. Se as pessoas mudavam, significava que ela também tinha permissão para mudar. Ela poderia ser diferente.

Ela poderia ser mais feliz.

Heather *seria* mais feliz — já estava mais feliz.

— Não é *tão* alto assim — disse Lily. Ela apertou os olhos. — Como vocês fizeram para chegar até lá em cima?

— Escalamos — Heather respondeu. Lily ficou de queixo caído.

— Venha, Lily! — Nat estava perto da água, balançando as pernas para tirar os shorts. Dodge estava a uma curta distância sorrindo e observando Nat. — Eu chego antes de você na água!

— Não é justo! — Lily correu, chutando areia e se esforçando para tirar a camiseta ao mesmo tempo.

Heather e Bishop se deitaram sobre a manta juntos, de costas. Ela apoiou a cabeça no peito dele. De vez em quando, ele passava os dedos de leve pelo cabelo dela. Por algum tempo, não falaram nada. Não precisavam. Heather sabia que, de um jeito ou de outro, ele sempre seria dela, e eles teriam sempre aquilo: um dia perfeito, uma trégua do frio.

Heather estava se deixando levar pela sonolência quando Bishop se espreguiçou.

— Eu te amo, Heather.

Ela abriu os olhos. Estava quentinha e preguiçosa.

— Eu também te amo — ela disse. As palavras saíram sem nenhum problema.

Ele tinha acabado de beijá-la — uma vez, de leve, no topo da cabeça; e, então, quando ela inclinou o rosto ao dele, mais forte, nos lábios — quando Lily começou a gritar.

— Heather! Heather! Olha pra mim! Heather!

Lily estava no topo das rochas. Ninguém a tinha visto subir; ela devia ter sido rápida. Heather sentiu um impulso de medo.

— Desça! — Heather ordenou.

— Está tudo bem — Dodge falou.

Ele estava na água com Nat — Heather não podia acreditar que Nat tinha conseguido convencê-lo a nadar, ou que ele tivesse um traje de banho. Um braço estava enlaçado na cintura de Nat. Eles pareciam incríveis juntos, como estátuas esculpidas em pedras de cores diferentes.

— Olhem! — Lily chamou. — Eu vou pular!

Ela pulou; sem hesitar, Lily se atirou no ar. Por um segundo ela parecia suspensa ali, pernas e braços abertos, a boca escancarada e rindo. Então ela estava atingindo a água e emergindo na superfície, cuspindo um gole de água, gritando:

— Vocês viram? Eu não fiquei com medo. Nem um pouco.

Um sentimento de alegria inundou Heather e a fez se sentir leve e zonza. Ela ficou de pé e mergulhou na água antes que Lily chegasse até a orla, espirrando água ao passar por Nat — que gritou —, derrubando a irmã quando ela tentou se levantar e arrastando-a de volta para a água.

— Você não ficou com medo, hein? — Heather atacou a barriga exposta da irmã, e Lily se contorceu para longe dela, gritando e rindo, pedindo a ajuda de Bishop. — Você tem medo de cócegas, hein? Tem?

— Bishop, me ajuda! — Lily gritou, e Heather a envolveu em um abraço de urso.

— Já vou, Bill! — Então Bishop estava chapinhando atrás delas, puxando Heather para trás, e assim eles caíram juntos na água. Ela emergiu espirrando água, rindo e o empurrando.

— Você não pode se livrar de mim *tão* facilmente — disse Bishop. Ele manteve os braços em volta da cintura dela. Seus olhos refletiam o mesmo verde-azulado da água. Seu Bishop. Seu melhor amigo.

— Crianças, crianças, não briguem — Nat disse, brincando.

O vento provocou arrepios na pele de Heather, mas o sol estava quente. Ela sabia que aquele dia, aquele sentimento, não poderia durar para sempre. Tudo passava; e essa era uma das razões de aquilo ser tão lindo. As coisas voltariam a ser difíceis. Mas estava tudo bem também.

A coragem estava em seguir em frente, não importando o que acontecesse. Um dia, ela poderia ser chamada a saltar de novo. E ela o faria. Sabia, agora, que havia sempre luz — além da escuridão e do medo, fora das profundezas; havia sol ao alcance das mãos e ar e espaço e liberdade.

Sempre há um jeito de melhorar as coisas, sempre há uma saída, e não precisamos ter medo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

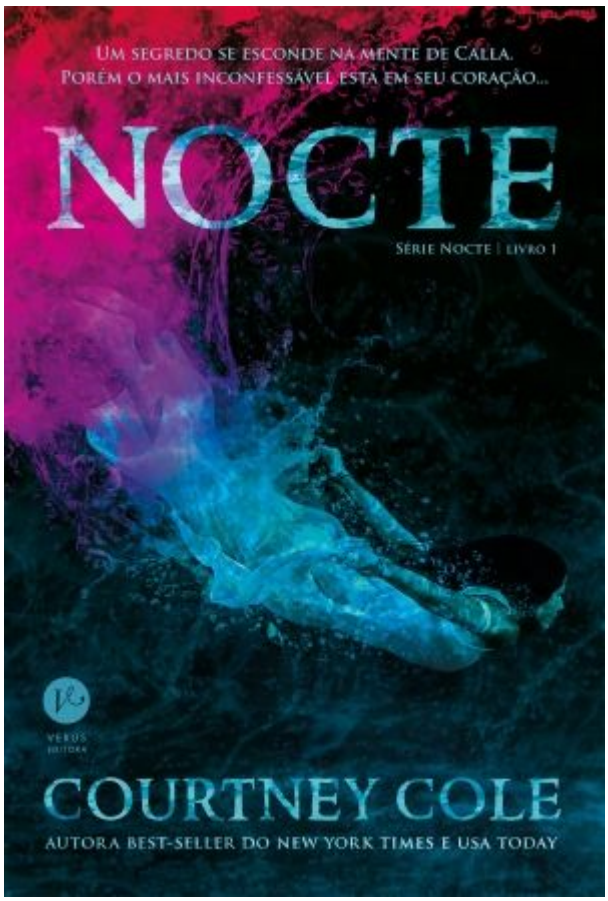
Pânico

Site da autora:
http://www.laurenoliverbooks.com/

Wikipédia da autora:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lauren_Oliver

Goodreads da autora:
https://www.goodreads.com/author/show/2936493.Lauren_Oliver

Skoob da autora:
https://www.skoob.com.br/autor/625-lauren-oliver



Nocte – Nocte – vol. 1

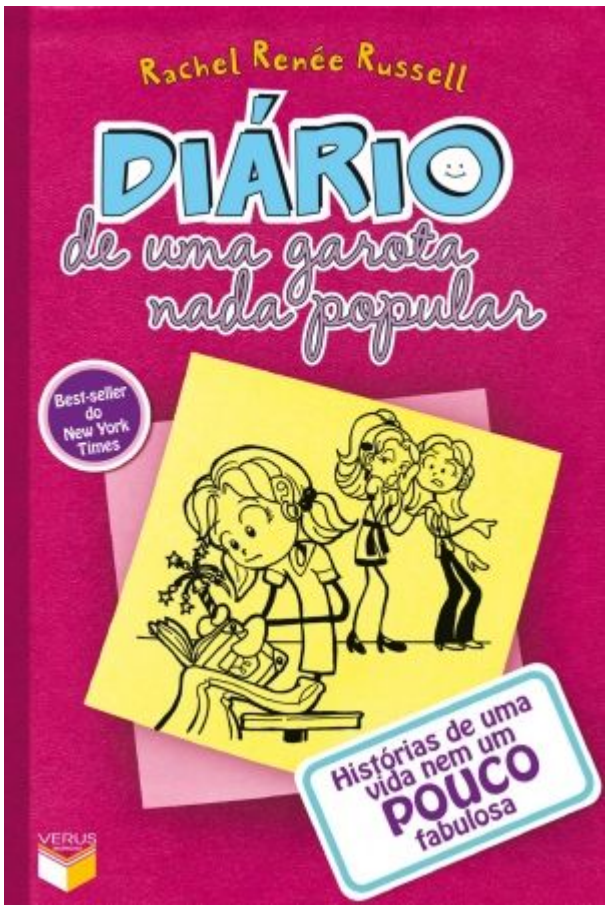
Cole, Courtney
9788576863700
294 páginas

Compre agora e leia

Uma história sombria com reviravoltas e um emaranhado de possibilidades que fazem a mente girar.
Calla tem dezoito anos e um irmão gêmeo, Finn, que sofre de uma forma grave de esquizofrenia. Ela dedica a vida a ajudá-lo, mas

essa existência já difícil se torna quase insuportável com a morte da mãe deles, pela qual ela se sente responsável. Agora Calla precisa encontrar uma forma de salvar seu irmão sem se perder no processo.
Entra Dare DuBray, o cara lindo da casa ao lado. Ele pode ajudar Calla — mas também pode levá-la à perdição...
Com um misto de suspense psicológico e romance, a série Nocte é cheia de mistérios e surpresas que levam o leitor ao desespero na ânsia de descobrir os segredos de seus personagens.

Compre agora e leia



Diário de uma garota nada popular - vol. 1

Russell, Rachel Renée
9788576861164
288 páginas

Compre agora e leia

Nikki, de 14 anos, ganhou uma bolsa de estudos para uma escola particular de prestígio. Sua angústia ao lidar com as meninas

malvadas do colégio, a relação com seus pais, sua paixão pelo bonitão da escola e as novas amizades que faz são assuntos registrados em seu diário, ao lado de inúmeros desenhos que ela mesma faz de sua vida. Direcionado principalmente para meninas adolescentes, Diário de uma garota nada popular pode ser considerado uma versão feminina de Diário de um banana. Nova escola. Nova garota malvada. Nova paixão. Novo diário para que Nikki possa contar tudinho...

Compre agora e leia



Diário de uma garota nada popular - vol. 3

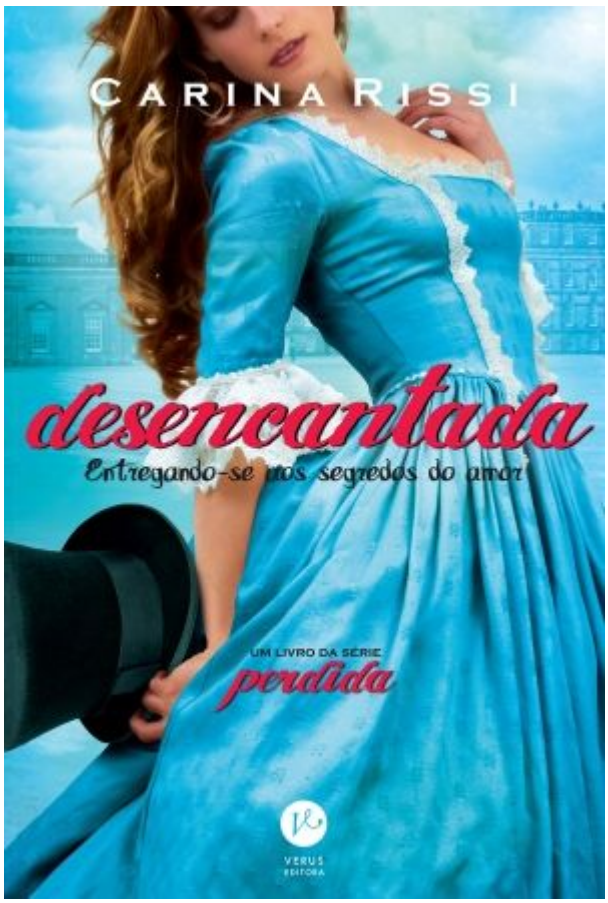
Russell, Rachel Renée
9788576864967
320 páginas

Compre agora e leia

Após superar o período de adaptação no novo colégio e conseguir ir à festa de Halloween com o menino de seus sonhos (Brandon) - mesmo que só como amiga -, Nikki Maxwel tem um novo problema

para resolver: evitar que todos saibam que seu pai trabalha como dedetizador da escola em troca de sua bolsa de estudos.
Em Diário de uma garota nada popular: histórias de uma pop star nem um pouco talentosa, Nikki teme pela própria reputação e decide participar de um concurso de calouros cujo prêmio é uma bolsa escolar. A partir daí,a protagonista bola um plano perfeito.

Compre agora e leia



Desencantada – Perdida – vol. 5

Rissi, Carina
9788576866787
476 páginas

Compre agora e leia

Quinto volume da série best-seller **Perdida** . Valentina descobriu muito cedo que não é nenhuma **princesa encantada** . Em vez de bailes e romance, tudo o que a jovem deseja é viver com **dignidade** longe do pai e da madrasta, que faz da vida dela um inferno. A oportunidade surge com uma proposta de **casamento** . Seu coração

não se alvoroça com o **pretendente** , mas ela não está à procura do **amor** . Seria um bom arranjo, mas outro homem, o capitão Leon, umespanhol misterioso, porém mal-educado, irritante, atrevido — além de **lindo** —, surge em sua vida e, após um **equívoco** embaraçoso, ela fica **noiva** desse **homem detestável** . Então, Valentina sofre um **terrível acidente** . Assustada, porém disposta a provar que não foi um simples acaso, ela vai atrás do responsável. Entre suspeitas, disfarces, **segredos** e contratempos, a moça acaba sucumbindo à irresistível e devastadora **paixão** , sem se dar conta de que o **perigo** ainda está à espreita. Poderá uma garota nem um pouco encantada viver um conto de fadas e conseguir o seu **final feliz** ?

Compre agora e leia



Diário de uma garota nada popular - vol. 4

Russell, Rachel Renée
9788576865568
368 páginas

Compre agora e leia

Nikki Maxwell não ficou totalmente surpresa ao descobrir que sua paixão, Brandon, trabalha como voluntário em um abrigo de animais, pois ele é tão doce que seria mesmo capaz de ajudar

aqueles filhotinhos adoráveis! Mas Brandon diz a ela que o abrigo está correndo o risco de fechar, e Nikki sabe que não pode deixar isso acontecer. Então Nikki e suas amigas, Chloe e Zoey, entram em uma competição de patinação no gelo para ajudar a levantar recursos para o abrigo, mas Mackenzie, como sempre, vai se intrometer e causar problemas ao se passar por solucionadora de todos os problemas. E Nikki terá que pensar em ideias mais criativas desta vez para não deixar isso acontecer de jeito nenhum!

Compre agora e leia